


Coleção
Documentos
58

A DATA NATALÍCIA DE GETÚLIO VARGAS COMO EPISÓDIO CÍVICO ESTADO-NOVISTA: A PRESENÇA NA REVISTA *O MALHO* (1940-1945)

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSOFONAS
E EUROPEIAS

CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia


EDIÇÕES BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE


BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE

**A DATA NATALÍCIA DE GETÚLIO
VARGAS COMO EPISÓDIO CÍVICO
ESTADO-NOVISTA: A PRESENÇA
NA REVISTA *O MALHO* (1940-1945)**





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**

DIRETORIA

PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES
VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL
DIRETOR DE ACERVO – MAURO PÓVOAS
1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES
2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO
TESOUREIRO – VALDIR BARROCO

Francisco das Neves Alves

A DATA NATALÍCIA DE GETÚLIO VARGAS COMO EPISÓDIO CÍVICO ESTADO-NOVISTA: A PRESENÇA NA REVISTA *O MALHO* (1940-1945)



- 58 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2021

Ficha Técnica

- Título: A data natalícia de Getúlio Vargas como episódio cívico estado-novista: a presença na Revista *O Malho* (1940-1945)
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Documentos, 58
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Capa: Ilustrações das capas das edições de *O Malho* de abril de 1943 e abril de 1945
- Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Dezembro de 2021

ISBN – 978-65-89557-30-2

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019) e à UNESP (2020). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e sessenta livros.



Conselho Editorial/Científico

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)
António Ventura (Universidade de Lisboa)
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Francisco Topa (Universidade do Porto)
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)
João Relvão Caetano (Cátedra CIPSH de Estudos Globais – CEG)
José Eduardo Franco (CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)
Maria Eunice Moreira (PUCRS)
Tania Regina de Luca (UNESP)
Vania Pinheiro Chaves (CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Virgínia Camilotti (UNIMEP)

ÍNDICE

A revista <i>O Malho</i> : brevíssimo histórico.....	11
O aniversário de Vargas nas páginas de <i>O Malho</i>	65

**A REVISTA *O MALHO*:
BREVÍSSIMO HISTÓRICO**

O Malho, publicado no Rio de Janeiro, entre 1902 e 1954¹, foi uma das mais importantes revistas ilustradas impressas no Brasil, trazendo uma proposta editorial marcada pelo prisma satírico-humorístico e apresentando significativo conteúdo caricatural, além das incursões ao campo artístico-literário e às narrações voltadas ao cotidiano. O instrumento que dá título à publicação equivale a um martelo de grandes dimensões utilizado pelo ferreiro, devendo ser manejado com ambas as mãos, ao passo que a bigorna consiste em um objeto de ferro no qual são malhados e amoldados metais. A denominação do periódico também vinha ao encontro da expressão “malhar” que, além de bater com malho, significa também, informalmente, censurar, criticar, fazer troça, escarnecer e zombar, bem em consonância com as propostas da publicação.

Simbolicamente, o malho ou o martelo constituem um “instrumento próprio do ferreiro e dotado de um místico poder de criação”², e sua figura traz consigo uma relação com a “atividade celeste” e a “fabricação do raio”. Nesse sentido, “o martelo representa a atividade formadora ou demiúrgica”, podendo também constituir “o método, a vontade espiritual acionando a faculdade de conhecer, que recorta em ideias e conceitos e estimula o conhecimento distintivo”. No que tange à “simbologia maçônica, o malho é o símbolo da inteligência que age e persevera”, a qual “dirige o pensamento e anima a

¹ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 144 e 146.

² CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 374.

meditação daquele que, no silêncio de sua consciência, procura a verdade”³. A imagem normalmente associada ao malho, inclusive nas gravuras da revista ilustrada carioca, a da bigorna, apresenta em si o “símbolo da terra e da matéria”, correspondendo “ao princípio passivo e feminino, por contraposição ao martelo, de caráter fecundador”⁴. Assim, “a bigorna aparenta-se à feminidade” e à passividade, da “qual sairão as obras do ferreiro, princípio masculino”, revelando-se “como um princípio passivo a ser fecundado, em que “o ferreiro, tal como o raio, seria o princípio ativo e fecundante”⁵.

A circulação de *O Malho* iniciou a 20 de setembro de 1902, fundado por Luís Bartolomeu, trazendo um conteúdo humorístico, que se tornou também político, a partir de 1904. A revista contou com a colaboração de nomes como Olavo Bilac, Guimarães Passos, Pedro Rabelo, Renato de Castro, Emílio de Menezes e Bastos Tigres. No que tange ao desenho, atuaram na sua edição iconográfica Raul, Calixto, J. Carlos, Crispim do Amaral, J. Ramos Lobão, Leônidas Freire, Gil, Alfredo Storni, Alfredo Cândido, Vasco Lima, Seth, Augusto Rocha, Yantok, Loureiro, Luís Peixoto, Nassara, Théo, Enrique Figueiroa, Del Pino, Andres Guevara, ou seja, “ao longo de toda a sua existência”, contou “com os maiores caricaturistas da época”. A folha envolveu-se em várias questões políticas, como no caso da Campanha Civilista, combatendo a candidatura de

³ CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 577-578.

⁴ CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 118.

⁵ CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 132.

Rui Barbosa. A direção do periódico, desde 1918, coube a Álvaro Moreyra e J. Carlos e, durante a República Velha, “*O Malho* foi uma das mais prestigiosas revistas de crítica”⁶.

Como folha ilustrada, *O Malho* fez parte do conjunto de revistas que “entretinham com informações leves e, sobretudo, apuro gráfico”. Em tais periódicos, “os ilustradores foram fundamentais no quadro de uma população com alto índice de analfabetismo, para a qual imagens comunicavam mais que o texto”⁷. A afirmação da revista ilustrada carioca deu-se em uma conjuntura marcada pelo “crescimento e diversificação do mercado editorial”, que se “assentaram no tripé da florescente economia urbano-industrial, em combinação com a modernização técnica e a ampliação do mercado leitor”⁸. Nessa época, “os periódicos transformam gradativamente seus modos de produção e o discurso com que se auto-referenciam”, em um quadro pelo qual, “passam a ser cada vez mais ícones de modernidade, numa cidade que quer ser símbolo de um novo tempo”⁹.

A partir da instauração da forma de governo republicana, a “representação cômica da vida nacional adquiriu novas dimensões” e, além

⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 301.

⁷ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 91.

⁸ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 104.

⁹ BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 22.

disso, houve um “significativo incremento da imprensa, mediante o aperfeiçoamento tecnológico das oficinas gráficas”, o qual “praticamente acompanha a intensificação do crescimento urbano do país”. Assim, “a tradição da representação humorística ganha maior força e se aprofunda com o desenvolvimento da imprensa e com a proliferação das revistas ilustradas”¹⁰. Nesse contexto, *O Malho* “vingou e prosperou” e, “para isso, teve de fazer-se profundamente popular”, aproximando seu norte editorial de segmentos sociais vinculados ao mundo do trabalho e aproximando-se de sociedades artísticas e recreativas, lançando mão do recurso da fotografia, além da própria caricatura¹¹. Tal “feição popular, pela qual se tornaria imensamente difundido em todo o Brasil, já se firmara desde 1905”, levando “o homem da rua” a gozar do “espetáculo daqueles figurões proclamando alto e bom som o que o povo imaginava de fato que fosse o pensamento de cada um dos fantoches do imenso palco da politicagem nacional”¹².

Ao refletir caricaturalmente a vida na capital federal, *O Malho* trazia uma perspectiva do Brasil como um todo, de modo que a “transgressão mantida pelo humor visual” mostrava um Rio de Janeiro que, “como outros núcleos administrativos, comerciais e industriais, possuía um dinamismo demográfico

¹⁰ SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 297-298.

¹¹ MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 20-21.

¹² LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 146.

singular”, ao assumir “o papel de ‘cartão postal’ do país” e “apresentando-se como maior exemplo da modernidade nacional, síntese do país em dia com o mundo”, ou seja, “apresentável para estrangeiros e digno objeto para a contemplação (e submissão) de seus habitantes”¹³. Como caixa de ressonância do Brasil, o Rio de Janeiro, por meio de suas revistas ilustradas e humorísticas, mostrava que se a República fora “o paradigma da modernidade para os opositores da Monarquia”, os anos iniciais da nova forma de governo traziam consigo “o paraíso e o inferno desta utopia”, notadamente com a continuidade “do poder político de caráter oligárquico controlado por latifundiários”¹⁴.

Nessa conjuntura, no século XX, *O Malho* foi, “politicamente, de uma importância comparável à da *Revista Ilustrada*”, mais importante publicação de seu gênero na centúria anterior, de modo que, já “a partir de 1904, constituiu a maior força política de combate, mercê de suas famosas charges assinadas por todos os grandes nomes da caricatura nacional”. Nesse sentido, nada poupava “aos adversários, como no caso da Campanha Civilista, combatendo Rui Barbosa, e na Revolução de 1930, ridicularizando os candidatos da Aliança Liberal”. Desde 1918, adquiriu “feição mais literária e mundana, embora sem perder nada do antigo interesse político, pela continuação das sátiras”, ao manter “o velho tom polêmico”. Suas “críticas tiveram uma tremenda repercussão em todo país” e “*O Malho* teria uma parte muito importante na

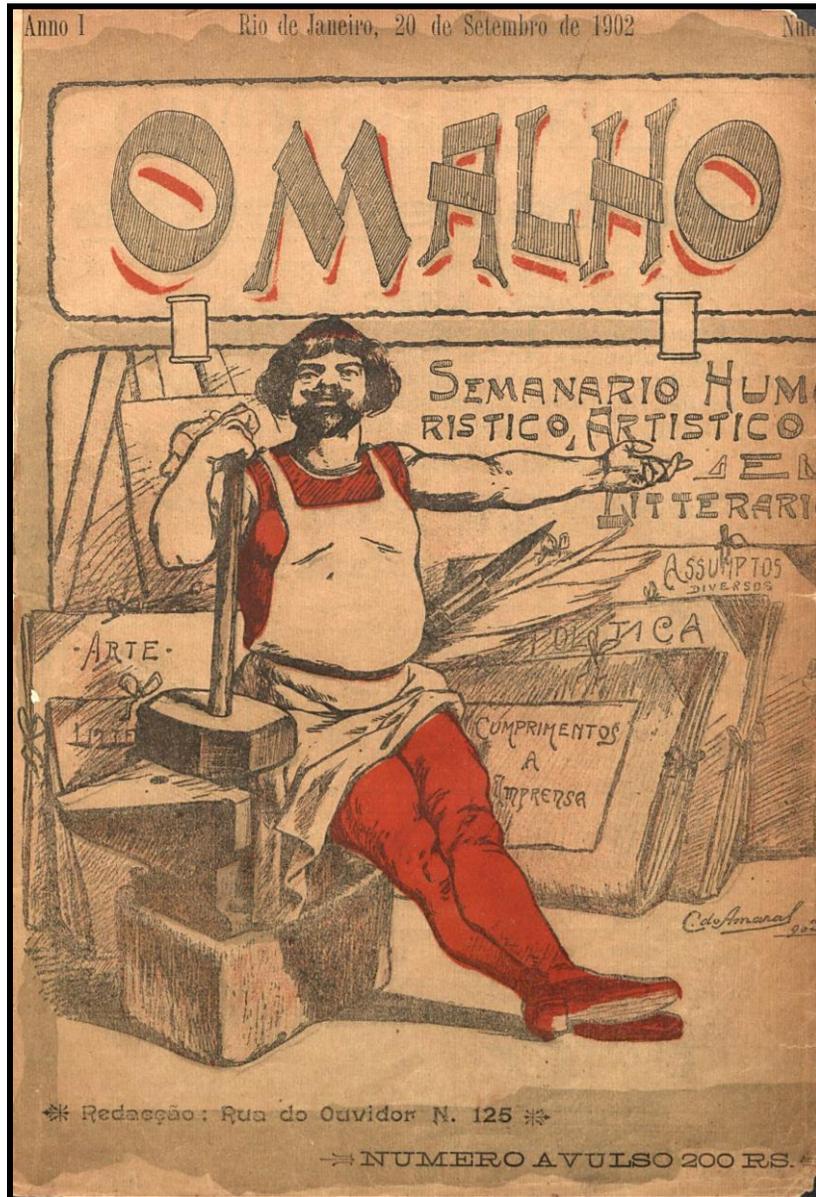
¹³ SILVA, Marcos A. da. *Caricata República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 12-13.

¹⁴ LEMOS, Renato. *Uma História do Brasil através da caricatura (1840-2006)*. Rio de Janeiro: Bom Texto Editora e Produtora de Arte, 2001. p. 31.

política, nos pródromos da Revolução de 1930, não porque se batesse por ela, mas, justamente ao contrário, porque defendia o governo Washington Luís". Nessa época, suas "sátiras terríveis" ridicularizavam as principais lideranças da Aliança Liberal, muitas das quais se transformariam em comandantes do movimento revolucionário vitorioso. Tal postura custaria caro à empresa jornalística, pois esteve entre os vários empreendimentos jornalísticos que foram empastelados e incendiados, vindo a sua circulação a ficar interrompida, desde o meses finais de 1930 até os iniciais do ano seguinte. Após retomar as suas edições, tendo em vista a situação política nacional, desde os anos 1930 "ao fim do Estado Novo tornou-se quase que exclusivamente literário e de atualidade, para no final de sua existência enveredar novamente pela política"¹⁵.

A primeira capa de *O Malho* destacava os fulcros editoriais da publicação, anunciada como "semanário humorístico, artístico e literário", propondo-se também a tratar de política e assuntos diversos. De avental, o responsável pela folha tinha a postos a pena e o crayon, designando respectivamente as ações dos escritores e dos caricaturistas, além de trazer à mão o martelo, apoiado em uma bigorna, em alusão ao título da revista.

¹⁵ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 144-149.



Em sua apresentação, a revista dizia ser “praxe que um jornal” trouxesse o seu programa, no qual desfiava “boquiaberto um rosário de promessas”, mas, em oposição e como um “iconoclasta de nascença”, pretendendo “atacar e destruir a praxe”, afirmava que não iria expressar seu conteúdo programático. Nesse sentido, conforme “o seu nome bem o indica”, se propunha a utilizar a bigorna, batendo-lhe a ferro na sua oficina, destacando, com ironia, que manteria a “tranquila consciência”, visando a concorrer “eficazmente para o melhoramento” da “raça humana”. Pretendia ainda contribuir para “todos os elementos” de “desenvolvimento do riso” e, mais uma vez em referência ao seu título, demarcava que, em meio a tantas “tristezas e lamentações”, faria soar “cantante o bimbalar” de “sons alegres” nas bigornas¹⁶.

Ao completar seu primeiro aniversário, a redação do periódico declarava que se tratava de uma “existência decorrida por entre estos de verdadeira alegria, na serenidade que dá o bom humor e que a boa alma faz”. Dizia também que, em suas “páginas despreziosas e ligeiras”, seria encontrada “entre o riso e a sátira, entre a ironia e a gargalhada, toda a vida de um ano do Rio de Janeiro, vista nos seus diferentes e variados aspectos – político, artístico, social, literário, científico”, toda ela “encarada sob o prisma do bom humor” e “apreciada à luz da mais serena imparcialidade”. Garantia que suas edições guardavam “a verdade” como o “culto mais rigoroso” e defendiam “a causa dos pequenos e dos oprimidos contra os mandões e os opressores”, bem como davam “guarida aos

¹⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 20 set. 1902.

talentos que desabrocham”, propondo-se a rever “com íntima satisfação o caminho percorrido” e “com serena confiança o trecho por galgar”¹⁷.

Por ocasião de chegar ao seu terceiro ano, o periódico mostrava na capa a figura que escolhera para representá-lo, uma espécie de bobo da corte, com o malho embaixo do braço e o crayon a tiracolo, sendo homenageado pelo próprio Presidente da República, de quem recebia um buquê de flores. O bobo da corte constituiu uma tradicional representação do caricaturista, uma vez que tal figura é aquela que “diz em tom duro as coisas agradáveis e em tom jocoso as terríveis”¹⁸. A autoridade presidencial, ao homenagear a publicação, pedia que a mesma não risse muito do seu governo, ao que o “Malho” agradecia, mas não garantia evitar o tom jocoso. A gravura era adornada por estrelas, as quais eram identificadas com os fulcros editoriais da folha, como arte, atualidade, espírito e pilhérias. O mesmo personagem aparecia também à página inicial, portando o martelo, o crayon e a pena, contando com a admiração do público e agradecendo as manifestações elogiosas “e... descomposturas”, além de afirmar que “a vida é luta e os contrastes os seus encantos. Xarope e vinagre, beijos e murros, flores e pedradas – tudo é viver!”¹⁹.

¹⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 19 set. 1903.

¹⁸ CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 120.

¹⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1904.



Redacção e escriptorio
RUA NOVA DO OUVIDOR 7 e 9

N. 105

Redacção e escriptorio
RUA NOVA DO OUVIDOR 7 e 9

O NOSSO ANNIVERSARIO



O Malho !— GRACIAS ! MUCHISSISSIMAS, GRACIAS ! pelas vossas manifestações de elogio e... decompositura. A vida é a lucta, e os contrastes os seus encantos. Xarope e vinagre, beijos e murros, flores e pedradas — tudo é viver ! Agradeço á direita e á canhota, e saberei pagar a todos... na mesma especie. Viva !

Na crônica que marcava o terceiro aniversário, *O Malho* ressaltava que, ao aparecer, recebera “prognósticos pessimistas”, pois “seria uma loucura tentar obter que uma população de tristes sustentasse um jornal alegre”, ou seja, teria constituído “uma tentativa previamente condenada a de querer implantar num meio retraído, fechado, convencional, um jornal indiscreto” e “graciosamente irreverente”. Apesar de tal pessimismo, como uma “conquista do público”, a redação explicava que “o *Malho* é hoje o jornal de sua predileção, o jornal popular por excelência, o que ele mais quer, mais estima e mais procura”. Nesse sentido, discordava que o brasileiro fosse um “povo fúnebre e desolado”, e isto sim, sabia “ser alegre”, carregando como “nota característica de seu espírito a ironia”, preferindo, ao invés da “gargalhada, o sorriso franco, irônico, amargo, sarcástico”. Considerava ainda que “a crítica leve, rápida, mordaz e alegre, o exagero dos sentimentos, das atividades, dos pensamentos e das palavras”, os quais valeriam “pela caricatura, o comentário simples, singelo, artificialmente inocente” é que dariam origem às “páginas que naturalmente agradam ao povo brasileiro”²⁰.

Mantendo a linha de pensamento, a folha argumentava que era do agrado dos brasileiros “a independência das opiniões, a liberdade da crítica, a manifestação continuada e sincera de que não se está de joelhos”, de modo que teriam sido tais características que deram “ao *Malho* a simpatia do público”. Comentava que “o jornal e o público ligaram-se, confabularam intimamente, trocaram ideias, fundiram-se em sentimento”, uma vez que este encontrou nas

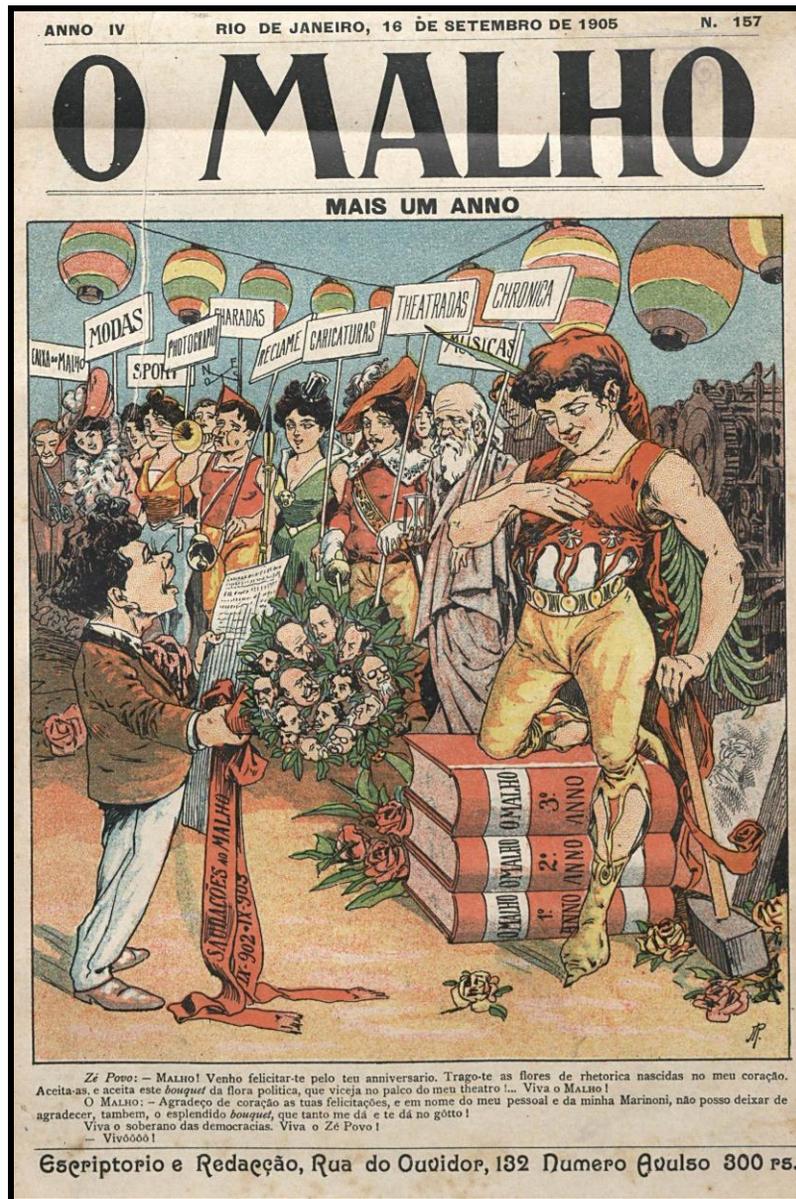
²⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1904.

páginas do periódico “o que pensa, o que sente, o que quer, o que aspira, o que aplaude e o que condena”. Afiançava também que “nenhum outro jornal penetrou como ele na vida íntima do povo”, ao divulgar as mais amplas manifestações e trazer “a impressão nítida do que é o Brasil desta época”, e “não só a capital, mas todos os Estados” estando representados em seus segmentos textuais e iconográficos. Para além do local e do nacional, destacava que sua cobertura chegava ao nível internacional, uma vez que transpusera “os limites da capital” e “a linha dos Estados”, para tornar-se uma “revista universal e original”, que não se limitava a transcrever informações, mas sim analisá-las²¹.

No momento em que completava “mais um ano”, a capa do periódico trazia o personagem que o representava sendo homenageado pelo povo, ao receber um buquê, no qual as flores eram substituídas pelas faces dos homens públicos que ocupavam o governo. O público que participava da homenagem carregava cartazes apresentando as temáticas que compunham a pauta editorial da folha, como modas, esportes, fotografias, charadas, reclames, caricaturas, teatro, músicas e crônicas. Na crônica editorial deste número, a redação saudava a ampla circulação do jornal que ocorreria “por todo o Brasil e até pelo estrangeiro”, trazendo em suas páginas “um esforço contínuo para traduzir as impressões do povo”, uma vez que “*O Malho* não tem partido, a não ser o da voz pública”, aplaudindo “a virtude” e castigando “o vício”²².

²¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1904.

²² O MALHO. Rio de Janeiro, 16 set. 1905.



A proximidade com o público que o jornal gostava de enfatizar retornava a ser temática na capa que demarcava que a folha estava “fazendo anos”, de maneira que a figura que representava o periódico encontrava-se no bolso do indivíduo que designava o povo. Na cena, *O Malho* dizia que o “Zé Povo exige a minha presença em sua casa”, pois “apesar de muito escovado pelo fisco e embromado pelos políticos deseja oferecer-me o seu modesto jantar”. Já na crônica da edição de aniversário, havia a saudação por terem passado “anos firmes, batidos, de fio a pavio, num labutar incessante, para todos os lados, numa porfia consecutiva, numa caçada a todos os ridículos da política e da sociedade”, não deixando “de fazer justiça ao que é realmente bom, digno e patriótico”. A redação afirmava que “*O Malho* não tem a missão única de fazer rir, embora o *ridendo castigat mores*, constitua um vasto programa”, de forma que procurava “interpretar o sentir do povo, perante todos os fatos da vida nacional”, vindo a assumir “todas as atitudes, todos os gestos, todas as expressões desse sentir”. Para comprovar o seu alcance, o periódico destacava a “sua vasta circulação jamais aqui atingida por folha do mesmo gênero”, a “força vitoriosa que tem dado a inúmeras campanhas” a “intimidade de relações com o grande público, expressa numa correspondência colossal”, na qual “palpita a alma popular, desde o velho patriota que se interessa pelos altos destinos da nação, até o moço poeta que timidamente ensaia os seus primeiros voos”. Em síntese, o semanário destacava que pretendia atender ao “bom senso popular”²³.

²³ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 set. 1906.

ANNO V RIO DE JANEIRO, 22 DE SETEMBRO DE 1906 N. 210

O MALHO Escriptorio e Redação
RUA DO OUVIDOR, 132
Num. avulso 300 rs.

FAZENDO ANNOS



O Malho — Perdoa-me, leitor, si não te posso attender por longo tempo. Faço annos hoje, como tu sabes, e Zé Povo exige a minha presença em sua casa. Apesar de muito escovado pelo fisco e embromado pelos politicos deseja offerer-me o seu modesto jantar, reforçado, aliás, por pasteis, croquettes, maravilhas e uma profusão de doces que adquiriu em uma confeitaria. Entretanto, amigo leitor, para que não fiques descontente com a ausencia de qualquer politico evidente na minha pagina de honra, aconselho-te uma visita ao BAHU DOS IMMORTAES, onde por alguns minutos recolhi todas as caras conhecidas. Si acaso alguma te agradar, retira-a e diverte-te!...
E até sabbado.
Vamos embora, Zé Povo!

A gravura que demarcava o quinto aniversário do hebdomadário trazia o personagem que representava a folha, acompanhado por outras figuras que designavam outras publicações da mesma empresa jornalística e por uma dama identificada pela faixa “leitura para todos” e, na barra de seu vestido, trazia os assuntos de interesse do jornal, como ciências, artes, letras e esportes. O periódico recebia homenagens de parte dos integrantes do governo, simbolizada mais uma vez por um buquê de flores. A crônica do número de aniversário lembrava que, em 1902, “ele começou a malhar de rijo, à direita e à esquerda, sem outras preocupações que não fossem as do interesse público”. Dizia que progredira de ano a ano, em “meio de aplausos que o honram pela generalidade verdadeiramente colossal”, e, “sem perder o seu princípio característico”, juntara “às páginas da crítica a informação do magazine através de cujos clichês aparecem os aspectos e os costumes do Brasil, desde o Acre à terra gaúcha, tornando-o assim mais útil à comunidade”²⁴. No aniversário seguinte, o semanário exaltava o “enormíssimo eco da sua circulação”, ao chegar a “todos os recantos do Brasil, traduzido em correspondência de todos os gêneros, grande parte da qual apelando para o nosso auxílio à defesa das causas nacionais”. Reiterava que “o *ridendo castigat mores*” continuava a ser a essência de seu programa, sem que deixasse de “ensombrar o gesto e meter o pau de rijo” quando fosse necessário²⁵.

²⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 21 set. 1907.

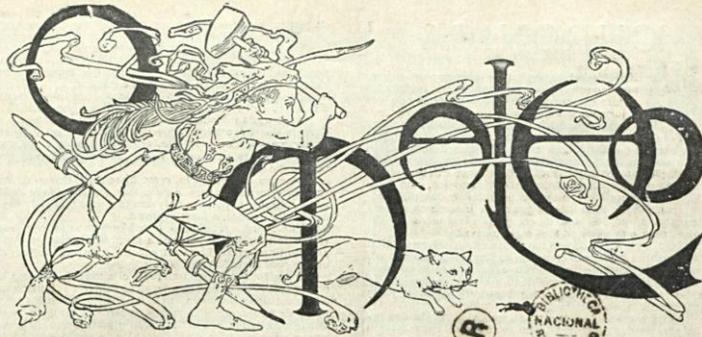
²⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 19 set. 1908.



A edição de “mais um ano”, em 1910, trazia o personagem-símbolo da folha, sentado nas tantas edições já publicadas, carregando o crayon e tendo ao alcance o malho, dessa vez identificado pela palavra “crítica”, em consonância com o norte editorial do periódico. *O Malho* era saudado por várias personalidades da vida política nacional, além de um cavalheiro e uma dama, representando, respectivamente, o Senado e a Câmara dos Deputados. Nas primeiras páginas, apareciam outras caricaturas cujo escopo era mostrar os efeitos do conteúdo do semanário em meio aos debates na Câmara dos Deputados. Diante da efeméride e dos acontecimentos do momento, o periódico afirmava que permaneceria “tranquilo e atento ao posto de observação, de onde costuma descortinar os horizontes”. Garantia que “não o amolgam embates, nem o entibiam escarcéus”, bem como não tremia diante de “*papões* e muito menos morre de caretas”, continuando “firme a exigir, se não dedicação e patriotismo, pelo menos trabalho e justiça aos subsidiados da nação, sem querer saber se isso desagrade a Pedro ou a Paulo”. Dizia-se “preocupado sempre em não cair no terreno da futilidade inútil, tão do agrado da confraria do elogio mútuo, pouco se lhe dá que a filáucia da intrigue o alfinete com a filigrana das costumeiras lorotas”²⁶.

²⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1910.





Anno IX

REDACÇÃO, ESCRITORIO E OFFICINAS:
RUA DO OUVIDOR N. 164 E ROSARIO N. 173

N. 418

O ANGU' DE CAROÇO NA PRAIA DO PEIXE, MAIS CONHECIDA POR CAMARA DOS DEPUTADOS



TORQUATO MOREIRA (presidente, duro para a opposição): — Fiquem mansos, que eu não tenho medo de carotas! Estão muito enganados se pensam que sou molle! Zé Povo: — Apoiado! o presidente não é molle nem nada: Duro com elles! e BARBOSA LIMA (grato, apoplectico): — E' isto! Passámos do regimen da molleza para o regimen do terror! Isto é uma indignidade! CASCINATO BRAGA: — E' uma questão de brío! DIVERSAS VOZES: — Quem fallou em brío? . . . Isto aqui não é a patifaria dos Pilões! Metta a viola no sacco! SOCRATES (terrando como um possessivo): — Não ha mais regimento n'esta casa. Isto só a vassoura! LEÃO VELLOSO (sceptico): — O unico regimento agora é O MALHO! (riso). JOSÉ CARLOS (galhofando): — E depois não querem que O MALHO entre aqui de vassoura! IRINEU (fulo de raiva): — De vassoura precisa o presidente! o leader já confessou que era vassoura. . . SERRA (exaltado): — Antes vassoura do que brocha! Mas ainda não o varri d'aqui para fora, como já se devia ter feito! Zé Povo (intrahente-se no barulho, levando o apito á bocca): — Dão licença para um aparte? Está me parecendo que isto aqui precisa mas é de uma varredela geral. Isto é uma pouca vergonha! (Fecha o tempo, Ninguém mais se entende. Diversas vozes gritam: Chamem O Malho! Chamem O Malho para metter a marreta n'esta tropa toda!) Os DEPUTADOS (de pé, para o Zé): — Não pode, não pode fallar! O Zé não é deputado, não é fallante, é apenas pagante. Paga e não bufa! Zé Povo (rindo-se para elles): — Sou reclamante contra esta anarchia e desordem! Isto não é Camara nem nada: é um réles angú de caroço!



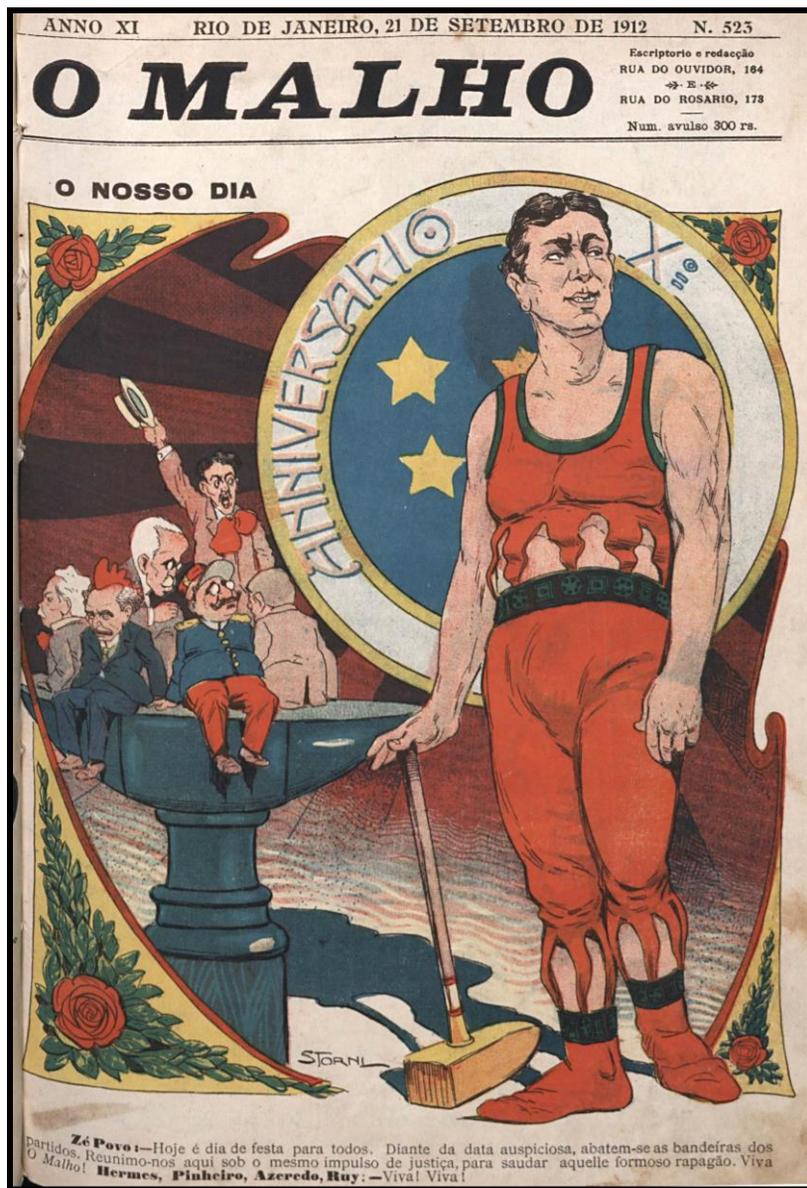
Em outra edição de aniversário, a capa de *O Malho* mostrava o Zé Povo em conversa animada com a figura que representava o jornal, a qual manipulava os “bonecos” dos homens públicos que compunham a estrutura governamental. Ao longo do diálogo, o semanário agradecia os cumprimentos do povo e garantia ao mesmo que ele poderia “ficar descansado”, pois a folha continuaria “sempre na mesma linha, batalhando pelo bem-estar” da população, “à força de malhadelas em todos os grandes, aqui e nessas oligarquias estaduais, que tanto infelicitam o nosso caro Brasil”. No segmento voltado à crônica, a redação relembra os tantos anos em que encetara uma “luta de pena e lápis – frágeis instrumentos que só um alto ideal tempera e fortalece”, ao dar-lhes “o poder milagroso de abrir caminho através dos maus preconceitos, da rotina lobrega, das ruínas morais e de tudo quanto é obstáculo ao andar para a frente, ao progredir de uma nação”. Garantia que chegava àquele aniversário com “perfeita saúde” e “disposto cada vez mais a continuar a jornada”²⁷.

²⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 23 set. 1911.



No décimo ano de circulação, a figura que representava o periódico ganhava vulto na capa, adornado pelo Cruzeiro do Sul e em tamanho bem superior aos políticos que, como miniaturas, encontravam-se sentados na bigorna. O Zé Povo considerava que aquele era um “dia de festa para todos”, voltado a “saudar aquele formoso rapagão”. Na parte textual, o hebdomadário considerava aquela como uma “data auspiciosa” e reiterava que sua meta era, “através do comentário humorístico, fazer a crítica dos homens e das coisas contemporâneas da nossa terra, louvando-os ou condenando-os, segundo se nos afigura justo”, estando alentado pela “convicção de que temos sempre cumprido o nosso dever”. Reforçava que seu “sincero concurso” buscava “ir ao encontro das aspirações populares, por elas pugnando sempre com irredutível tenacidade”. Demarcava que pretendia ser uma “revista essencialmente brasileira”, buscando “servir à necessidade de todos os Estados da República”. Enfatizava ainda que o seu “propósito nunca deixa de ser, em todos os momentos, o de traduzir os reclamos da opinião onde quer que eles se produzam”²⁸.

²⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 21 set. 1912.



Jocosamente, o bobo da corte, de crayon em punho e com o malho preso à cintura, encontrava-se em mais uma edição de aniversário, montado em uma vaca e conversando com o Zé Povo, que lhe dava os parabéns, por defender a causa pública, “sobranceiro, nesta época de avacalhamento”. Por sua vez, *O Malho* agradecia, afirmando que, “quando tudo por aí se avacalha, a minha posição não pode ser outra que não esta em que me vês”. Na crônica, o semanário reforçava sua natureza de ser “irreverente por natureza e irônico por temperamento”, estando sempre “habitudo a troçar com tudo e com todos”. Definia-se como “um pândego que vive a zurzir” e a sacudir “a férula da pilhéria e a chibata da caricatura a torto e a direito em todos que não andam direitos e concorrem para entortar as coisas públicas”. Garantia que não se pouparia “em sua severa fiscalização que em tom de pilhéria faz de todos os atos da administração pública”²⁹.

²⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 29 set. 1913.



Na edição de aniversário de 1914, o clima bélico que tomava conta do mundo era representado tanto pelo globo terrestre que mostrava a Europa em conflagração, quanto na figura do bobo da corte, que trocara o malho e a bigorna pelo canhão, a espingarda e a espada, em plena perspectiva de preparação para a guerra, ao receber as felicitações dos demais integrantes do desenho, dentre eles o Zé Povo. Em texto, a redação saudava o fato de que fazia “doze anos que, todo mobilizado e de malho em riste, surgiu este semanário no campo jornalístico, para, aliado à opinião pública, dar combate a todos os males, a todos os sestros, a todos os ridículos”. Promovendo um autoelogio, a folha argumentava que foram “seiscentas e vinte e sete semanas assinaladas pelos números de *O Malho*, sem desfalecimentos nem cochilos no bem servir à causa pública”, considerando que isso já seria “um servicinho de alto lá com ele”. Por fim, ficava a garantia dos responsáveis pela publicação que permaneceriam “sempre dispostos” a continuar o trabalho, “a despeito de todas as crises, de todos os fanáticos e de todas as emissões”³⁰.

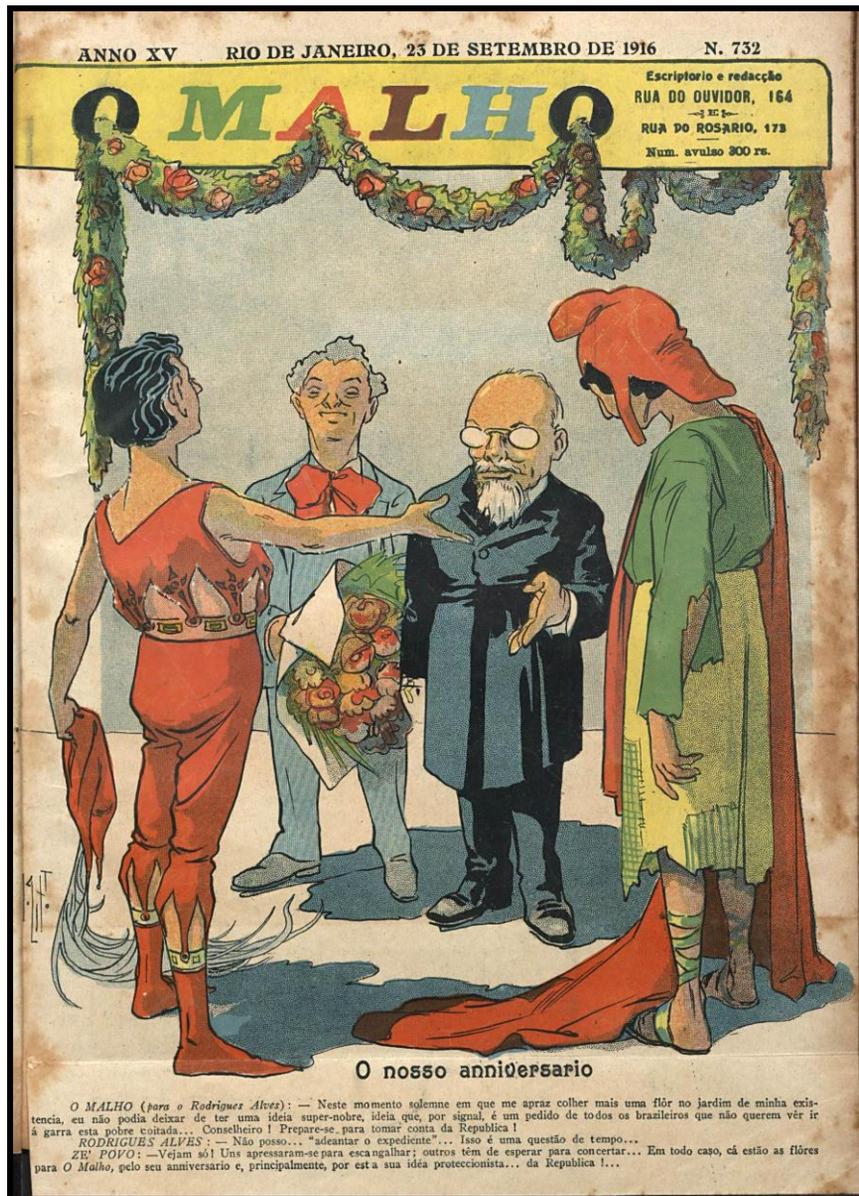
³⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 19 set. 1914.



Mais adiante, o jornal se propunha “a prosseguir no caminho” que empreendera até então, firme “no programa de esclarecedores e comentadores dos fatos que, por qualquer forma, interessam à coletividade”. Dizia ainda que continuaria a procurar “servir à causa da pátria e da República, através do *ridendo castigat mores* – fórmula que, nem por parecer exígua ou fútil, deixa de ter a importância e a utilidade que em todos os meios civilizados se lhe reconhece”³¹. A figura feminina, vestida à romana e de barrete frígio, simbolizando a forma de governo republicana compunha o quadro da gravura que estampava mais uma capa do semanário alusiva ao seu aniversário. No desenho, o bobo da corte descobria a cabeça para pedir ao governante que tomasse conta da República. Diante da resposta evasiva da autoridade pública, o Zé Povo demonstrava descrédito, mas não perdia a oportunidade para saudar *O Malho*. No segmento textual, a redação agradecia “do fundo da alma” aos “seus fieis leitores”, por amparar a publicação, “através e a despeito de todas as crises, frutos infalíveis da proverbial sabedoria e do pasmoso tino dos nossos geniais estadistas”, em manifestação carregada de ironia quanto às autoridades governamentais³².

³¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 18 set. 1915.

³² O MALHO. Rio de Janeiro, 23 set. 1916.

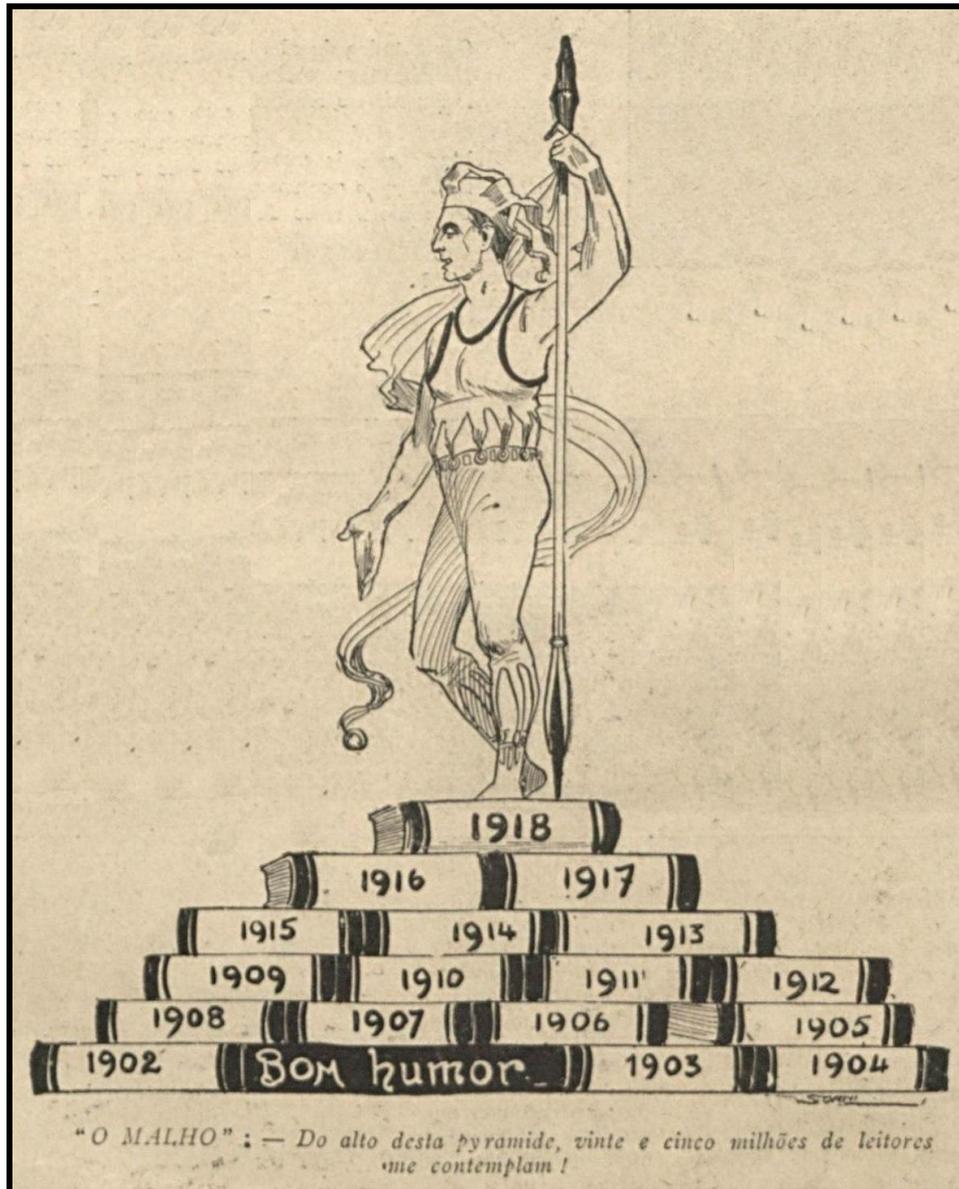


O personagem que simbolizava o hebdomadário caricato mostrava-se em uma posição ativa ao comemorar “o nosso aniversário”. Com o crayon em uma das mãos e o malho em outra, o bobo da corte assumia feições de rei – um soberano da alegria –, utilizando-se da bigorna como trono e dominando com o martelo um sapo, identificado com a tristeza. Em consonância com a gravura, o conteúdo textual afirmava que a folha, não “querendo ser palmatória do mundo, olha de preferência para o lado ridículo das coisas e das pessoas e vai rindo sempre, porque chorar não pode”³³. Já no ano seguinte, o bobo da corte mantinha a postura de altivez, encontrando-se sobre uma pilha que representava as edições dos anos posteriores, calcadas na base do “bom humor”. O periódico argumentava que desde o primeiro número “não tem cessado de ser o constante ‘malhador’ que todas as semanas aparece para satisfazer a curiosidade pública”. Especificava que permanecia concorrendo “muito para a alimentação do espírito público”, o que lhe teria “valido gerais elogios”³⁴.

³³ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 set. 1917.

³⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 21 set. 1918.





O jornaleiro distribuindo um exemplar de *O Malho*, identificado como “o nosso grande colaborador” foi o motivo que estampou a capa do periódico em mais um de seus aniversários. A nota que demarcava o fato do jornal estar a colher “mais uma flor no jardim da sua preciosa existência”, esclarecia que seu surgimento a 20 de setembro de 1902, coincidia com “as manifestações festivas dos gaúchos”, por ocasião da efeméride “da sua gloriosa República de Piratini e as festas ruidosas da colônia italiana no Brasil, pela grande data nacional de sua pátria”. A partir daí, a redação afirmava que a revista nascera “muito bem”, em um “dia assinalado pela coragem e pelo heroísmo, em nome da liberdade”, devendo “talvez a isso o nunca se ter dobrado a injunções prepotentes” e “ter-se conservado sempre independente nos seus pontos de vista”, vindo a desfrutar “os louros de suas vitórias pacíficas, numa existência espiritual risonha, apurada e calma, igualmente proveitosa à comunidade, cujo progresso e cujas tendências reflete em suas páginas”³⁵. No ano seguinte, o jornal considerava que atingira uma “idade madura, a idade do juízo”, pois, “apesar do seu gênio trocista, não desmente a seriedade do tempo que já viveu”. Ressaltando sua popularidade, destacava ainda que vivera até então “amado do povo, do qual reflete as alegrias, as queixas, o bom humor e o mau humor, zangando-se às vezes e rindo sempre”³⁶.

³⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 20 set. 1919.

³⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 25 set. 1920.



No momento em que completava vinte anos de existência, *O Malho* reiterava que continuava a cumprir “admiravelmente o seu programa de liberdade e civilização, dentro do lema da nossa auriverde bandeira”. A folha considerava-se ainda como “um pioneiro das ideias liberais e civilizadoras”, que se punha “invariavelmente ao lado dos oprimidos”, ao combater “os opressores que em qualquer terreno abusem do poder que lhes foi ter às mãos”. Dizia que “a sua arma predileta define-se muito bem com o *ridendo castigat mores*”, mas que, “não raras vezes tem apelado para fórmulas mais enérgicas, a fim de melhor traduzir a opinião popular, nem sempre disposta a lubrificar o castigo com o riso”. Garantia que não se afastara “das chamadas correntes populares”, constituindo o “órgão mais sincero” da opinião pública, pretendendo “prosseguir no caminho traçado”, vindo a ser “cada vez mais útil no terreno da crítica e dos demais atrativos que orientem, instruem e recreiem o espírito”³⁷.

Assumindo mais intensamente o caráter popular que lhe caracterizava, *O Malho* trouxe na gravura de outra de sua capas alusivas a “mais uma etapa” de sua vida, uma figura que se aproximava da imagem do trabalhador, que empunhava o instrumento que simbolizava a publicação. No editorial, o periódico afirmava que, com aquele número, ficava registrado “mais uma aniversário de heroica resistência”, uma vez que “o seu programa de vida na imprensa hebdomadária não tem sido mais do que resistir às dificuldades cada vez mais penosas”, as quais eram “impostas às empresas jornalísticas do país, ao meio hostil, às irreverências da pena humorística e do lápis brejeiro e ao

³⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 24 set. 1921.

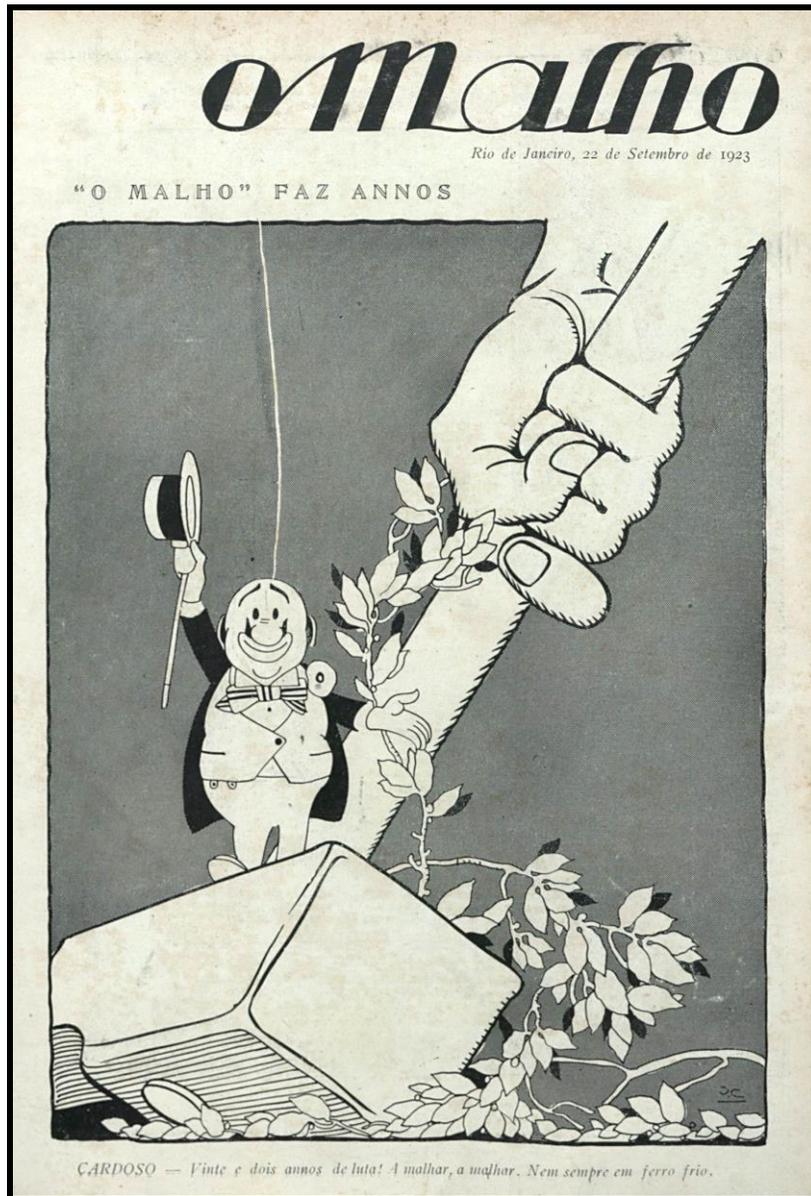
desânimo que, não raro, na luta pelo êxito”, viesse a acudir “ao espírito dos que têm por missão mantê-lo galhardamente em harmonia com as suas tradições de vinte e um anos atrás”. Apontava que fora “reformado sucessivamente na sua parte material”, devendo seus progressos “ao favor popular, que jamais o desamparou”. Dizia-se uma “revista de crítica e de humor” que levava a educação, conforme poderia “proporcionar uma publicação deste gênero” e pretendia trabalhar pelas “três modalidades do riso – a ironia, o humor e a sátira”, as quais requeriam “capacidades especiais” para aqueles que as manejavam no Brasil. Finalmente, agradecia “ao povo brasileiro”, dedicando as suas conquistas “para bem o servir”³⁸. O próprio malho dominava a ilustração de outra edição referente ao aniversário do periódico, que dizia buscar continuar “a malhar, nem sempre em ferro frio”³⁹. No número seguinte indicativo do seu natalício, a folha reforçava a sua “disposição magnífica de, rindo, castigar os males ou os ridículos que afeiam a espécie humana, em suas relações com a infinidade de coisas que formam o interesse público” e “o interesse nacional”. Demarcava que prosseguia recebendo “a continuidade vibrante do aplauso e do apoio à sua missão de sanear o ambiente moral”, ao rir “nas bochechas dos que pretendem conspurcar, diminuir ou entravar, com suas ideias e ações de retrocesso”, agindo também para “desmentir conceitos errôneos” e “terçar suas armas em prol do bem, onde quer que ele esteja e revestindo quaisquer formas”⁴⁰.

³⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 23 set. 1922.

³⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 set. 1923.

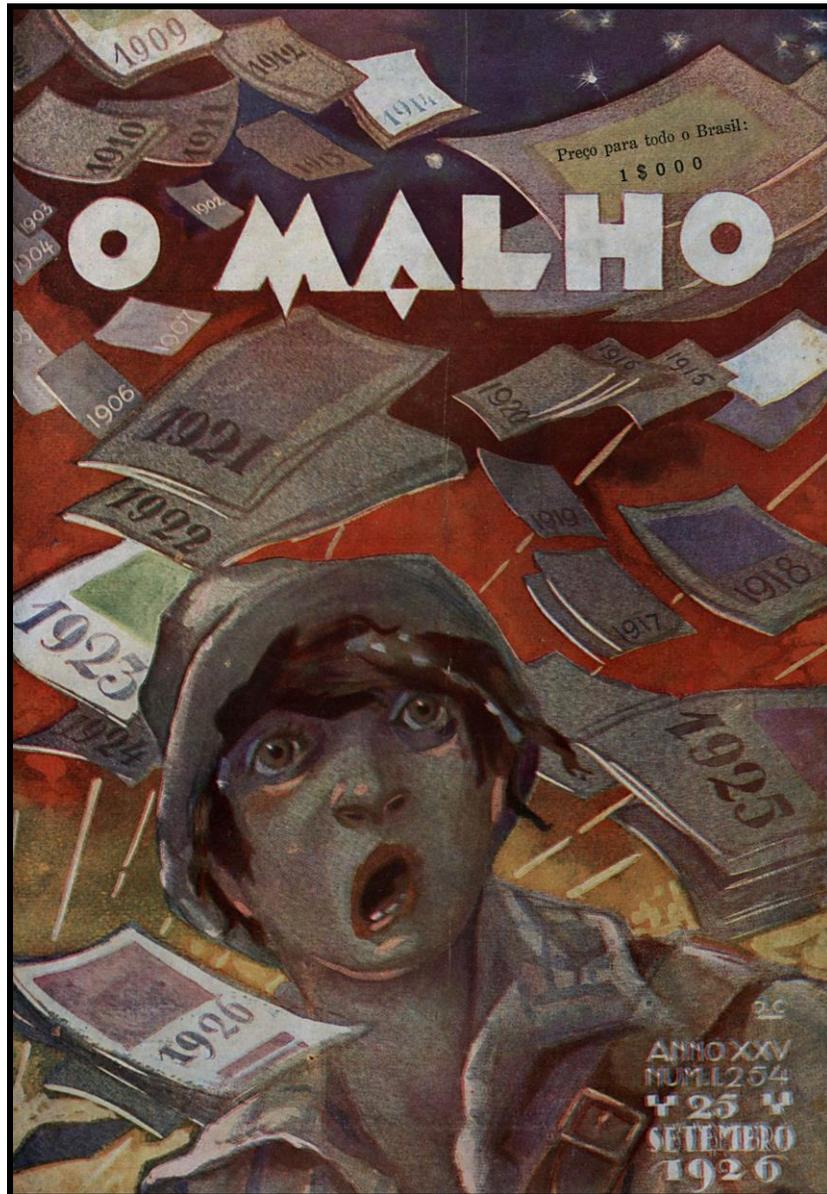
⁴⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 20 set. 1924.





O jornaleiro voltava a ser o personagem da capa que demarcava o vigésimo quinto aniversário do jornal. Tal figura aparecia em um misto de sua tradicional função de gritar para anunciar mais um exemplar da folha, com a admiração pela longevidade da publicação, representada pelas tantas edições dos anos passados. *O Malho* saudava “as suas bodas de prata com a opinião pública”, traduzida pela chegada de “uma grande e gloriosa etapa”, vencida “na vida com a galhardia do costume, apresentando-se engalanado, de fronte erguida e consciência limpa”, estando “certo de ter dado cabal desempenho à missão que o trouxe a esta arena de trabalho, em prol das ideias e dos costumes que caracterizam os povos adiantados”. Explicitava que atuara “quase sempre de sorriso nos lábios”, mantendo uma “expressão alegre”, sem por isso deixar esmorecer “a força vibradora do instrumento que lhe serve de título”. Ainda assim, admitia a modernização de seu norte editorial, considerando “por bem condescender com as injunções do momento, e *humanizar-se*, transformando-se, materialmente, na revista eclética, para atender aos reclamos do progresso e à generalidade dos leitores”, de modo a tornar-se “mais útil, conservando o que havia de melhor nos elementos tradicionais e juntando o essencial para satisfazer as exigências da atualidade”. Nessa linha, a folha garantia que mantinha “a sua popularidade inquestionável, acrescentando-lhe novos elementos que lhe abrem caminho para todas as metrópoles e recantos, ainda os mais longínquos desta pátria imensa”, na qual “penetra fundo com a sua crítica e a sua ampla vulgarização dos acontecimentos políticos e sociais”⁴¹.

⁴¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 25 set. 1926.



A pena e o crayon adornavam mais uma capa que demarcava novo aniversário, com o protagonismo de um indivíduo que segurava com vigor o malho, o qual continha a inscrição que servia de lema ao jornal – *ridendo castigat mores* –, pronto a desferir um pesado golpe em outra figura que representava a politicagem. Na ocasião, o periódico comemorava os “vinte e oito anos de lutas”, mantendo “a preocupação constante de dar ao leitor uma revista independente, imparcial e, portanto, genuinamente popular”. Enaltecia a “velha simpatia” de parte do público, a qual serviria para comprovar que seus “esforços” não tinham “sido empregados em vão”. *O Malho* revelava o seu sentimento de que “o povo é seu amigo”, pois, “em todo o país, mesmo nos rincões mais afastados, ele é recebido de portas abertas, como um bom camarada que, entre dois dedos de prosa séria, conta anedotas, faz pilhérias e fala mal (um pouquinho só) da vida alheia”⁴². A passagem do próximo natalício era encarada como “uma vitória, cuja celebração justifica as maiores alegrias e os maiores aplausos”, ressaltando as energias que empregava para gerar o “pão espiritual das massas populares”. Explicitava que até então não se desviara “do rumo” traçado a partir dos “legítimos interesses nacionais”, servindo-lhe “o povo” como testemunha de tal atitude, mantendo em suas páginas a “mais acesa crítica” aos “falsos profetas ou fariseus da democracia brasileira”⁴³.

⁴² O MALHO. Rio de Janeiro, 22 set. 1928.

⁴³ O MALHO. Rio de Janeiro, 21 set. 1929.



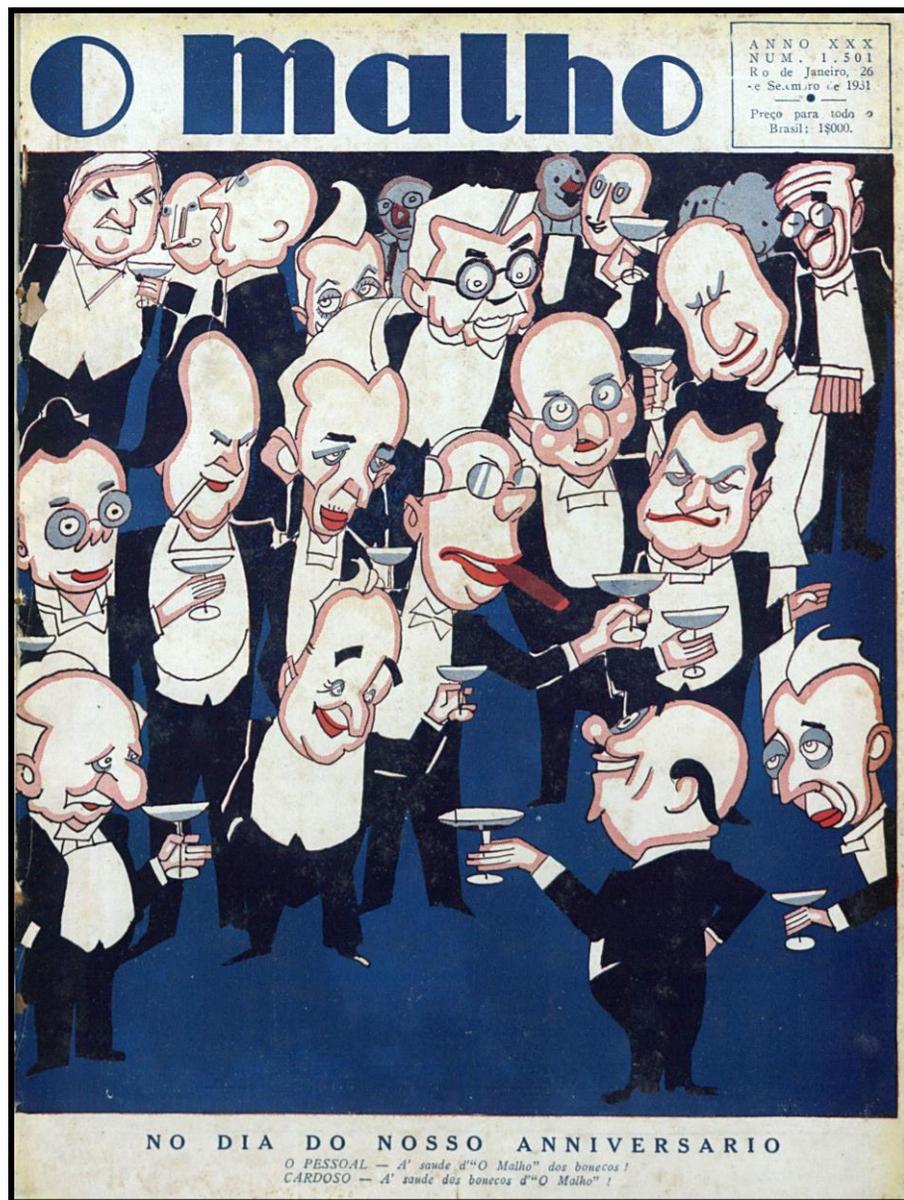
Já nos anos trinta, após a interrupção da circulação, advinda do empastelamento de suas oficinas, o periódico voltava a enaltecer a data alusiva à sua criação, mostrando na capa a saudação – na forma de um brinde – a ele destinada pelos novos detentores do poder. No segmento textual que marcava o aniversário, a folha não deixava de fazer referências às contingências de então, citando as dificuldades que lhe cercavam, mas que, diante delas, restava “uma alegria imensa, pela continuidade da ação” e por “vencer os obstáculos”. Enfatizava que “o bom humor, apesar da atmosfera de apreensões” vivida pelo país, precisava “ser mantido”, de maneira que “tal deve ser a principal preocupação de toda a gente”. A redação dizia que não se deixaria “dominar por essa onda de ceticismo e descrença que, invadindo todos os espíritos, ameaça transformar o Brasil num país de melancólicos”. Assim, procuraria “rir para fazer rir os semelhantes, num trabalho permanente de verdadeiro altruísmo”, pois, ao rir, *O Malho* estaria a atingir “a sua finalidade de castigar os excessos e os ridículos dos homens e dos costumes”. Destacava também que a folha carregava “responsabilidades tremendas”, tendo em vista a “popularidade” conquistada, já que era “uma revista de grande circulação, que penetrou o Brasil inteiro”. Nessa linha, ressaltava que não havia “canto de nossa terra a que não tenhamos ido levar um pouco de alegria”, sendo as suas “páginas as divulgadoras amáveis e maliciosas das figuras de todas as épocas”. Dizia que o semanário possuía quase tantos anos quanto a própria duração da forma de governo republicana no Brasil, de modo que estaria “integrado na vida nacional”, da qual refletiria “os aspectos pitorescos que sempre oferecem a política, as artes e a sociedade”. Garantia ainda que, ao longo do tempo, tornara-

se “a mais querida e a mais popular de todas as publicações hebdomadárias do país”, sendo necessária a “conservação desse prestígio”. Fazia referência aos avanços materiais da publicação, a qual teria ocorrido sem a perda do “cunho irreverente e altivo” voltado ao “gozo do público brasileiro”, vindo a agradecer pela “demonstração de simpatia” com que era distinguida, o que serviria de ânimo “para enfrentar os tropeços desta época de aperturas”⁴⁴.

Na edição de aniversário seguinte, os cartões de felicitação marcavam a capa, com o agradecimento de retribuição exaltado pela frase “Obrigado, meu povo!”. Na crônica alusiva à efeméride, eram estabelecidas algumas considerações acerca do lema pelo qual era rindo que se castigavam os costumes. Acerca da conjuntura de então, o texto lembrava que “a Senhora Censura não esquece os caricaturistas”, pois “ela sabe que um calunga bem ideado vale tanto como um artigo”. Ainda assim, o periódico dizia que não abandonaria “o seu caminho”, batendo “de leve ou com força”, mas sem deixar de bater, já que “a bigorna é o mal, é o ridículo, é tudo o que precisa ser destruído”, de maneira que faria “isso sem se zangar nem mesmo com os que se zangam com ele”⁴⁵.

⁴⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 26 set. 1931.

⁴⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 24 set. 1932.





Nos primórdios dos anos quarenta, *O Malho* lembrava que seus “anos bem vividos” transcorreram no “mais fecundo período da história do mundo”, caracterizado como uma “época tumultuosamente fecunda”, tendo o periódico participado “desta corrente de acontecimentos sensacionais, refletindo, registrando, opinando”. Diante de tantas transformações, a revista destacava que também alterara “o seu aspecto externo, num esforço de adaptação que é uma contingência inelutável da evolução”, sem, entretanto, perder “jamais a sua flama, o seu penache, o amor do belo e do verdadeiro, o sentido do seu destino”, ou seja, “trabalhar pela cultura, defender a cultura, difundir a cultura”⁴⁶. Na próxima edição de aniversário, a folha ressaltava os “quarenta anos de lutas, de esforços, de trabalho continuado, durante os quais muitas vezes” tivera de se “readaptar, aceitando as imposições das circunstâncias para sobreviver”. Enfatizava os progressos gráficos pelos quais passara ao longo de sua existência, bem como evoluíra “na seleção literária do texto”, de modo que poderia se “alinhar entre as melhores publicações do seu gênero em todo o continente”⁴⁷. Diante da conjuntura política ditatorial, o periódico deixava de exaltar suas incursões à crítica de cunho político.

Refletindo o contexto histórico vivenciado pelo país, o periódico demarcava que perdera “o feitio de panfleto”, tendo em vista que “o Brasil não comporta uma imprensa panfletária”, pois, como “a política morreu, com ela secou-se o charco sobre o qual a imprensa só poderia aventurar-se, manejando

⁴⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 9 out. 1940.

⁴⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, out. 1941.

as duras armas da ironia ferina, do chiste de ponta acerada, do sarcasmo – do panfleto, em suma”. Ainda sobre a conjuntura de então, o jornal demarcava que o país entrara “primeiro numa fase de graves preocupações, depois de mobilização geral das energias para uma grande obra duradoura e fundamental”. Perante tal circunstância, dizia que “esse período de renovação não poderia deixar de refletir-se nas páginas sensíveis de *O Malho*, e de fato refletiu-se”, vindo a folha a constatar “com orgulho” que poderia alinhar-se “entre as forças sadias e construtoras da inteligência brasileira”. Nessa linha, garantia que estaria “valorizando a arte e os artistas contemporâneos, evocando e rendendo homenagens às criações do passado, cuja beleza não morre, divulgando o que há de melhor em nossas letras”, ações que compreendiam a realização de “uma tarefa ímpar que o singulariza entre as demais revistas do Brasil”⁴⁸.

A nova postura de *O Malho* diante do Estado Novo, também ficaria demarcada no editorial referente à sua edição de aniversário no ano de 1944:

“A política, a literatura, a economia, a ciência e a arte encontraram na Revista o seu melhor processo de divulgação. Daí a importância que tem ela como contribuição à elaboração da civilização e como instrumento de trabalho para os que, recuando no tempo, procuram encontrar nos velhos alfarrábios as colunas sólidas da História. Nenhum historiador desdenha uma publicação periódica desse gênero. Nas páginas amarelecidas das Revistas encontram os cronistas da vida política e social dos povos civilizados, os elementos mais seguros de informação que lhes iluminam as pesquisas, dando o exato panejamento de uma época ou a breve

⁴⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, out. 1941.

descrição de um incidente mal contado através de tradições deformadoras. Ao completar mais um ano de trabalho, esta Revista, tecendo esses comentários, faz sobre si mesma um exame de consciência, indagando à coleção de seus números passados se tem sabido desempenhar diante do Brasil a sua função de tribuna popular, onde são difundidas as ideias e as opiniões que devem chegar ao povo e influir no destino da comunidade nacional. Temos que concluir, imparcialmente, que esse objetivo tem sido sistematicamente atingido. Numa fase em que se fazia necessária a crítica pelo riso, as caricaturas de *O Malho* aplaudiram e vaiaram, louvaram e patearam, no propósito de bem servir ao público que sempre amparou com seu estímulo material e moral esta publicação. Serenado o ambiente brasileiro, *O Malho* alterou um pouco a sua expressão jornalística, sem mudar, entretanto, a sua conduta política. Nestas páginas temos procurado oferecer o panorama mais objetivo da situação nacional. E a *O Malho* os historiadores virão, um dia, para encontrar, na multidão de páginas de suas coleções, um dos mais verídicos roteiros para a reconstituição da atual fase da vida brasileira. Nenhuma conclusão nos poderia dar, mais do que essa, a impressão de que estamos cumprindo o nosso dever e prolongando pelo tempo o ritmo de uma tradição.⁴⁹

⁴⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, out. 1944.

**O ANIVERSÁRIO DE VARGAS NAS
PÁGINAS DE *O MALHO* (1940-1945)**

A partir do Estado Novo, o autoritarismo, crescente desde os primórdios dos anos 1930, chegaria ao ápice, com o pleno controle da sociedade por parte do aparelho ideológico-repressivo estatal. A imprensa sofreu com ferrenha censura e um pleno cerceamento da liberdade de expressão que fizeram com que os jornais tivessem de alinhar-se ao *status quo*, ou, pelo menos silenciar as opções por estabelecer qualquer tipo de visão antagônica para com as ações governamentais. Nesse contexto, *O Malho*, que já sofrera na carne os sintomas da coerção, ao ser empastelado na época da Revolução de 1930, acabaria por render-se à força da ditadura, adotando um norte editorial que evitava os debates de cunho político, buscando uma pauta de predominância literária. Seu espírito crítico e jocoso para com o cenário político foi drasticamente abandonado, com a presença recorrente das ações censórias e repressivas, resultando na perda de sua seiva editorial, a qual coincidia também com um regresso de ordem material, deixando o periódico, em 1940, de ser um hebdomadário para adotar a circulação mensal.

Ao lado da repressão, o Estado Novo teve um cuidado especial em montar um aparato especializado em propaganda, que servia para promover em larga escala a publicidade do governo, enaltecendo suas ações. Em meio a esse contexto altamente propagandístico, uma das estratégias mais recorrentes foi a personalização do regime, realizada a partir da divulgação das “realizações” governamentais, como se fossem executadas pela própria figura do Presidente da República. Getúlio Vargas assumiu então o protagonismo na administração do país, transformando-se na verdadeira face do Estado Novo. Nessa linha, a

figura presidencial ascendeu ao rol das personalidades que marcaram a formação brasileira, chegando ao ponto de que o dia de seu aniversário – 19 de abril – viria a transformar-se em mais uma das datas cívicas do Brasil, tornando-se motivo de festa nacional⁵⁰.

Em tal contexto, “a personalidade de Getúlio Vargas imprimiu essência própria ao novo regime, caracterizada pelo pragmatismo e pela multiplicidade de táticas políticas, inspiradas na prática do exercício do poder e no controle das informações”. A isso se somava a perspectiva pela qual “a importância de Vargas coexistia e se completava com a ampliação do aparelho estatal e com a consolidação de uma burocracia cujas funções ampliaram-se ao longo do Estado Novo”, vindo a agir “no sentido de garantir a continuidade e o aumento de suas prerrogativas”⁵¹. Em meio a tal processo de mitificação e personalização do regime em torno da liderança varguista, a propaganda estado-novista lançou grandes esforços na valorização da figura presidencial, inclusive com a aclamação de sua data natalícia. Nesse quadro, a imagem do chefe máximo assumia contornos morais e cívicos⁵², aparecendo com verdadeiro líder superior e popular, vindo seu aniversário a tornar-se uma efeméride solene, identificada

⁵⁰ OLIVEIRA, Lúcia Lippi (dir.). *Estado Novo: a construção de uma imagem*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997. p. 19.

⁵¹ GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 15.

⁵² LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2.ed. Campinas: Papirus; Editora da UNICAMP, 1989. p. 48.

como uma grande data, mormente a partir do ano de 1940⁵³. Tais comemorações encontrariam eco nos vários representantes da imprensa espalhada pelo território brasileiro⁵⁴, o que não seria diferente em relação a *O Malho* em suas edições de abril ou maio, entre os anos de 1940 e 1945.

No número de 1940 que fazia referência ao aniversário de Getúlio Vargas, *O Malho* optou por uma edição ricamente ilustrada com fotografias, trazendo o registro fotográfico da casa em que nascera o Presidente, em sua cidade natal, São Borja, bem como fotografias de Vargas ainda criança, no seu retrato oficial, como vencedor na Revolução de 1930, em solenidades oficiais e religiosas, praticando esporte, cavalgando, “sorrindo com simplicidade e bonomia”, apreciando o chimarrão, e, bem ao gosto da propaganda do regime, no intento de demonstrar a proximidade do líder com a população em geral, andando junto com o povo, passeando com crianças e “ouvindo com simpatia um modesto trabalhador rural”. O material iconográfico era acompanhado de texto exortativo à figura presidencial⁵⁵.

#####

⁵³ GARCIA, Nelson Jahr. *O Estado Novo: ideologia e propaganda política*. São Paulo: Loyola, 1982. p. 90.

⁵⁴ CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1976. p. 167.

⁵⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, maio 1940.

A passagem do aniversário do Presidente Getúlio Vargas ofereceu oportunidade a que, mais uma vez, se colocasse em foco a vigorosa individualidade do estadista que dirige, atualmente, os destinos do Brasil.

É natural que um homem que chegou ao poder por uma revolução e enfrentou vários movimentos sediciosos, jugulando levantes e motins, seja julgado de maneira contraditória por amigos e inimigos. Mas há qualidades no Sr. Getúlio Vargas que todos reconhecem, por mais ferrenhos que sejam seus adversários. O equilíbrio, a sensatez, a moderação, a prudência, a magnanimidade são virtudes que impuseram o nome do Chefe da Nação ao apreço de todo o país, porque, nas épocas tumultuosas que tem atravessado o governo, se a autoridade suprema estivesse nas mãos de um homem menos sereno, capaz de agir por paixão e deixar-se cegar pelo ódio, o Brasil se teria ensofado de sangue e estaria, talvez, a estas horas, irremediavelmente dividido.

Foram o equilíbrio, a moderação e a serenidade, as virtudes que guiaram o Sr. Getúlio Vargas em toda a sua carreira política, desde a Assembleia dos Representantes do Rio Grande do Sul até a Presidência da República. Foram ainda essas virtudes que lhe consolidaram a autoridade e lhe permitiram ampliar, aos poucos, o próprio poder até os limites que a sua própria vontade fixou.

Homem simples, guarda nas suas maneiras a naturalidade cativante do cidadão da Província amante do seu torrão natal, ligado pela cordialidade a todas as criaturas da terra e pela hospitalidade a todos os que chegam de fora. A democracia está, pois, nos seus hábitos e reflete-se em toda a sua conduta.

O Presidente Getúlio Vargas, no fastígio do poder, é o mesmo que em São Borja, como simples advogado, procurava a palestra das criaturas simples, o convívio das crianças e tinha uma palavra amena e um sorriso para todos os que se lhe acercavam. Esse conjunto de qualidades humanas tornou a personalidade do Sr. Getúlio simpática à população de todo o Brasil, principalmente aos pobres e aos simples. E S. Ex. não se mostrou indiferente a essa simpatia, pois que o seu governo se tem notabilizado, sobretudo, pelo esforço constante e continuado em prol do levantamento do nível de vida do proletariado nacional, reconhecendo e defendendo os direitos do trabalho, assim como pelo amparo à infância e à maternidade.

Política de proteção aos valores humanos, não se tem descurado dos valores econômicos, e o Sr. Getúlio Vargas volta-se agora para a execução do grande programa de reconstrução que visa a integrar a economia brasileira em bases as mais sólidas. A descoberta do petróleo, a exploração intensiva do carvão nacional, os planos para criação da grande siderurgia são os fundamentos desse formidável programa de administração destinado a iniciar uma nova era no progresso do nosso país. Em tudo isso reflete-se a robusta personalidade do Presidente Getúlio Vargas, cujos traços se afirmam com força cada vez maior na sua vigorosa maturidade. E justifica o alvoroço e a intensidade das manifestações com que em todo o país, se comemorou o 57º aniversário do Chefe da Nação e criador do Estado Novo.

#####



Em 1931, presidindo uma cerimônia na Marinha de Guerra.



Hombro a hombro com os transeuntes em pleno centro do Rio.



mentos sediciosos, jugulando levantes e motins, seja julgado de maneira contraditória por amigos e inimigos. Mas ha qualidades do Sr. Getúlio Vargas que todos reconhecem, por mais ferrenhos que sejam seus adversarios. O equilibrio, a sensatez, a moderação, a prudencia, a magnanimidade são virtudes que impuzeram o nome do Chefe da Nação ao apreço de todo o país, porque, nas épocas tumultuosas que tem atravessado o seu Governo, se a autoridade suprema estivesse nas mãos de um homem menos sereno, capaz de agir por paixão e deixar-se cegar pelo odio, o Brasil se teria ensoapado de sangue e estaria, talvez, a estas horas, irremediavelmente dividido.

Foram o equilibrio, a moderação e a serenidade, as virtudes que guiaram o Sr. Getúlio Vargas em toda a sua carreira politica, desde a Assembleia de Representantes do Rio Grande do Sul até a Presidencia da Republica. Foram ainda essas virtudes que lhe consolidaram a autoridade e lhe permitiram ampliar, aos poucos, o proprio poder até os limites que a sua propria vontade fixou.

Um expressivo instantaneo, ha 8 annos passados.



Crente fervoroso, eú-o aqui em duas solemnidades catholicas.



Falando á Nação, no Theatro Municipal e na Esplanada do Castello, em datas civicas.



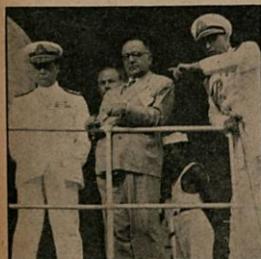


Ouvindo com sympathia um modesto trabalhador rural.

Entre os Chefes do Exército.



Sorrindo com simplicidade e bonhomia



A bordo do "Rio Grande do Sul" examinando as faixas da marinha.

No "golf", seu sport predilecto

Em Petrópolis, passeando com as crianças.



Homem simples, guarda nas suas maneiras a naturalidade captivante do cidadão da Província amante do seu torrão natal, ligado pela cordialidade a todas as criaturas da terra e pela hospitalidade a todos os que chegam de fóra. A democracia está, pois, nos seus hábitos e reflecte-se em toda a sua conduta.

O Presidente Getúlio Vargas, no fastígio do poder, é o mesmo que em S. Borja, como simples advogado, procurava a palestra das criaturas simples, o convívio das creanças e tinha uma palavra amena e um sorriso para todos os que se lhe acercavam. Esse conjunto de qualidades humanas tornou a personalidade do Sr. Getúlio Vargas sympathica à população de todo o Brasil.





Na estância paterna de Santos Reis com o cavallo favorito.

A cavallo, revendo os campos que percorreu na infancia.

principalmente aos pobres e aos simples. E S. Excia. não se mostrou indifferente a essa sympathia, pois que o seu Governo se tem notabilizado, sobretudo, pelo esforço constante e continuado em prol do levantamento do nivel de vida do proletariado nacional, reconhecendo e defendendo os direitos do trabalho, assim como pelo amparo à infancia e à maternidade.

Politica de protecção aos valores humanos, não se tem descurado dos valores economicos, e o Sr. Getulio Vargas volta-se agora para a execução do grande programma de reconstrução que visa integrar a economia brasileira em bases as mais solidas. A descoberta do petroleo, a exploração intensiva do carvão nacional, os planos para criação da grande siderurgia são os fundamentos desse formidavel programma de administração destinado a iniciar uma nova era no progresso do nosso paiz. Em tudo isso reflecte-se a robusta personalidade do Presidente Getulio Vargas, cujos traços se afirmam com força cada vez maior na sua vigorosa maturidade. E justifica o alvoroço e a intensidade das manifestações com que em todo o paiz, se commemorou o 57º anniversario do Chefe da Nação e creador do Estado Novo.

Ao lado do seu venerando paiz, general Manoel do Nascimento Vargas, em Santos Reis.

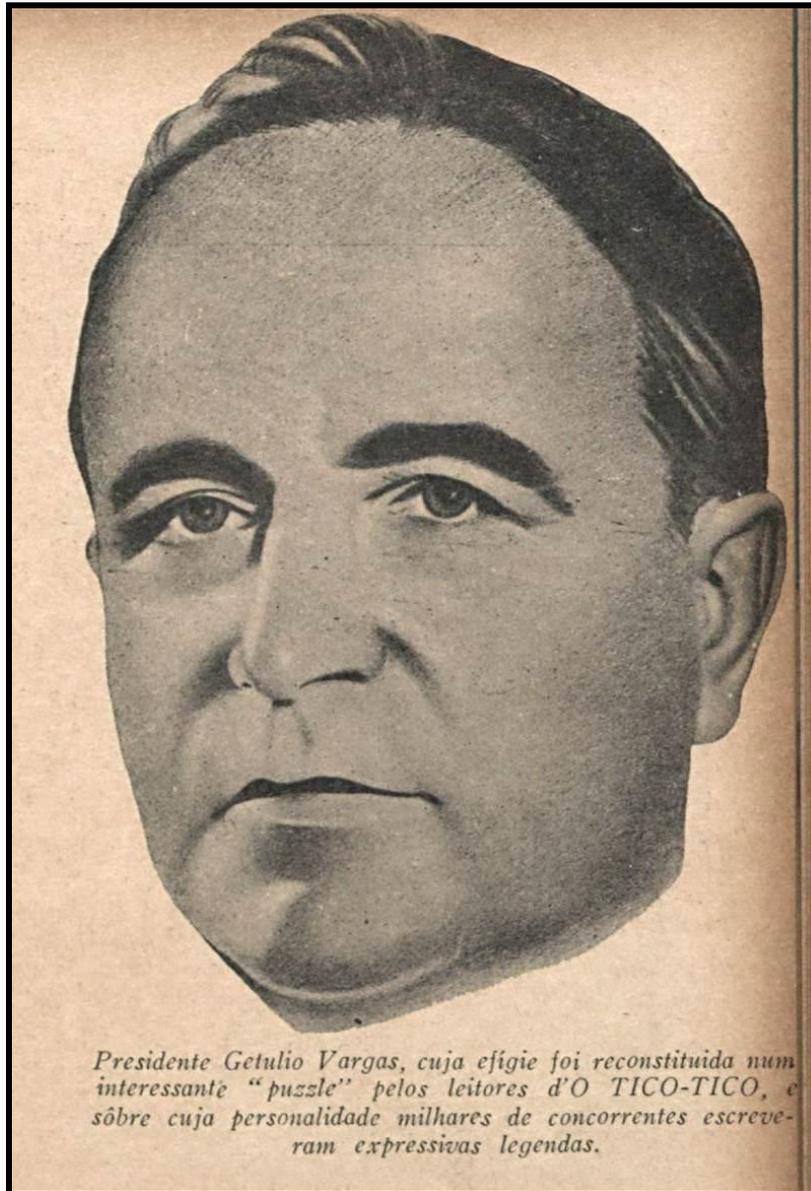
Afagando o equino após a montada

Como bom gaúcho, apreciando o chimarrão.

Escutando attento as reminiscencias do paiz

A edição que fazia alusão à data natalícia presidencial, no ano de 1941, foi bem mais simples, fazendo referência à atividade organizada por outra revista que compunha o grupo empresarial jornalístico de *O Malho*. A matéria buscava mostrar a proximidade da autoridade pública com as crianças, sob o título “O Presidente Getúlio Vargas na opinião da infância brasileira”, apresentando um retrato do governante, um registro fotográfico do encontro infantil e um quadro contendo as frases vencedoras do concurso. Na parte textual, a folha ilustrada informava que “o *Tico-Tico*, a querida revista infantil que sempre se caracterizou pelos seus movimentados certames, através dos quais tem feito fartas distribuições de valiosos prêmios às crianças brasileiras”, acabara “de realizar o sorteio de mais um dos seus atraentes concursos, o ‘Grande Concurso Cívico do *Tico-Tico*’”. A notícia trazia detalhes sobre a premiação, além de destacar que foram escolhidas as “cinco melhores e mais expressivas legendas sobre a personalidade do Presidente Getúlio Vargas, cuja efígie fora reconstituída no mapa do concurso, pelos que nele tomaram parte, mediante um atraente puzzle”⁵⁶.

⁵⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, maio 1941.



Presidente Getulio Vargas, cuja efígie foi reconstituída num interessante "puzzle" pelos leitores d'O TICO-TICO, e sobre cuja personalidade milhares de concorrentes escreveram expressivas legendas.

Aspecto colhido no Salão Nobre da A.B.I. quando, por ocasião do sorteio com aparelhos "Fichet", estes marcavam o número contemplado com o primeiro premio sorteavel.



1.º Lugar :

“O DESPERTADOR DO GIGANTE” — Autor, o menino Joppert da Costa, residente no Rio de Janeiro.

2.º Lugar :

“O NOSSO QUERIDO PRESIDENTE GETULIO VARGAS E' O NOVO PAPAÍ NOEL DAS CRIANÇAS BRASILEIRAS” — Autor, o menino Carlos Alberto Carneiro Leão, residente em Pernambuco.

3.º Lugar :

“SUAS MÃOS, CONTENDO AS RÉDEAS DO GOVERNO”, SÃO LÉVES COMO PLUMA E FORTES COMO AÇO” — Autora, a menina Tereziinha Nunes de Figueiredo, residente na Paraíba do Norte.

4.º Lugar :

“A VIDA DO PRESIDENTE VARGAS E' UM CATECISMO PARA A INFANCIA BRASILEIRA” — Autor, o menino Celso Antonio, residente no Rio de Janeiro.

5.º Lugar :

“PARA MIM, GETULIO VARGAS E' MAIOR DO QUE TARZAN DAS FLORESTAS” — Autor, o menino Reynaldo R. B. de Oliveira, residente em Pernambuco.

A incorporação do “Dia do Presidente” às datas cívicas nacionais ganhou ainda mais corpo em 1942, como demonstra a edição de *O Malho*, que optou por uma cobertura fotojornalística. Entre os registros fotográficos destacaram-se os desfiles da “Juventude Brasileira”, instituição criada pelo Estado Novo com o objetivo de cooptar tal segmento em torno da causa do regime, além de missas, ações de paraquedistas, cerimônia oficial comemorativa à data em evidência e sessão cívica organizada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda. Havia ainda outras matérias que abordavam temáticas inter-relacionadas com a efeméride, como foi o caso da ação da Prefeitura do Distrito Federal no Dia do Presidente, a inauguração de casas para os associados ao Instituto dos Bancários, instituição que se associava às comemorações do Dia do Presidente⁵⁷.

⁵⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, maio 1942.



Aspecto do grande desfile da "Juventude Brasileira", com que os escolares deram início às comemorações do aniversário do Presidente Getúlio Vargas

O "DIA DO PRESIDENTE"

Outro imponente aspecto, do grande desfile escolar que constituía um dos principais números do programa de comemorações do "Dia do Presidente"



Flagrante da Missa Campal celebrada no Russel, onde se realizou a concentração dos colégios da Capital



Os arrojados paraquedistas que se lançaram sobre a Guanabara, numa espetacular demonstração que empolgou a cidade, em homenagem ao Presidente da República





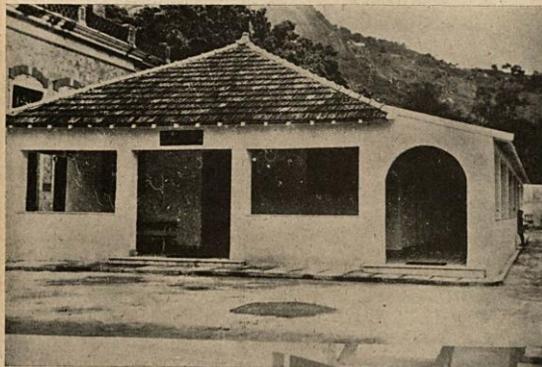


O Prefeito Henrique Dodsworth, entre pessoas presentes à cerimonia, quando lhe eram dirigidas palavras de saudação.

Associando-se às inúmeras comemorações do "Dia do Presidente", a Prefeitura do Distrito Federal inaugurou, em diferentes pontos da cidade, várias crèches, e escolas, o que ofereceu ensejo de grande jubilo da população local, a que tantos benefícios vem prestando a obra de assistência social e educativa da administração do Prefeito Henrique Dodsworth.

O governador da Cidade, acompanhado de grande número de altos funcionários esteve presente a todas elas, sendo alvo de inequívocas manifestações de agradecimento por tão louvável iniciativa que vem preencher verdadeira lacuna.

A PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL NO DIA DO PRESIDENTE



Numa das fotos desta página, vemos o Dr. Henrique Dodsworth quando era saudado após a inauguração de uma das crèches, que representam mais um serviço de alta relevância prestado por S. Excia. à capital da República.

Uma das crèches inauguradas na cidade, em comemoração ao "Dia do Presidente".



Flagrante da inauguração, pelo Ministro interino do Trabalho, Dr. Oscar Saraiva, no Engenho Novo, da rua de residências construídas pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários para associados seus, cerimônia com que, além de outra idêntica na Ilha do Governador, se do lançamento da pedra fundamental de 281 casas iguais, aquele Instituto comemorou o "Dia do Presidente".



O titular interino do Trabalho, Dr. Oscar Saraiva, agradecendo ao presidente do Instituto, Dr. Adherbal Novais, as palavras com que o saudou, em nome dos bancários.

O INSTITUTO DOS BANCÁRIOS INAUGURA AS PRIMEIRAS CASAS PARA SEUS ASSOCIADOS

Vista parcial da rua inaugurada no bairro do Engenho Novo, toda ela ladeada por prédios construídos pelo I. A. P. B., a cuja frente se encontra o Dr. Adherbal Novais que ali vem realizando obra do mais alto alcance social.





CIRO ARANHA

Foi motivo de jubilo nos meios sociais e esportivos desta capital a passagem do aniversário natalício, a 16 de Abril último, do conhecido e festejado sportman Sr. Cyro Aranha.

Além de figura de alto relevo e prestígio na sociedade carioca, Cyro Aranha é elemento de realce do desporto nacional, a que se dedica com grande entusiasmo, e no mo-

mento desempenha mesmo as funções de presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama, a cujo progresso vem dedicando toda a influência de sua personalidade, fazendo jus, desse modo, à maior benevolência no seio do esporte carioca.

A grata ocorrência, pois, do aniversário desse querido *leader* desportivo, que é também nome representativo do nosso alto comércio, foi grandemente festejada por seus amigos e admiradores, que lhe prestaram carinhosas homenagens.



OSVALDO ORICO EM SÃO PAULO

Convidado para assistir à inauguração do Grupo Escolar Getúlio Vargas, no bairro do Ipiranga, esteve em São Paulo o acadêmico e professor Oswaldo Orico, diretor da Div. de Educação Extra-Escolar do Ministério da Educação. Flagrante da chegada do brilhante intelectual que ali foi recebido carinhosamente, vendo-se ao seu lado o Dr. Alfredo Alves diretor presidente da Empresa Construtora Universal que patrocinou a fundação do novo grupo.

O Instituto dos Bancários nas comemorações do "Dia do Presidente"

Aproveitando o ensejo da passagem da data aniversário do Presidente Getúlio Vargas, e associando-se de maneira concreta e interessada às comemorações dessa efeméride nacional, o Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Bancários, a medular organização de assistência social que tem à sua frente a inteligência dinâmica do Dr. Adherbal de Novaes, resolveu inaugurar vários conjuntos residenciais para associados seus, marcado, assim, com um auspicioso facto concreto o "Dia do Presidente".

Essas inaugurações tiveram lugar simultaneamente nos estados de Ceará, em Fortaleza, no bairro Aldeia, onde foram entregues aos moradores 65 casas; em Niterói, 22 casas; em Recife, 61 casas; no Estado de S. Paulo, em varias localidades, 102 casas; e no Distrito Federal; 27 casas; isso sem contar com o lançamento da pedra fundamental, de 291 novas futuras residências, só estas no valor de quatro mil e quinhentos contos. Realizou também o Instituto dos Bancários concursos de robustez infantil nas cidades de S. Paulo, Santos e Juiz de Fora.

Sendo o Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Bancários uma consequencia salutar da esplendida renovação social devida à adelantada e humanitaria legislação dada ao país pelo governo do Presidente Vargas, essas ceremonias vieram a calhar como inúmeras do vasto programa nacional de comemoração do dia 19 de Abril, este ano instituido por aclamação popular como o "Dia do Presidente".

Em bem feita plaquette que fez distribuir e largamente, o Instituto dos Bancários rememora a sua ação construtiva desde 1935 até hoje, prestando cortas ao país dos excelentes serviços prestados à classe dos bancários e evidenciando sua importancia e utilidade e os esforços por bem servir à nação.



E' de seu interesse... Nós lhe recomendamos... Lér a página 3.

O ápice das comemorações do “Dia do Presidente” por parte de *O Malho* ocorreria no número referente ao mês de abril de 1943, no qual foi elaborada uma edição especial, com grande ampliação no número de páginas e a publicação de um caderno especial todo ele destinado à efeméride e à figura de Getúlio Vargas. O retrato oficial do Presidente já se encontrava estampado na capa do periódico, bem como no interior da publicação e encabeçando um índice que apresentava as empresas que patrocinaram aquela edição ampliada. Até mesmo algumas das matérias publicitárias apresentadas pela folha faziam referência ao aniversário de Vargas. Aparecia ainda um sumário das matérias especiais editadas em relação à homenagem ao Presidente, entre elas: as impressões elogiosas de escritores e jornalistas contemporâneos; a “opinião dos grandes vultos do nosso tempo”; o pensamento da mocidade sobre Getúlio Vargas; a visão das crianças acerca do homem público, incluindo recortes de manifestações de próprio punho por elas escritas; Vargas no conceito do clero, com destaque para registros fotográficos com o cardeal Sebastião Leme; a ação presidencial diante da II Guerra Mundial; as lições paternas recebidas por Vargas, com “o exemplo de uma grande vida”; a imagem de Getúlio Vargas demarcada a partir da filatelia nacional; as relações do Presidente com a imprensa; a proximidade de Vargas com “a gente simples”; a perspectiva dos trabalhadores acerca do Chefe da Nação; o gosto de Vargas pelos esportes; o líder do regime que ouvia as crianças e atendia aos humildes; a noção de que Vargas conhecia “o seu país de extremo a extremo”, com um demonstrativo das suas viagens; os incentivos que a autoridade presidencial teria promovido em relação às belas-artes; a visão de um historiador a respeito do Chefe de Estado brasileiro;

a narrativa de um sul-rio-grandense que convivera com o Presidente em sua cidade natal; a presença de um naturalista em São Borja; a vida de Getúlio como acadêmico de Direito; o olhar da “inteligência feminina do Brasil” acerca de Vargas; os momentos culminantes da oratória presidencial; o destaque a pensamentos do líder do Estado Novo; a presença de Vargas na Academia Brasileira de Letras; a “grande vida” de Getúlio Vargas compartimentada em “quatro fases”; “as origens do Presidente Vargas”; as imagens de Getúlio Vargas criadas “pelos nossos escultores”; “o dever essencial da pátria na palavra do Presidente”; a edificação da Avenida Getúlio Vargas, como “marco do Brasil moderno”; a visão das “classes conservadoras” sobre Vargas; “o governo do Brasil na opinião da imprensa mundial”; a “cruzada social” do Presidente “contra o mocambo”; e a ação governamental e o ensino da Literatura⁵⁸.

Também apareciam textos apreciativos da administração governamental da lavra de alguns representantes da intelectualidade e do empresariado brasileiro. Havia ainda um registro fotográfico alusivo à Juventude Brasileira, cuja data comemorativa também era o 19 de abril, na busca da identificação do Presidente com os jovens, trazendo a imagem de uma menina e um menino empunhando a bandeira nacional, ficando explicitado que Vargas era o “patrono da Juventude Brasileira”. Ainda foi demarcada na edição especial de *O Malho* a busca por demonstrar que a ação político-governamental de Vargas estendia-se ao país como um todo, com matérias específicas sobre algumas unidades brasileiras, como São Paulo, Pará, Amazonas, Piauí, Acre, Rio de Janeiro,

⁵⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, abr. 1943.

Alagoas, Paraná e Goiás. A matéria que servia como editorial do caderno especial trazia o hasteamento da bandeira do Brasil e enaltecia o aniversário presidencial⁵⁹.

#####

Elevando bem alto a bandeira do Brasil

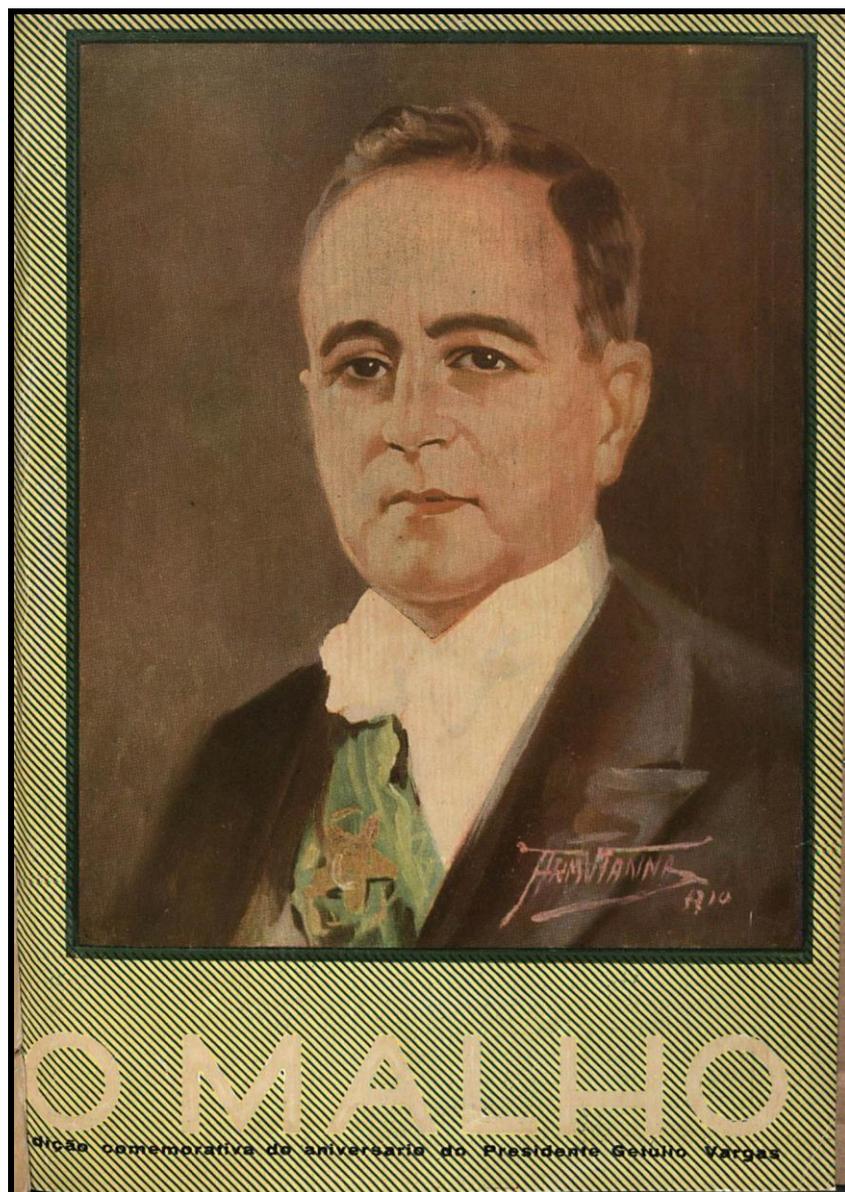
O aniversário do Presidente Getúlio Vargas não assinala somente uma celebração cordial na intimidade de um culto de família. Com o tempo e as sucessivas vitórias do homem público, transcendeu do ambiente do lar e impôs-se ao país como uma data da Pátria. A aparição do Presidente Vargas na História brasileira inaugura subitamente um novo ciclo de vida nacional. Seu gênio político, ainda na madrugada de seu destino, é uma força em movimento cujo sentido inalterável é a evolução do Brasil. Toda a sua biografia se orienta no propósito de elevar bem alto o nome da Pátria. Pouco a pouco, o instante que marca o dealbar da história desse vulto providencial teria que se converter e motivo periódico de homenagem coletiva, que revelaria a gratidão de um grande povo ao estadista que lhe vem traçando, numa faina de todas as horas, o caminho de glórias a seguir.

⁵⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, abr. 1943.

Incluindo-se entre as vozes que participam da celebração coletiva da data aniversária do chefe do governo, *O Malho* achou por bem oferecer aos seus leitores algumas das imagens essenciais da vida e da obra do grande brasileiro. Nas páginas de hoje, procuramos surpreender nas rutilações da jornada dessa grande vida as diretrizes e os fatos que definem o cidadão das Américas e o reconstrutor do Brasil.

A reverência ao Chefe do governo não vale para os brasileiros como uma atitude formal de simples pragmática política. É um gesto de sentimento mais puro originado na coletividade nacional. E os louvores entoados aqui nada mais significam do que pequenas ressonâncias das vozes da multidão.

#####





INDICE

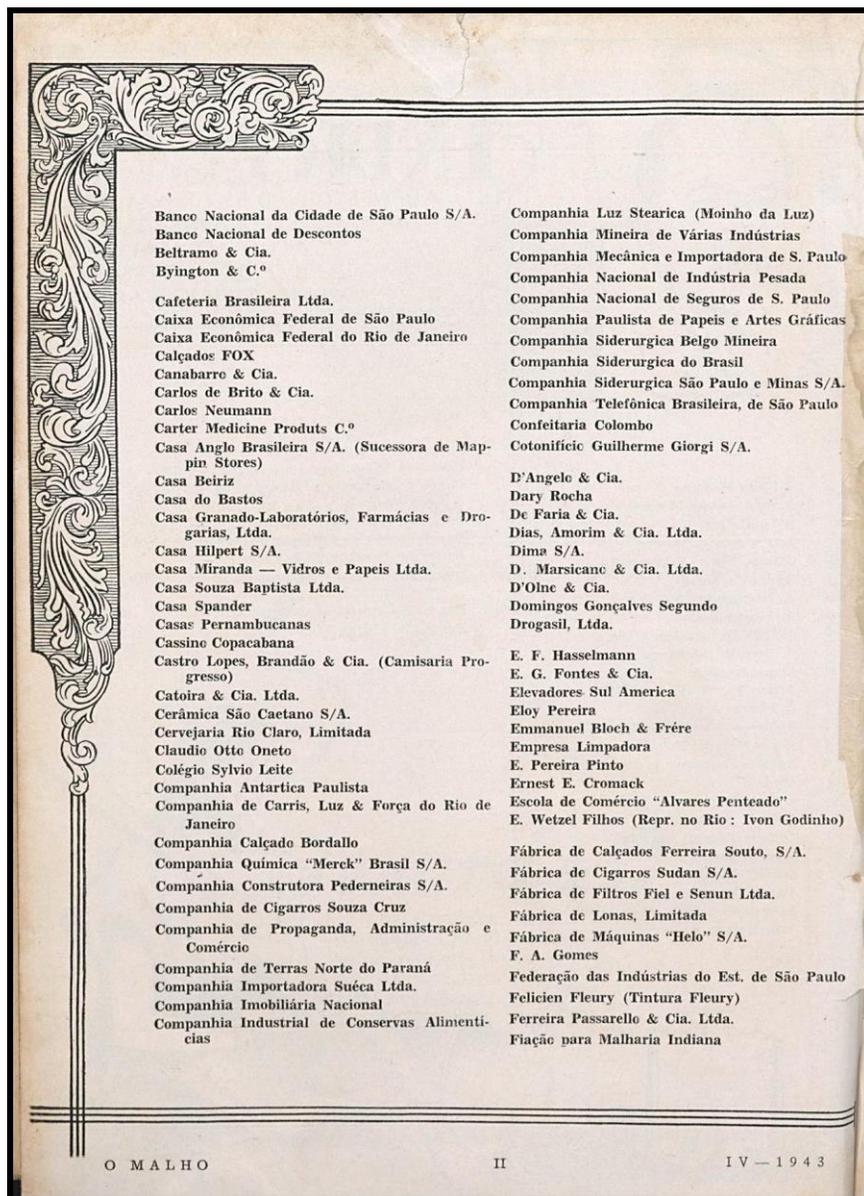
POR ORDEM ALFABETICA, DAS FIRMAS QUE DERAM SUA COLABORAÇÃO A ESTA EDIÇÃO D' "O MALHO", COMEMORATIVA DO ANIVERSARIO DO PRESIDENTE GETULIO VARGAS

A Cinta Moderna
A. de A. Santos Moreira
A Equitativa
A. F. Costa — Moveis
Affonso Nunes Velasques
Aguas Caxambú
A. Insinuante
A. Jabour & Cia.
A. J. P. de Barcellos & Cia.
A. Kierulf Abrahamson
Alexandre Dale
Alvaro Vaz Olivieri
A. Marçal & Cia.
Anderson, Clayton & Cia. Ltda.
Anglo Mexican Petroleum C.ª Ltda.
Antonio Francisco da Silva Bessa
Antonio José Cepeda
Antonio Nogueira & Cia.
Antonio Saldanha de Vasconcellos
Antonio Teixeira Garrido
Argos Industrial S/A.
Arnaldo Wright
Arthur Donato & Cia.
Assumpção & Cia.
Avila Raposo

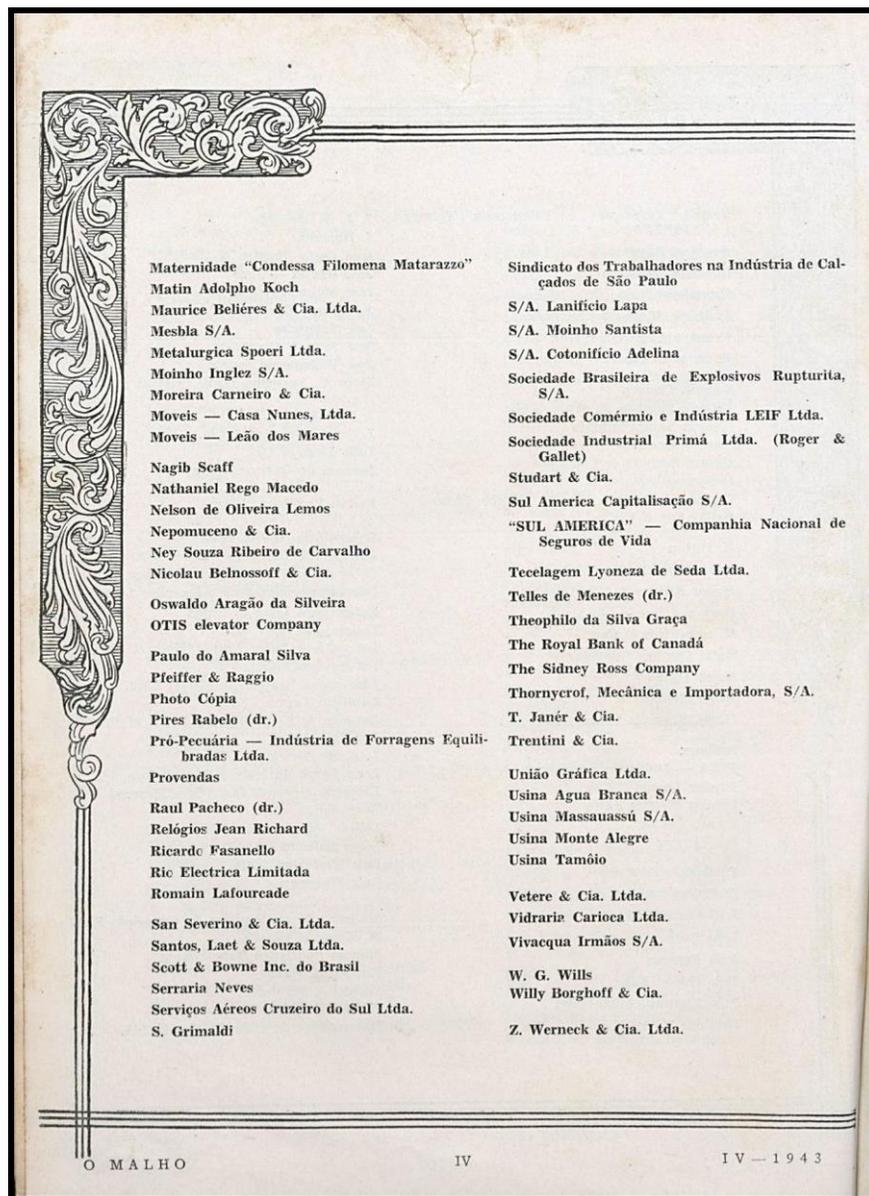
Ary de Almeida e Silva
Ary Marques Lobo

Banco da Lavoura de Minas Gerais S/A.
Banco da Provincia do Rio Grande do Sul
Banco do Comércio e Indústria do Rio de Janeiro S/A.
Banco do Comércio, S/A.
Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S/A.
Banco do Estado de São Paulo
Banco Hipotecario e Agrícola do Estado de Minas Gerais S/A.
Banco Hipotecario "Lar Brasileiro"
Banco Italo-Belga S/A.





Fiação, Tecelagem e Estamparia Ypiranga "JAFET"	J. J. de Medeiros
Fonseca, Almeida & Cia. Ltda.	J. Rezende
Fontoura & Serpe	José Costa Martins & Cia.
Francisco Ayres (dr.)	José Garcia — Jove
F. R. de Aquino & Cia. Ltda.	José Montenegro Serra
Fridel (dr.)	José Pinto Cardiano
F. Soria & Cia.	José Salgueiro
Galeria Carioca	José Silva & Cia. Ltda.
Galeria Paulista de Modas Ltda.	José Willemsens Junior
Galeria Santo Antonio	Jorge C. Sequeira (Lab. Peitoral Angico Pelotense)
Gastão Maciel	J. T. Salgado
Gomes Ferreira & Cia. Ltda.	J. Soares Ferreira & Cia.
Gonçalves Fonseca & Cia. Ltda.	Julio Lima & Cia.
Grandes Indústrias Minetti, Gamba, Ltda.	Juvenal de Queiroz Vieira
Grillo, Paz & Cia.	Kodak Brasileira, Ltda.
H. Bitton	Laboratório Araujo Pena
Hasenclever & Cia.	Laboratório Camargo Mendes S/A.
Heitor Ribeiro & Cia. Ltda.	Laboratório Farmaceutico Gonzaga S/A.
Henrique Guedes de Mello	Laboratório Juventude Alexandre Ltda.
H. Gonçalves & Cia.	Laboratório Leite de Rosas
Hotel Cassino Guarujá	Laboratório Sian S/A.
Hotel Toriba	Laboratórios Silva Araujo, Roussel S/A.
Hugo Molinari & Cia. Ltda.	Laboratório Vital
Hugo Straus & Filhos Ltda.	Laminação Federal de Metais Ltda.
Indimex	Lanificio Varam S/A.
INCA — Indústria e Comércio de Adubos Ltda.	Lanman & Kemp-Barclay & C.º of Brasil
Irmãos Lamas & Cia.	Lar da Criança
Irmãos Moreira Leite	L. B. de Almeida & Cia.
Isnard & Cia.	Leon Israel Agricola e Exportadora S/A.
Ivo Alencar	Leopoldo Geyer & Cia. (Casa Masson)
J. Cardoso da Cruz	Leopoldo Zacconi
J. C. Eno (Brasil) Ltda.	Licinia Quintanilha (Mme.)
J. Goulart Machado & Cia Ltda.	Lojas Calçado POLAR
João Cury	Luiz Michielon & Cia.
João Fonseca	Luiz Waisman
João Godoy Filho	Malharia Nossa Senhora da Conceição S/A.
João Lizandi (Alfaiataria)	M. Khair & Cia.
Joaquim R. de Abreu	Manoel Rodrigues Duarte Rosa
	Mappin & Webb
	Maselli & Mirabelli
	M. Maciel
	Maternidade Arnaldo de Moraes S/A.



Respeitosa homenagem
da
"S. PAULO COMPANHIA
NACIONAL DE SEGUROS"

Homenagem ao Exmo. Sr.
Dr. GETULIO VARGAS
da
CASA SCAFF

RUA DIREITA N. 189
SÃO PAULO

Sedas e Lans

PALAVRAS DO PRESIDENTE
DA REPUBLICA

“COM a grande siderurgia fundiremos o aço para os nossos canhões e as chapas para os nossos navios. Faremos o material agrícola para lavrar as nossas terras, confeccionaremos trilhos e locomotivas para as nossas estradas de ferro e fabricaremos os motores para acionar os braços mecânicos da indústria. O momento é propício. Estamos na manhã de um novo dia, e é necessário que o aproveitemos, porque só assim o Brasil poderá entrar no ról das grandes potências pela estruturação das suas forças orgânicas e sob a base permanente de suas indústrias fundamentais, mas tranquilizando a todos, porque será um fator de tranquilidade e de paz”.

COMPANHIA SIDERURGICA
S. PAULO E MINAS S. A.

RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 93 - 1.º, 2.º, 3.º andares
SÃO PAULO

IV — 1943 — 35 — O MALHO

NO ANIVERSÁRIO do Presidente GETULIO VARGAS GARAGE LUSO PAULISTA

COMO D. Pedro, podemos também dizer que o Presidente Vargas se tornou, no conceito de seus concidadãos, o "Defensor Perpetuo", desta grande Nação Brasileira.

Com efeito, no momento atual, em que a Pátria estremeada, é apunhalada traiçoeiramente pelos sicários do eixo, ouve-se a voz firme, decisiva e enérgica do Presidente Vargas, respondendo por todos os seus filhos, de modo eloquente e categórico, a essa injustificável e brutal agressão.

E a nação inteira, numa justa indignação, cerra fileiras em torno do Chefe, e, a exemplo de seus antepassados, demonstra ao mundo inteiro, o valor e a coragem de seus filhos.

10 de Abril... data do nascimento de Getulio Vargas. A nação inteira se movimenta, como uma só alma, para homenagear e reverenciar, com muita justiça, o grande Presidente.

De todos os quadrantes do país, por todas as fôrmas, por todos os meios, surgem, espontâneas e expressivas as

demonstrações de confiança, de respeito, de simpatia e de gratidão, ao homem que tão sabiamente conduz os destinos da Pátria.

Nós, também, proprietários e auxiliares da Garage Luso Paulista, nos associamos sinceramente a essas homenagens, e asseguramos ao grande Presidente que, na labuta diária que empreendemos, muito nos esforçamos para bem servir à Pátria, acatando, com o mais acendrado espírito de patriotismo, o apelo e as sábias determinações do integro magistrado da nação.

1930 foi o ano da ascensão, ao poder, do ilustre Getulio Vargas.

E, interessante coincidência: 1930 foi o ano da fundação e organização da nossa modesta casa.

Talvez seja sob o signo de Getulio Vargas que caminhemos para o progresso, como modestos obreiros, desta grande colmeia, que é São Paulo.

SANSEVERINO & CO. LTDA.

MOVEIS LAMAS

AMPLOS MOSTRUÁRIOS JUNTO À FÁBRICA



Conjuntos estofados em couro e tecido, Bergers, Divans, Sofás em dimensões especiais e qualquer movel de adorno

EXPOSIÇÕES DE PROPAGANDA NO FLAMENGO — COPACABANA E URCA, ABERTAS DE DIA E A NOITE

Mobiliarios finos em estilos: Rústico, Colonial, Renascença, Chipendale, D. João V e Modernos

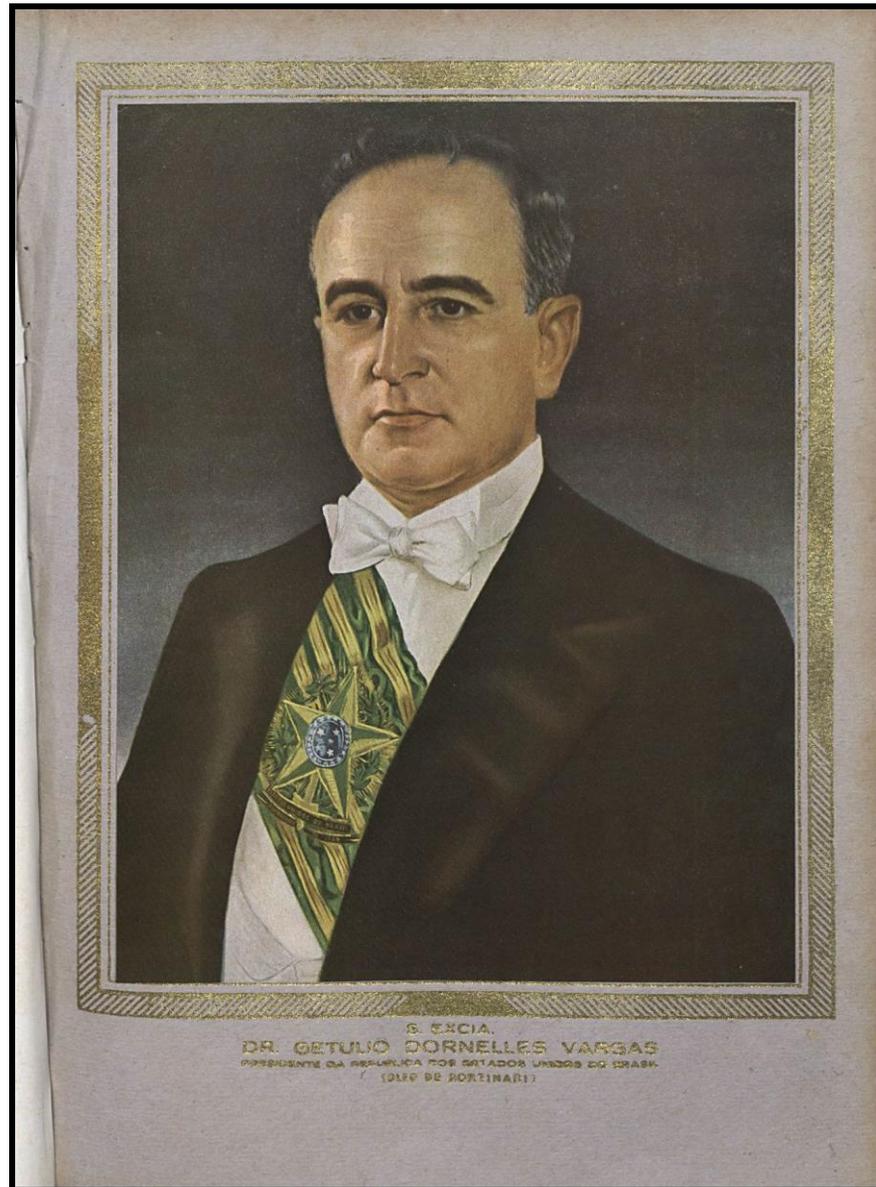
SEÇÕES COMPETENTES DE DESENHO E DE MARCENARIA, PARA EXECUÇÃO DE MOBILIARIOS FINOS SOB ENCOMENDA

Facilita-se em alguns casos o pagam nto

RUA MELO E SOUZA,
100 a 110

(PRÓXIMO À ESTAÇÃO PRINCIPAL DA LEOPOLDINA)

O MALHO			
ANO XLII	ABRIL, 1943	NUMERO 39	
DIRETORES: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA OSWALDO DE SOUZA E SILVA			
ENTRE OUTROS ASSUNTOS DESTA EDIÇÃO, DESTACAMOS:			
Elevando bem alto a bandeira do Brasil	45	A vida acadêmica de Getulio Vargas	103
O Presidente Getulio Vargas visto pelos jornalistas e escritores contemporâneos	46	O Presidente Vargas visto pela inteligência feminina de Brasil	105
O Presidente Getulio Vargas visto pelas figuras do seu tempo	50	Momentos culminantes da oratória de Getulio Vargas	109
O que a mocidade pensa de Getulio Vargas	53	Pensamentos de Getulio Vargas	112
O Presidente Getulio Vargas visto pelas crianças	55	Getulio Vargas na Academia Brasileira	113
Getulio Vargas no conceito do clero brasileiro	58	Quatro fases de uma grande vida	114
O Presidente Getulio Vargas e a guerra	63	As origens do Presidente Vargas	116
O exemplo de uma grande vida	67	Getulio Vargas visto pelos nossos educutores	118
O Presidente Vargas e a filatelia	68	O dever essencial da pátria na palavra do Presidente Vargas	120
O Presidente Vargas e a imprensa	70	O Presidente toma o seu mate chimarrão	121
O Presidente entre gente simples	72	A Avenida Presidente Vargas, marco do Brasil moderno	122
O Presidente Vargas visto pelos trabalhadores brasileiros	73	Getulio Vargas visto pelas classes conservadoras	124
O Presidente Vargas e os esportes	76	O Governo do Brasil na opinião da imprensa mundial	125
Ouvindo as crianças e atendendo aos humildes	78	O Presidente Getulio Vargas e a cruzada nacional contra o mocambo	126
O Brasil conhece o Presidente Vargas	79	O Governo do Presidente Vargas e o ensino da literatura	127
Um Presidente que conhece o seu país do extremo a extremo	80	Getulio Vargas o amigo de São Paulo	129
Getulio Vargas patrono da juventude brasileira	84	As classes conservadoras de São Paulo e o Presidente Vargas	132
Getulio Vargas e as belas artes	88		
O Presidente Vargas visto por um historiador argentino	96	TRICOMIAS:	
Getulio Vargas em São Borja	97	S. Ex. o Sr. Dr. Getulio Dornelles Vargas	43
Um naturalista que prefere S. Borja a Paris	100	Cardial Dom Sebastião Leme	61
		Juventude	95





O PRESIDENTE GETULIO VARGAS

Visão pelos escritores
e jornalistas
contemporâneos

CASSIANO RICARDO

A obra do Presidente Getulio Vargas, consubstanciada no Estado Novo, não é um produto puramente político. A sua base é toda cultural e social, é a própria inteligência das nossas peculiaridades políticas e sociais. Todos sabemos, aliás, que as condições do mundo atual exigem o conceito do destino da cultura hoje posta entre as forças sociais capazes de influir decisivamente na estruturação de um novo tipo de civilização humana. Nesse sistema de criação a função da cultura é tanto mais criadora quanto mais possa contribuir para a fixação das normas políticas, econômicas e psicológicas da sociedade em cujo destino deve intervir. Dadas as condições do nosso país, cabe ao Estado brasileiro promover a defesa da cultura brasileira e cooperar, por meio dela, na fixação da mentalidade nacional, apropriada de uma realização plena do nosso destino histórico. Tais objetivos, longe de envolver compressão à livre expressão do pensamento, assegurada pela Carta de 10 de novembro, visam possibilitar estudos e pesquisas que interessam ao conceito de civilização brasileira, combater idéias exóticas e prejudiciais, elevar o exercício da inteligência e retirar ao Estado qualquer caráter policial e repressor no domínio da cultura.

CARLOS MAUL

NAS galerias de varões proclaros de toda a parte, nos homens-sinteses que repletam no panorama da história em determinados instantes, poder-se-ia destacar os paradigmas de Getulio Vargas, porque ha um traço comum e familiar nesses indivíduos que em certa hora são a transfiguração, a sublimação de forças da sua gente. Essas semelhanças, essas identidades psicológicas, definem a grandeza de cada um deles e deixam claro que a sua eclosão não é um absurdo. Mas o fenomeno Getulio Vargas é brasileiro, corresponde ao nosso mundo moral e não tem com os de outros parâmetros senão a afinidade natural que existe entre duas grandezas, porque são grandezas, embora diferentes estruturalmente.

BERILO NEVES

GETULIO VARGAS é o Cavaleiro Andante do Brasil. A Pátria é a única paixão desvairada desse homem sem paixões nem desvarios... Sua biografia é um capítulo da História Nacional. É seu Evangelho - a Constituição do Estado Novo.

Pedro II tinha o culto da Educação! Caxias, o da Ordem! Getulio Vargas, o da Saúde! Rio Branco, o da Paz Continental... Getulio Vargas fundiu todos esses ideais num só ideal, e ama ao Brasil como a um todo. Sua maior virtude política é a faculdade de ver em conjunto. Não dissocia os problemas, nem fragmenta as paisagens. Filho dos Pampas, tem, como os marinheiros, a visão afelta aos panoramas sem fim. Os horizontes recuam diante de seu olhar águia solitária. A unidade do Brasil, salvou-a Caxias no Império e Vargas, na República. O primeiro, com a força das armas! o segundo, com a sabedoria das leis...

É tão amazoneense como gaúcho. Fez da Política um instrumento de grandeza da Pátria. E, depois de tantos triunfos, continua a ser o que era em São Borja, há 40 anos: um apaixonado, cuja Dulcinéia tem os olhos verdes das nossas florestas, a cor morena de nossas mulheres, e ora se chama Iracema, ora Paraguassú, ou Marília...

JOSE' MARIA BELLO

NÃO tenho a menor hesitação em afirmar que, psicologicamente, é o senhor Getúlio Vargas a figura mais interessante que já se viu no cenário político do nosso país. Acredito que, tanto quanto os seus ocoevos, os historiadores futuros da agitada República brasileira se detirão perplexos ante a sua personalidade, preferindo julgá-la de acordo com a regra evangélica: a árvore pelos frutos... Mas, de todas as constâncias do senhor Getúlio Vargas, é a tolerância que melhor o afirmou nas simpatias dos brasileiros. E a tolerância é a expressão das melhores virtudes da inteligência e dos sentimentos, forma de compreensão superior da vida, certeza moral da relatividade humana, fonte de paciência e tenacidade de no esforço, e seiva onde se alimenta o desejo de esquecer, perdoar e seguir avante...

PEDRO CALMON

ELOQUÊNCIA é nitidez de expressão, é clareza e propriedade de forma, é a arte de dizer, com palavras insubstituíveis, pensamentos fortemente traduzidos. É exposição simples, mas persuasiva, vibrante e lógica. O presidente Getúlio Vargas é um orador inconfundível. Não tem os excessos retóricos peculiares à imaginação imprudente nem a avareza verbal dos lacônios: mas, no seu estilo característico, a sobriedade justa e elegante de co, a sobriedade que lhe parece indispensável, não fala o que o necessário, não vel, não mais do que o conveniente - sem tirar a oração o seu equilíbrio e a sua harmonia. A nota tônica de seus discursos é a afirmação - vazada em frases energias, que não sacrificam a beleza convencional o vigor que transportam, a ênfase que possuem e transmitem. Os grandes tribunos distinguem-se pelos conceitos que apresentam, muito mais do que pela frondosa declamação: é o segredo de demonstrá-los que os consagra e os eleva. O presidente Getúlio Vargas, desde estudante, como lhe revelam os discursos da mocidade, pertence a essa família intelectual. É um orador primoroso, que dirige e domina a oração com a destreza e a concisão que nos habituamos a apreciar-lhe nas mensagens eloquentes.

HUMBERTO GRANDE

POr ter vitalizado com os melhores fundamentos econômicos e sociais a estrutura do Estado Nacional, que realmente consulta a realidade brasileira, o Presidente Getúlio Vargas no terreno da política criou verdadeira obra de arte, porque, de acordo com o espírito da época e os imperativos da nacionalidade, organizou o país pelo trabalho e beneficiou o nosso trabalhador com a maior soma de direitos e garantias; valorizou assim, ao mesmo tempo, a nossa terra e a nossa gente, instalando a grande siderurgia, para conquistar a nossa emancipação econômica, e prodigalizando ao povo a mais sabia legislação social, para tornar a vida dos brasileiros digna do nome, razão pela qual este grande estadista já imortalizou o seu nome nas páginas da nossa história.

S. Excia. alcançou esse magnífico resultado e conduziu com segurança os destinos da nossa Pátria, por ser sensato, comedido e cheio de experiência; sabe de como proceder nas mais difíceis circunstâncias, em virtude de conhecer a realidade brasileira, as suas possibilidades, e por isso não promete o impossível, não cria no espírito popular falsas ilusões, que depois os fatos desmentem. Deste modo, não se desmoraliza com afirmações vazias, destituídas de sentido. Não conta com força inexistente. Detesta atitudes teatrais, e o que mais aprecia é o bom senso, a calma e a serenidade; avalia devidamente o poder da persistência e tenacidade, e, acima de tudo, prestigia o trabalho honesto nas suas mais diferentes manifestações, quer material ou espiritual, de vez que seja produtivo e rendoso, e de interesse coletivo e nacional.

ALMIR DE ANDRADE

○ Presidente Getúlio Vargas conseguiu realizar no seu governo uma concepção da vida pública, que estava de há muito em germe no coração brasileiro: uma forma de democracia liberal, a democracia de forma e de palavras, mas uma democracia de trabalho e de ação, uma democracia de equidade e, ao mesmo tempo, de seleção de capacidades e de valores. Deu-nos o atual Presidente da República uma lição prática e eficiente de que é possível, senão necessário, transformar a função de governo mais numa função de servir, do que numa função de mando e de egoísmo dominador: governar é servir a nação e aos interesses da nação; o governo é um serviço público que, como todos os serviços públicos, é feito para o povo, no interesse do seu bem-estar, do seu progresso e da sua felicidade.

PIRES DO RIO

GUIADO por autêntico estadista, de superior inteligência, de ampla cultura, de exemplar conduta pessoal, de patriotismo vigilante, acha-se o destino do Brasil, em hora grave de perigos na história do mundo civilizado, entregue a mãos firmes e experimentadas, em que poderá confiar sem reservas.

RAUL DE AZEVEDO

○ Sr. GETULIO VARGAS é um Símbolo da própria Nação. Entre o seu pensamento escrito e as suas atitudes, há equilíbrio e harmonia. É um estadista de recorte moderno, à Churchill e à Roosevelt. Quando chegar o dia da Vitória, e o mundo civilizado vibrar de alegrias, a democracia triunfante, a Paz será cimentada dentro das idéias getulianas, o Estado Novo servindo de alicerce generalizado para a Carta universal, adaptado com as modificações naturais para cada povo e País. Ele avançou a nossa Pátria de meio século, e assegurou os seus destinos, fazendo-a entrar ativamente na guerra, em desafronta da nossa Bandeira, e será um dos ditadores da Paz. É o Homem do momento do Brasil. É um dos expoentes lídicos da Raça.

OSVALDO ORICO

○ Presidente Vargas não é uma expressão política que tenha despontado no panorama nacional como uma província de ocasião; é uma força que participa da mais pura tradição brasileira e se projeta para o futuro como a imagem mais completa da grandeza de nosso tempo.

M. PAULO FILHO

A História recolherá o nome do Senhor Getúlio Vargas como o de um político e homem de Estado que soube e pôde realizar uma bela obra administrativa. Essa obra resumiu-se na unidade nacional. Quero dizer, unidade de pensamento e de ação, visando a coesão brasileira para melhor compreensão dos destinos do País. Ainda é cedo para se fazer o julgamento seguro dessa conquista. Sem abolir a Federação, oriada precisamente para unir, mas que desuniu, o Senhor Getúlio Vargas retificou-a, corrigindo-a, sem necessidade dos partidos tumultuosos, mas procurando, antes de tudo, apoiar-se na opinião popular. Hoje, a idéia de reconstruir, aperfeiçoando e progredindo, espiritual e materialmente, é uma só, qualquer que seja o Centro regional onde ela apareça e venha a ser examinada.

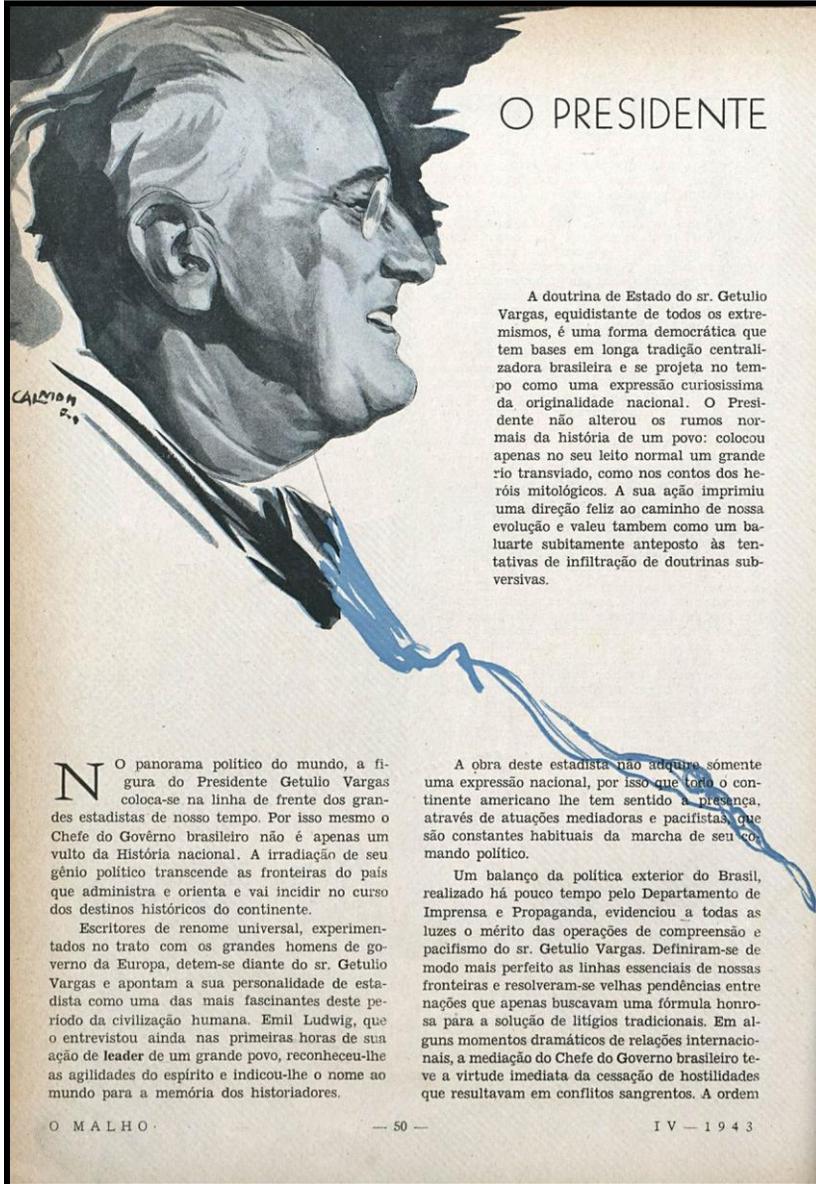
Mas no Senhor Getúlio Vargas não há que identificar apenas o estadista. Cumpre também distinguir nele o orador e o escritor. Sua eloquência tem o senso da proporção e é correta. Diz o que pensa e sabe, dizendo com absoluta segurança. É claro, objetivo, direto. Imaginar-se-ia um modelo de parlamentar britânico da velha escola. Seus ensaios e conferências, de caráter histórico ou de natureza sociológica, num estilo que indica o prosador de boa classe, são trabalhos em condições de figurar nas Antologias. Conhece a terra, o indivíduo e o meio. Outros, antes dele e na presidência da República, com certeza que também assim conheceram. O Senhor Getúlio Vargas, entretanto, fixando aspectos, desenhando paisagens e penetrando a psicologia, foi além, afirmando-se o escritor. Com a vantagem, acrescentarei: ama a língua portuguesa, cultivando-a como quem se descobre de um dever.

ELOY PONTES

SERIA necessária uma série de volumes encorpados e exaustivos para dar as imagens perfeitas e completas da ação do Presidente Vargas no Governo. Esse governo sempre se caracterizou pela energia e pelo conhecimento das impaciências nacionais, em face dos justos e dos influxos que nos chegam de todo o mundo. Por isso mesmo o Brasil compreendeu os compromissos tomados, prestigiando o Chefes do Governo, cada vez que uma ameaça exigiu, renovando-lhe o mandato, cada vez que isto pareceu indispensável, e confirmando, a cada passo, a confiança serena no futuro.

ANIBAL FREIRE

O presidente Getúlio Vargas age sob o signo da predeterminação para o sucesso. Essa capacidade singular se revigora na experiência singular e se desce ao intuito de penetração das necessidades coletivas e características dos condutores de povos justos e sagazes e na facilidade de equilíbrio, na juxtaposição dos valores da hierarquia social.



O PRESIDENTE

A doutrina de Estado do sr. Getúlio Vargas, equidistante de todos os extremismos, é uma forma democrática que tem bases em longa tradição centralizadora brasileira e se projeta no tempo como uma expressão curiosíssima da originalidade nacional. O Presidente não alterou os rumos normais da história de um povo: colocou apenas no seu leito normal um grande rio transviado, como nos contos dos heróis mitológicos. A sua ação imprimiu uma direção feliz ao caminho de nossa evolução e valeu também como um baluarte subitamente anteposto às tentativas de infiltração de doutrinas subversivas.

N O panorama político do mundo, a figura do Presidente Getúlio Vargas coloca-se na linha de frente dos grandes estadistas de nosso tempo. Por isso mesmo o Chefe do Governo brasileiro não é apenas um vulto da História nacional. A irradiação de seu gênio político transcende as fronteiras do país que administra e orienta e vai incidir no curso dos destinos históricos do continente.

Escritores de renome universal, experimentados no trato com os grandes homens de governo da Europa, detem-se diante do sr. Getúlio Vargas e apontam a sua personalidade de estadista como uma das mais fascinantes deste período da civilização humana. Emil Ludwig, que o entrevistou ainda nas primeiras horas de sua ação de leader de um grande povo, reconheceu-lhe as agildades do espírito e indicou-lhe o nome ao mundo para a memória dos historiadores.

A obra deste estadista não adquire somente uma expressão nacional, por isso que todo o continente americano lhe tem sentido a presença, através de atuações mediadoras e pacifistas, que são constantes habituais da marcha de seu comando político.

Um balanço da política exterior do Brasil, realizado há pouco tempo pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, evidenciou a todas as luzes o mérito das operações de compreensão e pacifismo do sr. Getúlio Vargas. Definiram-se de modo mais perfeito as linhas essenciais de nossas fronteiras e resolveram-se velhas pendências entre nações que apenas buscavam uma fórmula honrosa para a solução de litígios tradicionais. Em alguns momentos dramáticos de relações internacionais, a mediação do Chefe do Governo brasileiro teve a virtude imediata da cessação de hostilidades que resultavam em conflitos sangrentos. A ordem

GETULIO VARGAS

*na opinião dos grandes
cultos do nosso tempo*

foi restabelecida em vários pontos da América, graças às soluções propostas às desavenças pelo seu equilíbrio de estadista. As relações do Brasil com os demais países do continente orientaram-se sempre no propósito de entendimentos recíprocos, e os numerosos convênios firmados com o nosso govêrno atestam uma ação ininterrupta em prol de uma compreensão mais firme e um mútuo auxílio das nações americanas. Tratados e protocolos marcam, hoje, laços de aproximação mais estreita, e a nossa Pátria destruída em todo o continente uma situação de respeito às convenções e acatamento aos critérios jurídicos de cada povo, desta parte do ocidente. Dirigindo e inspirando estes trabalhos de união cada vez maior da família de nações americanas, o sr. Getúlio Vargas não descança, porque ele sabe, e o tem afirmado em numerosas ocasiões, que só o amor constrói para a eternidade.

Nessa conduta política repousam as razões de ser da popularidade e da simpatia que aureola o sr. Getúlio Vargas em qualquer parte das Américas. Qualquer dos povos livres que habitam este continente tem no estadista brasileiro o exemplo do homem dos julgamentos retílineos que possui no mais alto grão a vocação da justiça e a



IV — 1943

— 51 —

O MALHO



"Estamos com Getúlio Vargas!" dizem os estudantes ao redator de O MALHO na sede da União Nacional de Estudantes.

O QUE A MOCIDADE PENSA DE GETULIO VARGAS

A União Nacional de Estudantes tem sua sede por dádiva especial do Presidente Getúlio Vargas. O edifício pertencia ao antigo Club Germania. É imponente, amplo e mobiliado luxuosamente, com uma fachada severa, onde bate em cheio o vento que sopra da praia do Flamengo. Na noite em que o redator de O MALHO visitou a U.N.E., afim de ouvir os líderes da juventude sobre a personalidade do Chefe da Nação, os estudantes ali estavam para reverenciar a memória de um morto ilustre, numa justa e sentida homenagem a Afranio de Melo Franco. Uma visita às dependências do prédio foi suficiente para ter uma impressão da vida que ali levavam, até o momento da rutura das relações com os países do Eixo, os funcionários diplomáticos da Alemanha, os simpatizantes do nazismo devorador e os espíões a serviço de Hitler. Então, se reforçou no espírito do jornalista a convicção de que o governo brasileiro não poderia ter dado melhor destino àquela casa, senão entregá-la à U.N.E., que ali instalou os seus escritórios e concentrou os seus expoentes, na organização do Quartel-General da Mocidade Brasileira contra o quinta-colunismo.

— Que tal um jantarzinho?

— Ótimo!

Um serviço de assistência alimentar, eficientemente organizado, mantém um restaurante no salão

de refeições da U.N.E.. Os estudantes que ali fazem suas refeições passam carregando enormes bandejas, com a alimentação padronizada por técnicos oficiais, enquanto outros, em pequenas mesas, conversam ou comem. A política externa e interna, os assuntos privados, os problemas escolares, as passeatas, os estudos, tudo ali se discute, enquanto uma anedota maliciosa ou uma ironia puramente acadêmica, cortando o fio da conversa, empresta um tom jovial ao ambiente iluminado.

A juventude nacional jamais constituiu clima para as doutrinas de violências. Sempre foi uma fonte de luta e reação, desde Felipe Patroni, que ergueu sua voz, no Norte, em favor do constitucionalismo e recriminou, de frente a D. João VI, no próprio Paço de Lisboa, até Bento Gurgel, que levantou barricadas e empunhou armas para barrar a invasão estrangeira. E nestes últimos anos da vida brasileira, os Patroni e os Bento Gurgel se multiplicaram nas Universidades, combatendo energicamente os propagandistas do facismo, denunciando, de viva voz, os nazistas que se embaçavam nas cortinas verdes do Sigma, fortalecendo os redutos da democracia e cooperando com o governo na política de renascimento das forças vivas da nação. Encontraram em Getúlio Vargas e em Roosevelt os líderes dos seus ideais, do mesmo modo que em Rui, o mestre de sua consciência de liberdade.

O que caracteriza os verdadeiros homens públicos, é precisamente não se pertencerem. Equivale a dizer: são homens que, pela sua situação, estão tacitamente a mercê do julgamento de todos, podem ser apreciados indistintamente, sob os mais diversos ângulos de observação, pois que necessariamente serão múltiplos os aspectos que suas personalidades oferecerão aos seus contemporâneos.

Quanto mais, pois, um indivíduo avulta e cresce, sobre o estalão comum, destacando-se entre os que o cercam, tanto mais se coloca em situação de ser olhado, analisado, comentado, julgado, enfiado.

No Brasil, até os nossos dias, nenhum estadista lograra ainda essa situação excepcional, de despertar o interesse de todas as classes e camadas sociais, com a mesma intensidade com que o conseguiu o Presidente Getúlio Vargas, e isso não só decorre da oportunidade com que o unificador brasileiro surgiu no cenário político e administrativo do País, como das múltiplas qualidades que lhe ornaram a personalidade.

Talvez porque, dadas as circunstâncias que cercaram o instante do seu advento, o creador do Estado Nacional se teve de

iniciá-lo, para lhes dar novas diretrizes, em todas as fôrmas de atividade nacional, impondo seus próprios princípios renovadores, sua própria orientação, indistintamente a todos os meios de atividade, o fato é que conseguiu arrancar o nosso povo do tradicional desinteresse pela ação dos homens de governo com objetivo de análise, de estudo e de julgamento.

E, assim, não há hoje um só brasileiro que não tenha a sua opinião formada e assentada sobre o homem que, emergindo de uma Revolução, em pouco mais de um decênio conseguiu despertar a um grau verdadeiramente apreciável a alma de todo um povo, seu ardor patriótico, seu dinamismo e sua fé num futuro que será, indiscutivelmente, portentosa realidade.

E para que se possa vêr até que ponto isso ocorre, basta citar um



O Presidente GETULIO VARGAS Visto pelas Crianças



simple fato: nunca, até aqui, o interesse pela ação de um governante conseguira chegar até os meios infantis. Só depois de adultos os brasileiros começavam a demonstrar relativo interesse pelos homens públicos nacionais, sua ação administrativa e social.

Ainda recentemente, entretanto, o mensário infantil "O T I C O - T I C O", lançou curioso concurso, através do qual seus milhares de leitores tinham de expor, em frases sintéticas, suas opiniões e conceitos sobre o Presidente Getúlio Vargas. "O despertador do gigante" — foi a legenda vitoriosa, de autoria de um pequeno carioca, Joppert da Costa, que recebeu o prêmio pelo seu esplêndido poder de síntese.

"O nosso querido Presidente é o novo Papai Noel das crianças brasileiras", foi a resposta de um menino pernambucano, Carlos Alberto Carneiro Leão, segundo colocado.

"Suas mãos, contendo as rédeas do governo, são leves como pluma e fortes como aço", opinou uma garota paraibana, Terezinha Nunes de Figueiredo.

"A vida do Presidente Vargas é um catecismo para a infância brasileira", escreveu Celso Antonio de Souza e Silva.

E o menino Raimundo R. B. de Oliveira, quinto colocado, na sua ingenuidade sincera, assim se expressou: "Para mim, Getúlio Vargas é maior do que Tarzan das Florestas."

Ai está, espontâneo, singelo, o ponto de vista infantil, nesse certame, a que concorreram mais de quarenta mil crianças, todas possuidoras de um conceito, um juízo formado sobre o Chefe do Governo.

Nas páginas que se seguem, aliás, divulgamos algumas das legendas que nos foram enviadas, por onde se verá como, até mesmo entre as crianças, a personalidade e a ação do Presidente Getúlio Vargas conseguiram despertar entusiasmo, fé e confiança, confiança e fé que estão ligadas aos destinos do próprio Brasil.

Getulio Vargas, o grande Presidente,
vinculada de norte a sul no coração dos brasileiros.
(Aqui a legenda)

NOME: Haroldo Fonseca Maciel IDADE: 13
RUA: Praça Manoel Ribas Nº: 120
CIDADE: Castro ESTADO: Paraná

O Brasil deve orgulhar-se de ter a
sua frente. Tão grande honra.
(Aqui a legenda)

NOME: Edilton Pereira IDADE: 13
RUA: Alameda Costa Nº: 124
CIDADE: Teresopolis ESTADO: Rio de Janeiro

O Presidente Vargas é o homem que tanto
conquistar com justiça a admiração dos brasileiros.
(Aqui a legenda)

NOME: Massimiliano Francisco IDADE: 7 anos
RUA: Itassandira Nº: 27
CIDADE: Itassandira ESTADO: Ceará

Dr. Getulio Vargas, a esperança do Brasil.
(Aqui a legenda)

NOME: João Lopes IDADE: 6 anos
RUA: João Miguel Costa Nº: 441
CIDADE: Itaboraí ESTADO: Rio de Janeiro

Getulio Vargas, o primeiro A do Brasil,
amigo de infância e identidade de juventude para
o do Brasil.
(Aqui a legenda)

NOME: Ridda de Paula Gomes IDADE: 12 anos
RUA: Rua Cito Nº: 60
CIDADE: Belo Horizonte ESTADO: Minas Gerais

Getúlio Vargas o herde dos pampas e orgulho do Brasil novo
 (Aqui a legenda)
 NOME: Getúlio Vargas
 RUA: Rua da Liberdade e Liberdade
 CIDADE: Porto Alegre
 IDADE: 9 anos
 N.º: 19.62
 ESTADO: Rio Grande Sul

Hols d'América do momento: simbo-
 le da paz e do progresso
 (Aqui a legenda)
 NOME: Maria Alice Duarte
 RUA: Rua da Conceição
 CIDADE: Recife
 IDADE: 11 anos
 N.º: 158
 ESTADO: Pernambuco

Getúlio Vargas
 (Aqui a legenda)
 NOME: Fernando N. N. N.
 RUA: Rua da Liberdade
 CIDADE: Rio de Janeiro
 IDADE: 7 anos
 N.º: 300
 ESTADO: Rio de Janeiro

Getúlio Vargas, gigante esteio do colossal Brasil!
 (Aqui a legenda)
 NOME: Lúcia Gomes da Silva
 RUA: Rua da Liberdade
 CIDADE: Distrito Federal
 IDADE: 9
 N.º: 107
 ESTADO: Distrito Federal

As crianças brasileiras de paratido suazite
 (Aqui a legenda)
 NOME: Lúcia Gomes da Silva
 RUA: Rua da Liberdade
 CIDADE: Brasília
 IDADE: 11 anos
 N.º: 58
 ESTADO: Brasília

GETULIO NO CONCEITO DO

O equilíbrio das relações entre o poder espiritual e o poder temporal é uma das maiores afirmações do governo Getúlio Vargas. O Estado e a Igreja tem as suas atribuições perfeitamente delimitadas. Cada qual no seu setor, exercem funções distintas: um comanda as atividades do cidadão e outro disciplina a formação moral do fiel. E seem encontrar-se, afinal, numa tarefa comum: o progresso e a preservação dos destinos do Brasil. Não há clima para os desentendimentos em que foi tão fértil o passado histórico. Há uma harmoniosa colaboração, que preside todos os atos e vincula todas as iniciativas. E, numa sucessão natural, o valor dessa obra faz surgir o apreço pelo homem que a impulsionou e mantém. Clarezza, pois, Getúlio Vargas com a admiração e o apreço do clero brasileiro. As palavras estampadas nesta página refletem o modo pelo qual os sacerdotes do país encaram o estadista que governa a Nação.

O Cardeal Sebastião Leme sempre acompanha com a sua fé religiosa e a sua admiração de brasileiro as manifestações da individualidade do Presidente Getúlio Vargas. Um dos testemunhos mais eloquentes do sentimento com que aprendia a obra do homem e do estadista está consubstanciado na circular que Sua Eminência escreveu pouco antes de morrer, datada orientação aos fiéis sobre o estado de guerra e na qual o saudoso Puer assim se refere ao Primeiro Magistrado:

"Como cristãos e como brasileiros, estejamos sempre à altura desta hora de excepcional gravidade. Antes de tudo, disciplina e obediência ao Chefe do Governo, a quem a Providência confiou, nesta hora de tão pesadas responsabilidades, os destinos do Brasil. Rezemos pelo Chefe da Nação e todos os que com ele trabalham, afim de que Deus os assista na árdua tarefa de conservar unidos os brasileiros e conduzi-los à tranquilidade de uma paz digna e honrosa".

O MALHO



Esta uma fotografia cuja expressão é a melhor das legendas. O Cardeal Dom Sebastião Leme e Getúlio Vargas num precioso instante que fixou para

— 58 —

IV — 1943

VARGAS CLERO BRASILEIRO



a história a amizade perfeita que identifica os dois grandes chefes, ambos empenhados, um no terreno espiritual outro no domínio temporal, pela maior glória e exaltação de Deus e do Brasil.

IV — 1943

— 59 —

S AO de D. José Gaspar de Afonseca e Silva, Arcebispo Metropolitano de São Paulo, as expressões que se seguem:

"Ostendem-se nesta hora, nas efusões do patriotismo, todas as contas a ajustar, porque se credite mais amor ao Brasil, agora que é requer a união de todos os seus filhos. Ela nos ensinará, sobretudo, a orar, confiar e lutar — orar, para que o Senhor nos proteja; confiar, para que a sua Misericórdia se agrade de nossa esperança; lutar contra nossos piores e contra nós mesmos, que só assim seremos melhores soldados para o Brasil e cristãos mais fervorosos para Deus e a Igreja. Para esta grande mobilização espiritual, que deve anteceder à própria mobilização militar, Deus houve por bem conservar a vida e restaurar a saúde do Presidente Getúlio Vargas, pelo que publicamente o bendizem e louvam, hoje, os brasileiros agradecidos. E podemos acrescentar que benditos também sejam os seus sofrimentos passados, que o fizeram mais amado do povo e terão servido para mostrar-lhe, no fundo da consciência, a Imagem de Cristo, que, dest'arte, o que mais perto de si".

D. Aquino Corrêa, Arcebispo de Curitiba, teve as seguintes palavras sobre a personalidade do Chefe da Nação Brasileira:

"Disse o filósofo grego que o juiz deve ser a 'Justiça animada'; o Presidente Getúlio Vargas tem sido a nossa 'Constituição animada', e animado do verdadeiro espírito de brasilidade, que é a alma do Brasil, deste Brasil que, como bem ele já o disse, 'nasceu sob o signo da Cruz'".

O MALHO

FREI Luis Gonzaga Costa, da Ordem dos Franciscanos Menores, assim exprime os conceitos que lhe inspira a alta vocação espiritual que tem iluminado o Presidente Getúlio Vargas na condução das aspirações nacionais:

"Têm sido amplamente divulgados os grandiosos empreendimentos de natureza política, econômica e social do Presidente Getúlio Vargas, merecedores dos melhores elogios. Preferimos, entretanto, focar o governo cristão de Getúlio Vargas. Re-conhecendo no catolicismo o fator preponderante na formação e união do Brasil, perante a formação não só tem concedido o Chefe da Nação não só tem concedido liberdade como também prestigiado a religião católica, em todos os setores de sua atividade. Suas leis de assistência social vasaram-se nas encíclicas "Rerum Novarum", de Leão XIII e "Quadragesimo Anno", de Pio XI. Repetidas vezes tem insistido, em seus discursos, na defesa do patrimônio cristão do povo brasileiro. Rompeu com o ateísmo oficial, que durante quarenta anos tanto prejudicou a formação da nossa mocidade. Nas escolas ensinam-se os princípios cristãos. Nas clínicas armadas proporciona-se assistência religiosa. Em todos os atos públicos procura Getúlio Vargas inspirar-se nas tradições cristãs de nossa Pátria. Só esta face do nosso Presidente nos bastaria para que o considerássemos um governo providencial. Deus não-lo conserve por muitos anos no governo, para o bem espiritual e material de nossa estremecida Pátria."

O padre Assis Memoria, assim externa seu pensamento sobre Getúlio Vargas:

"Venceu sempre porque realizou a famosa máxima do grande Talleyrand: Jamais se perturbar, jamais se apressar."

MONSENHOR Henrique Magalhães, orador sacro que todo o Brasil conhece, escreveu para *O MALHO* os conceitos abaixo:

"Há no Presidente Getúlio Vargas um traço de nobreza inconfundível: o elevar o pensamento a Deus, nas horas principais de sua vida. Ora agradecendo os benefícios concedidos à Pátria, ora implorando o auxílio do Todo Poderoso, contra os perigos que nos ameaçam; restituído às atividades do seu posto, sá, pela primeira vez, do palácio do governo, para u'a Missa em ação de graças... e, no mais rude golpe que sofreu seu coração, ele murmura: "Deus levou meu filho!"

MONSENHOR Afonso Mac-Dowell, vigário da matriz de São Francisco Xavier, assim se expressou:

"Sua visão política, seu caráter ímpoluto, suas atitudes decididas fizeram, dentro da harmonia, um milagre — o de trazer ao povo brasileiro o que a humanidade espera no dia da vitória dos ideais cristãos: a justiça social dentro do respeito à soberania de cada uma das nações."





O Presidente Getúlio Vargas quando pronunciava o seu memorável discurso na Reunião dos Chanceleres realizada no Rio, — primeiro passo para a nossa atitude de solidariedade para com os países em guerra contra as nações totalitárias.

● Presidente VARGAS e a GUERRA

O conflito mundial, desencadeado em 1939, encarregou-se de dar ao pensamento político do Sr. Getúlio Vargas um sentido universal. Suas opiniões de estadista, corre um raio de influencia então circunscrito em seus movimentos normais ao ambiente continental das Américas — viviam a impor-se, em breve espaço de tempo, ao curso da conflagração que irrompera na Europa com o propósito de esmagar as liberdades humanas.

IV — 1943

A guerra, de início, parecia retringir-se a um choque de potencias do velho continente. Mas a luta, em breve, desnudou as próprias raízes. E verificou-se que era uma nova filosofia de vida que, a serviço da força técnica-mente controlada e dirigida, procurava banir da civilização o conceito da liberdade. Não era apenas a Europa o teatro dos combates das nações beligerantes. Os mares haviam sido infestados de corsarios que fugiam dos combates leais e agiam na sombra, na técnica solerte

— 63 —

O MALHO



Flagrante da histórica reunião ministerial presidida pelo Presidente Getúlio Vargas, da qual resultou o reconhecimento pelo Brasil, do estado de belligerancia com as nações do Rio, após o atentado à nossa soberania.

dos ataques de surpresa. Nos países pacíficos, que buscavam ansiosamente a manutenção de princípios de neutralidade, passaram a agir os legionários dos credos totalitários — e nas cidades, que podiam ser aparentemente consideradas como seguros refúgios da humanidade, se tenham consolidado algumas das mais importantes bases de operações, através de serviços de espionagem convenientemente dissimulados. As Américas foram, sobretudo, o alvo predileto dessas emboscadas silenciosas.

O ambiente democrático do Novo Continente representou o terreno propício da infiltração criminosa. A sombra das nossas bandeiras acostumaramo-nos a oferecer acolhimento

O MALHO

— 64 —

amável e hospitalidade franca aos estrangeiros interessados em manter o ritmo e o dinamismo da civilização americana. Tanto bastou para que esses elementos se movimentassem como forças diabólicas, buscando semear as dissensões e os odios, na calculada organização da anarquia que serviria como prelúdio da arrancada totalitária.

A América compreendeu a tempo essa obra tacrurna dos conquistadores profissionais. Aos primeiros sinais da reação americana, denunciados pela repulsa às imitações indígenas das doutrinas subversivas, houve certa desorientação entre os aventureiros internacionais. E as camarilhas políticas de que eram

I V — 1943

agentes numa ação de vanguarda dissimulada entraram a proclamar ameaças vãs contra as atitudes naturais dos governos americanos. As ameaças sucederam as vedidas. Navios pacíficos, que singravam os oceanos a serviço de uma marinha mercante de povos neutros, entraram a ser atacados e postos a pique, sob a alegação de que estavam operando em prol de nações em guerra. De nada valiam as bandeiras que tremulavam nos mastros e convidavam ao respeito das normas primárias do direito internacional. Não se considerava também a circunstancia de que eram embarcações desarmadas, que confiavam na conciencia jurídica dos povos em lutas e consideravam a presença

I V — 1943

simbólica de um pavilhão como uma garantia das rotas seguras pelos mares.

Em 1941, inesperadamente, o conflito vem ferir em cheio a comunhão dos povos da América. A ação do Sr. Getúlio Vargas, que até a época estivera circunscrita ao continente, adquiriu instantaneamente uma direção universal. O apelo por ele oferecido no revide ao ultrage traiçoeiro de Pearl Harbour foi o toque de reunir das nações americanas. O conclave das Repúblicas do Continente, realizado no Rio de Janeiro, recebeu do Brasil, pela orientação de seu Presidente, mais do que um estímulo de protocolo: demos nessa hora uma adesão imediata para a solução proposta como

— 65 —

O MALHO



Expressiva documentação fotográfica do histórico encontro dos Presidentes Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt em Natal, para a "Conferência do Rio Potengi" em que os dois "leaders" americanos discutiram pontos essenciais da intensificação da guerra.

o único caminho a seguir na defesa da América insultada. Mais tarde, a atuação do Sr. Getúlio Vargas se completava, quando, após a verificação de atos de pirataria e banditismo praticados em nossas águas territoriais, aceitamos o desafio dos agressores e consideramos a guerra como a resposta aberta aos corsários que agiam á socapa.

Com a orientação do Sr. Getúlio Vargas o Brasil já foi além de uma simples inclusão de nosso país na relação das nações unidas e empenhadas na destruição das forças do mal. O encontro do Chefe brasileiro com o Presidente Roosevelt, verificado na cidade de Na-

tal, assinala mais um avanço de nossa política num sentido universal: a adesão à Carta do Atlântico. Nossas indústrias e nossas forças de terra, mar e ar estão lutando para que em breve desapareça da fisionomia do mundo a teoria da força como um princípio de direito.

O Sr. Getúlio Vargas é, hoje, com mais esse rumo de sua política, um chefe de governo cujo pensamento está influenciando nos destinos do mundo. E a História, que já lhe conferiu o título de vulto ilustre das Américas, está convertendo o seu tipo de estadista em cidadão do mundo.



O Exemplo de uma GRANDE VIDA

E' preciso que a alma do futuro entenda a do passado". Foi assim que o senhor Getúlio Vargas, em conceito lapidário que tem a força de uma sentença pas-caliana, definiu o movimento segundo o qual os historiadores recuam no tempo para encontrar no labirinto dos dias decorridos a ponta do fio de Ariadne que tem sido desenrolado ininterruptamente pelas gerações que se sucedem. Cada aspecto da vida serial de um povo, uma época determinada, é um quadro de linhas nítidas, cujo bosquejo de contornos esmaecidos pode ser encontrado no preférito. Nada escapa a essa lei inflexível. As gerações se explicam na biografia das que as precederam no curso do tempo.

Com a teoria contida no conceito modelar do sr. Getúlio Vargas os biógrafos e os historiadores têm diante de si o caminho que poderá explicar satisfatoriamente a vocação política do Chefe do Governo. Joaquim Nabuco, no capítulo famoso sobre o Engenho de Massangana, nas páginas de "Minha Formação", lembrou que os filhos dos pescadores sentirão sempre debaixo dos pés o roçar das areias da praia e ouvirão o ruído da vaga. Todo o destino de um homem está misteriosamente unido aos dias distantes da sua infância. As impressões recebidas nessas horas preliminares da vida são tatuagens que marcam de maneira indelével os roteiros do homem, que ele deverá brilhar e seguir sempre que aspirar permanecer fiel a si mesmo.

A conduta do General Manoel do Nascimento Vargas explica em face da História a vocação política do Presidente Vargas. Na biografia desse ancião venerável deve ser situado o ponto de partida da biografia do Chefe do Governo. E não era sem razão que Emerson, ao ser indagado sobre o tempo em que seria bom iniciar a educa-

ção de uma criança, responder que isso deveria ser feito muitos anos antes de seu nascimento.

A educação do Sr. Getúlio Vargas começou, realmente, muito antes dessa hora sagrada — e podemos situar-lhes as origens no instante em que Manoel do Nascimento Vargas abandona resolutamente um modesto balcão de loja e vai alistar-se como voluntário da defesa do Brasil na Guerra do Paraguai. Nada o retém nessa arranca-da patriótica. Tem vinte anos e uma alma intrépida e cavaleiresca como o Martin Pierro do poema gaúcho. O valor do joven cabo de guerra se assinala pelos galões conquistados e que, de simples soldado a coronel, valem como marcos de bravura uma jornada de heroísmos. Só voltou ao lar quando se havia consolidado a vitória das armas brasileiras. Retornou ao pago natal depois dos derradeiros cartuchos detonados na peleja — e veio viver na paz das fazendas, no honrado cultivo de seu gado. Fazendeiro e coronel do exército, Manoel do Nascimento Vargas, com a sua alma patriota caldeada no rumor e no tropel das batalhas, traz para a família uma sucessão de exemplos heroicos, tão fecundos como o canto daqueles olans que, nas primitivas tribus celtas, eram os insufladores da coragem, através das narrativas que eram os braços da raça glersua. E' nesse clima que o Sr. Getúlio Vargas madrega o seu espírito e traça os rumos definitivos de sua vocação política. A lição do herói das lutas com o Paraguai é um traço que lhe sulca profundamente a consciência. Esse heroísmo ele o recebe, e o mantém. O Brasil vai tonificar-se sob a orientação do estadista que cultivou em São Borja, diante do pampa imenso, os primeiros clarões de seu gênio político.

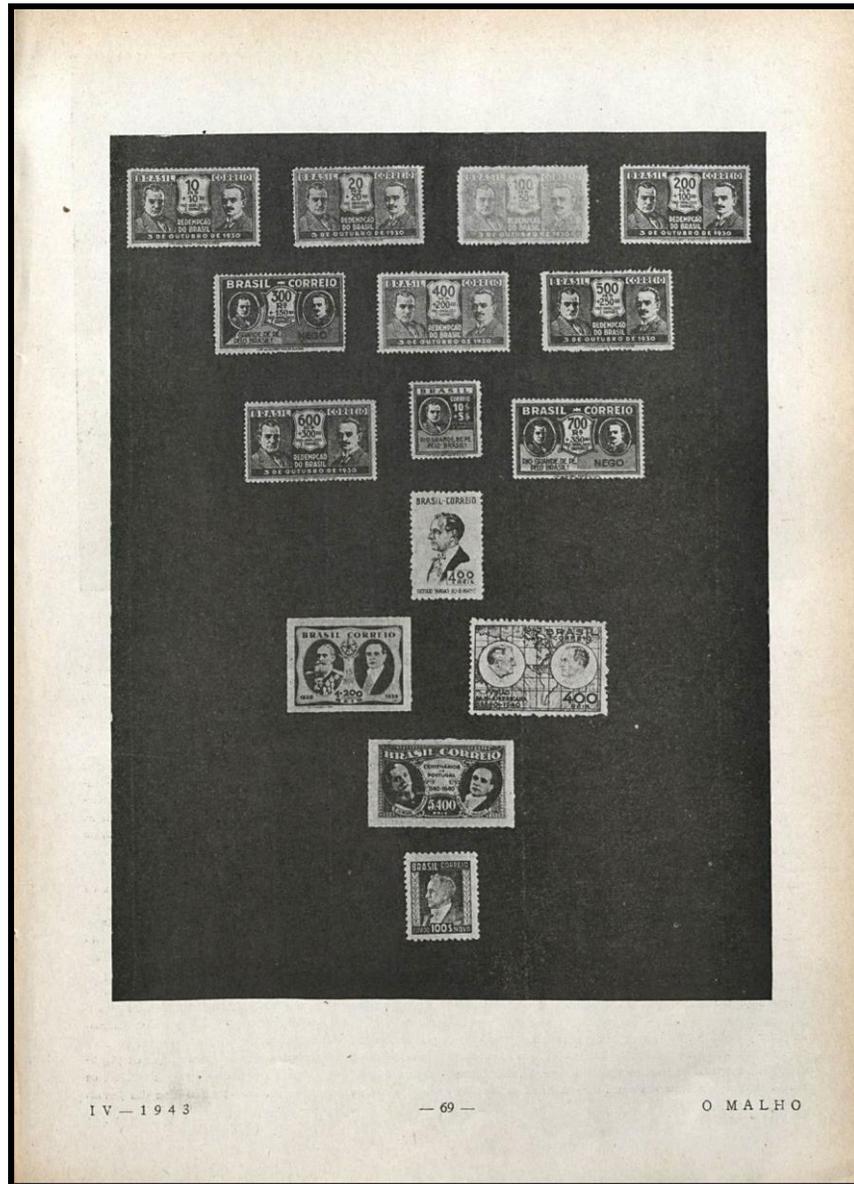
No dia em que se celebra mais um aniversário do Presidente Vargas, o General Manoel do Nascimento Vargas deve ser evocado com o exemplo de sua grande vida. A alma do passado explica a do futuro.



ESTÁ na própria essência da Filatelia fixar, através de suas emissões, que se destinam em parte à posteridade, os vultos e fatos de maior proeminência.

Por isso, o Presidente Getúlio Vargas tem figurado em efígie em diversos exemplares dos selos brasileiros, que permanecerão nas coleções como documentos evocativos da sua passagem à frente dos destinos do Brasil.

Aquí estão, por uma gentileza da Casa Filatelica Santos, Leitão & Cia, reunidos, os selos postais nacionais em que aparece o Chefe do Estado Nacional, desde o início da sua ação, em 1930, após o movimento revolucionário que chefiou para libertar o país, até o Estado Novo.





DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA.

EM numerosas oportunidades de sua jornada de homem de governo, o Presidente Getúlio Vargas tem revelado, por atos e por palavras, a sua compreensão da importância social e política da imprensa brasileira. A própria instituição de um Departamento de Imprensa e Propaganda, com funções caracteriadamente orientadoras, nada máis representa do que a concretização do alto conceito em que o jornal é tido pelo Chefe do Governo. A imprensa assume, com esse órgão, a função de uma das forças que amparam a obra governamental — e a sua atuação se elabora por dois caminhos: pelo exercício da crítica construtiva, que procura dar aos problemas em marcha as soluções melhores e definitivas, e pela educação coletiva, através da orientação sistemática das massas no pensamento político mantenedor da forma institucional do Estado.

Na oração com que, a 16 de Junho de 1936, saudou os seus confrades na Associação Brasileira de Imprensa, o Sr. Getúlio Vargas, depois de reconhecer o valor do jornal na tarefa histórica da reconstrução nacional, traçou o panorama da nossa imprensa em épocas anteriores, quando os interesses políticos partidários e as mal dissimuladas conveniências pessoais armaram o homem de jornal contra os movimentos do poder constituído. Ao invés de um senso de crítica orientado no propósito da grandeza da Pátria — o que se constata era o interesse antinacionalista de solapar os fundamentos do Governo e alterar um curso normal de nossa História

para atender às paixões de um grupo de descontentes. Se de um lado estava essa forma de imprensa, que buscava arremessar à chefia dos destinos nacionais algumas inexpressivas correntes de oposição — encontravam-se, em situação oposta, os panfletários do elogio, que buscavam utilizar a pena com o objetivo de futuros bafejos oficiais. Não os inspirava a finalidade de contribuir para a coesão do País, mas a preocupação de uma notoriedade que lhes poderia ser benéfica. Por isso mesmo o Sr. Getúlio Vargas, após demarcar os rumos das duas correntes de jornal e de resaltar as exceções honrosas, concluiu que si uns não o embriagavam com os seus louvores, outros não o deixaram mal humorado com as suas diatribes.

Foi desse ambiente que se procurou extrair a forma de imprensa que hoje existe no País. De início, definiu-se em termos jurídicos a profissão do jornalista, de modo a estabelecer para o homem de imprensa as prerrogativas e os deveres no desempenho de seu ofício. A sindicalização da classe dilatou-lhe ainda mais o âmbito das garantias oferecidas pelo Estado. Em seguida, demarcou-se uma nova consciência de liberdade para os movimentos de jornal, baseada no princípio de que as atitudes envolvem sempre o princípio da responsabilidade. Com essa providência, a imprensa do País transfigurou-se subitamente: desapareceram logo os pequenos periódicos, cujas únicas finalidades eram as notícias de escândalo e as invectivas atrevidas; as colunas dos jornais



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA.

baniram a presença dos docetos sistemáticos, abrigando, em substituição, as notícias e as informações tendentes a pôr o governo em contato mais estreito com o público; e a crítica, que era fundada em termos de iconoclastia, passou a exercer-se em estilo de serenidade, tornando-se não mais uma força contra o governo, mas um elemento de valor inestimável na orientação desse mesmo governo — a que oferecia combate pelos seus erros sem apontar-lhe, entretanto, os rumos certos a seguir.

Diante desse novo panorama aberto à imprensa brasileira, urgia que se criasse um órgão capaz de supervisionar-lhe os movimentos, de modo a pôr em contato mais estreito o governo e o povo através do jornal. O Departamento de Imprensa e Propaganda, oriundo dessa necessidade, vetu exercê-la sem os desmandos tendenciosos de organizações congêneres em estruturas totalitárias, mas dentro de um princípio de equilíbrio e serenidade determinado por nossa forma de democracia. Supervisionando a imprensa no Brasil, o D. I. P. tem sido, no desempenho dessa tarefa, uma força propulsora. E a fisionomia de nossos jornais e periódicos no presente instante de nossa História reflete o ambiente de seriedade com que os homens de imprensa encaram os problemas do Brasil em marcha. Uma obra educacional se vem processando dia a dia, no sentido de fortalecer a unidade da Pátria e criar relações mais firmes entre o povo e o Governo. E a função social da imprensa, em virtude da qual uma rotativa pôde ser um ponto de partida para transforma-

ção da sociedade — se vem elaborando com propósitos construtivos, reintegrando o País na sua tradição de coesão política.

O Presidente Getúlio Vargas, além de seu gênio político, que lhe permite demarcar no futuro a projeção do Brasil, tem uma consciência muito atilada de todas as nossas instituições sociais através das quais se processa a educação e a direção espiritual das massas. O valor do jornal foi surpreendido pelo Chefe do Governo — e viu ele que toda uma grande obra, que podia ser posta em movimento como construção, estava sendo utilizada como fator negativista de destruição. Em alguns anos, com uma vontade firme, alterou essa fisionomia. E colocou o jornal como um dos alicerces da nova política do Brasil.

A Associação Brasileira de Imprensa, que hoje congrega os homens de jornal de todo o País, orgulha-se de inscrever na relação de seus sócios mais eminentes o nome do Sr. Getúlio Vargas. Ele, que foi um homem de imprensa, nos instantes prenunciadores da Revolução que alterou os destinos do País — não esqueceu o jornal: deu-lhe, com o seu entusiasmo, os rumos que hoje o dignificam. Sob a égide de seu governo, o homem de imprensa foi garantido no exercício da sua função, em um Sindicato de Jornalistas Profissionais, e recebeu assistência social, em uma Associação Brasileira de Imprensa, que é, hoje, monumento nas Américas e orgulho do Brasil.

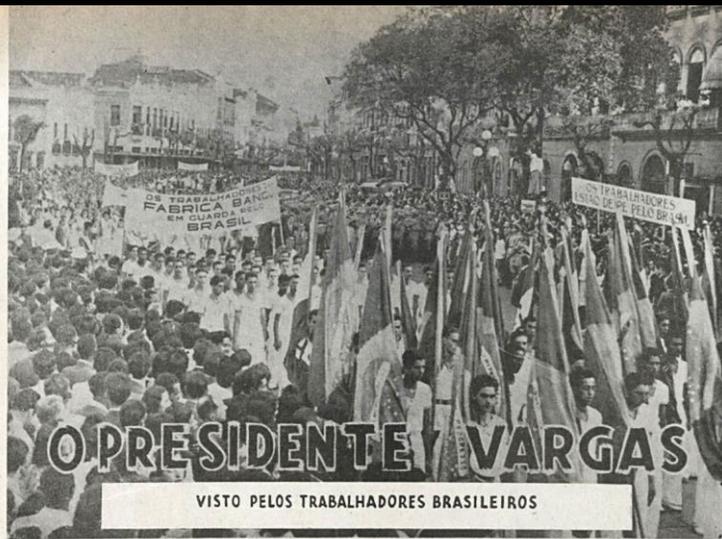


○ PRESIDENTE ENTRE A GENTE SIMPLES

ONDE quer que compareça, em caráter oficial ou como simples cidadão o Presidente Getúlio Vargas, que é com razão considerado um dos mais democráticos Chefes de Estado do mundo, permite que se lhe aproximem as criaturas mais simples e humildes, com as quais

conversa e cujas palavras ouve — com atenção.

Este curioso flagrante foi colhido em Monlevade, Minas e nele se vê o Chefe do Governo em democrática palestra com um velho morador local, que lhe fala com toda a sem-cerimônia.



O PRESIDENTE VARGAS

VISTO PELOS TRABALHADORES BRASILEIROS

Manifestação dos Trabalhadores do Brasil ao Presidente Vargas, num dos grandes instantes da vida nacional.

O prestígio do Sr. Getúlio Vargas é grande entre as classes conservadoras e cresce continuamente no exterior. Mas ainda é maior no meio do proletariado. É que a política social iniciada pelo Presidente desde 1930, quando assumiu o poder, após a vitória da revolução de outubro, foi um verdadeiro movimento de redenção para os trabalhadores brasileiros. Essa política não se limitou a conceder férias, pensões, aposentadorias, jornada de 8 horas: deu assistência e amparo ao trabalhador, deu dignidade ao trabalho.

A popularidade do Presidente Getúlio Vargas entre os operários tornou-se enorme, desde os dias incertos do Governo Provisório, e só tem crescido com o tempo, o que é perfeitamente compreensível, porque, através

de tôdas as vicissitudes, se mantiveram vivas e fortes as linhas mestras da política social.

Para melhor apreciar as raízes da popularidade do Chefe da Nação no meio dos operários brasileiros, realizamos uma rápida "enquete" entre os líderes dos trabalhadores.

E aqui está o que eles nos disseram:

O DEPOIMENTO DE UM EX-DEPUTADO CLASSISTA

Entre os trabalhadores que ouvimos está o sr. Antonio Francisco Carvalhal, ex-deputado classista e atual presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Molinos de Trigo e Fábricas de Biscoitos, que assim se manifestou:

— "Não fôsse a orientação providencial do Dr. Getúlio Var-

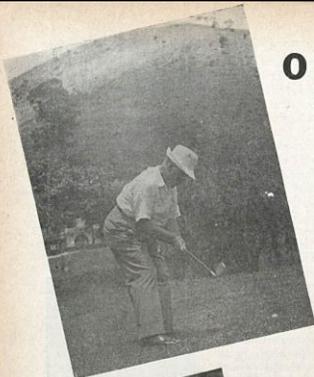
gas, atacando de frente a questão social, o Brasil não estaria gozando a paz de que hoje desfruta apesar de estarmos em guerra, isto porque foi ele que provou ao Mundo que pôde haver harmonia entre o Capital e o Trabalho".

FALA-NOS UM LIDER DOS OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO NAVAL

Ouvimos também o operário Manuel Severo Filho, um dos fundadores e presidente do Sindicato Nacional dos Operários e Empregados na Indústria de Construção Naval, e ele nos disse o seguinte:

— "As leis trabalhistas muito nos tem beneficiado. O Instituto de Aposentadoria e Pensões

O PRESIDENTE



turais do atleta grego. Si o vocabulário das artes e das ciências se acha impregnada da sabedoria de Atenas, por outro lado as palavras gônicas e esporte, incorporadas a algumas línguas modernas, traem também nos seus etímos a presença do povo que venceu todo o longo percurso da estrada de Maratona pelos pés de um soldado ferido.

A idade-média, mercê de sua saturação religiosa, esqueceu a lição da Grécia. Quando, logo depois, a Renascença dispôs e procura restaurar o esplendor do mundo antigo, o que se busca imitar são os autores gregos e latinos, deixando de lado o perfil do atleta que saiu vitorioso nas primeiras olimpíadas. Esse abandono se vem refletir em um grande curso da História, porque robustece uma linha medieval de que a grandeza do espírito independente do cultivo do corpo.

Nossa tradição educacional remonta-se, desde as duas origens, dos mandamentos dessa filosofia estranha. Modernamente, esse sentido erroneo se acha completamente alterado. Coloca-se a educação física num plano de importância e exige-se que a juventude apimore pela ginástica o tipo padrão da raça brasileira. Dos exercícios físicos, realizados em conjuntos nas amplas e modernas praças de espor-



DA velha Grécia nos veio esta lição de suprema sabedoria: a educação perfeita é a que procura desenvolver harmonicamente as forças do espírito e as energias do corpo. Dessa concepção resultaram, como exemplo para as civilizações do futuro, a cultura helênica e as linhas escal-

O MALHO

— 76 —

IV — 1943

VARGAS e os ESPORTES

te, deriva um sadio treinamento do valor social do grupo e transmitem-se lições de solidariedade e nobreza.

A esse movimento, que está dando à educação brasileira a característica da educação integral, o Presidente Getúlio Vargas tem dedicado uma boa parcela de seu interesse e de sua ação. No plano educacional do Estado, o esporte se acha incluído como uma palavra de ordem. E o governo desdobra ainda o seu raio de influência, oferecendo amparo à iniciativa particular, num propósito de oficializar o desporto praticado nos clubes e nas associações.

Mas não é apenas através de providências administrativas que o Presidente Getúlio Vargas demonstra o seu interesse pelos esportes.

Ele compreende o alto valor que representam para a maioria do homem de seu país. Nas grandes cerimônias do esporte nacional, quando se verificam as provas mais católicas de nossa equitação — o Chefe do Governo está qua-

se sempre presente, para contribuir com o seu entusiasmo e a sua vibração para o esplendor dessas competições.

Si o Jockey Clube se honra frequentemente com a assistência de Presidente Vargas, outra praça de esportes, o Country Clube, se orgulha da presença do Chefe do Governo em seu campo de jogos, para o exercício das suas partidas de golf. E são esses os seus esportes preferidos. Dessa forma é com o seu próprio exemplo que o Presidente Vargas revela um vivo interesse pelos exercícios físicos.

Gracias à educação integral, Eurípedes, com a mesma mão com que triunfou nos Jogos Olímpicos, escreve a *Figúria*, que é obra prima nas letras gregas. Esse exemplo nos vem da antiguidade. E nós agora podemos dizer que é para essa lição que convergimos. Realmente, o mesmo homem que ganha sem ruidos as suas partidas de golf, é o valho liastre que dea ao país uma nova política e lhe comanda os destinos.



IV — 1943

— 77 —

O MALHO

UMA das máximas consubstanciadoras da nova política brasileira é a que afirma que desapareceram os intermediários entre o governo e o povo. A frase comporta variedades de interpretação. Tôdas convergem, no entanto, para a compreensão de que o sr. Getúlio Vargas não vive distanciado de seus compatriotas. Cada brasileiro, mesmo de condição mais humilde, pôde ouvir-lhe a palavra e ser ouvido por ele. Ruíram as barreiras que separavam o povo e o chefe do Estado. O presidente esforça-se para estar em contacto com a coletividade, perquirindo as necessidades sociais ou os problemas de indivíduos. Em Petrópolis, nas épocas de seu veraneio, as crianças o cercam, e o sr. Getúlio Vargas sorri para a garotada satisfeita. Nas estações d'água, os tabaréus, que moram em choupanas paupérrimas, vão ao



OUVINDO AS CRIANÇAS E ATENDENDO AOS HUMILDES

encontro do Presidente — e é concedido-lhes a honra e a alegria de uma conversa. Em certas ocasiões, tais encontros são o motivo para os gestos de filantropia do chefe do Governo. Uma das fotografias que ilustram esta página é elo-

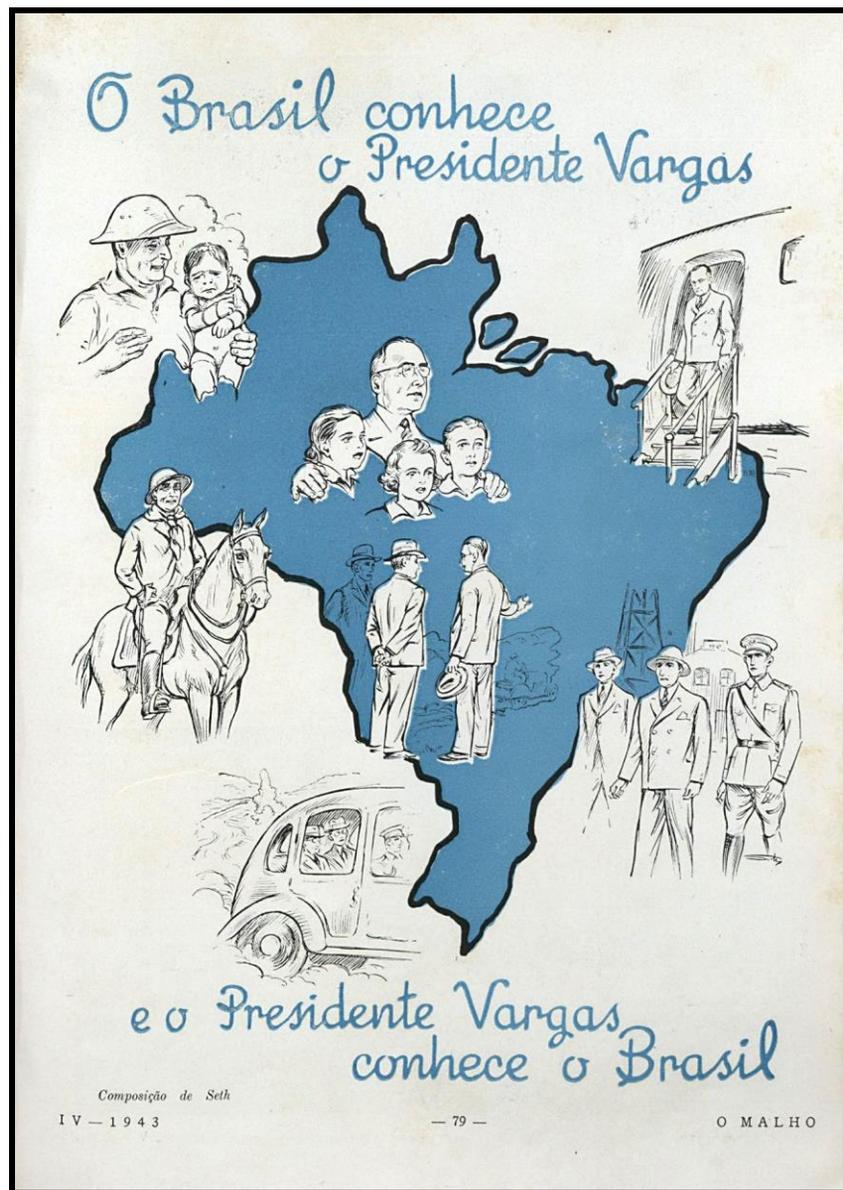
quente por si mesma. Em Poços de Caldas, quando o sr. Getúlio Vargas, em companhia do Governador Benedito Valadares e alguns amigos, fazia um pequeno passeio matinal, um pobre velho acenou-lhe com o chapéu, querendo falar-lhe. O Presidente se deteve, para ouvi-lo. Escutou-lhe as tristezas, foi informado de seus constrangimentos e de suas privações. No mesmo instante, o sr. Getúlio Vargas tratou de atender-lhe ao pedido, minorando-lhe a pobreza. Em instantes em que os chefes de governo se convertem em apóstolos da tirania na Europa conturbada, o flagrante do Presidente Vargas, que hoje publicamos, é uma lição da América para o mundo. Porque neste continente os Chefes de Estado sabem escutar o povo e solucionar-lhe os infortúnios.



O MALHO

— 78 —

IV — 1943





Um presidente que conhece o seu País de Extremo a Extremo



NASCIDO na cochilha gaúcha e educado no sul do País, o Sr. Getúlio Vargas, três anos depois do início de seu governo, podia afirmar aos brasileiros, nas palavras iniciais de um discurso proferido em Belém:

*"Acabo de percorrer todos os Estados do Norte e cê-me aqui, afinal, no se-
nestrêrio do Brasil."*

Estava concluído, assim, um itinerário que o Chefe do Governo impusera a si mes-

mo como uma providência preliminar de seu plano de administração. Todo o País, de ponta a ponta, no Sul e no Norte, no Nordeste e no Sudeste, no Centro e no Oeste, das capitais às pequenas e esquecidas cidades de Província — tinha recebido, naquela data, a visita do Presidente. E a visita do Sr.

Getúlio Vargas não representava apenas a cortesia do estadista para os seus governados — mas a execução de um programa de estudos de quem, para o honesto exercício dos poderes supremos da Pátria, sentia



O MALHO

— 80 —



IV — 1943

que precisava conhecer todo o Brasil. Tal conhecimento dava, ao mesmo tempo, a exata imagem da terra e a nítida imagem do homem. E graças a essa informação se fez pôde o Sr. Getúlio Vargas, colocado acima do verbo dos demagogos vulgares, extrair uma visão pessoal do homem e da terra do Brasil. Os delineamentos da política futuramente inaugurados em Novembro de 1937 — nada mais seriam: o que corolário lógico de uma experiência individual com as realidades populares do País inteiro — e essas realidades foram sentidas diretamente nas conversas com o homem nas ruas e na interpretação das relações da administração e do povo. Daí partiu a certeza de que o pensamento das massas não estava na matéria dos conceitos que circulavam nos jornais ou nos livros ou que eram raramente afirmados no recinto das Câmaras ou das Assembleias.

as novas estradas e os melhoramentos urbanos, a transformação administrativa e a ascensão do nível econômico. A Amazônia, que se apresenta agora como uma nova realidade em perspectiva, é decorrência das viagens que o Presidente fez à plântula e de que resultou um seguro conhecimento dos problemas essenciais do grande vale.

Em 1940, quando a recente irrupção do conflito mundial, havia exacerbado os ódios e as prevenções, — voltavam-se para algumas zonas do Sul do País as preocupações do Governo, uma vez que para essas trêchas do território se tinham voltado as delirantes ambições de prova conquistadora da Europa. Opiniões desencontradas circulavam a propósito da existência de núcleos desagregadores do espírito nacional em alguns pontos do País. Em Março daquele ano, enquanto as correntes de opinião se entrocavam, o Sr.

Pelos volumes de "A Nova Política do Brasil" podemos traçar o roteiro do Presidente Vargas através do Brasil. Aqui e ali, em sequência mais ou menos constante, despontam as crônicas nas quais o Chefe do Governo se dirige aos brasileiros numa nova terra visitada. Cada encontro ótimo se resolve, pouco depois, em termos de soluções objetivas — e vê surgindo, como consequência de sua visita presidencial.

Getúlio Vargas projeta uma viagem à Santa Catarina e vai observar de perto o problema em controvérsia. De Blumenau, no coração da zona mala em debate, o Presidente profere ao País o resultado de seu estudo. "Não posso deixar de manifestar a minha surpresa e a minha admiração", disse ele num discurso, "ao preservar esse Município como Blumenau, situado no âmbito da república colonial e um depen-



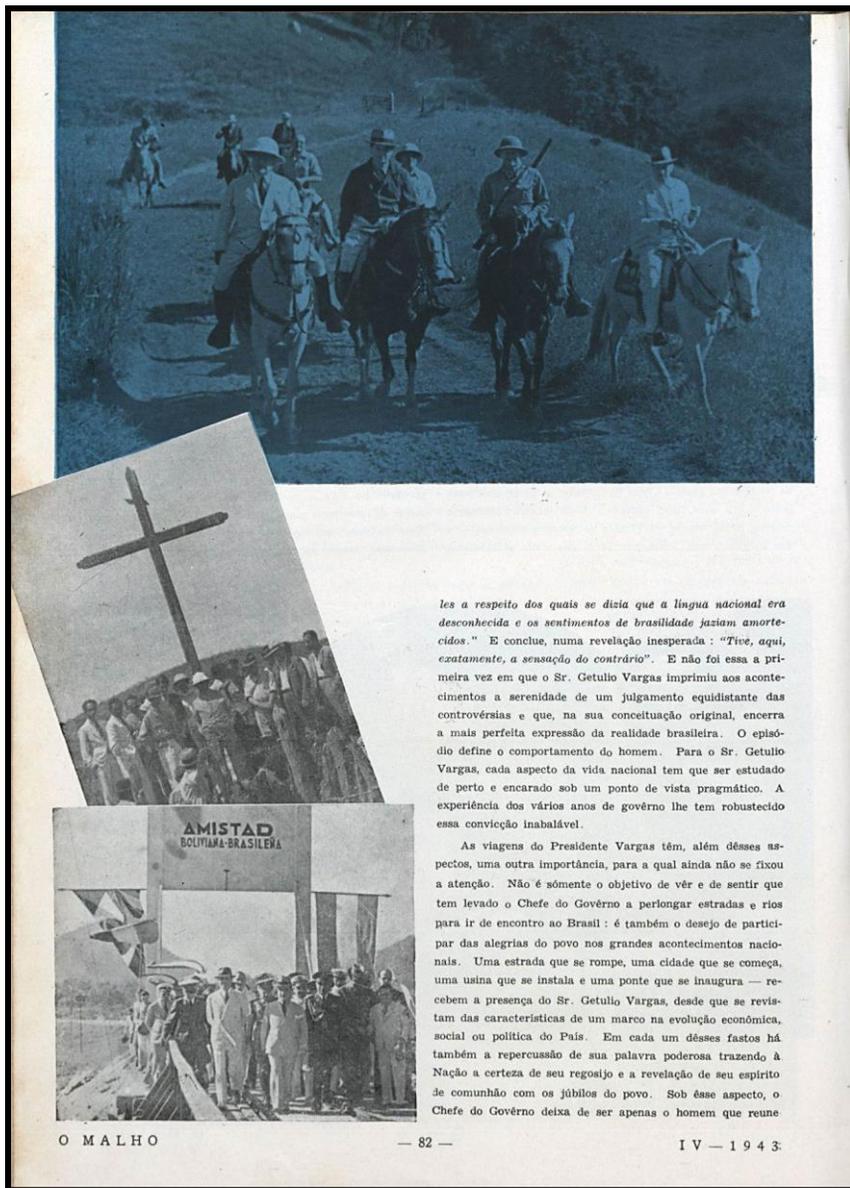
IV — 1943



— 81 —



O MALHO



os supremos poderes da nacionalidade, para converter-se, numa grandeza ainda maior, em supremo *leader* de seu povo.

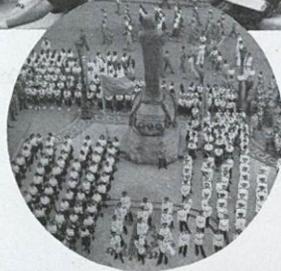
Em doze anos de Governo, o Sr. Getúlio Vargas não tem deixado que o tempo passe sem que, à sucessão dos dias, se incorpore na sua lembrança uma imagem nova da grande Pátria que comanda.

Há, no roteiro de suas incursões ao Oeste, um episódio que define, de modo bastante eloquente, o propósito do Sr. Getúlio Vargas em conhecer o seu País: a viagem que, no sertão mais inculto, realizou sobre a região perigosa dos Chavantes. Foi a primeira vez que um Chefe de Estado corajosamente empreendeu tal viagem.

Vouando a baixa altura, em um aparelho da Aviação Militar, o Sr. Getúlio Vargas tomou contacto também com esses rudes habitantes da selva brasileira, conhecendo-os no seu "habitat" e surpreendendo-lhe a civilização rudimentar em marcha. Há nesse gesto mais do que um simples propósito de fixar por alguns instantes os movimentos de uma sociedade bárbara e primitiva. Há, aí, o conhecimento de uma realidade que é preciso alterar. Até lá deve chegar a influência da nova política do Brasil. A civilização tem que hastear a sua bandeira para além dessas matas bravias, onde se isolou um povo em estado de evolução rudimentar. É essa a explicação da marcha para o Oeste, que é a legenda dos bandeirantes do nosso tempo. E o programa das bandeiras e das estradas, que agora estão rompendo caminhos e semeando cidades — é, ainda aqui, um resultado feliz das viagens do Presidente em seu País.







GETULIO VARGAS

patrono da juventude Brasileira

AS passadas administrações brasileiras realizaram uma aventura perigosa: o sistemático descaso pelos problemas da formação intelectual e cívica de nossa juventude. O reflexo de tal desleixo se projetou de modo bastante claro no curso de nossa História contemporânea. Ainda estão na memória de todos as desastrosas consequências advindas daquela incuria. Os caminhos errados seguidos pela juventude nacional e que levaram aos extremismos dissolventes — teriam que ser, necessariamente, o resultado fatal do abandono em que foi relegado o problema da formação da mocidade brasileira. Deixou-se que os jovens lamentavelmente mergulhassem as raízes de seus entusiasmos de adolescência nos terrenos movediços das doutrinas subversivas à ordem e contrárias às diretrizes normais de nossa tradição. Consentio-se que o livro e o jornal, o cinema e o rádio, veiculassem abertamente as pregações extemporâneas de credos alienígenas — e per-

I V — 1 9 4 3

mitio-se que as escolas e as faculdades fossem invadidas pelas idéias atiradas ao nosso solo pela habilidade profissional dos aventureiros internacionais. Nenhum obstáculo foi imposto, como força de defesa necessária, a essa avalanche de princípios e doutrinas desagregadoras. Em um curto lapso de tempo, a mocidade de todos os pontos do país passou a assumir uma posição revolucionária em face das instituições que, em todo o curso anterior de nossa História, haviam merecido o seu culto e a sua defesa mais desassombrada. Em um momento tinha sido alterado um ritmo que se mantivera uniforme desde as bases mais recuadas da nacionalidade. E enquanto os dirigentes do país, subitamente impressionados com a profundidade e a extensão dos movimentos desagregadores, procuravam aoadadamente as medidas capazes de neutralizar a força revoluções que se prenunciavam — os demagogos e os aventureiros da política

— 85 —

O MALHO

aglutinavam ainda mais as consciências jovens do Brasil, apoiando falsamente as suas pregações debaixo dos rotulos mentirosos de campanhas democraticas de salvação nacional.

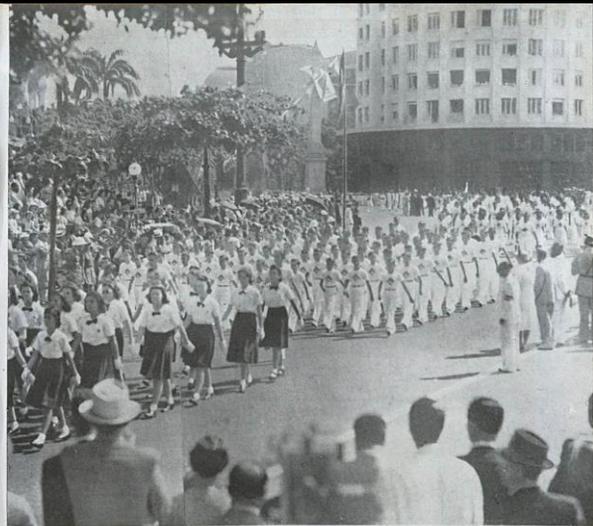
A frente do Governo nessa hora dramatica de nossa Historia, o Sr. Getúlio Vargas foi o homem providencial que corajosamente ofereceu aos elementos subversivos o golpe da contrarrevolução. As arremetidas roazes dos doutrineiros do antinacionalismo resultaram em movimentos incoerentes, sob a pressão exercida pelas forças verdadeiramente nacionais conjugadas então pelo Chefe do Governo. O exército e a marinha, apoiando a ação governamental, iniciaram as reações oportunas — e aqueles movimentos armados, que iriam arrastar o país à mais tragica das rebeliões, foram poderosamente sufocados no instante exato de seu nascimento. A vitória do Governo não foi somente o triunfo conquistado ocasionalmente pe'os poderes constituídos: foi mais do que isso, porque representou, na sua mais completa significação, a permanência do Brasil na amplitude da sua unidade e no ritmo da sua tradição.

Serenados os animos, o país assistiu — através das exposições organizadas pelo Governo, às mais surpreendentes revelações de uma luta que se travara em silencio e de cujo resultado dependera a segurança nacional. Todo um arsenal, a serviço dos credos mais variados foi exhibido e identificado como os instrumentos da ação criminosa que se elaborara cuidadosamente contra a Pátria.

Todos aqueles demagogos que nas praças publicas ou nos salões de conferencias serviam de propagadores oportunistas de doutrinas extremistas — apareceram nos traços de suas fisionomias de aventureiros. E viu-se então que a mocidade das escolas e das fábricas, das oficinas e das faculdades, iria ter participação consideravel na onda revolta da desagregação nacional. A juventude fora arrastada pelo canto de sercia dos falsos profetas e dos demagogos de ocasião. A sua mentalidade fora alterada sob os influxos das idéias perniciosas — e inestavelmente déra o seu entusiasmo e a sua fé para a obra mais hedionda tramada contra o Brasil. A erupção do conflito mundial veio accentuar aos olhos dos sociologos e dos historiadores a ação do Governo no combate aos surtos de rebelião no país. Porque, conhecido o conflito nas suas diretrizes subterraneas, constatou-se que os mesmos impetus, providencialmente jugulados pelo Sr. Getúlio Vargas, tinham sido exatamente as raizes da conflagra-

ção. E havia ainda mais: as forças do mal irrompidas na Europa se apresentavam com as caracteristicas de uma poderosa articulação universal, que apresentava leaders e chefes no territorio do Brasil.

Compreendido o problema em todas as suas dimensões — o Governo, que dominara as revoluções programadas contra a Nação, passou a atuar em uma direção criadora, reeducando as coletividades perturbadas pelas doutrinações subversivas. O jornal e o livro, o cinema e o rádio, todas as instituições responsaveis pelas tarefas educacionais, passaram a movimentar-se dentro de um plano de ação que, elaborado pelos poderes consti-



Desfile da "Juventude Brasileira" em um dia de festa cívica nacional.

tuidos, apresentava uma base nacionalista apreendida como o movimento tradicional de nossa História. E pouco a pouco, numa obra que era a soma de muitas parcelas desiguais, assistiu-se à revivescência da verdadeira consciencia nacional, fechada às idéias alienigenas e voltada para o futuro como a expressão de nossa originalidade politica no panorama de todo o mundo.

A obra nacionalista assim desdobrada deu a devida importancia à formação intelectual e civica da juventude. A mocidade deixou de ser apenas a "coletividade dos adolescentes dispersos sem rumos definidos nas escolas e nas oficinas. Deu-se-lhe uma estruturação que havia lamentavelmente escapado às administrações anteriores —

e hoje a constituição da Juventude Brasileira inscreve-se como uma das obras capitais do Presidente Vargas no amplo movimento da reconstrução nacional.

As consequencias desse plano de atividades nacionalistas já está repercutindo na nossa História: a mocidade que agora ocorre aos apelos do país em guerra é a manifestação pujante dos resultados positivos de uma nova politica.

Por isso mesmo não são os homens, mas é a própria História que, com o seu mais precioso criterio de justiça, confere ao Presidente Vargas o titulo de Patrono da juventude brasileira.

Getúlio Vargas e as BELAS-ARTES

DE acôrdo com o velho aforismo universal, é pela arte que se pôde avilar o progresso de um povo. Era natural, portanto, que, tomando as rédeas do governo de um País onde quase tudo estava por fazer, o Presidente Getúlio Vargas, no terreno das belas-artistas, que nada tivesse encontrado que falasse do nosso progresso. Possuíamos uma Escola de Belas-Artes, e quer nos parecer que era tudo. O nosso esforço, no sentido de educar a sensibilidade artística dos brasileiros, era fruto exclusivo da iniciativa particular. O mundo oficial não costumava tomar conhecimento dos assuntos que dissessem respeito com as Artes e os artistas. E esse desinteresse foi, sem a menor dúvida, o grande responsável pela estioação de numerosos talentos artísticos, inaproveitados por esse Brasil em fóra, ou inutilizados por falta de ambiente e de estímulo.

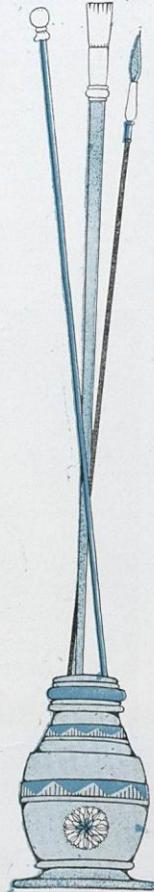
Evidentemente, a evolução da Arte e gosto artístico brasileiro, como desejáramos que já pudesse ser apreciada, não é obra que se possa produzir em dez ou doze anos. É fruto do tempo, trabalho de gerações que se sucedem, resultado de esforços que se conjugam dentro de uma orientação segura, produto de uma tarefa incessante, que pôde muito bem se reduzir a um círculo vicioso: do artista, educando o gosto do público e do público estimulando o trabalho do artista.

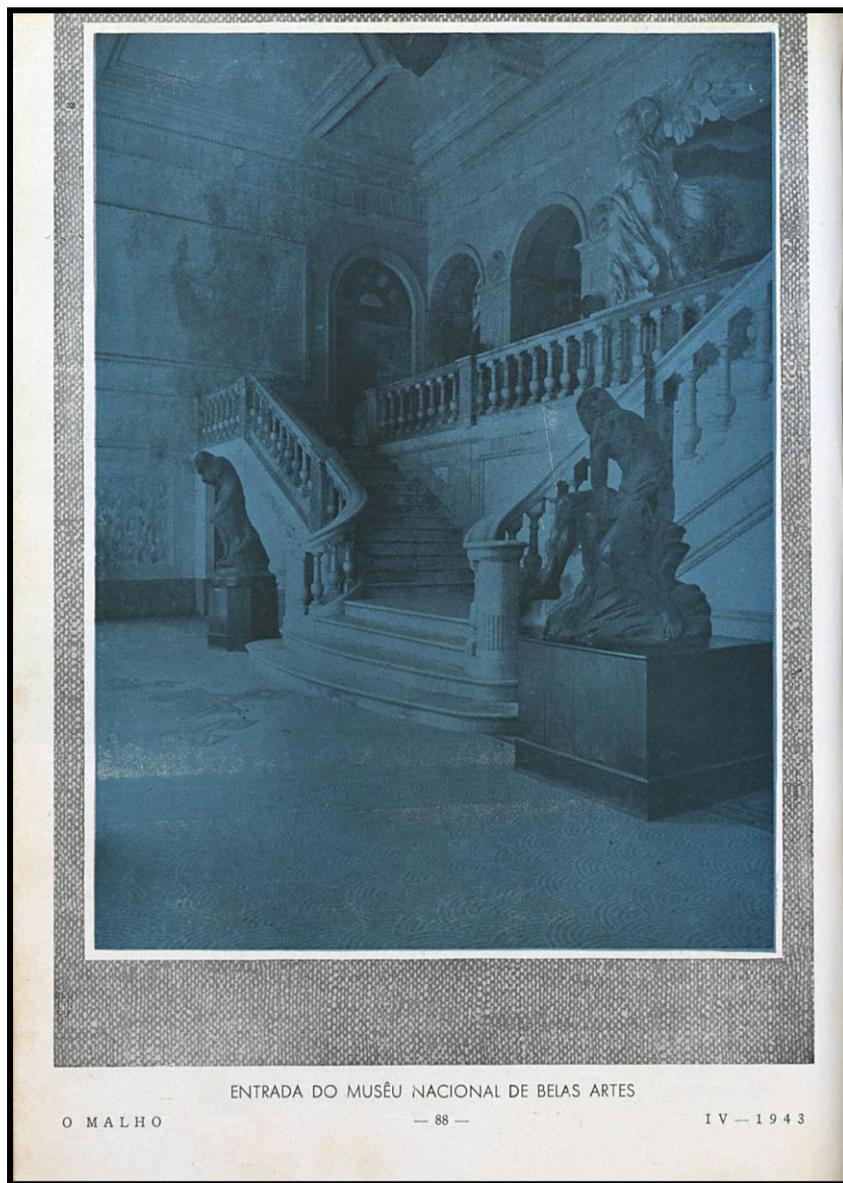
Para que os acontecimentos pudessem ou possam ser precipitados, mistér se faz contar, em primeiro lugar, com o fator dinheiro. E, infelizmente, porque quase tudo estava por fazer, o Brasil é um País multi-milionário, que vive dentro de uma pobreza franciscana. De modo que, se a Arte não tem podido contar com o braço forte do dinheiro, mais abundante e mais fácil, é natural que vá caminhando muito lentamente, alimentada muito mais pelo próprio fogo sagrado, do que por outro

qualquer estímulo. Já não é pouco saber que ela, há doze anos passados, vivia das migalhas que conseguia na mesa dos favores ministeriais, ao passo que hoje está confiada aos cuidados do "Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico do Brasil", que foi o primeiro passo dado pelo Governo Getúlio Vargas, no sentido de amparar as aspirações da arte e dos artistas brasileiros. Sem ele, nunca velhas e gloriosas reliquias históricas e artísticas, que possuíamos, teriam sido poupadas ao descahbro do abandono, que tudo arruína. Sem ele, a obra de Antonio Francisco Lisboa — o Aleijadinho — nunca teria sido posta em evidencia como a de um artista genial, nem teria sido moldada em gesso, como o vem sendo. Sem ele não se teria processado a restauração de tantos monumentos públicos. Sem ele, a picareta implacável do progresso teria continuado a destruir reliquias de arquitetura do passado, e as preciosas cidades do interior, que conservam o tesouro imenso de seu pitoresco aspecto colonial, teriam já desaparecido irremediavelmente. Sem ele, Ouro Preto nunca teria sido a cidade monumento histórico nacional, que é hoje.

Uma iniciativa que se impunha era a criação do Museu Nacional de Belas-Artes, que, por uma verdadeira aberração da organização primitiva, existia como mera coleção de quadros, fazendo parte integrante da Escola de Belas-Artes. Em Janeiro de 1937, entretanto, essas duas instituições se separaram, com a criação do Museu. E desde então, cada uma, dentro de suas atribuições, trabalha animadamente, para alcançar as suas finalidades.

Confiada ao primeiro a organização do Salão Nacional de Belas-Artes, é preciso salientar, antes de tudo, a sua sadia preocupação de se fazer o guarda das boas tradições da Arte baseada nos princípios clássicos. Daí, a criação de uma divisão chamada Arte modernista, com as suas salas, suas comissões de júri independentes e seus prêmios próprios. É preciso registrar a criação, em 1933, do prêmio de viagem ao Brasil, desdobrado em dois,





ENTRADA DO MUSÉU NACIONAL DE BELAS ARTES

O MALHO

— 88 —

IV — 1943



"A recompensa de S. Sebastião", de E. A. Visconti.

em 1940. É preciso, ainda, destacar as aquisições de quadros e esculturas, feitas no Salão e fora dele, custeadas por verbas especiais, e dentre as quais salientamos: *O Arqueiro*, de Hugo Bertazon; *Desilusão*, de Paulo Mazzucchelli; *Busto de moça*, de Francisco de Andrade; *Marroeiro*, de Honorio Pecanha; *Tracena*, de Antonino Mattos; *Vencido a herpila*, de Ricardo Cipicchia, na parte da escultura; e *Maternidade e Cabeça de velho*, de H. Bernardelli; *Retrato de minha Espósa*, de Teruz; *A Recompensa de São Sebastião*, de E. Visconti; *Os barões de Parnacurim*, de Teles Júnior; *A Adiva*, de Francisco Aurelio de Figueiredo; *Modelo*, de André Vento; *Marinha*, de Virgílio Lopes Rodrigues; *Busto de moça*, de L. F. de Almeida Júnior; *Retrato*, de João Timóteo da Costa; *Pescada do Engenho d'Água*, de Paulo do Vale Júnior; *Natureza Morta*, de Gilberto Trompowski; *Retrato de Artur Timóteo*, por Carlos Chambeiland; *Recanto de Atelier*, de João Timóteo da Costa; *Retrato*, de Eduardo Bevilacqua; *Porto e pesca*, de Renée Lefevre; *Aquedutos*, de J. Rosca. Além desses trabalhos, adquiriu o Governo onze estatuetas de autoria do grande escultor brasileiro Hugo Bertazon, tão prematuramente desaparecido; dois mozaicos de Joaquim da Rocha Ferreira, intitulados *Casias* e *Natureza Morta*; *Estudo*, a

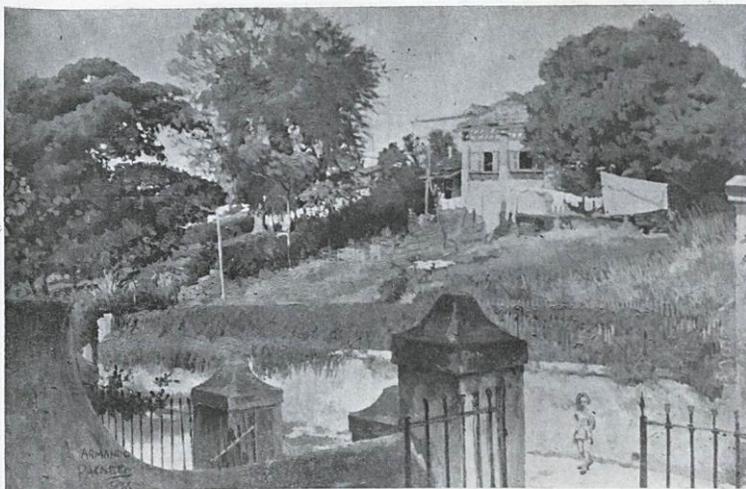
guache, do *plafond* do Teatro da Paz, de Belém do Pará, de autoria de Henri Rousseau e de propriedade de Carimiano Vilaga; *Bastiana*, escultura de Nicolina Vaz de Assis; *Terras do Brasil*, tela de Arquimédes Dutra; *Cabeça de moça*, de Antonio Carneiro, e trinta e nove medalhas de Jorge Campos.

Graças à organização e à orientação que vem sendo seguida pelo Museu de Belas-Artes, nos seus esforços de bem servir à Arte, várias e frequentes vêm sendo as doações particulares, que lhe têm sido feitas. Merecem referências, entre elas: a *Jarra Beethoven*, de Rafael Bordalo Pinheiro, fabricada nas Cidades da Rainha, em Portugal, oferta do próprio autor; duas naturezas mortas, de Estevam Silva, oferta de Guilherme Guinle; uma paisagem, de J. Batista da Costa, oferta de Raul Cardoso; *Diógenes*, estátua de mármore do tamanho natural, de E. A. Boisseau, oferta de Carlos Guinle; *Auto Retrato*, de Oscar Pereira da Silva, oferta de Durval Amaral; busto, de Eliseu Visconti, de Zaco Paraná, oferta do retratado; *Juventude*, de E. D. Visconti, oferta de E. G. Fontes; busto de Oscar Pereira da Silva, de Rod. Bernardelli, oferta de Helena Oashi; *Rua Primeiro de Março*, tela de Dall'Arca, e *Veado*, quadro de Rosa Bonheur, oferta de Guilherme Guinle; várias paisagens de Franz Post.

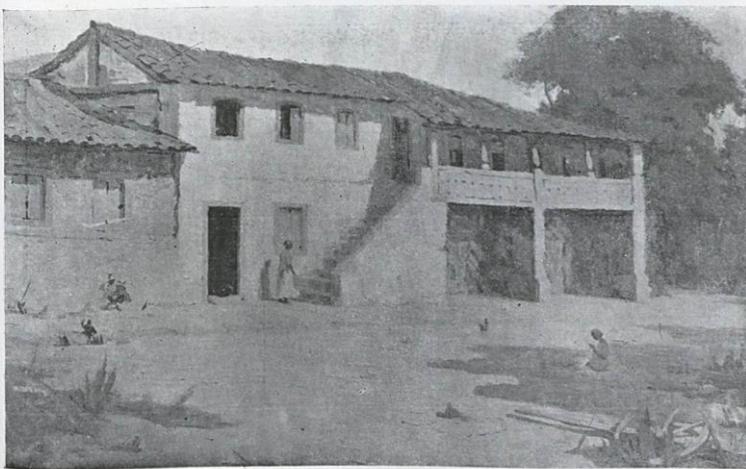
Alguns trabalhos de decoração têm sido confiados aos nossos artistas, que, dessa forma, ligam o seu nome à obra meritória da construção de palácios para os Mi-

"Paisagem", de Armando Pacheco.





"PAIZAGEM" de Armando Pacheco

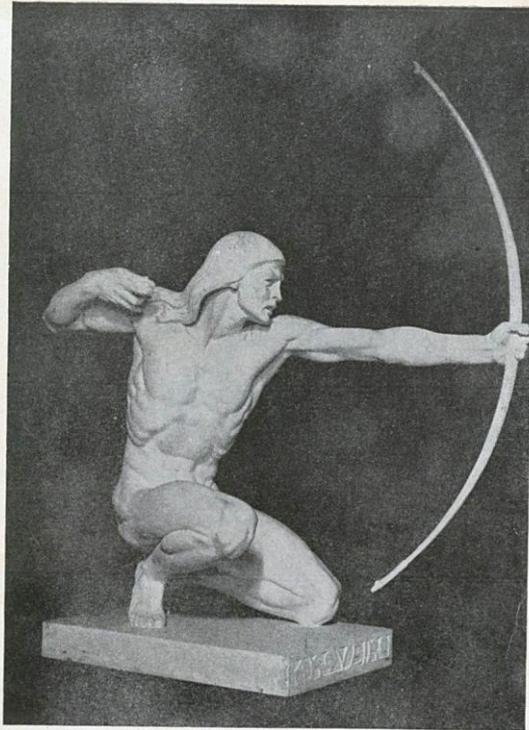


"A FAZENDA DO ENGENHO D'AGUA", de Paulo do Vale Junior.

1 V - 1943

- 91 -

O MALHO



"O arqueiro", estátua
de Hugo Bertazzon.

nistérios. E assim que já se podem apreciar painéis do saudoso Vicente Leite, no Ministério do Trabalho; de Armando Viana, Manuel Madruga, no Ministério da Guerra; de Cândido Portinari, no da Educação; de Humberto Cozzo, no da Fazenda; e de Leão Veloso, no da Guerra. Monumentos novos ornaram as ruas das cidades brasileiras, destacando-se o de *Deodoro da Fonseca*, de autoria de Modestino Canto; os de *Tamandaré* e *Osório*, este último no Rio Grande do Sul, de autoria de Leão Veloso; o de *Bento Gonçalves*, de Antonio Carriagi, no Rio Grande do Sul; o de *José de Alencar*, no Ceará; e o de *Caxias*, de Corrêa Lima, no Maranhão.

Todo o espólio artístico de Rodolfo A moedo foi doado ao Governo, que o recolheu ao Museu de Belas-Artes, estabelecendo uma pensão à viúva do grande pintor brasileiro. Recebendo, mais de perto, a influência da ação do Governo Federal, o Estado do Rio, além de criar o Museu Imperial de Petrópolis, que já possui patrimônio histórico e artístico de valor extraordinário, transformou no Museu Antonio Parreiras a pitoresca vivenda da rua Tiradentes, em Niterói onde, durante mais de quarenta anos, residiu e trabalhou o mestre brasileiro da paisagem. São Paulo, por seu turno, organizou o seu departamento de Arte e criou o Salão de Belas-Artes do Estado. O mesmo sucedeu ao Rio Grande do Sul, Pará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Estado do Rio.

Várias têm sido as exposições verdadeiramente interessantes, realizadas pelo Museu, sendo oportuno lembrar: Exposição de Arte Francesa, abrangendo mestres da pintura francesa dos séculos XIX e XX; Exposição Cândido Portinari; Exposição João Zeferrino da Costa, sobre cuja obra e personalidade realizaram conferências os Srs. Professor Adalberto Matos, Carlos Maul, Saul de Navarro e Frei Pedro Sinzig; Exposição da Missão

Artística de 1816, num total de 670 peças; Exposição Retrospectiva Lucílio de Albuquerque, de cujo catálogo constavam 410 peças; Exposição de Pintura Contemporânea Norte-Americana; Exposição de Arte Contemporânea do hemisfério ocidental, que abrange vários países, inclusive o Brasil, representado por L. Gottuzzo, Vicente Leite, J. Panetti, Oswaldo Teixeira e Santa Rosa; Exposição "Alberto Durrer e a Gravura Alemã"; Exposição Retrospectiva Pedro Americo - Vitor Meireles, com cerca de 180 trabalhos expostos; Exposição J. Batista da Costa, com 28 telas; Exposição Animalista, afóra outras de inenarrável vulto e repercussão, como a de gravuras inglesas contemporâneas, a das crianças inglesas, a de Bruno Lechowski e a dos prêmios de viagem do Salão e da Escola de Belas - Artes.

Atendendo ao apelo que lhe foi dirigido pela família de Vicente Leite, que morreu sem ter tido tempo de gozar o

"A Dádiva", de Francisco Aurelio de Figueiredo.



"Maternidade", de Henrique Bernardelli.

prêmio de viagem ao estrangeiro, que conquistara em 1940, o Presidente da República mandou dar-lhe a importância correspondente à metade do mesmo prêmio, para amparar o filho do malogrado pintor, tão cedo roubado ao nosso convívio.

Tudo isso, naturalmente, tem exercido influência no espírito dos artistas e do público, que já começam a crer na possibilidade da reabilitação da Arte no nosso País. Demonstram-no exuberantemente as exposições que se sucedem pelo Brasil todo, especialmente no Rio e em São Paulo; o número de visitantes que atraem e o de quadros que são vendidos; o interesse com que se disputam entre colecionadores os exemplares dos mestres clássicos de toda parte, especialmente brasileiros; a procura e as aquisições feitas diretamente nos ateliês dos artistas; as encomendas sucessivas que lhes são confiadas; o aparecimento de galerias de pintura, entre as quais a de Costa Ribeiro & Cia. e a luxuosa Galeria de Arte Clássica, de Coriolano Teixeira; a situação de prosperidade em que se encontram as nossas duas principais sociedades de cultura e divulgação artística, a Sociedade Brasileira de Belas-Artes e a Associação dos Artistas Brasileiros; e, principalmente, o número crescente de colecionadores novos que surgem, para se reunir aos antigos e com estes colaborar na obra da nossa evolução.

Tarefa de poucos anos, ela se agiganta por se produzir numa época em que o nosso Brasil foi forçado a pegar armas, para se defender também contra a horda assassina de humos modernos, que juraram aos seus deuses exterminar do mundo justamente a Cultura e a Civilização.

Entrada do Museu Nacional de Belas - Artes.



MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES — GALERIA DE ARTE BRASILEIRA — Parede reservada a Pedro Americo e Vitor Meirelles

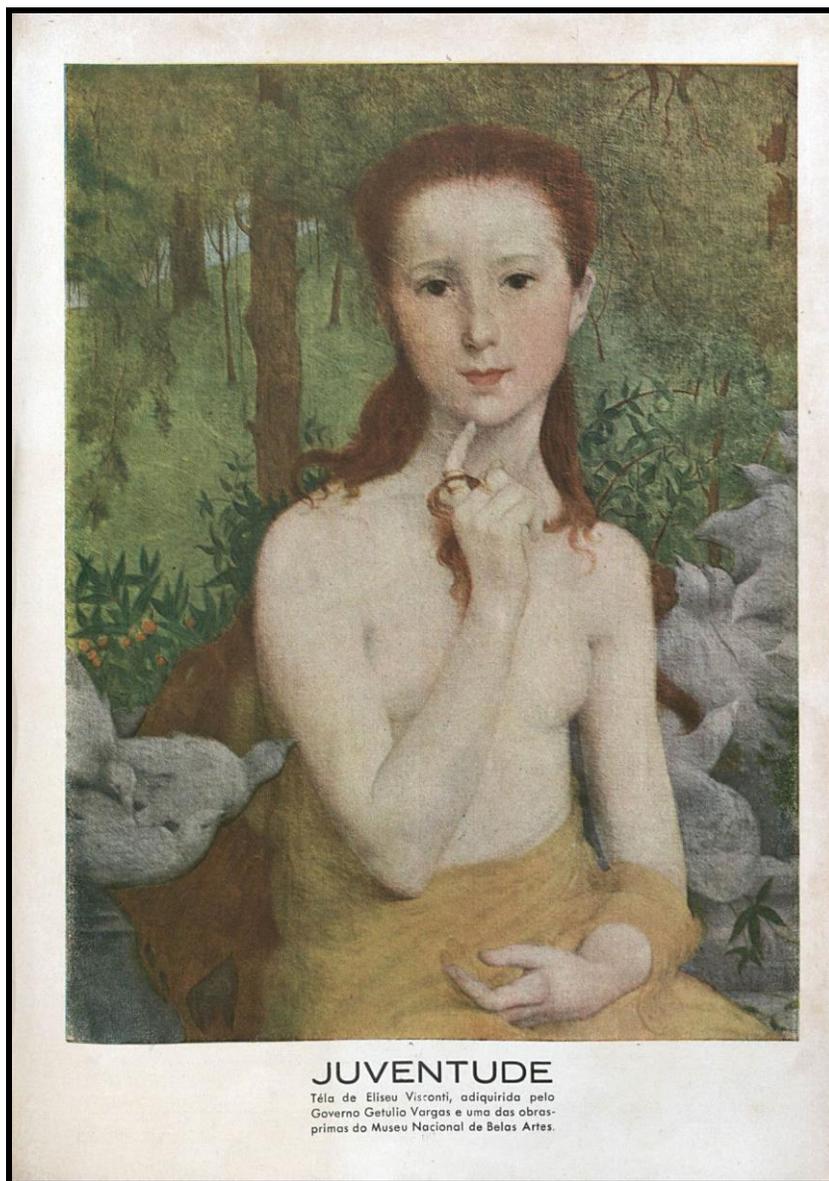


GALERIA DE ARTE ESTRANGEIRA — Secção de quadros francezes

O MALHO

— 94 —

IV — 1943



O PRESIDENTE VARGAS

VISTO POR UM HISTORIADOR PLATINO

GETULIO VARGAS, possuindo todas as características do gaúcho, tem, ainda, todas as qualidades de um político progressista de São Paulo; a discreção e o seu todo de esperar a oportunidade para agir, de um autêntico mineiro e o entusiasmo dos políticos nordestinos.

Getúlio foi enviado, em 1897, aos quatorze anos apenas, à histórica cidade de Ouro Preto, afim de aprimorar-se nos estudos. Ali já se encontravam seus dois irmãos maiores: Protasio e Viriato.

Parte de sua mocidade passou-a nessa antiga metrópole de Minas, e parece que esta fase de sua vida não foi indiferente à formação de seu caráter. Em Ouro Preto, aprendeu a estudar e amar a história de seu País e seu passado de glórias. Contemplando as velhas igrejas esculpidas pelo genial Aleijadinho; subindo as tortuosas ladeiras que abrigaram as vozes dos heróis da Inconfidência; vendo assomar dos priscos casarões o semblante de Marília decantado pelo lírico Dirceu; galgando as montanhas que encerraram a febre de ouro dos Bandeirantes, Getúlio Vargas aprendeu a respeitar o passado, a admirar a poesia e o sentimento que enfeixam as tradições do Brasil.

O temperamento combativo, que trazia como uma herança atávica, fortalece-se através dos estudos, das viagens, ao contacto com os colegas de outras regiões. Entra, pouco depois, como simples soldado, para o Exército, afim de prestar o serviço militar, e nessa curta permanência nas fileiras, vigorisa o caráter disci-

plinador, que será o atributo de sua vida política. Não obstante, ainda estudante de Direito, demonstra a valentia de suas atitudes, assumindo, em presença dos acadêmicos, a responsabilidade de saudar o Dr. Afonso Penna, candidato eleito à Presidência da República (1906), contrariando as disposições do então Presidente do Rio Grande do Sul, Sr. Borges de Medeiros.

Com o discurso de boas-vindas àquele prócer mineiro, Getúlio Vargas afirma-se o **leader** da juventude estudantil pela audácia

de seus gestos e a nitidez de sua palavra combativa. Em S. Excia. já transpareciam a clareza, e a meditação, se percebia o sentido da oportunidade, que seria, talvez, a qualidade proeminente de seu caráter.

Desde moço, Getúlio Vargas tornou visíveis estas qualidades: medida e moderação.

No discurso pronunciado em 1906, já encontramos em germe qualidades que, desenvolvidas, fizeram de Getúlio Vargas o maior homem dirigente do Brasil moderno.

O gosto pelos estudos levou S. Excia. a defender os bons princípios através da Imprensa. No "Debate", diário acadêmico, inicia sua carreira de jornalista, abordando, sob vários pseudônimos, os mais diversos temas: Zola, ensaios de fundo filosófico doutrinário, são igualmente, tratados por Getúlio Vargas, que está ao corrente do pensamento universal (1907).

Bacharel, em 1907, é eleito orador da sua turma, e, volvendo a São Borja, entra em contacto com os peões da estância paterna, com o fito de compreender melhor o espírito do povo. É sempre o mesmo batalhador incansável dos primeiros anos de estudante: na Academia, **leader** de estudantes; na Caserna, soldado disciplinado; na Imprensa, escritor cintilante.

Sempre o equilíbrio, a combatividade, e a firmeza de atitudes, preparando o homem para verdadeiro condutor de povos."

RICARDO J. MONTALVO



O M A L H O

— 96 —

I V — 1 9 4 3

GETULIO VARGAS EM SÃO BORJA

NARRATIVA FEITA A OSÓRIO NUNES PELO
CORONEL VIRIATO VARGAS

A infância e juventude do homem que comanda os destinos da nação brasileira não foram ferres em episódios curiosos. Desde os primeiros anos, Getúlio Vargas já era portador daquelas qualidades de discrição e reserva que o havia de conduzir aos mais avançados postos que um cidadão pode atingir no seio do seu povo. Há, todavia, passagens interessantes, que devem ficar

asinaladas, para a observação dos historiadores e interpretes de sua figura excepcional da inteligência humana. Em São Borja, o recanto do Rio Grande do Sul onde nasceu, verificaram-se alguns acontecimentos, e os demais ficaram ligados ao antigo aldeamento jesuítico, pois para a terra natal voltou sempre os olhos em todos os instantes de sua vida. Entre os fortes aços que, além

de todos os sabojamente conhecidos, prendem Getúlio Vargas a São Borja, está a afição da família. Um dos elementos desta, o atual coronel Viriato Vargas, teve grande interferência nos primeiros passos do irmão, com quem manteve sociedade de advocacia, desde a formação deste. Ninguém, portanto, melhor que o coronel Viriato Vargas para fazer a narrativa dos fatos reproduzidos nesta página.

NO dia 19 de abril de 1883, a tranquilidade de nossa casa, em São Borja, foi perturbada por um acontecimento festivo. Eu tinha nove anos, e foi com certas cautelas de menino que procurei saber a origem do alvoroço. As pessoas da família mostravam-me uma criança recém-nascida e diziam:

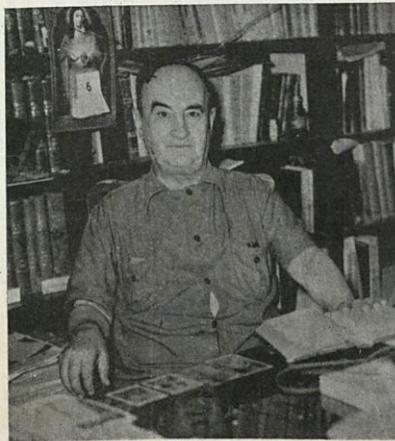
— É um menino para você carregar, Viriato.

Eu ouvia as vozes e comentários e mal acertava com a verdade das palavras que me diziam. Foi assim que eu travei conhecimento com o Getúlio. E, cumprindo os avisos, muitas vezes carreguei-o ao colo. Data desse tempo a profunda afição que nos une. Mais tarde, com o nascimento do Spartaco e do Beijo e o aumento da família, foi diminuindo a impressão que me causara a vinda de Getúlio ao mundo. Mas a nossa amizade foi prolongando-se por sempre, e era com zelos cuidadosos que acompanhava os primeiros passos de sua exis-

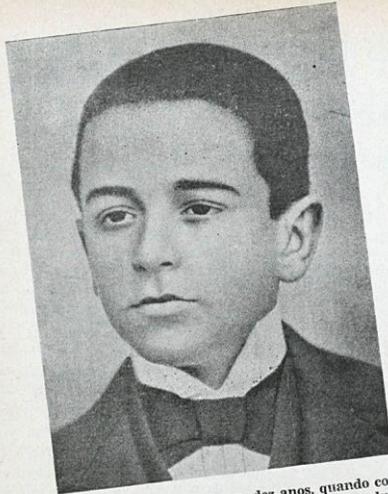
tência. Fazendo os estudos primários com atenção e sem pressão de ninguém, desde muito cedo era fortemente atraído para os livros. De temperamento reservado, era uma criança discreta e comportada.

Constituiu, assim, uma surpresa o modo como o menino revelou a vocação de chefe. Getúlio

contava dez anos, quando estalou a revolução de 93. Deram-se, então, verdadeiras batalhas políticas entre as crianças de São Borja e ele era sempre o comandante dos republicanos. Os combates eram travados a pão, pedra e faca, degenerando em ferimentos para ambos os lados. Getúlio já demonstrava mentalidade de comando e organizava os seus garotos à maneira militar, em linhas de combate, no que era imitado pelos contendores. De uma feita, para melhor assegurar a vitória, poz-se a cavalo à frente dos seus comandados e inflingiu tremenda derrota aos adversários, assalta-



O Coronel Viriato Vargas, em seu gabinete de trabalho, no dia em que fez a narrativa estampada nesta edição.



O menino Getulio Vargas, aos dez anos, quando comandava batalhões de garotos, durante a revolução de 1893

dos à pata e cacete. Os combates verificaram-se várias vezes, até que nosso pai teve conhecimento. Chamou-o e acabou com tudo, declarando que não queria mais a repetição das pugnas. E licenciou o exército de Getulio. . .

Mais tarde, sentou praça e, depois de passar um ano em São Borja, entrou para a Escola Militar do Rio Pardo. Cursava as aulas, quando surgiu uma revolta de alunos contra um dos lentes. Apurado o fato, o diretor resolveu desligar os responsáveis. Getulio, que não tivera a mínima interferência, solidarizou-se com os implicados, sendo desligado da escola, voltando às filei-



O MALHO

— 98 —

ras, como praça de pret. Ao surgir o conhecido incidente entre o Brasil e a Bolívia, estava recolhido enfermo ao hospital, em Porto Alegre. Deu, entretanto, parte de pronto e seguiu com as forças que foram guarnecer as fronteiras de Mato Grosso. Ali permaneceu até o esclarecimento da situação. Voltando ao Rio Grande do Sul, obteve baixa e iniciou estudos de direito. Eis porque não é, hoje, um militar.

Os traços do seu caráter já se definiam, perturbados pelas ancias próprias da juventude. Assim é que, estudando em Porto Alegre, me escrevia, em 1905, uma carta que começava deste modo :

“Viriato.

Aproveito uma boa ocasião para escrever-te — a segurança do portador e também por ter passado o dia mais ou menos satisfeito, pois nem sempre assim acontece. Sou um descontente comigo mesmo e não tenho um coração que me possa acorrer com franqueza e sinceridade, para desabafar os meus pesares”. Fazia outras considerações e dizia adiante : “Emfim, como eu



Quando Getulio Vargas, eleito deputado federal pelo Rio Grande do Sul, visitou São Borja, após a investidura, foi fixado o flagrante acima, em que aparece ladeado pelo seu venerando progenitor, General Manoel do Nascimento Vargas e pelo seu irmão, coronel Viriato Vargas. No segundo plano, vê-se o sr. Manoel Vargas Neto.

Um antigo aspecto parcial do porto de São Borja.

I V — 1943

não estou triste nem descontente, isto vai à guisa de introdução."

A curiosidade e a sede de cultura evidenciavam-se. Outro trecho da mesma missiva é muito preciso: "Desde que estou aqui, só recebi uma carta das duas que me escreveste; nela externas a opinião sobre o livro que te remeti. Não deixas de ter alguma razão." Menciona autores e acrescenta: "A outra razão é que o livro do Sylvio Romero estava de acôrdo com o teu modo de sentir prévio. Vai o "Chanaan", que ha muito de-sejas ler. Eu ainda não o pude fazer porque as matérias do curso têm absorvido quasi toda a minha atividade."

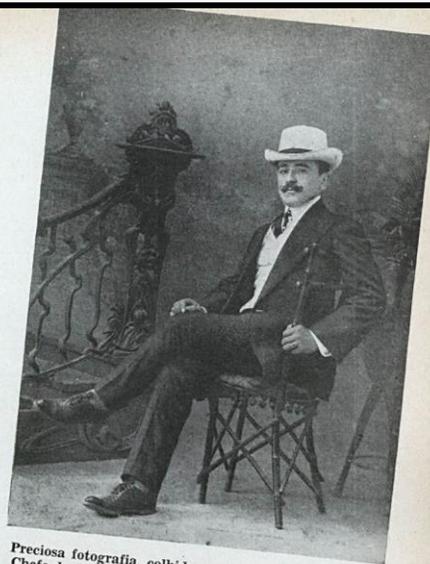
A carta fraternal pouco parece dizer. Mas as últimas linhas demonstravam que Getulio estava se organizando. Formou-se. Passou dois anos, como promotor público, em Porto Alegre, onde adquiriu grande prática na justiça criminal. Ao fim desse tempo, viajou para São Borja, onde eu já advogava, e passamos a trabalhar juntos. Getulio foi sempre um tipo tão equilibrado que juntos advogamos e dirigimos o Partido Republicano de São Borja sem nunca termos uma discordância.

Sua primeira causa importante, em São Borja, foi a do Coronel Pontoura, de Encruzilhada, irmão de Ildelfonso Pontoura, político e homem de nomeada no Estado. A acusação era de homicídio, mas Getulio conseguiu a absolvição. Outras, civis e criminaes, venceu-as todas. Sereno, cortês com o adversário, tinha, às vezes, rasgos de eloquência, mas sempre prudente e cavalheiresco. Venceu todas, porque Getulio nunca perdeu uma causa.

Em São Borja, iniciou sua vida pública e de lá saiu para a Assembléa do Estado e depois, para a Câmara Federal, como representante do Partido Republicano Castilhistas.

O traço que daria a marca perfeita de sua personalidade de homem de governo, teve-o quando ele exercia as funções de ministro da Fazenda. Estudando a situação política do Rio Grande do Sul, escreveu-lhe, dizendo: "Nosso partido está cansado do velho Borges e tu vais ser o escolhido para presidente do Estado, porque o partido todo o quer. Ou ficarás no Ministério da Fazenda e compartilharás da glória da reforma financeira do Washington ou serás eleito pre-

Uma das ruas de São Borja, cidade rio-grandense, originária de um dos Sete Povos das Missões Jesuíticas e onde nasceu o estadista que governa o Brasil.



Preciosa fotografia, colhida em 1911, quando o atual Chefe do Governo brasileiro contava vinte e oito anos e exercia a advocacia em sua cidade natal.

sidente do Rio Grande do Sul e fatalmente assumirás a direção do partido, porque este não suporta mais o chefe atual." Getulio respondeu, incisivamente: "Mas esta reforma monetária do Washington dará, mesmo, glória? Quanto à presidência do Estado, não darei um passo para ela. Só se ela vier a mim."

E aqui o partido veio buscá-lo. Sem pretender, foi eleito, assumiu o governo e a direção do partido. E, hoje, é o Presidente do Brasil.





UM NATURALISTA SÃO

herva Mate, segundo um processo novo, inventado por ele.

O Dr. Francia, ditador do Paraguai, suspeitava que fosse um espião esse sábio indolente, cujas culturas de mate poderiam prejudicar o grande comércio paraguaio, relativamente a esse produto. Em fins de 1821, ele mandou prendê-lo em Santa Anna, embora dita estação, situada à margem oriental do Paraná, fosse separada do Paraguai por aquele rio.

Fendido, acorrentado, o desgraçado foi conduzido para Itapua e ficou preso durante uma dezena de anos, segregado do mundo inteiro circunscrito à sociedade de alguns índios, sendo-lhe vedado escrever, sob pena de morte, perseguido e atormentado pelo ditador que, aliás, ele jamais vira.

Em vão, Humboldt escreveu pessoalmente ao Dr. Francia, enviando-lhe a grande obra de que falei acima. Sem resultado as reclamações feitas por D. Pedro I. Os esforços dos governos francês e inglês nada adiantaram, também. Então, Simón Bolívar, amigo íntimo de Bonpland, interveio pessoalmente junto a Francia, que não podia rejeitar o pedido do grande Libertador.

Só aos 2 de Fevereiro de 1831 pôde Bonpland atravessar o Paraná e, no povoado de São Borja, acolher-se à proteção do governo brasileiro. A Europa erudita recebeu com entusiasmo a notícia de sua libertação. O governo do rei Luiz-Filipe preparou, em todos os seus detalhes uma recepção triunfal ao ilustre francês. Humboldt renunciou ao Instituto de França o próximo regresso de seu amigo.

Bonpland recusou. A Paris preferiu São Borja, a todos os esplendores do centro científico do Mundo a simplicidade e as delícias do sertão brasileiro. Ele confiou a um amigo: "Acostumado a viver livre à sombra das árvores seculares da América, a ouvir o canto dos pássaros que suspendem seus ninhos acima de minha cabeça, a sentar-me para ver correr a meus pés as águas puras de um ribeiro: em lugar de todos esses bens, que encontrarei eu no mais brilhante, no mais aristocrático bairro de Paris? Fechado em meu gabinete, eu deveria trabalhar dia e noite por conta de um livreiro e teria por toda compensação o prazer

Foi em 1798, em Paris, no Salão Corvissart que se encontraram os dois jovens que deviam unir-se por uma amizade duradoura. Eram ambos talentosos, cultos e possuídos de um amor ardente pela natureza e pelas viagens aos países longínquos. Seus nomes são bem conhecidos na América do Sul. Um se chamava Alexandre de Humboldt, o outro Aimé Bonpland. Este, grande botânico francês, tornou-se célebre como companheiro de viagem e colaborador de Humboldt, passou no Brasil, sob circunstâncias extraordinárias, uma grande parte de sua existência.

Os dois jovens (Humboldt tinha 29 anos, Bonpland 25) iam inscrever-se como médicos do Exército para a expedição de Napoleão no Egito. Recusados, partiram para a Espanha onde, graças às boas relações de Humboldt, obtiveram o apoio do governo espanhol para uma excursão científica aos países hispano-americanos. Essa viagem de 5 anos, de 1799 a 1804, descrita nos 30 volumes da famosa obra "Voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent" por eles escrita, revelou-se qual uma nova descoberta do Novo Mundo e deu aos dois sábios uma reputação universal.

Humboldt não voltou mais à América. Bonpland só tinha uma aspiração: voltar. Após o trespasse da Imperatriz Josephine, que o litera intendente de seu parque maravilhoso de Malmaison, ele seguiu, em 1816, para a Argentina e se instalou em Santa Anna, entre os rios Uruguai e Paraná, na Província de Corrientes, devotando-se aos estudos da natureza, às excursões científicas e a uma cultura grandiosa da

O MALHO

— 100 —

IV — 1943

QUE PREFERE BORJA A PARIS

POR ERNESTO FEDER

de ver, de momento a momento, abrir-se uma rosa triste sobre minha janela. Eu perderia o que mais aprecio, minha sociedade predileta, minhas plantas, que fazem a minha felicidade e são a minha vida. Não, não, é aqui que devo viver e morrer".

Ele cumpria a palavra. Durante um quarto de século, São Borja foi sua nova pátria. A pequena cidade encantava-o. Continuou, às margens do Uruguai, seus estudos de botânica, plantou um vasto jardim de laranjeiras e arbustos da Europa e tornou, em companhia do governo brasileiro, o projeto gigantesco de fornecer pés de mate para todas as províncias brasileiras.

A amizade que, desde a infância, o ligava a Humboldt não foi diminuída pela distância nem pelo tempo. Em 1853, Humboldt, com 84 anos, escreveu-lhe uma longa carta cheia de amor, e Bonpland, contando 80 anos, respondeu-lhe gabando os encantos de São Borja, "a docilidade de seu clima e a exuberância de sua vegetação". Ele acrescentou: "São Borja pode ser, um dia, de uma grande importância", sem suspeitar que ilustre personagem, 30 anos mais tarde, sairia dessa mesma cidade.

Os últimos anos de sua vida, ele os passou em Santa Anna, na Província de Corrientes, tendo aceitado as funções de diretor do Conservatório de História Natural. Quando morreu, em 1858, na idade de 85 anos, poderiam inscrever-se sobre sua louza estas palavras de seu amigo Humboldt e que exprimem a seu próprio pensamento: "O que me é mais caro, e que não poderei arrebatá-lo-me, é o sentimento de liberdade, que me há de acompanhar até ao túmulo".

IV — 1943

— 101 —

O MALHO



A VIDA ACADEMICA DE GETULIO VARGAS

EM todos os instantes de sua vida Getúlio Vargas foi sempre a imagem da serenidade a serviço da ponderação e da ordem. O traço predominante do caráter do chefe do governo brasileiro tem sido a moderação e o raciocínio sem paixões — o que levou John Gunther a encontrar nessas qualidades a razão pela qual se destacou no seio de seu povo. A fase acadêmica do estadista que dirige o Brasil não interrompeu a linha de continuidade de seu temperamento.

A reserva, a discrição e a análise pausada de perturbações e acontecimentos anularam a explosão de ocorrências em que é tão fértil a juventude. Contrariamente, o fato mais destacado do período reafirmou as virtudes diretivas de que era portador, fazendo nascer no Rio Grande do Sul o ambiente de confiança que se estenderia pelo país inteiro.

Esclarecendo pontos e fazendo revelações, inéditas, o general Paim Filho, que foi seu colega na Faculdade de Direito de Porto Alegre, durante todo o curso, narrou, especialmente para esta edição, os episódios abaixo reproduzidos, nos quais os leitores acharão os sinais de uma personalidade fadada às glórias que o destino confere aos seus eleitos.

I V — 1 9 4 3



Retrato do Presidente Getúlio Vargas, um detalhe do quadro de formatura dos bachareis de 1907 da Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre

O TRAÇO PREDOMINANTE :
RESERVA E PONDERAÇÃO. —
QUANDO SAUDOU AFONSO
PENA. — UMA ORAÇÃO RE-
VELA O HOMEM. — TRINDADE
ORATÓRIA COM JOÃO NEVES
E MAURICIO CARDOSO — DIS-
SOLVENDO UMA MANIFESTA-
ÇÃO POLÍTICA — ADMIRADOR
DE PINHEIRO MACHADO —
JORNALISTA DOUTRINÁRIO.

(Narrativa, especialmente feita para "O Malho", pelo general Paim Filho, discípulo de Getúlio Vargas na Faculdade de Direito de Porto Alegre).

— 103 —

NÃO foram especiais as circunstâncias em que conheci Getúlio Vargas. Nosso primeiro contacto perle-se entre os mil fatos comuns da vida de estudante. Mas a sua vida acadêmica, tenho-a viva na memória. Pelo menos alguns dos episódios mais relevantes. Ingressámos juntos na Faculdade de Direito de Porto Alegre. Ele tinha saído da Escola Militar do Rio Pardo e depois de resolvido o litígio entre o Brasil e a Bolívia, regressara de Mato Grosso, até onde seguira, como soldado. Dando baixa, preparou-se para entrar na Faculdade. Não o pôde, entretanto, fazer logo, porque na Escola de Rio Pardo não era ensinado o latim. Eu estava concluindo o curso ginásial e, também não poderia ser admitido imediatamente. Getúlio e eu matriculámo-nos, pois, como ouvintes do primeiro ano. Partem daí as nossas relações.

Aproximámo-nos naturalmente. Concorreu para o entendimento que para sempre nos ligou o precedente das relações que ligavam a minha família à família Vargas. Um de meus tios, residente em Vacaria, era, por sinal, amigo próximo do general Manoel Vargas, pai do meu condiscípulo. O convívio tornou-se íntimo e foi assim que passámos a morar juntos na mesma pensão. A nossa existência de estudantes não registou nenhum fato digno de menção até à passagem para a quarta série. Foi quando Getúlio Vargas começou a se destacar como orador. Com João Neves e Maurício Cardoso formávamos a nossa equipe de melhores tribunos. Era claro, preciso. Enérgico e dessassombado, não recuava diante das questões. Suas qualidades de ponderação valeram-lhe, nessa oportunidade, o início da popularidade que teria mais tarde. O presidente eleito da República Afonso Pena estava em viagem oficial para o Estado. O presidente do Rio Grande do Sul, dr. Borges de Medeiros, mandara aprestar um navio com representações de todas as classes de Porto Alegre, afim de saudar o ilustre visitante na cidade de Rio Grande, que é porto de mar. Os estudantes foram prevenidos de que somente poderiam enviar um delegado de cada escola superior. Motivava a exigência as condições de lotação do navio. O fato não teria importância se os estudantes não tivessem antevisto a possibilidade de enviar numerosa delegação. Procuraram satisfazer seus desejos. Frustradas as intenções, num desses movimentos bem próprios da mocidade, encheram-se de ressentimentos contra o presidente do Estado. Resolveram não prestar apoio a nenhuma das homenagens oficiais a Afonso Pena. Só um ambiente de grande irritabilidade, organizámos uma manifestação exclusivamente nossa ao viajante. Getúlio Vargas foi designado para saudá-lo. Reinava nervosa expectativa. Que iria dizer? Getúlio, interprete do sentimento dos estudantes rio-grandenses, demonstrou, a essa altura, a habilidade do seu tino diplomático, a finura de um espírito que não se deixa arrebatado pelos acontecimentos. Prounciou um discurso magnífico, disse das ra-

O MALHO



Quadro de formatura dos Bacharelados da Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre, que colaram grão em Dezembro de 1907.

Foi orador da turma o bacharelado Getúlio D. Vargas que pronunciou notável oração e que causou, então, profunda impressão pela originalidade e audácia de seus conceitos. Não foi publicada e não foi possível conseguir-se, até hoje, uma cópia, ou resumo desse trabalho.

Getúlio D. Vargas; Appolinário T. de Borba; João Alves Nogueira; Inocencio Borges da

Rosa; Carlos Lisboa Ribeiro; Alziro Marino; Amantino Fagundes; Antonio Moraes Fernandes; Henrique Rupp Jr.; Oswaldo Vergara; Firmino Paim Filho; Manoel Luiz Pizarro.

FALECIDOS

Francisco Rodolfo Simch; Francisco de Leonardo Truda; Alvaro Sergio Masera; Claudio Ferrando; Manoel Luiz Romero; Henrique Alves de Araujo.



Grupo feito, em Porto Alegre, em 1927, por ocasião do vigésimo aniversário da formatura dos bachareis de 1907, da Faculdade de Direito de Porto Alegre. (Fotografia cedida pelo Dr. Manoel Luiz Pizarro). Em pé, da E. para a D.: Osvaldo Vergara; Francisco Rodolfo Simch (?); Francisco Leonardo Truda (?); Manoel Luiz Pizarro; Henrique Rupp Junior; Altziro

Marinho; Antonio Moraes Fernandes; Amantino Fagundes; Alvaro Sergio Maserá (?). Sentados: Inocencio Borges da Rosa; Carlos Lisboa Ribeiro; Firmino Palmi Filho; Prof. Leonardo Macedônia; Desembargador André da Rocha; Prof. Normelio Rosa; Desembargador Valentim do Monte; Getúlio Vargas; Apolinario Francisco de Borja Ferreira.

ções da manifestação. Mas não fez a mínima alusão ao motivo que os tornara dissidentes das festas oficiais. Arrebatados pela oração, os acadêmicos esqueceram os ressentimentos. Mas a opinião pública do Rio Grande do Sul passou a encarar com generalizada admiração o moço que tanta superioridade demonstrara num instante de efervescência e paixão.

A atitude de Getúlio teve repercussão mais prolongada. Meses depois, realizaram-se as eleições para presidente do Estado. Eu e Getúlio pertencíamos ao Partido Republicano Castilhista. Não foi, pois, difícil aproximarmos-nos, de novo de Borges de Medeiros. Este apresentou o dr. Carlos Barbosa como candidato.

Atingimos a fase mais brilhante de nossa existência acadêmica, por essa época. Criando dissidência no Partido Republicano Castilhista, o dr. Fernando Abbot do mesmo se desligara, afim de apresentar sua candidatura à sucessão presidencial do Estado. Indignamo-nos com a atitude do dissidente. Resolvemos prestar solidariedade ao dr. Borges de Medeiros, chefe que encarnava os postulados do Partido. Eis quando chega a Porto Alegre o senador Pinheiro Machado, que costumava passar as férias parlamentares no Rio Grande do

Sul. Pronunciou, ao desembarcar, um discurso em que verberava o procedimento do dr. Fernando Abbot, momente por se ter ligado aos federalistas, inimigos da vespere. Elementos castilhistas dissidentes, já ligados ao Partido Federalista, empreenderam, em represália, uma manifestação de apreço aos chefes políticos Pedro Moacyr e Rafael Caldeia, que, para esse fim, se transportaram até à casa de um correlegião, situada próximo ao Palácio do Governo, onde se encontrava hospedado Pinheiro Machado. Por expressiva coincidência, os estudantes castilhistas estavam em sessão afim de redigir um manifesto de apoio ao dr. Borges de Medeiros e desaprovação ao dr. Fernando Abbot. Tomando conhecimento da homenagem a este, levantamos a reunião e para lá nos dirigimos, inclusive Getúlio, dispostos a enfrentar o que houvesse. A multidão era numerosa, mas investimos em grupos. Atrás, vários colegas, dirigiam carros a cavalo, tocados a toda disparada. Conseguiu-se o efeito visado, pois os manifestantes dispersaram, julgando aproximar-se poderosa carga de cavalaria. Cessado o tumulto, conseguimos uma banda de música e fomos à presença de Pinheiro Machado, que foi saudado, por Getúlio Vargas.

Em seguida, iríamos ao Clube Republicano Julio de Castilhos, onde seria concluída a feitura da proclamação, que levaria, juntamente com a de Getúlio Vargas e de centenas de moços, as dos atuais generais Estácio Gaspar Dutra e Góes Monteiro, que cursavam a Escola de Guerra de Porto Alegre. Desenvolveríamos intensa atividade partidária, preparando eleitores e movimentando a opinião política. Getúlio Vargas seria redator de "O Debate", nosso jornal diário, que redigia quasi exclusivamente, pois supria sempre a continua ausência dos demais. Pronunciaria discursos em comícios, pelo interior e na capital. Esperveria a quasi totalidade dos nossos artigos contrários. Estaria sempre com sua palavra conciliadora a resolver questões e desentendimentos. Assim iria até o fim do curso, que nos encontrou presos pela amizade nascida desde o início. Mas, entre tantas conquistas da inteligência, ganharia a maior laurea da vida de estudante. A unanimidade dos colegas escolheu-o para orador da turma, interprete do pensamento dos companheiros de jornada, que assim criaram uma antevisão do futuro, antecipando na vocação de comando de Getúlio Vargas a realidade contemporânea — em que ele sintetiza os ideais e constitui a voz das legítimas aspirações do povo brasileiro.



O PRESIDENTE VARGAS

Visto pela inteligência
feminina do Brasil

Nós, os que servimos desinteressadamente a Getúlio Vargas, nas horas de prova ou de vitória, com a sensação de estar servindo ao Brasil, guardaremos dele várias lembranças simples que lhe definem a grandeza. Eu, por mim, si tivesse que fixar o segredo do poder de Getúlio Vargas, diria que advem de sua capacidade de esquecer-se a si mesmo, dessa capacidade que o reveste como uma couraça isoladora. Admiro-a sempre que levei a seu conhecimento a causa de um adversário seu, de alguém que o injusticiera, de um ante-perseguido por todos, o que eu, para salvar, sabia só poder encontrar um defensor: Getúlio Vargas. Ele nunca hesitou; jamais recordou as queixas visíveis. A causa era justa? o elemento humano de valor? Getúlio Vargas afastava-o de julgamento. Era senhor de proteger, proteger. Invocando-o como estadista, administrador, político, direi: — É um grande governante. Nós, os que podemos evocar-lhe provas de bondade, acrescentemos: — É um grande homem!

ROSALINA COELHO LISBOA
I V — 1943

Em pouco mais de meio século a mulher assumiu, em todo o mundo, uma nova atitude diante da vida. Deixou de ser apenas a criatura voltada aos problemas internos do lar, para converter-se também nas lutas diárias que apenas eram acometidas ao homem. A guerra de 1914 acelerou essa emancipação da mulher. Ela assumiu as posições abandonadas pelos homens que tinham ido combater nos largos campos de batalha da Europa. E essa circunstância veio revelar-lhe os dons de inteligência e de argúcia na solução dos problemas da cultura. Hoje, a inteligência feminina se impõe como uma força nova e considerável. As organizações sociais modernas tem favorecido a sua eclosão — e tanto nas artes como na literatura, na vida civil como na vida militar, as mulheres sabem manifestar os seus valores individuais.

No Brasil moderno, a mulher vive o mesmo instante emancipador da mulher de todo o mundo civilizado e culto. Sua opinião sobre a figura do Presidente Vargas teria assim que ser pesquisada. E foi isto que fizemos, ao recolher as opiniões aqui contidas.

A mulher do Brasil sabe dar justo valor ao Chefe de Governo, que, pela sua obra social e política, colocou a inteligência feminina em situação de dignidade e liberdade de movimentos na vida nacional.

A lenda napoleônica é como a revelação de S. João. Cada qual presente, que ha mais alguma coisa oculta; mas ninguém sabe o que é!" Embora os paralelos entre os grandes homens sejam, geralmente, mais sugestivos do que convincentes, esta feliz fórmula de Goethe — que Emil Ludwig adotou como epigrafe para o seu estudo biográfico de Napoleão — pôde ser superposta, tal a semelhança das imagens, à personalidade do Presidente Vargas. Há, indubitavelmente, ao redor da figura do nosso estadista máximo o halo de uma força de expansão, que escapa à objetividade de qualquer análise, e à qual nenhum brasileiro pôde ficar insensível.

Era no que eu pensava enquanto o Presidente, com o seu encantadora bonomia, me contava certa vez que lera numa revista londrina a notícia de um inquérito ao qual haviam respondido as mulheres inglesas. A pergunta fora: "Qual a qualidade que mais aprecia no homem?" E o resultado, bem expressivo... Venceu em primeiro lugar a coragem; em segundo, a inteligência; em terceiro, a beleza. "Estou de acôrdo com o varedicto,

tempestade zombada o Presidente. Prefiro um "burro" corajoso a um "inteligente" pulheta". Essa frase, pronunciada no decorrer de simples palestra, foi para mim a revelação do pensamento mais íntimo da meu interlocutor. Sentir nela o seu radical despriso pela covardia.

Não é somente o gênio político, ou a energia com que enfrenta as situações, nem a amplitude impressionante de sua visão, ou o dom de frimamente passar pros e contras antes de tomar uma deliberação, que constituem a personalidade do Presidente Vargas, e captam essa confiança. Já hoje enrugada, que não despidem talas as classes do país. Existe qualquer coisa além disso: uma transcendental irradiação que emana da sua inteligência, de sua magnanimidade, do seu otimismo, da sua própria pessoa e, principalmente, da sua coragem diante da vida e da morte.

A Nação já teve, em todos os dias, a confiança a ter, a prova da justiça com que o conceito de Coelho é igualmente aplicável à personalidade extraordinária de Getúlio Vargas.

TETRA DE TEFÉ



CALMO... Odetta Barcellos

Leonora Brasil

O MALHO

— 106 —

IV — 1943

de acórdio com a sua vontade, a sua índole, os seus costumes e os seus sentimentos, e deuses assim um Brasil original e humano

ODETTE BARCELLOS

Muito se tem escrito a respeito de Getúlio Vargas e muito se há de escrever ainda sobre quem, e em verdadeiro patriotismo, topas, digno e feliz, os destinos do nosso país.

Homem extraordinário, cuja história é das mais perfeitas e que faz do silêncio o laboratório das grandes tarefas da nação, como cristal em jaca, Vargas apresenta as facetas sublimes do seu espírito toda e vez que a Pátria pede em prova o seu valor incógnito. Semo nas atitudes, justo no julgamento, rito no proceder, foi a um gesto amigo, filantropo em face dos que sofrem, nobre no próprio dir, orgulhoso do País que a viu nascer, grande, dedivos e bom, Getúlio Vargas comporta um pensamento numa adequada comparação:

LEONOR POSADA



Adalza Bittencourt

Mercedes Pintas

IV — 1943

— 107 —

O MALHO

sempre um prazer falar sobre uma personalidade como a do nosso Presidente. São-me orgulhosos, realmente, de ser filha de um país que vem cumprido os seus altos destinos sob a direção de um estadista que, pelas suas grandes realizações de líder e de patriota, realta a administração mais fecunda de que há memória em nosso país.

As meu ver a personalidade do nosso presidente pode ser estudada sob três aspectos diferentes: o político, o social-econômico, e, finalmente, o individual.

Sob o ponto de vista político, basta que nos reportemos à projeção que o Brasil alcançou entre as demais nações.

Sob o aspecto social-econômico, não pode passar despercebida a atenção dispensada à nossa produção, e, em particular, a um dos seus setores: o industrial.

Só me resta, agora, falar sobre o aspecto individual dessa eminente figura, cujo alto espírito de justiça e extrema bondade tem conatado todos os que tem apelado para o seu generoso coração.

Chefe de família amantíssimo, pôde bem servir de padrão à família brasileira, que aliá se reconhece, e que agora o acompanha com a mais profunda tristeza e devotado carinho, nesta golpe cruelíssimo que acaba de asher com a perda de um ente tão querido, e que

era, para a nossa mocidade, um exemplo de ablução, abnegação e trabalho.

VIOLETA COELHO NETTO DE FREITAS

O Presidente Getúlio Vargas é uma das maiores e mais impressionantes figuras de nossa história política. Há quem o compare aos grandes consolidadores da nacionalidade, ao Feijó da República, ao Castor do Segundo Reinado, ao Floriano da República. Efetivamente, ele tem com todos esses valores atitudes profundas, porque, como cada um deles na sua época, ele realizou um milagre de transformação da vida do país sem sacrifícios inúteis e com rara sabedoria. Além a verdade desta utilidade do Brasil, a unidade moral e espiritual, completando a unidade política, não só a vivemos com o Estado Nacional em 1937, e isso é obra do gesto do Presidente Getúlio Vargas. Foi ele o construtor da Pátria sem divisões internas e de uma só bandeira, Pátria que é a mesma nos campos gaúchos e nos seringaais amazônicos. Num mundo dividido por ideologias barbares, ele preparou o Brasil para enfrentar o futuro, viver a sua vida

Visitando pelas Américas, falando com jornalistas e homens de letras de vários países, fui observando e anotando as simpatias com que viam o Buteiro Chefe da Nação Brasileira, e colhi as impressões que me haviam com sinceridade.

Em Toronto, no Canadá, um jornalista me disse em 1932:

"O Brasil é um dos países mais felizes do mundo, porque tem à frente de seus destinos um estadista como o Sr. Getúlio Vargas".

Nos Estados Unidos, com mais calor ouvi tantas vezes falar no nosso Presidente, quanto vezes de felicidades lhe enviassem por meu intermédio, inclusive alguns representantes da Casa Branca em Washington.

No México, me disse um escritor e pensador:

"O Brasil vai longe, tomará a dianteira em tudo entre os países da América latina, pois teve a felicidade de encontrar um homem de país, de brio e corosso de aço".

No Uruguai a popularidade do Presidente Vargas é tão grande quanto a estima e admiração que sentem por ele.

No Chile, um jornalista me perguntou: — "Que felicitá puzesse o Presidente Vargas para ser quando, respeitado e admirado dentro e fora de 'su pátria'?"

Na Argentina, não tenho estado mais vezes e em longas temporadas, pude observar a felicidade que sentem pelo nosso Presidente. Eu mesma publiquei há tempos um artigo sobre uma jovem argentina que passou em sua casa cada noite de 28 retratos do Sr. Getúlio Vargas, alguns feitos por ela mesma em pastel, o oleo, a crayon, carvão, etc., sua lincio, anal, broche e pulseiras feitas com tartaninhos brasileiros que ela pede a torto e a direito, porque levam a religião vendida. Essa moço, que é uma creature indistinta, chama-se Iria Ferret, e promete vir ao Brasil trabalhar e a guerra chegar ao nosso hemisfério, para defender, diz ela, "al grande presidente que yo admiro mucho y lo quero".

Quasi todos, e em toda parte, também me interpelam acerca dos nossos sentimentos sobre a pessoa do Chefe da Nação, ao que respondo enfim:

— O Presidente Getúlio Vargas foi o Chefe da Infância que realizou o milagre de fazer com que 45 milhões de brasileiros fossem quando ela goza, nem quando ela ri e choram quando ela chora, porque ele conseguiu se encontrar no coração de gente brasileira...

ADALZA BITTENCOURT



Expressivo flagrante colhido num instante altamente histórico, em que a mulher brasileira, representada pelas senhoras cariocas, levava ao Presidente

Vargas a expressão de sua solidariedade e aplauso pela entrada do Brasil na guerra. Vê-se o Chefe do Governo ao lado de sua exma. esposa, quando falava às manifestantes.



Momentos Culminantes da Oratoria de GETULIO VARGAS

de JOSUÉ MONTELLO

A mais difícil e a mais perigosa das espécies de oratória é, sem dúvida, a oratória de um estadista, porque é a que exige do orador o maior poder de equilíbrio e a que acarreta a maior soma de responsabilidades.

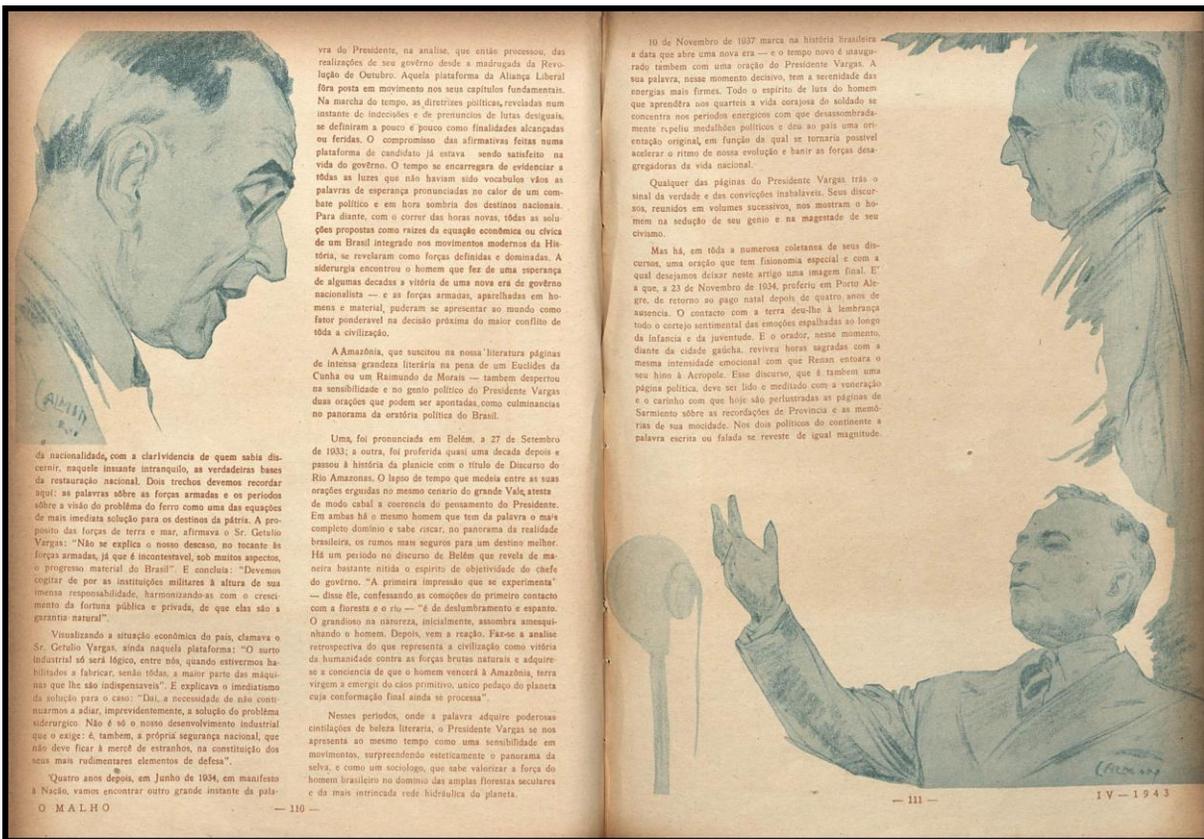
As palavras de um homem de governo não podem ser vocabulos vãos que o vento leva. Tem que ser expressões substanciais que definem verdades evidentes e assumem compromissos definidos em face do povo e diante da História. Veem com a força de um versículo bíblico, que não pôde mentir, e com o valor de um juramento, que não pôde falhar.

No decurso de toda a nossa História, a palavra do Presidente Vargas avulta como a mais alta manifestação do genio politico através da oratória. Ela possui, como nenhuma outra em toda a marcha de nossa civilização, aquelas condições de equilíbrio que são o perigo e a grandeza do genero. A cada ponto irrompem conceitos, que valem como definições precisas, e são elaborados com a cintilação e o mistério com que se formam e apresentam os diamantes. O escritor e o sociologo se conjugam nessas conceituações

modelares que são sínteses felizes da vida de nosso povo e dos movimentos de nossa fisionomia politica. E impõe-se tambem a manifestação de promessas solenes que serão fielmente cumpridas.

Há uma linha reta unindo, do passado ao presente, o pensamento e a conduta politica do Presidente Vargas. O orador, que tem a fluência e a precisão elegante das palavras, se funde com o politico, que tem a mais alta conciencia dos compromissos assumidos com um povo que entregou ao seu genio de homem de Estado a certeza de um destino melhor.

A plataforma da Aliança Liberal, lida na Esplanada do Castelo a 2 de Janeiro de 1930, não é apenas o capitulo inaugural de um novo pensamento politico para o Brasil: é tambem um dos instantes mais altos da oratória do Presidente Vargas. Dirigindo-se ao povo, nos prenuncios de um rude combate eleitoral e politico, o então candidato da Aliança Liberal à presidência da República demarcou, em definitivo, as diretrizes essenciais de um panorama de governo. Viu a realidade brasileira na sua exatidão constangedora — e resaltou para o país os problemas imediatos



de nacionalidade, com a clareza de quem sabia discernir, naquele instante intranquilo, as verdadeiras bases da restauração nacional. Dois trechos devemos recordar aqui: as palavras sobre as forças armadas e os períodos sobre a visão do problema do ferro como uma das equações de mais imediata solução para os destinos da pátria. A propósito das forças de terra e mar, afirmava o Sr. Getúlio Vargas: "Não se explica o nosso descaço, no tocante às forças armadas, já que é incontestável, sob muitos aspectos, o progresso material do Brasil". E conclui: "Devemos cogitar de por as instituições militares à altura de sua mensa responsabilidade, harmonizando-as com o crescimento da fortuna pública e privada, de que elas são a garantia natural".

Visualizando a situação econômica do país, clamava o Sr. Getúlio Vargas, ainda naquela plataforma: "O surto industrial só será lógico, entre nós, quando estivermos habilitados a fabricar, sendo todas, a maior parte das máquinas que lhe são indispensáveis". E explicava o imediatismo da solução para o caso: "Daí, a necessidade de não continuarmos a adiar, imprevidentemente, a solução do problema siderurgico. Não é só o nosso desenvolvimento industrial que o exige; é também, a própria segurança nacional, que não deve ficar à mercê de estrangeiros, na constituição dos seus mais rudimentares elementos de defesa".

Quatro anos depois, em Junho de 1934, em manifesto à Noite, vimos encontrar outro grande instante da pá-

vra do Presidente, na análise, que então processou, das realizações de seu governo desde a madrugada da Revolução de Outubro. Aquela plataforma — Aliança Liberal — fora posta em movimento nos seus capítulos fundamentais. Na marcha do tempo, as diretrizes políticas, reveladas num instante de indecisões e de pronúncias de lutas desiguais, se definiram a pouco e pouco como finalidades alcançadas ou feridas. O compromisso das afirmativas feitas numa plataforma de candidato já estava sendo satisfatório na vida do governo. O tempo se encarregara de evidenciar a todas as luzes que não haviam sido vocabulos vãos as palavras de esperança pronunciadas no calor de um combate político e em hora sombria dos destinos nacionais. Para diante, com o correr das horas novas, todas as soluções propostas como raízes da equação econômica ou cívica de um Brasil integrado nos movimentos modernos da História, se revelaram como forças definidas e dominadas. A siderurgia encontrou o homem que fez de uma esperança de algumas décadas a vitória de uma nova era de governo nacionalista — e as forças armadas, aparelhadas em homens e material, puderam se apresentar ao mundo como fator ponderável na decisão próxima do maior conflito de toda a civilização.

A Amazônia, que suscitou na nossa literatura páginas de intensa grandeza literária na pena de um Euclides da Cunha ou um Raimundo de Moraes — também despertou na sensibilidade e no genio político do Presidente Vargas duas orações que podem ser apontadas, como culminâncias no panorama da oratória política do Brasil.

Uma, foi pronunciada em Belém a 27 de Setembro de 1933; a outra, foi proferida quasi uma década depois e passou à história da planície com o título de Discurso do Rio Amazonas. O lapso de tempo que medeia entre as suas orações erguidas no mesmo cenário do grande Vale, atenta de modo cabal a concreção do pensamento do Presidente. Em ambas há o mesmo homem que tem da palavra o mais completo domínio e sabe riscar, no panorama da realidade brasileira, os rumos mais seguros para um destino melhor. Há um período no discurso de Belém que revela de maneira bastante nítida o espírito de objetividade do chefe do governo. "A primeira impressão que se experimenta" — disse ele, confessando as condições do primeiro contacto com a floresta e o rio — "é de deslumbramento e espanto. O grandioso na natureza, inicialmente, assombra amesquiando o homem. Depois, vem a reação. Faz-se a análise retrospectiva do que representa a civilização como vitória da humanidade contra as forças brutas naturais e adquire-se a consciência de que o homem vencerá à Amazônia, terra virgem e emergi do caos primitivo, unico pedaço do planeta cuja conformação final ainda se processa".

Nesses períodos, onde a palavra adquire poderosas civilizações de beleza literária, o Presidente Vargas se nos apresenta ao mesmo tempo como uma sensibilidade em movimentos, surpreendendo esteticamente o panorama da selva, e como um sociólogo, que sabe valorizar a força do homem brasileiro no domínio das amplas florestas secutares e da mais intrincada rede hidráulica do planeta.

10 de Novembro de 1937 marca na história brasileira a data que abre uma nova era — e o tempo novo é inaugurado também com uma oração do Presidente Vargas. A sua palavra, nesse momento decisivo, tem a serenidade das energias mais firmes. Todo o espírito de luta do homem que aprendeu aos quartéis a vida corajosa do soldado se concentra nos períodos energicos com que desassombadamente repeliu medalhões políticos e deu ao país uma orientação original, em função da qual se teria possível acelerar o ritmo de nossa evolução e banir as forças desagregadoras da vida nacional.

Qualquer das páginas do Presidente Vargas trás o sinal da verdade e das convicções inabaláveis. Seus discursos, reunidos em volumes sucessivos, nos mostram o homem na sedução de seu genio e na magestade do seu civismo.

Mas há, em toda a numerosa coleção de seus discursos, uma oração que tem fisionomia especial e com a qual desejamos deixar neste artigo uma imagem final. É a que, a 23 de Novembro de 1934, proferiu em Porto Alegre, de retorno ao gaúcho natal depois de quatro anos de ausência. O contacto com a terra deu-lhe à lembrança todo o cortejo sentimental das emoções espalhadas ao longo da infância e da juventude. E o orador, nesse momento, diante da cidade gaúcha, reviviu horas sagradas com a mesma intensidade emocional com que floran entoura o seu hino à Acropole. Esse discurso, que é também uma página política, deve ser lido e meditado com a veneração e o carinho com que hoje são perflustradas as páginas de Sarmiento sobre as recordações de Província e as memórias de sua mocidade. Nos dois pontos do continente a palavra escrita ou falada se reveste de igual magnitude.

Pensamentos de GETULIO VARGAS

Coligidos por
DE MATTOS PINTO

OS povos vigorosos, aptos à vida, necessitam seguir o rumo das suas aspirações, em vez de se deterem na contemplação do que se desmorona e tomba em ruínas.

A função de governar é, por natureza, impessoal e isenta de paixões.

CUMPRE não confundir revolução com o episódio militar que a deflagra.

A unidade brasileira é, principalmente, um patrimônio de ordem moral.

NÃO se dirigem povos contrariando-lhes as tradições, tentando prendê-los a regimes políticos que lhes neguem a história.

AS iniciativas individuais ainda são a força impulsora dos grandes movimentos e realizações.

TODAS as atividades humanas são forças sociais agindo negativamente ou positivamente.

DISCIPLINAR a natureza é aperfeiçoar a vida social.

OS privilégios de casta, os preconceitos raciais, as desigualdades de fortuna, as opressões de classe, os ódios mesquinhos, todos os valores aparentemente inconciliáveis da civilização contemporânea hão de fundir-se nesse incêndio de vastas proporções em holocausto ao surto de uma nova era.

O edifício do direito novo, a erigir-se, remodelado da base ao alto, para conseguir solidez e eficiência, deve ter por argamassa os fatos econômicos, perscrutados nas suas origens, previstos na sua marcha e ascensão, prognosticados nos seus fins.

ACREDITO que o homem conquista, progressivamente a natureza pelo trabalho e pela ciência, e, graças a esse processo de apropriação, consegue melhorar o corpo e o espírito, elevando a condição humana e tornando a existência mais digna.

O destino das nações está, quase sempre, condicionado às características e acidentes da sua conformação geográfica.

A tarefa de governar faz-se, cada dia, mais complexa e difícil.

MARCHAMOS para um futuro diverso de quanto concebemos em matéria de organização econômica, social ou política, e sentimos que os velhos sistemas e fórmulas antiquadas entram em declínio.

ENTEENDIDA, como deve ser, a profissão de jornalista confina com o exercício de um sacerdócio.

O que a natureza oferece é uma dádiva magnífica a exigir o trato e o cultivo da mão do homem.

O MALHO

AO homem moderno está interdita a contemplação, o esforço sem finalidade.

AS escolas de ensino superior não podem funcionar como compartimentos estanques, sem contacto com as formas correntes da vida.

BEM compreendemos que, sem investigar os grandes princípios conformadores da ciência, que é um processo de criação ininterrupta e não uma forma cristalizada e inerte, não será possível dar ao povo brasileiro a cultura de que necessita.

MULTIPLICANDO o esforço do homem, a máquina dá-lhe energias para enfrentar as dificuldades, venham de onde vierem; possibilitando o seu mais rápido agrupamento, oferece-lhe a certeza de que não se acha sozinho na luta contra os elementos e de que a solidariedade dos outros homens não é mera promessa mas realidade.

SI as instituições sociais não acompanharam, na sua evolução, o ritmo do progresso técnico, o que há a fazer é reformá-las, modificá-las, aperfeiçoá-las.

A violência gera a violência e as violações dos nossos direitos provocarão reações e represálias.

EDUCAR equivale, também, a uma forma de saneamento.

O trabalho é o maior fator da elevação da dignidade humana.

SER amante da paz, desejar a paz, não significa cultivar um pacifismo apático e suicida, que impede de encarar com ânimo heróico os aspectos trágicos da vida.

QUANDO os meios de governo não correspondem mais às condições de existência de um povo, não há outra solução senão mudá-los, estabelecendo outros moldes de ação.

A grande força dominadora e renovadora da vida social contemporânea é, principalmente, de caráter econômico.

COM grave erro, a sociedade moderna ainda assenta a sua economia sobre o lucro individual, concedendo ampla liberdade na escolha dos meios para sua consecução.

A economia equilibrada não comporta mais o monopólio do conforto e dos benefícios da civilização por classes privilegiadas.

GRANDE mestra dos povos modernos, a Imprensa é o manancial em que eles se desalteram, em que vão beber os elementos essenciais ao cultivo da inteligência e do caráter.

I V — 1943

— 112 —

GETULIO VARGAS

na ACADEMIA BRASILEIRA

Americo Dalha

(do Instituto Brasileiro de Cultura)

A Academia Brasileira de Letras elegeu, há pouco, o sr. Getúlio Vargas para suceder Alcântara Machado, na cadeira n.º 37, patrocinada por Tomás Antônio Gonzaga. Dir-se-ia que nenhuma analogia existe entre a obra do grande e desgraçado poeta mineiro, lírico por excelência e a do sr. Getúlio Vargas, toda ela de caráter político social.

Convenha-se, entretanto, que a analogia entre dois homens de letras não se mede pelos seus trabalhos, mas pela beleza do sentimento e da inspiração comum. Se o sr. Getúlio Vargas nunca foi poeta, de maneira a poder se ombrear com o vate de Marília tem, todavia, o lirismo do seu amor ao Brasil, a inspiração de um nobre e suave enlevo pelas maravilhas da sua pátria, a admiração mais alta pela grandeza sempre empolgante da terra brasileira. Há, portanto, pontos de contacto direto entre o patrono e o novo ocupante da cadeira 37. Santos Dumont, na cadeira de Tobias Barreto, poderia parecer um dispauteiro. Mas, não foi. Tobias tinha a ânsia da conquista científica, de novos rumos para a inteligência humana, pela sedução de uma filosofia que escandalizava o século. Santos Dumont empolgou-se pela conquista dos ares, buscando na navegação dos espaços rumos também novos para a inteligência humana. São homens que se completam e se identificam pelo espírito, porque só o espírito pôde compreender estas afinidades que palpitem em trabalhos e realizações, apertamente antagônicas.

A Academia não fez favor em eleger o sr. Getúlio Vargas, para suceder Alcântara Machado. O atual chefe da Nação é de fato um estilista, um pensador, um orientador das multidões. Se não há no seu frasear o sentido demagógico dos que pretendem reformar o mundo, existem a vibração, o vigor, o entusiasmo, o equilíbrio do homem que, ao traduzir para o papel o pensamento em ebulição, sabe fazê-lo sem deixar arestas perigosas que, tantas vezes, servem de estímulo ao desencadeamento de paixões e de ódios.

Podemos avaliar e julgar os méritos de Getúlio Vargas como homem de cultura, através de todo o seu passado de estadista. Entretanto, foi depois da Revolução de 1930, que o pensador se afirmou, revelando-se pelos discursos, mensagens e outros documentos já enfiados em volumes, na sua maior parte. Não há uma só dessas peças que não tenha fino lavor literário e, muitos, o canto arrebatador de uma poesia sentimental e cívica.

Ora é o reformador causticante, quando diz que "com a sua instintiva clarividência o povo, de há muito, apercebêra que estava sendo

IV — 1943

iludido, mas ignora ainda o **deve e o haver** dessa época de ludíbrio e o legado de pesadíssimos encargos que nos coube, genesis de todas as dificuldades com que lutamos"; ora é o crítico político, afirmando que "a nossa organização republicana, conformada segundo a teoria dos compêndios e à qual o temperamento liberal do povo brasileiro emprestara prestígio doutrinário excessivo, deixava passar pelas malhas frouxas das suas leis os germes dissolventes que haveriam de enfraquecer e perturbar o processo evolutivo da nacionalidade"; ora é o estadista de visão larga, quando declara "que o Estado, qualquer que seja o seu conceito segundo as teorias, nada mais é do que o condensador e disciplinador dos interesses coletivos ou a sociedade organizada como poder, para dirigir e assegurar o seu progresso. Toda a estrutura constitucional implica, por isso, na estrutura das funções do Estado"; ora é o patriota exaltado quando diz: "Pátria, possuímo-la; vasta e geograficamente de fronteiras extensas, conquistadas e mantidas pela energia dos nossos maiores. Mas, a Pátria, terra de fartura e de conforto mãe carinhosa para todos os seus filhos, templo de justiça e de fraternidade humana, onde vivem livres e felizes milhões de cidadãos dignos deste nome, pela consciência dos seus direitos e conhecimento dos seus deveres; Pátria, forte pela sua riqueza e admirada pela sua bondade, Pátria assim, precisamos ainda conquistar". É o sociólogo quando expõe que "o fundamento social da vida econômica é hoje a solidariedade. O princípio da livre concorrência cedeu ao da cooperação. As tendências solidárias propiciam a formação dos agrupamentos coletivos, cada vez mais fortalecidos para a defesa dos interesses de grupo, sob o controle em colaboração com o poder público. Entramos na fase construtora do movimento sindicalista".

Getúlio Vargas, escritor, cristaliza o pensamento de uma época. Não lhe sobra tempo para literatura de ficção. Seu gênio político se confunde com os objetivos construtores do revolucionário. Em todos os documentos que durante doze anos escreveu, Getúlio Vargas preparou um verdadeiro monumento histórico para a posteridade. Todas as nossas transformações sociais, políticas e culturais estão palpáveis na sua obra de cultura. Amanhã, o analista, o comentarista, o crítico, acharão nas páginas dos livros de Getúlio Vargas os traços fisionômicos e fundamentais da nossa época e que estão servindo de base para a organização futura da nacionalidade.

O MALHO





O homem tem nos reflexos de sua personalidade, nas manifestações de seus atos, no seu idealismo — um pouco do meio ambiente em que abriu os olhos para o mundo; muito das tradições da terra natal, filtradas nos séculos da família ou nos galpões, como lá no Rio Grande, pela piedade alegre e brava, num entusiasmo contagiante, em torno do fogão que ardia em cada estância à semelhança do fogueiro dos tempos antigos da Grécia, da Itália e do Oriente; e tem, mesclada com aquelas influências e com essas tradições, em estado potencial, a força palpitante de sua ancestralidade, que orienta e comanda.

OS VARGAS

São os seguintes os troncos paternos do eminente sr. Getúlio Vargas: Seu tetravô era açoriano, de Faial — Antonio José, casado com a catarinense Maria Josefa.

Seus trisavós foram — ringraziados do Sult. Manuel José de Vargas, nascido na freguesia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, e Ana Isabel Maria, natural de Vianna e de quem foram pais os mineiros

João Rodrigues de São João-Do-Rei, e Isabel Mariana, do Arraial dos Prados, ambos do bispado de Mariana.

Uma filha de Manuel José de Vargas, Ana Joaquina de Vargas, casou com o paulista Francisco de Paula Bueno. São estes os bisavós paternos do ilustre samborjense igualmente à frente dos destinos do país.

Seu avô — Evaristo José de Vargas, nascido na Encruzilhada e casado com a riopadense Luiza Maria Teresa, adotou o sobrenome materno, o que era então comum dos nossos maiores generais assim procederam — Odório e Carneiro da Câmara.

Seu venerado genitor, o bravo e honrado general Manuel do Nascimento Vargas, nascido em Passo Fundo, aos 25 de novembro de

O. M. ALHO



General Manuel do Nascimento Vargas

AS ORIGENS DO

PELO GENERAL

1844, casou em São Borja com d. Cândida Dornelles, e é, como já ficou dito, edificante exemplo de virtudes públicas e privadas.

Pertencemos, todos, ao passado, somos o prolongamento psíquico de nossos maiores.

Os grandes homens também assim o são — mas pelas suas virtudes e qualidades congêntas e pela sua cultura, têm o poder de ser a síntese do povo ou da Nação a que pertencem, e, por isso, possuem a facilidade excepcional de, concretizando o anseio das massas, dar realidade ao que está vagamente no espírito das multidões.

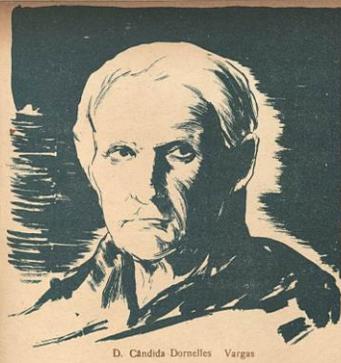
Aquilo que no Brasil se chamava espírito revolucionário e que não era definido com precisão, mas que se procurava por todos os meios — foi o que o eminente sr. Getúlio

— 116 —

Vargas concretizou, a 10 de novembro de 1937, dando, àquela ideia vaga e indefinida — expressão positiva, nítida, concreta: saindo da confusão até aí existente, para a clareza do Estado Nacional, que aí está, em todo seu esplendor, sem provincialismos particularistas, fechados, sem caciques regionais, sem as garras do parlamentarismo, com uma só bandeira, a bandeira mais linda do mundo: a Bandeira do Brasil.

Tem a exata, nas tradições de sua terra natal, na história da gente de sua Província e no vínculo ancestral, em estratificação, forte e acentuado cunho de brasilidade, aprimorado no estudo constante e proveitoso, por anos a fio, acompanhado de moderação intensa e penetrante, sobre os problemas vi-

IV — 1943



D. Cândida Dornelles Vargas

PRESIDENTE VARGAS

SOUZA DOCCA

tas da nacionalidade, nos longos dias vividos na quietude bucólica e evocativa de sua cidade, onde, em isolamento aparente, viveu dentro do Brasil, pelo espírito e pelo coração ou seja pela inteligência e pela alma — a fôrma mais nobre de viver.

Vejam, em rápidos traços as influências ancestrais convergindo, em sua multiplicidade, para um único objetivo — o Brasil.

No tetravô paterno, a predileção do açoriano, para a dedicação à terra brasileira, boa, farta e acolhedora;

na catarinense despojada por esse filho do Faial a alma heróica dos conterrâneos de Ana de Jesus Ribeiro — glorificada com o nome de Anita Garibaldi — que, com o apego parisiense de seu heroísmo e

IV — 1943

fora e impulsiva, se reafirma na vontade do bisavô, na marcha de progresso e de civilização que impõe e comanda, no mesmo sentido, para maior esplendor e integração perfeita da Pátria;

nos demais, em todos os seus maiores, desde os trisavós, o labor fecundo na paz; o heroísmo num fluxo de bravura, na guerra, daí a sentinela indormível, lavrando os campos, parando rodeios, na sua atitude heril de monarca das coxilhas, numa alegria imensa de viver, com as armas ensarilhadas nas estâncias, que sempre foram o quartel de um regimento ao serviço da Pátria Grande — al tere origem, daí veio, repetindo, reafirmando uma voz forte e firme do passado; aquele brado, para a luta e para glória;

"De Pé pelo Brasil!" Não é pois, o eminente Chefe do Governo, um improvisado; não é fruto do acaso; não é filho de um movimento ar-

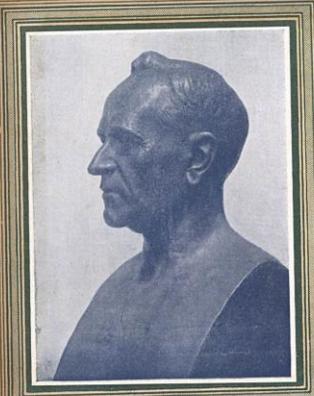
maido; é sim, ele mesmo, isto é, o homem representativo

de Emerson, e por isso, enfeixa e traduz o sentir, as aspirações, o ideal, a bondade e o heroísmo de seus compatriotas; e, a par de tais qualidades e virtudes, aprimorando-se para a melhor efeito delas e maior lustre seu, é o homem que fez da bondade a nota tônica de sua ação de governo, p o r entender sabiamente como Montaigne, que "toda ciência é dúbria a quem não possui a ciência da bondade".

Para os que o conheceram e observaram, com a acuidade de Pinheiro Machado ou com a constância de quem vos fala, desde a escola primeira, e sempre o viram em posto de destaque, onde quer que aparecesse: dominando e orientando as coletividades — sabem que somente os que o ignoravam e que foram surpreendidos pela sua cultura e pelas suas grandes qualidades, quando, como uma vontade, como uma necessidade nacional, se projetou para o Oeste, que como força dire-

— 117 —

O. M. ALHO



GETULIO VARGAS *Visto*

almenta para enfrentar todas as situações e vencer todas as crises.

Não nos foi possível reproduzir todos os bustos e cabeças do presidente Getúlio Vargas. Damos aqui alguns mais conhecidos, firmados por nomes dos mais brilhantes nos nossos meios de belas-arts.

Para o escultor H. Leão Vellozo, o presidente possui no Palácio Guanabara. Destinado à Exposição Feira Mundial de New York, em 1939, o trabalho do autor da estatueta de Tamandaré, na praia de Botafogo, foi, depois enviado à Exposição do Mundo Português.

Humberto Cozzo modelou o busto destinado ao saguão de entrada do Calabouço, no aeroporto Santos Dumont.

Revelado contra o atestado de Maio de 1937, o escultor Samuel Martins Ribeiro inspirou-se em uma fotografia das mais es-

pele nossos Escultores

presivas da época, para produzir o trabalho que reproduzimos.

Hugo Bertazon deixou na cabeça do presidente Getúlio Vargas um a prova exuberante da seu grande talento artístico. Fê-lo tal como é: o homem de gênio, homem de ação e homem de coragem. Esse trabalho encontra-se no Banco do Brasil, com uma cópia no Palácio Itamarati.

A estatueta do presidente, que se acha na Caixa Econômica é trabalho de Paulo Mazzucchelli. Dêle a o detalhe que aqui estampamos.

Os escultores, ao contrário dos pintores, não costumam detalhar os olhos dos seus retratados. E é, precisamente nos olhos que se atempera a alma das criaturas. O seu trabalho é, pois,

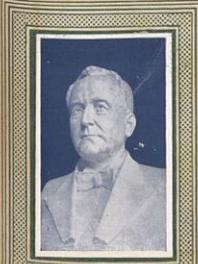
HUMBERTO COZZO

Os escultores, como os pintores, encontram no retrato o grande desafio da arte a que se dedicam. Porque em um retrato tem-se de dar alguma coisa mais do que a forma, ou seja, o caráter — sem o que não se faz um retrato: sobeja-se uma figura.

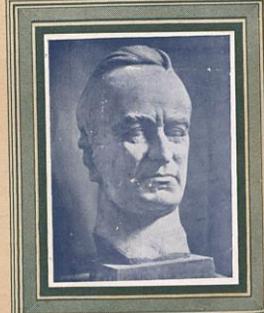
Fisionomia moça, embora, o presidente Getúlio Vargas é para os artistas um problema de interpretação, porque éle possui traços que lhe traduzem a personalidade do predestinado. A máscara é marcada por sulcos de força de vontade, vincada pelo hábito de observar, de estudar, de deduzir, de meditar, de refletir, para atender, para prever, para solucionar. É a fisionomia traduzindo o estado d'alma, sempre voltada à apreciação de problemas superiores, a fisionomia do homem conscio do seu papel de escultor e de juiz ao mesmo tempo, a fisionomia vincada mas serena, dos que tem a consciencia plena de cumprimento do dever.

Nã, nesta página, expressões diversas do presidente Getúlio Vargas, traduzidas com felicidade por alguns dos nossos escultores. Há o espirito despreocupado do busto de Humberto Cozzo, e há a alma apreensiva da cabeça de Samuel Martins Ribeiro. Mas sempre alguma coisa de auto-confiança e de um optimismo franco e sadio, de cuja essencia éle se

O MALHO



PAULO MAZZUCHELLI
IV — 1943



SAMUEL MARTINS RIBEIRO
IV — 1943

H. LEÃO VELLOZO

mais difícil, porque lhes falta o meio mais importante e decisivo da expressão.

Entretanto, os escultores do Presidente Getúlio Vargas, foram felicíssimos no tradishão do espirito. Porque em qualquer desses trabalhos, sentise a personalidade de quem os impôu, sentem-se os traços de energia e bondade que lhe são característicos.

HUGO BERTAZON
O MALHO

As considerações feitas pelo Sr. Getúlio Vargas por ocasião do primeiro aniversário do Estado Novo trouxeram o sinal da eternidade. Nos seus conceitos e nas suas definições há um panorama de nossa fisionomia política: é a indicação dos menos capazes de, em qualquer fase da nacionalidade, integrar o país no ritmo de sua tradição criadora. Incitando os brasileiros à união, o Sr. Getúlio Vargas expõe, em clareza meridiana e em afirmativas modelares, as vantagens que decorrem para a estrutura do país oriundas da coesão nacional.

Dessas considerações, consubstanciadas em um dos grandes discursos do Chefe do Governo, extraímos um dos trechos mais expressivos — justamente aquelas que se aplicarão ao Brasil em todo o curso de sua História futura. Esse trecho deveria ser convertido em inscrição e colocado como epígrafe política.

"O momento não é para dissensões estéreis, sim, para conjugação de esforços. O dever para com a Pátria é, hoje, maior do que em qualquer outro período da nossa existência política. A ambição fria, desmedida e poderosa, espreita as nossas fraquezas de organização, a ausência de espírito público e elevação moral de uns, o utopismo de outros, no sentido de cavar divergências internas e atear a chama da guerra

O MALHO

civil, que consome os povos e abre as portas à cobiça imperialista, disfarçada em pretextos raciais ou políticos.

Nenhum sacrifício, nesta hora grave, será bastante; nenhuma vigilância excessiva para a defesa da nossa bandeira, do nosso idioma, das nossas tradições. Temos

meio fôr, reduzir-nos a condição inferior de protegido há-de sofrer a nossa repulsa mais completa.

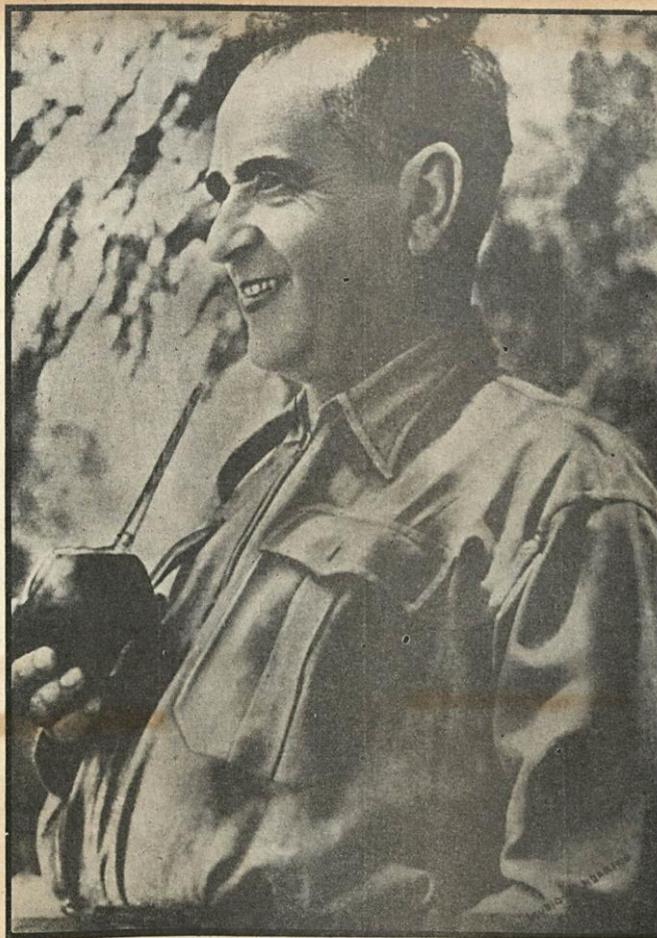
Estou convicto de que os brasileiros responderão, como uma voz única, a qualquer apelo da Pátria em perigo. Mas, é justo e oportuno que lhes recorde o imperioso dever de confraternizarem, numa

O DEVER ESSENCIAL DA PATRIA

Na palavra do
PRESIDENTE VARGAS

procurado com firmeza e sinceridade a colaboração de todos os povos civilizados dentro das normas de mútuo respeito e acatamento, que merecemos e exigimos. Não toleraremos, entretanto, qualquer gesto que se traduza em diminuição da nossa soberania. Quem pretender, seja por que

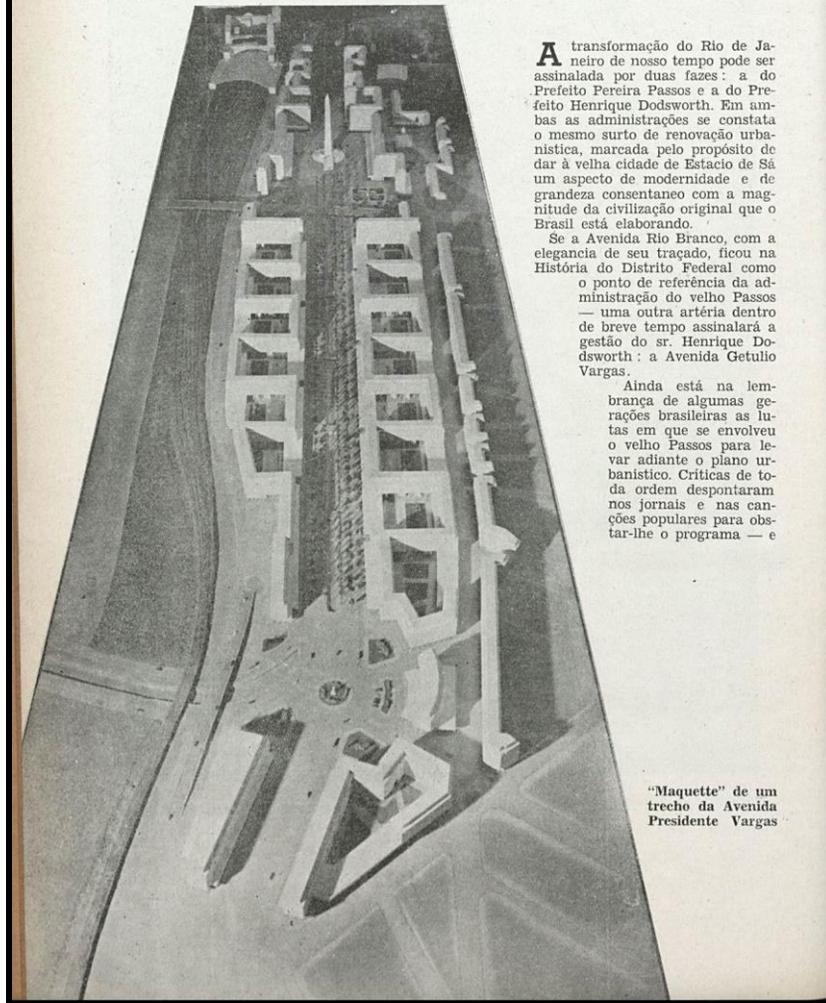
união perfeita e sagrada. O espetáculo de ameaças e intimidações, que oferece o mundo atual, reclama e impõe a formação de uma estrutura enrijecida em todos os setores do pensamento e da atividade nacionais. Disciplinados, seremos fortes, e, unidos, nada poderemos temer."



O Presidente toma o seu mate chimarrão

A AVENIDA GETULIO VARGAS

MARCO DO BRASIL MODERNO



A transformação do Rio de Janeiro de nosso tempo pode ser assinalada por duas fazes: a do Prefeito Pereira Passos e a do Prefeito Henrique Dodsworth. Em ambas as administrações se constata o mesmo surto de renovação urbanística, marcada pelo propósito de dar à velha cidade de Estácio de Sá um aspecto de modernidade e de grandeza consentâneo com a magnitude da civilização original que o Brasil está elaborando.

Se a Avenida Rio Branco, com a elegância de seu traçado, ficou na História do Distrito Federal como o ponto de referência da administração do velho Passos — uma outra artéria dentro de breve tempo assinalará a gestão do sr. Henrique Dodsworth: a Avenida Getúlio Vargas.

Ainda está na lembrança de algumas gerações brasileiras as lutas em que se envolveu o velho Passos para levar adiante o plano urbanístico. Críticas de toda ordem despontaram nos jornais e nas canções populares para obstar-lhe o programa — e

"Maquette" de um trecho da Avenida Presidente Vargas

a todos os impecilhos o Pereira Passos soube impor a sua inabalável força de vontade. A cada prédio derruido — vozes indignadas se levantavam, crescendo na companhia das ondas de poeira dos largos paredões tombados. Mas o Prefeito, firme na sua decisão, continuava a alargar as ruas e a dar-lhes um sentido retilíneo. Em pouco tempo, a cidade apareceu transfigurada.

Aquelas ruelas escuras, apertadas como os caminhos de um labirinto e mal pavimentadas como as vielas escusas de abandonadas cidades de Província, deram lugar às artérias amplas e asfaltadas, capazes de rivalizar com as avenidas das mais belas cidades européias.

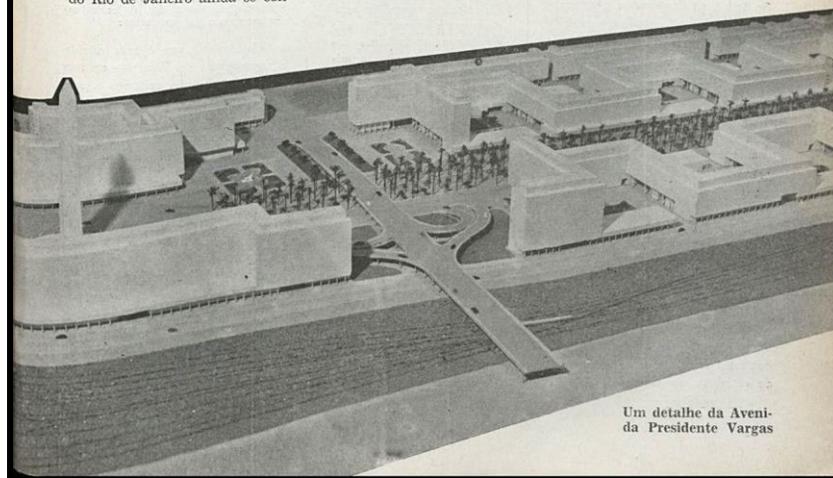
Chesterton, em dois versos famosos, explicou a sinuosidade das estradas da Inglaterra dizendo que elas haviam sido feitas de acordo com o percurso de um inglês bêbado. Apesar da obra do velho Passos, muitas ruas do Rio de Janeiro ainda se con-

servaram semelhantes às estradas britânicas da malícia de Chesterton. Impunha-se a continuação de uma longa tarefa interrompida. A essa necessidade veio de encontro o espírito de iniciativa do atual Prefeito do Distrito Federal. As pequenas melhorias urbanas se vieram reunir, em curto período de tempo, as inovações arrojadas. O casario dos morros começou a despojar-se das habitações anti-higiênicas onde se escondia uma população de próletários. Estradas e avenidas foram executadas. Ruas se pavimentaram melhor. E as imposições às novas construções imprimiram fisionomia mais bela ao panorama urbano da cidade de São Sebastião.

Toda essa obra pode ser levada ao fim porque, às iniciativas do Prefeito Henrique Dodsworth, se conjugou o apoio do Presidente Getúlio Vargas. Zelando pela evolução do país, o

Distrito Federal se deve oferecer, como capital da República, uma imagem de beleza que dê aos que nos visitam a exata sensação do nosso valor e do nosso progresso.

Ha pouco mais de um ano, o Sr. Henrique Dodsworth iniciou a obra que será certamente a culminância de sua administração. Deu-se começo à construção da Avenida Getúlio Vargas. O traçado monumental está sendo fielmente cumprido. As gerações futuras se deterão diante da empresa que está sendo realizada e terão uma exata noção do arrojo de espírito empreendedor que assinala a vida de nosso tempo. E o nome do Sr. Getúlio Vargas, inscrito nessa Avenida, lhes falará da admiração da geração hodierna ao Presidente, cujo gênio político, processando a união do Brasil e a reconstrução nacional, possibilitou a realização de uma iniciativa de tal magnitude.



Um detalhe da Avenida Presidente Vargas

GETULIO VARGAS VISTO PELAS CLASSES CONSERVADORAS

A SSIM se manifestou o dr. João Dardt d'Oliveira, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro:

"Na presença das ameaças de doutrinas, que são a negação da liberdade, incompatíveis com o clima do Novo Mundo, o Presidente Getulio Vargas, com nitida visão da realidade brasileira e com puro senso de americanismo, apelou para o remédio heróico: suspendeu, temporariamente, o jogo das instituições democráticas.

Com o regime iniciado a dez de Novembro, poudo o Presidente Vargas resolver dois problemas fundamentais para a existência do Brasil como nação: restabeleceu a unidade nacional e resolveu a questão social."

A BAIXO estampamos as palavras do dr. Euvaldo Lodi, presidente da Federação das Associações Industriais do Brasil:

"Sob o ângulo da economia nacional, o Sr. Getulio Vargas representa, em verdade, uma figura singular dentre todos os governantes que o país teve até hoje. Não predomina nunca o seu ponto de vista pessoal: as suas decisões são a resultante da observação atenta de todos os fenômenos e da consulta às classes, com largo espírito público e com a vontade intransigente de atender exclusivamente aos interesses da Nação. A economia nacional tem no Presidente Vargas o seu grande artifice: eis porque estamos todos dedicados, com entusiasmo, em auxiliá-lo na grande obra de consolidação da independência econômica brasileira."

O dr. Hugo Carneiro, ex-presidente do Sindicato dos Lojistas do Rio de Janeiro e atual membro de sua Junta Governativa, externou da forma abaixo o seu pensamento sobre o chefe do governo:

"Na serenidade construtiva do Presidente Getulio Vargas, uma das mais expressivas características de estadista do Chefe do Estado

As classes sociais, o regime instituído pelo Presidente Getulio Vargas deu o perfeito papel de cooperadoras do poder público. Na tarefa pelo bem estar coletivo, aquêles que constituem as conservadoras tem podido oferecer uma colaboração que é tão inestimável quão imprescindível do momento que vive o mundo. Os conselhos e outros aparelhos oficiais valem-se da experiência e do conhecimento dos homens que sustentam o comércio e a indústria, de tudo evidenciando-se um trabalho que representa a mais alta e segura realização do verdadeiro espírito democrático. As associações comerciais e as entidades de industriais são reconhecidas como órgãos consultivos do governo federal, ampliando a participação dos seus membros na solução dos problemas econômicos que o executivo procura resolver com a audiência de todas as vozes autorizadas, que constituem a opinião nacional. Os homens que respondem pela produção são atentos e espontâneos colaboradores da obra administrativa. E o panorama de trabalho fecundo que o Brasil apresenta é uma consequência desse ajustamento de energias em prol da nação. Os conceitos que aqui trazemos a público são um reflexo do modo como os membros das classes conservadoras encaram a obra de que participam, obra onde, por força do fenômeno das singularidades, tem de avultar e projetar-se para o respeito e admiração de todos a figura de quem a ideou e está dirigindo.

Nacional, encontraram as classes conservadoras o "climax" procurado para o grande surto de progresso assinalado neste decênio, a despeito da ação perturbadora de fatores múltiplos, na culminância dos quais se agiganta o conflito mundial.

Ele, o timoneiro bravo e impávido, que tem orientado as nossas classes, vitoriosamente, através da procela tremenda."

O dr. Freitas Bastos, Presidente da Federação do Comércio Varejista do Rio de Janeiro, assim se exprime:

"Getulio Vargas não tem sido, a rigor, apenas o chefe da nação brasileira. Conseguiu ser mais do que isso: o guia clarividente dos nossos destinos, o homem de visão panorâmica sobre o futuro. Graças à sua intuição político-social, o Brasil toma a vanguarda da civilização no mundo. Getulio Vargas preparou as nossas classes para todas as emergências. As profundas mutações, que a guerra trará, não surpreenderão o Brasil, cujo povo o grande estadista colocou à altura daqueles que reconstruirão a ordem universal."

O sr. França Filho, diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro, assim externou o seu pensamento:

"Getulio Vargas é sem dúvida o reconstrutor do Brasil — na sua personalidade não sabemos o que salientar mais — sua visão de estadista, seu imenso coração de homem profundamente humano, seu acendrado patriotismo demonstrado a todo momento colocando o Brasil e sua pessoa entre os expoentes da hora tormentosa porque passa o mundo odierno."

O pensamento do sr. João Paim de Menezes Camara, presidente da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro:

"O Presidente Vargas fez o Brasil, país pioneiro das conquistas sociais, pela razão e pelo direito!"



O Governo do Brasil

na opinião da imprensa mundial

A ENTRADA do Brasil no ardoroso combate em prol das liberdades humanas foi motivo para que a imprensa livre do mundo revelasse o alto conceito em que é tido o nosso país no exterior. Os grandes jornais e as revistas mais importantes da Europa e das Américas, logo que se anunciou a participação do Brasil na guerra, exaltaram o valor do novo aliado, e definiram a situação atual de nossa pátria como uma obra do Presidente Vargas. Graças à hodierna administração brasileira, a grande nação das Américas pôde apresentar-se no concerto das nações unidas como um fator ponderável na futura decisão do conflito. As energias nacionais, disciplinadas sob os influxos da orientação do Chefe do Governo, apresentaram-se como potencial capaz de participar de modo decisivo na vitória final das armas erguidas contra a tirania e a prepotência. A opinião do mundo se evidenciou nas vozes dispersas daqueles jornais e daquelas revistas. Desses julgamentos extralamos os trechos que divulgamos nesta página e que encerram os conceitos reveladores da proteção universal do Brasil sob o comando supremo do Sr. Getúlio Vargas.

Do Sunday Dispatch, de Londres:

"A entrada do Brasil na guerra terá o efeito de estimular de modo decisivo a attitude de outros estados sul-americanos em relação ao Eixo — e isto será de grande valor para os aliados."

Do Observer, de Londres:

"Nenhum outro país latino-americano pôde gabar-se de possuir um exército mais bem adestrado ou mais numeroso que o brasileiro. A Marinha do Brasil conta com um excelente quadro de oficiais, e é possuidora de uma tradição de cooperação com a "Royal Navy". Os brasileiros possuem em seu meio alguns dos melhores pilotos do mundo. O presidente Vargas tem reconduzido o país à prosperidade. Hoje, a expansão da indústria do Brasil deve ser posta à prova."

Do Times, de Londres:

"O Brasil constituiu uma adição bemvinda ao poderio e aos recursos das Nações Unidas".

Do The Winnipeg Tribune, do Canadá:

"No referente à grandeza econômica e ao poderio militar, é a segunda nação mais poderosa os Estados Unidos do Brasil seguem-se logo após os Estados Unidos da América, no Hemisfério Ocidental".

Do Le Canadâ, de Montreal:

"A entrada do Brasil na guerra é um fato capital. E' sob todos os aspectos o maior país da América do Sul".

Do Halifax Chronicle:

"De profunda significação é a circunstância de que a entrada do Brasil no conflito vem transformar o espirito do Panamericanismo num elemento de combate contra a tirania e a opressão".

Do Tribune, de Chicago:

"O Brasil declarou guerra à Alemanha e à Itália, sendo a primeira nação da América do Sul a fazê-lo. O novo aliado traz para causa das nações unidas uma população de 40 milhões de habitantes, um exército de 100.000 homens em serviço ativo e 300.000 reservistas treinados, uma força aérea em pleno desenvolvimento, tendo atualmente um pessoal treinado superior a 5.000 homens, e enormes recursos econômicos".

Do New York Times, de Washington:

"O Presidente Getúlio Vargas é um estadista de primeira grandeza e o mais efetivo arquiteto da solidariedade hemisférica na América Latina. Dá-se ao Presidente Getúlio Vargas o principal crédito por ele ter determinado o curso que levou a guerra contra o Eixo a maior área e o maior povo da América Latina".

De La Razon, de Bogotá:

"O Brasil é um imenso país, o mais extenso do Continente, possuindo gigantescos recursos materiais úteis à indústria de Guerra, com 42 milhões de habitantes e uma autoridade moral e política que pôde ser decisiva junto dos outros países sulamericanos".

Do El Popular, do México:

"Olhemos para o Brasil, onde temos um belo exemplo de compreensão do momento, e, sobretudo, um sentido generoso do que é a missão da América. Getúlio Vargas com seus gestos vigorosos, representa um desses índices de pontualidade, de entusiasmo, de fé e de confiança, de que tanto necessitamos".

Da Revista Victoria, de Santiago do Chile:

"O Brasil é a primeira potência, humana, militar, econômica e diplomática da América do Sul. Sua situação de vanguarda sobre o Atlântico e a sábia orientação internacional que lhe souberam imprimir os seus governos fizeram-no ponto de convergência de todos os olhos da América".

Do El Telegrafo, do Equador:

"A entrada do Brasil na guerra é um motivo de satisfação para quantos anseiam pelo incremento das forças democráticas. O Brasil concorrerá com poderosos contingentes e valiosos recursos, para a ação comum dos povos livres contra os inimigos da civilização, e seu valioso auxilio contribuirá para abreviar a hora material da vitória".

De El Diario, de Montevideo:

"Fiéis às suas tradições, o Brasil faz jus à admiração e à simpatia das nações em guerra, e desperta e promove, com a sua attitude firme e decidida, a unidade da América".

I V — 1943

— 125 —

O MALHO

O Presidente GETULIO VARGAS E A CRUZADA SOCIAL CONTRA O MOCAMBO

NO saneamento do Recife, com a demolição dos mocambos e o aterro dos alagados que cobriam diversas e extensas zonas da cidade, situados, justamente, nas proximidades do litoral e, por isso, onde o desenvolvimento urbano se fazia sentir com maior intensidade, o nome do presidente Getulio Vargas ficou ligado de maneira inapagável. E foi o presidente Getulio Vargas quem, por assim dizer, nacionalizou a cruzada contra o mocambo, assinando o decreto que mandou incorporar ao orçamento da União o crédito anual de quatro milhões de cruzeiros, destinados à extinção dos mangues do Recife e Olinda, pelo aterro de 2.350.000 metros quadrados de área alagada.

Desde a fundação da Liga Social Contra o Mocambo, a 12 de julho de 1939, que o presidente Getulio Vargas passou a se interessar, vivamente, pelo prosseguimento e pelo êxito do memorável movimento social desencadeado pelo interventor Agamenon Magalhães, em Pernambuco. Pessoalmente, ao próprio interventor Agamenon Magalhães, quando de suas visitas ao Rio de Janeiro, o chefe do governo Nacional se prontificou a fazer tudo que lhe fosse possível para ajudar o chefe do governo de Pernambuco na grandiosa obra que transformou a fisionomia do Recife. E quando o presidente Getulio Vargas, em outubro de 1940, visitou Pernambuco, não escondeu o seu entusiasmo e a sua satisfação, deante do que já se havia realizado, até àquela data, dentro da cruzada social contra o mocambo. Em discurso pronunciado no Clube Internacional do Recife, durante o banquete que lhe ofereceram as classes conservadoras daquele grande Estado do nordeste, o presidente da República, em certo trecho, declarou:

"Tendo à frente do governo um homem como o interventor Agamenon Magalhães, altamente dota-

... "Recife poderá oferecer proximamente este exemplo único na história do urbanismo: uma cidade sem bairros miseráveis e sem habitações anti-higiênicas". (Getulio Vargas, discurso pronunciado no Recife, em outubro de 1940).

do de espírito público, esclarecido e probo, capaz de planejar e executar com mão firme, ligado pela sua brilhante atuação de ministro às reformas de que resultou a reorganização do trabalho nacional, haveis sentido, de forma direta, a fecunda influência do movimento renovador com o qual vos solidarizastes, desde as primeiras horas, espontânea e corajosamente. A atual administração multiplica as iniciativas proveitosas; saneia as finanças e passa do regime de "deficit" ao de saldo; trata de reajustar a vida econômica; promove o cooperativismo; auxilia eficazmente a agricultura; e, fazendo obra de justiça social, enfrenta o difícil problema da extinção dos mocambos. Dado o vigor com que toda a coletividade se empenha nesse empreendimento, e contando, como conta, com o apoio do governo central, RECIFE PODERÁ OFERECER PROXIMAMENTE ESTE EXEMPLO ÚNICO NA HISTÓRIA DO URBANISMO: UMA CIDADE SEM BAIRROS MISERÁVEIS E SEM HABITAÇÕES ANTI-HIGIÊNICAS."

Era a visão do Recife sem os mocambos, sem a lama dos mangues, sem uma população infeliz, enterrada, viva, dentro dos alagados das marés e dos braços do Capibaribe.

Mas essa visão era, também, a própria visão do seu governo, de um governo de assistência social, de um governo que nunca esqueceu as sofridas classes pobres, de um governo das leis trabalhistas e da Justiça do Trabalho.

Os pernambucanos têm a satisfação de ver que a contribuição orçamentária do presidente Getulio Vargas está sendo magnificamente aplicada. As obras de aterro e saneamento do Recife compreendem:

Ilha "Almirante Guilhen", antiga da Tacaruna, já aterrada, recuperando área de 500 mil metros quadrados;

Parte sul de Santo Amaro, recuperando área de 350 mil metros quadrados;

Cabanga e Gameleira; recuperando área de 900 mil metros quadrados;

Margens do canal Tacaruna-Madalena, com uma área de 600 mil metros quadrados;

Revestimento do canal Tacaruna-Madalena, incluindo muretas.

E' essa contribuição valiosa por todos os títulos e aspectos, do presidente Getulio Vargas à Liga Social Contra o Mocambo, e que está sendo realizada pelo Departamento Nacional de Obras de Saneamento, Distrito do Nordeste.

O resto, para conclusão da cruzada social contra o mocambo, o interventor Agamenon Magalhães está fazendo; o resto, os pernambucanos estão concluindo. E para dizer o que se realizou, já, em Pernambuco, na vigência da cruzada contra o mocambo, é bastante enumerar que, quando se comemorou, em julho de 1942, o terceiro aniversário de fundação da Liga Social Contra o Mocambo, Cr \$ 80.842.857,30 tinham sido aplicados na cruzada; 38 vilas tinham sido construídas na capital e no interior, e 19 grupos de casas populares surgiram, num total de 10.242 novas casas levantadas.

A cruzada contra o mocambo, além disso, prossegue, sempre em grande atividade. Além daquelas 38 vilas, outras já existem, concluídas ou em construção, enquanto que outras ainda já tiveram suas pedras fundamentais lançadas, tudo demonstrando que os trabalhos de saneamento do Recife estão cada vez mais intensificados.



O Governo do presidente VARGAS e o Ensino da Literatura

ANTÔNIO SOARES AMÓRA

(DA FACULDADE DE FILOSOFIA
DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO)

A literatura não é apenas um mundo de eternas distrações. Nascida da convergência da intuição do artista com a realidade da vida — é sempre um depoimento sobre a própria vida. Em Sófocles, Shakespeare, Molière, Ibsen, em Eça de Queiroz ou Machado de Assis, aprendemos muito mais sobre a vida e a alma humana que pela nossa individual experiência. Por isso, nos países onde a crítica e os estudos de literatura se fazem numa alta esfera de saber e cogitações, tem-se feito uma ardorosa defesa da literatura como elemento admirável de educação; e tem-se diligenciado por levantar e resolver todos os problemas que em si traz o aproveitamento da literatura como fonte de ensinamentos. De tudo que a esse respeito se tem escrito podemos tirar algumas conclusões:

não é fácil sorver da literatura o seu rico conteúdo de ensinamentos; ler e compreender é tão difícil quanto saber de uma ciência qualquer;

o ensino da literatura implica, portanto, numa complexa didática; e essa didática não consiste em ensinar a fazer literatura (pois tal não se ensina), mas a ler inteligentemente, ler extraindo das obras todas as suas lições sobre a vida e sobre o homem, ler compreendendo os altos valores estéticos da língua;

mas o ensino dessa *leitura* não se faz em poucas lições: pressupõe o conhecimento da língua em que a obra está escrita, de seus segredos sintáticos e estilísticos; e tem que atender ao desenvolvimento mental do educando — só na adolescência, quando o espírito acorda para as idéias abstratas, pôde-se, pouco a pouco, ir ministrando, ao moço, a técnica dessa *leitura*; pouco a pouco despertando seu espírito crítico;

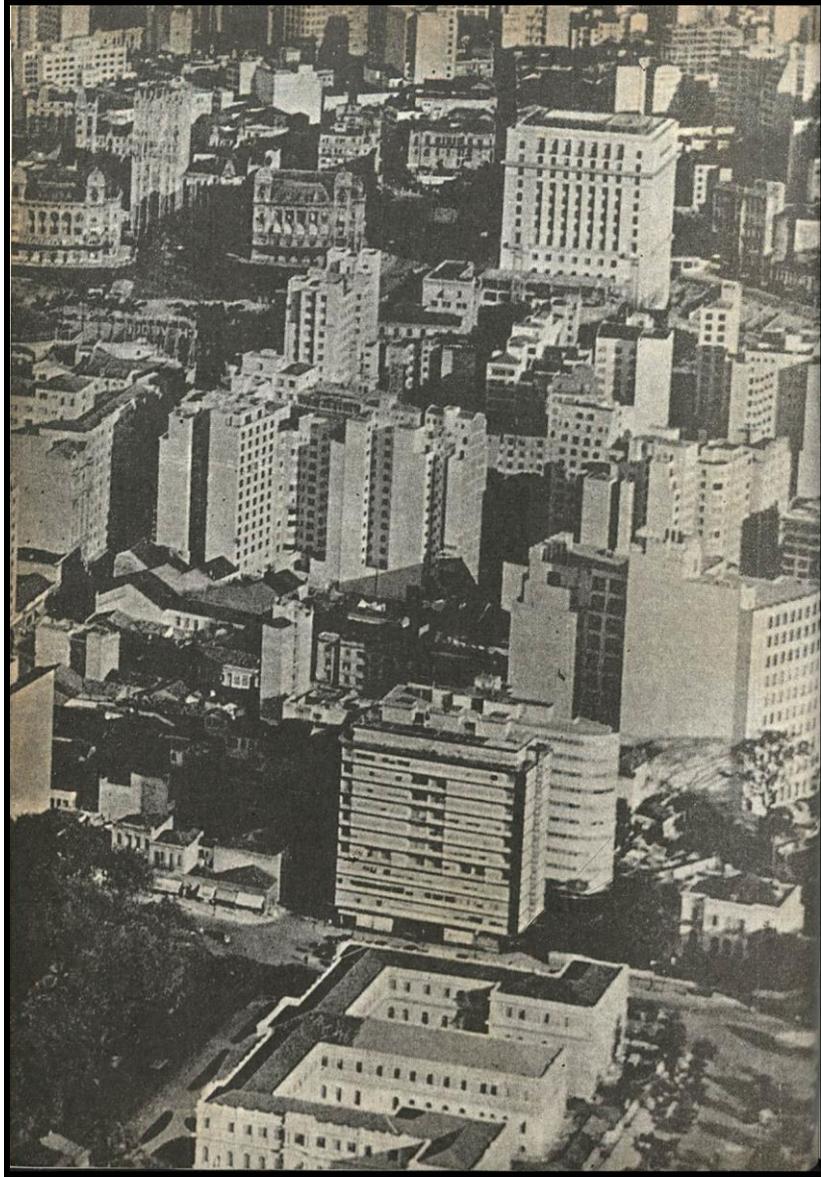
mas, é possível ministrar-se esse ensino sem uma apropriada organização escolar e sem professores especializados? Não. A Escola tem que reservar, desde o primeiro ano do currículo secundário, muitos tempos de aula para o aprendizado da língua; e quando está o aluno na adolescência, apto, portanto, para as abstrações críticas, deve começar a Escola o ensino da literatura — um ensino demorado, onde, entre o panorama histórico da literatura, as relações dessa literatura com as que lhe são afins, e sobretudo a leitura completa, em profundidade, das melhores obras. No que respeita aos professores, está claro que têm que ser especializados nesse ensino; na organização universitária tem que haver uma faculdade própria para a formação de tais professores.

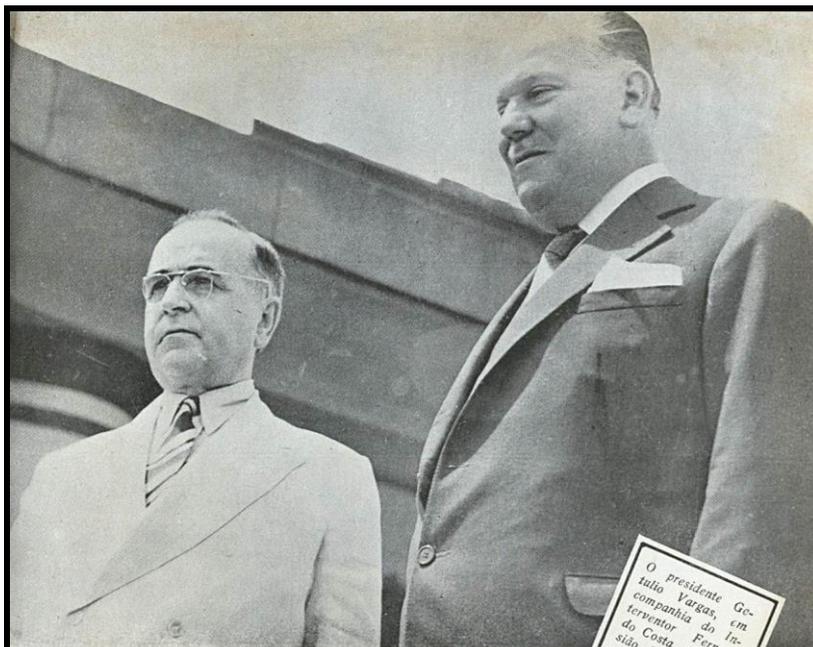
Em meu país, até há alguns anos, não se tinha meditado sobre essas idéias; o aprender ou ensinar literatura não preocupava os legisladores do ensino; literatura era disciplina de conhecimento relegada ao auto-didatismo.

Só em 1931 começou-se a pensar seriamente sobre essa questão; nesse ano, a reforma do ensino secundário reservou um ano do curso ginasial (o 5.º ano) ao ensino das literaturas portuguesa e brasileira, devendo-se preceder, nesse ensino, de algumas idéias gerais sobre literatura. Em 1934, fundada em São Paulo, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, criou-se, no país, o primeiro curso superior e oficial de *Letras*; nesse curso uma das cadeiras era a de *Literatura luso-brasileira*. Em 1936, começaram a funcionar os chamados Cursos Complementares, um intermédio entre o ginasio e as escolas superiores, com dois anos de duração e com caráter de pré-especialização; no curso complementar pré-jurídico um lugar muito distinto foi dado ao ensino das literaturas. Nesse mesmo ano a Universidade de São Paulo ajuntou ao Colégio Universitário (que era o curso complementar oficial) uma 5.ª Secção, ou *Secção de Letras*, destinada a preparar os alunos que pretendiam ingressar nas Secções de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Em 1939, com a fundação da Faculdade Nacional de Filosofia, organizou-se definitivamente, para todo o país, o ensino superior de filosofia, ciências, letras e pedagogia; o ensino superior da literatura, criado pela Faculdade de Filosofia de São Paulo, em 1934, foi melhor regulamentado e ampliado; entre as modificações importa realçar a separação da Cadeira de Literatura Luso-Brasileira em duas cadeiras distintas: Cadeira de Literatura Portuguesa e Cadeira de Literatura Brasileira.

Em nove anos de governo do Presidente Vargas, excelentes realizações no que respeita ao ensino da literatura! Contudo, não pararam aqui as reformas educacionais, com que pretendia, o Estado Nacional, elevar o nível de cultura literária do país: uma vez difundidas as Faculdades de filosofia, ciência e letras, sentiu-se, nos candidatos aos cursos superiores de letras, uma ainda deficiente preparação em línguas e literaturas. Por isso, quando começaram os técnicos de ensino a reforma do ensino secundário (reforma que entrou em vigor no ano passado), um cuidado todo especial foi dado à organização dos programas dessas matérias.

Neste ano, quando o governo do Presidente Vargas completa treze anos de superior administração, podemos afirmar que o nosso país, no que concerne à formação de um escol literário e dos profissionais da literatura, está a alcançar os mais adiantados centros literários do mundo: no curso secundário ministra-se ao aluno um conhecimento completo da gramática, e ainda, por intermédio das literaturas brasileira e portuguesa, se lhe desperta o espírito crítico e o gosto da leitura; nas Faculdades de Letras formam-se os especialistas no ensino da literatura e os profissionais da crítica.





GETULIO VARGAS O AMIGO DE SÃO PAULO

O presidente Getúlio Vargas, em companhia do Interventor do Estado de São Paulo, Sr. Fernando Costa, por ocasião de sua última visita à capital bandeirante, e o notando um panorama da grandeza de S. Paulo.

“PERDI um grande Ministro, mas São Paulo ganhou o Interventor que merecia” — Assim falou o Presidente Vargas ao grande povo paulista, ao referir-se ao Sr. Fernando Costa, que havia pouco deixara a pasta da Agricultura para colocar-se à frente do governo da terra bandeirante.

O antigo Ministro da Agricultura, colocado na direção de um dos setores mais importantes da

vida nacional, se havia revelado, em alguns anos de administração laboriosa, um dos colaboradores de maior relêvo na renovação econômica e política do Presidente Vargas. Verificada a necessidade de um substituto para o encargo da Interventoria de São Paulo, o Chefe do Governo, confiou esse posto ao seu admirável colaborador e Ministro.

O gesto do Presidente Vargas define o seu apreço ao Estado

bandeirante. Ele sabe que São Paulo é uma das energias mais poderosas da federação nacional — e que seu povo vive hoje integrado na comunhão brasileira, inspirado pelos propósitos da grandeza da Pátria. Quando o espírito partidário, a serviço de ódios inconfessáveis, arrastou o Brasil em 1932 a uma guerra injustificável de irmãos — o Sr. Getúlio Vargas, ao aglutinar as forças debeladoras da sedição,

Flagrantes colhidos nas visitas do Sr. Getúlio Vargas a São Paulo. As autoridades e o povo do Estado bandeirante se confraternizam nas demonstrações de júbilo pela presença do Presidente da República.



afirmou ao país a sua admiração às energias paulistas e adiantou que a revolta, inexplicável em face da orientação da administração federal, teria que ser divulgada para bem de São Paulo e grandeza do Brasil. Sustada a rebelião, não prevaleceram ódios semeadores de dissensões. E a terra bandeirante continuou a receber do Chefe do Governo a consideração ao seu povo e o decidido apoio para as forças geradoras de sua indústria e de seu comércio. Dez anos depois da revolução fratricida, pôde ser evidenciada a nobreza de atitudes do Sr. Getúlio Vargas: São Paulo, sob a sua supervisão, assistiu a novos surtos de dinamismo no seu parque industrial e incorpo-

O MALHO

rou-se mais intimamente ao país, de forma a dilatar sensivelmente o conjugado de forças que é a expressão nacional. De acordo com as previsões do Chefe do Governo, o Sr. Fernando Costa acelerou, sob os imperativos de seu espírito pragmático e empreendedor, a evolução de São Paulo. Celeiro de matérias primas e parque de indústria, a terra bandeirante, fecundada pelas técnicas mais modernas, é uma permanente eclosão de riquezas, capaz por si de dar a exata impressão das possibilidades nacionais e do valor do homem brasileiro.

O tempo veio encarregar-se de convencer os paulistas de que o Chefe contra o qual se haviam

ensarilhado as suas armas, era o homem que melhor saberia dar a São Paulo o que São Paulo merecia. Em cada fase da administração do Sr. Getúlio Vargas pode ser indicado um acontecimento revelador do seu interesse e do seu carinho pelo progresso da terra e da família paulista. A terra bandeirante sabe corresponder à altura essas preferências do Presidente da República. E disso é testemunho eloquente este trecho de uma oração proferida pelo Sr. Getúlio Vargas na cidade das Bandeiras: "Cada visita que faço a São Paulo cresce a minha confiança na capacidade realizadora do povo brasileiro." E acrescentou, em outra cit-

— 130 —

I V — 1943

circunstância, ao definir os propósitos de suas viagens a São Paulo: "Não vim aqui apenas para vê-lo. Vim auscultar, também, as necessidades legítimas de São Paulo."

Já se afirmou que um povo tem

I V — 1943

o governo que merece. O Sr. Getúlio Vargas realizou para São Paulo o prêmio desse merecimento. E o Sr. Fernando Costa vem revelando cada dia ser aquele vulto providencial a respeito do qual o Chefe do Governo teve pa-

— 131 —

O MALHO

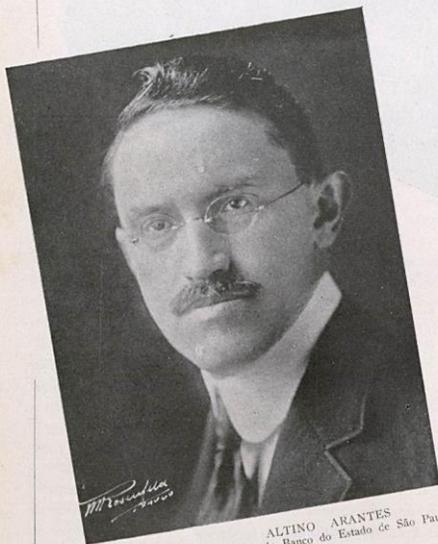
A economia de São Paulo, sob o governo do Presidente Vargas, tem recebido, ininterruptamente, os estímulos mais poderosos. Sob os influxos das diretrizes do novo Estado Brasileiro, São Paulo tem encontrado as direções mais consentâneas com a capacidade de realizações de seu grande povo. O que têm sido essa influência — pôde ser sentido nos contínuos desdobramentos de sua indústria e de seu comércio.

A opinião das classe conservadoras, consubstanciadas na palavra de alguns dos seus leaders, vem confirmar, aqui aquilo que já havia sido evidenciado pela História e pelas estatísticas: São Paulo encontrou sob as orientações atiladas do Presidente Vargas os rumos exatos de sua grandeza e de sua máxima evolução.

O Presidente Getulio Vargas
e

As classes conservadoras

de
São Paulo



ALTINO ARANTES
Diretor do Banco do Estado de São Paulo

NÃO há no Brasil, mesmo entre os mais irreduzíveis adversários do regime, quem possa, sem paixão, desconhecer ou contestar ao eminente e honrado Presidente da República, Sr. Dr. Getulio Vargas, a prudência e a firmeza, a serenidade e a clareza, o espírito de justiça e essa admirável tolerância, autenticamente brasileira, com que S. Excia. tem agido no governo da Nação — preservando-lhe a paz interna e externa; assegurando-lhe a ordem jurídica e a expansão econômica; fomentando-lhe o progresso e o prestígio, sempre crescente, no concerto das nações civilizadas.

Altino Arantes

O Presidente Vargas

AOS que estudam a evolução econômica brasileira, na fase imediatamente posterior à proclamação da República, impressiona, por certo, o imenso surto então verificado no Estado de S. Paulo, fundado na lavoura cafeeira. Esta trouxe também a grande imigração européia e deu origem à maior formação de capitais já registada no país.

A seguir, no começo deste século, o refluxo de colonos para as cidades, depois das primeiras crises do café, e as grandes obras levadas a efeito pela Light & Power, propiciaram a instalação do parque industrial paulista, que se desenvolveria paralelamente ao crescimento do mercado interno, gerado no próprio Estado.

Havia porém, um evidente descompasso entre o progresso de S. Paulo e o das demais regiões brasileiras.

Os paulistas, absortos nos complexos problemas derivados de seu rápido crescimento, não se detinham, suficientemente, no estudo do que se passava nas demais zonas do país.

A nossa defetuosíssima estruturação política, como a diversidade de nossas condições econômicas, não favoreciam um necessário intercâmbio de homens e de idéias. Daí as sucessivas crises econômicas, gerando mal-entendidos que não eram devidamente corrigidos.

O velho espírito revolucionário, mais ou menos endêmico entre nós, com as suas verdadeiras raízes numa falta de compreensão e reajustamento entre as nossas evoluções política, social e econômica, alcançou então novos e vigorosos alentos. E, após a crise de 29, sobreveio vitoriosa, a revolução contra o regime vigente.

Uma certa confusão então reinante e a falta de idéias bem definidas em muitos elementos revolucionários, conduziram, forçosamente, após 1930, o Brasil a um estado caótico de sucessivas revoluções, se não tivéssemos tido, como Chefe do Governo, o Sr. Getúlio Vargas.

De fato, o seu extraordinário senso de equilíbrio político, a sua atilada percepção dos problemas sociais, a sua constante preocupação de fazer ressaltar e fixar as realidades brasileiras, levaram-no a encontrar, nos mais difíceis momentos, soluções convenientes e conciliatórias, que lhe permitiram conduzir o país na senda de incontestável e ininterrupto progresso.

Mais do que toda essa abundante e quiçá excessiva legislação, que caracteriza a administração pública brasileira nos últimos doze anos, influíram e influem, decisivamente, na direção do país, as qualidades pessoais do Sr. Presidente da República.



Roberto Simonsen, Presidente do Centro das Indústrias de São Paulo

As grandes democracias da Inglaterra, dos Estados Unidos e da França, tais como se encontravam estruturadas, não puderam impedir a tempo, a calamitosa conflagração que está abalando e subvertendo o mundo.

O aparelhamento político, na maioria dos povos da terra, mostrou-se, nos últimos trinta anos, absolutamente insuficiente para corresponder às necessidades derivadas da evolução civilizadora.

Justo é pois, reconhecer e proclamar, que representa uma grande felicidade para o Brasil, termos à testa do nosso governo, no estado convulsivo em que se debate o mundo, uma personalidade com as qualidades de direção, que possui o Sr. Getúlio Vargas.

S. Excia. procura, incessantemente, com patriotismo, inteligência e devotamento, delinear uma estruturação social, econômica e política, conveniente e garantidora da nossa paz interna e estimuladora do nosso progresso material e moral, e da educação cívica do nosso povo.

Processa-se, indiscutivelmente, uma larga e crescente compreensão dos nossos múltiplos problemas, de tal arte, que, ao se restabelecer a paz mundial, estará o Brasil, conscientemente, e com conhecimento de causa, pela experiência adquirida fora de estêreis agitações políticas, apto a escolher, livremente, a forma de governo mais convincente à índole de nossa formação, e aos anseios do nosso engrandecimento.

A história há de consagrar, por certo, o Sr. Getúlio Vargas, como o seguro timoneiro que dirigiu o país, com rara elevação, nos mais agitados tempos por que atravessou a humanidade, preparando-o para enfrentar, vitoriosamente, os obscuros dias do mundo de amanhã.

Roberto Simonsen

GETULIO VARGAS

NÃO ha a menor dúvida, e acredito que sob este ponto de vista é unanime a opinião pública, de que passará o Presidente Getulio Vargas à história como um dos nossos maiores patriotas, e isso porque, não ha negar, vem ele, ha mais de dez anos, dedicando o seu tempo integral e, também, o melhor dos seus esforços no prosseguimento do seu sonho iluminado, que consiste em querer tornar o nosso querido país cada vez mais feliz,

melhor organizado, mais forte e, sobretudo, mais consciente e mais prospero.

Mesmo argumentando que nem sempre são meritórias e acertadas as obras dos bem intencionados, porquanto é verídico o rifão que afirma que "o caminho para o inferno está pavimentado com boas intenções", ninguém poderá, no caso específico do Dr. Getulio Vargas, deixar de reconhecer que já muito, muitissimo mesmo fez ele pelo Brasil e que a sua obra dinâmica e proveitosa não poderá, nunca, sem gravissima injustiça, deixar de ser reconhecida e enaltecida pelos contemporâneos e, também, pela posteridade.

As grandes realizações que lhe devemos são inúmeras, mas uma única, a realização da grande siderurgia, seria já suficiente para grangear-lhe simpatias gerais.

Deve, por isso, cessar a critica de alguns raros despeitados, que pouco ou nada realizaram... Na difficil arte de governar não ha infalibilidade, mas se, por isso mesmo, examinarmos desapaixonadamente os longos anos do governo do Dr. Getulio Vargas, seremos forçados — como o afirmamos mais uma vez — a reconhecer que é ele merecedor de todo o nosso respeito e da nossa mais profunda gratidão.

A atual situação do país e do mundo exige, mais do que nunca, a coesão e a concórdia de todos os cidadãos conscientes. Grandes são as dificuldades que teremos que vencer e grandes também os perigos que deveremos enfrentar.

Unamo-nos, pois, todos em redor do nosso Presidente, afim de que possa ele levar a bom termo os seus grandes planos de engrandecimento.

ALEXANDRE SICILIANO JUNIOR



Conde Alexandre Siciliano Junior — Engenheiro Civil

Presidente das Empresas: Companhia Mecânica e Importadora de São Paulo, Companhia Brasileira de Mineração e Metalurgia, Companhia Indústria Papeis e Cartona-gem e Fábrica de Ferro Esmaltado "Silex"



PAULO ALVES DE ASSUMPÇÃO
Diretor do Centro das Indústrias de
São Paulo

GETULIO VARGAS

EM sendo o chefe de uma nação sem parlamento, é um dos espíritos mais liberais do Brasil. E como poderia não ser assim, si a sua grande inteligência move uma alma profundamente cristã e um coração largamente generoso.

Paulo Alves de Assumpção

A OBRA GIGANTESCA DO PRESIDENTE VARGAS

"GETULIO VARGAS foi o presidente que mais de perto sentiu e compreendeu os problemas deste grande país.

A sua obra, gigantesca sobre todos os aspectos, estende-se aos vários setores da atividade nacional, abrangendo um enorme campo de realizações proficuas.

A economia da Nação, por exemplo, repousando num maior desenvolvimento industrial e comercial e no amparo à lavoura, viu-se extraordinariamente beneficiada por medidas salutareas, tomadas durante esta magnífica gestão.

O mesmo aconteceu com outros ramos do empreendimento público e particular salientando-se o da indústria pesada, que, em verdade, ganharam um extraordinário impulso, graças a clarividência e dedicação do Presidente Vargas.

Essas afirmações, que posso fazer como antigo industrial e comerciante paulista, resultam de observações próprias, realizadas no decorrer da vida quotidiana, quando em contacto direto e constante com os diversos ramos de atividade, trabalho, na medida do possível, para a grandeza do Brasil."

Ernesto Diederichsen



ERNESTO DIEDERICHSEN
Diretor Presidente das Fábricas
S. A. Fiação Indiana, Argos Industrial S. A., Cotonifício Adelfina, Malharia N. S. da Conceição e Pecuária de São Paulo

O Presidente e a Questão Social

COMO industrial na terra brasileira, integrado no labor de sua gente, posso asseverar que o Presidente Getúlio Vargas, se não fosse o estadista que vem conduzindo o Brasil ao mais alto progresso moral e material que já conheceu desde os primórdios do Regimen Republicano, bastaria, para firmar seu conceito de estadista emérito, ter conseguido por meios pacíficos resolver a questão social, criando um ambiente de cordial compreensão, colaboração e justiça entre o capital e o trabalho, uma das principais bases do progresso industrial da Pátria.

Rodolfo Pedro Dianda



RODOLFO PEDRO DIANDA
— Diretor Gerente das "Grandes Indústrias Minetti, Gambo, Ltda", empresa estabelecida com moinhos de trigo e fábricas de óleos vegetais e de sabão.



CANDIDO FONTOURA
— Diretor do Estabelecimento Científico Industrial Fontoura Serpe.

A TAREFA DO PRESIDENTE

DEPOIS que Prudente de Moraes deixou a presidência da República, minha mãe e a esposa dele, que tinham sido colegas de colégio, visitaram-se em Itú. Nessa ocasião, no meio da conversa, ela perguntou à amiga:

— Chiquinha, você sabe qual a maior desgraça que pode acontecer a uma mulher, no Brasil?

Minha mãe naturalmente fez uma série de conjecturas, mas com nenhuma delas concordou a amiga, que por fim declarou:

— Realmente poucas pessoas o podem saber: — a maior desgraça é ser mulher do Presidente da República.

Referia-se, naturalmente, aos trabalhos, preocupações, decepções e aborrecimentos a que a sua posição a tinha submetido durante os quatro anos de presidência.

Ora, se a esposa de um presidente encontrava, e com toda razão, tantos motivos de queixa, que não se poderá dizer do próprio presidente? Por isso eu imagino e admiro a soma de sacrifícios, de energia, de trabalho e de preocupações, que tem enfrentado o nosso atual presidente, que ha doze anos arca com o peso tremendo e a imensa responsabilidade de dirigir os destinos desta amada, mas ainda tão jovem nacionalidade.

Candido Fontoura

O PRESIDENTE VARGAS E O INCENTIVO ÀS FORÇAS PRODUTIVAS DO BRASIL



ANNITA PASTORE D'ANGELO
— Presidente da Fábrica de Cigarros Sudan S. A.

INTEGRADA na vida industrial de São Paulo, e substituindo meu marido na direção da empresa por ele fundada tenho seguido de perto a atuação dos homens públicos brasileiros, principalmente a do Presidente Getúlio Vargas.

Em todos os momentos essa figura notável de estadista, calma e segura nas suas deliberações tem sabido resolver os problemas mais graves, sem jamais ter tomado atitudes incompatíveis com o ideal democrático.

E esse "leader", que póde ser considerado um dos mais notáveis chefes de Estado do mundo contemporâneo, jamais deixou no olvido a indústria, a lavoura e o comércio.

Sempre que solicitado, nos atendeu prontamente, encorajando-nos e incentivando a produção.

Annita Pastore d'Angelo



JOSÉ PIRES OLIVEIRA DIAS — *Director Superintendente da Drogasil Ltda., Presidente da Rádio Bandeirante e da Labor Teropica e Director da Associação Commercial de S. Paulo.*

O Presidente e a Unidade Nacional

A O Presidente Vargas deve a Nação Brasileira a satisfação de um dos mais veementes anseios do seu povo: — a consolidação da unidade nacional, seriamente ameaçada por lutas partidárias desencadeadas pela ambição sem freio de máus brasileiros.

Com larga visão, o grande estadista proporcionou

ao País o indispensável clima de verdadeira paz interna, sob cujo influxo se vêm desenvolvendo, no território nacional, em magníficas e fecundas realizações, todas as atividades humanas.

Autor de obra verdadeiramente gigantesca, no sentido literal do termo, obra cujo resumo seria impossível fazer-se no fugitivo de uma impressão, valha-nos a oportunidade para nos referirmos a um dos seus aspectos, ao menos: reformando de alto a baixo o edificio social brasileiro, polarizou o Estado para o fóco vivissimo de Cristo, permitindo-nos brilhantes conquistas como o repouso dominical obrigatório, o respeito aos dias santos de guarda, a limitação das horas de trabalho, o salário mínimo, o reconhecimento do "valor pessoal" e outras, que revelam, através da nossa legislação social trabalhista, considerada hoje, por nacionais e estrangeiros, como uma das mais adiantadas do mundo, a soberana presença do cristianismo triunfante.

Essas autênticas vitórias, valem ao eminente Chefe o amor dos seus concidadãos reconhecidos e o respeito e admiração de todo o mundo livre.

José Pires Oliveira Dias

A Obra Gigantesca do Dr. Getulio Vargas

LIBANEZ de origem, brasileiro de coração, radicado no Brasil há já muitos decênios, tendo brasileiros todos os filhos e netos, nunca deixei de me interessar por tudo quanto possa, de qualquer maneira, beneficiar, e engrandecer este país privilegiado e encantador. Assim, acompanhei e acompanho com o maior carinho e com a mais viva emoção o desenvolvimento da obra gigantesca que o preclaro presidente Getulio Vargas encetou e vem alcançando com rara clarividência, patriotismo e segurança.

Em apenas 12 anos de governo, guiado pela genialidade do grande presidente Getulio Vargas, o Brasil conquistou, não só no que diz respeito a organização e desenvolvimento da vida interna, mas também no que concerne ás relações externas, numa posição tão destacada que sómente em 50 anos comumente se poderia alcançar.

Todos os que no Brasil trabalham com honradez e respeito ás leis e instituições nacionais sejam eies industriais, comerciantes, lavradores ou simples obreiros, tem encontrado no Presidente Getulio Vargas o protetor e amigo de todas as horas. Ele tem zelado sempre intransigentemente, pelo bem estar e pela felicidade do seu povo.



BASILIO JAFET — *Director Presidente da Fiação Tecelagem e Estamparia Ipiranga Jafet S. A.*

Na genialidade, no patriotismo, na firmeza de vontade, no profundo sentimento de humanista, que são o apanágio desse grande homem que é o Presidente Getulio Vargas, é que está a razão do profundo amor e reconhecimento que não só os brasileiros de nascimento mas todos os homens radicados nesta terra maravilhosa do Cruzeiro do Sul, tributam ao seu chefe, ao Chefe da Nação Brasileira.

Os libanezes do Brasil, aqui radicados e assimilados tão perfeitamente, e que tem tida a felicidade de um acolhimento fraterno por parte da nobre gente brasileira, já hipotecaram todo o seu coração ao Brasil, que amam sincera e vigorosamente.

Por isso, rendem todas as homenagens aos homens que servem ao Brasil. E, dentre os grandes que o tem feito sobressair o vulto digno e honrado do grande Presidente Getulio Vargas.

Basilio Jafet



Dr. Eugenio de B. Calmon, Diretor
Presidente da Fábrica de Máquinas
"Helo" S. A. — São Paulo.

O PRESIDENTE VARGAS VISTO A TRAVEZ DA INDUSTRIA NACIONAL

degárias era prometida como primeiro passo para um novo protecionismo, sem excessos, nem extremos, ao contrário, bilado pela capacidade dos parques respectivos e tendo em vista o levantamento dos níveis de vida, com maiores possibilidades e melhores perspectivas quanto ao poder aquisitivo das populações.

Leia-se aquela plataforma e verificar-se-á que o sr. Getúlio Vargas cumpriu tudo quanto prometeu, realizando ainda muito mais em relação ao fomento da indústria, tornando-se, realmente, o expoente da coordenação de nossa riqueza, sob todos os aspectos.

Tendo adotado a política da valorização, não esqueceu que a iniciativa particular depende, no Estado Moderno, da boa compreensão do que o governo seja capaz, orientando o seu esforço para propulsionar a sua expansão. Foi o que se verificou.

Assumindo o governo, após a homérica arrancada de outubro de 1930, o Chefe do Governo Provisório foi dando execução honesta ao seu programa, não obstante as enormes dificuldades e os calhães lançados em seu caminho pelas correntes mal avisadas, ainda não comprometidas do verdadeiro espírito renador que a Revolução trazia consigo, como bandeira de civismo.

Dêse programa, se executou, desde logo, o aparelhamento de indústria, visando a possibilidade de nossa libertação econômica. A matéria prima passou a ser objeto de cuidados especiais, e, daí, o florescimento de tudo que lhe é peculiar: a disseminação do aprendizado técnico e profissional, a organização e consolidação das leis sociais e trabalhistas, que asseguram ao labor feudo do operário, a necessária assistência e proteção, fazem a sua felicidade e lhe dão o estímulo indispensável para o trabalho.

Não ficou, porém, o Chefe do Governo, apenas aí. Era preciso olhar com olhos de água para o futuro: a taréa era de um gigante. E o gigante não temeu. Penetrou o âmago dos problemas de um país novo, de poucos braços e matéria prima inexplorada. Viu a indústria extrativa em precalços, ante as dificuldades de transportes para os centros de beneficiamento, manufaturamento e distribuição. De permo a tudo isso, a escravização da indústria nacional aos fornecedores estrangeiros, ávidos e utilitaristas. Era a obra da libertação que se iniciava. Era um programa que se cumpria, religioso e incansavelmente.

Movimentavam-se os vales do rio Doce, o centro mineiro, as baixadas paulista e fluminense, o allipiano baiano, o nordeste, mal refeito da crise provocada pela extinção abrupta da escravatura, que paralisou o engenho e estrangulou a indústria açucareira, deu novo signi-

ficado ao trabalho manual, viado pela errônea concepção de Pombal, à qual tanto resistiram os jesuitas e a que o século XVIII antepôs reação feroc e implacável.

Tendo compreendido que não era possível realizar uma obra de reajustamento da economia industrial sem causar desencantamentos e sendo ela imprescindível, o sr. Presidente Getúlio Vargas aproveitou bem todas as oportunidades que teve para demonstrar a necessidade que tínhamos de realizar o nosso parque de indústria, alimentá-lo com os nossos próprios recursos, trabalhá-lo com o nosso próprio operário, tornando-o um técnico perfeito e um especialista, fazendo, por outro lado, com que a produção encontrasse mercado consumidor.

Se quisermos ter, de pronto, provas concretas dessa elevada realização basta-nos-á apontar aos tibios, dubitativos e indiferentes, o aproveitamento dos extensos vales brasílicos, a criação da siderurgia, a fábrica de motores, de aviões, de material de guerra, construções navais, o Conselho Nacional de Petróleo, a Coordenação da Mobilização Econômica, legislação sobre minas, sobre o ensino técnico e profissional nas indústrias, e muitas outras dotações para que uma nação mais forte surgisse em defesa do hemisfério.

Novas indústrias floresceram. O Brasil está, hoje, indiscutivelmente, depois dos admiráveis Estados Unidos, em posição de vanguarda nas Américas, liderando com aquela grande nação amiga, por meio de um intercâmbio feliz, seguro e inteligente, o desenvolvimento da grande e da pequena indústria, quasi que inteiramente liberto do mercado europeu.

A guerra atual teria que forçar, fatalmente, essa autarquia. Entretanto, seria um imperativo e uma improvisação. O sr. Getúlio Vargas, que trouxe consigo uma visão profética desse futuro extraordinário, preparou o país, não para adaptar-se, mas para impor-se, quando o conflito se verificou. O Brasil já se acha aparelhado para suprir-se e basta-se em quasi todos os ramos, e, também, para oferecer às Nações Unidas, como está oferecendo, o contingente valiosíssimo de sua economia produtora, sem o qual, talvez, a vitória seja mais difícil aos próprios aliados.

Estes os resultados imediatos da política de apoio, amparo e valorização da indústria brasileira valorizada pelo Presidente Getúlio Vargas.

Só nessas realizações, o Governo do Presidente Getúlio Vargas se recomendaria à gratidão dos brasileiros e à glória de nossa terra.

A ele, pois, o nosso melhor aplauso e os votos de perenes felicidades.

Eugenio de B. Calmon

AINDA me lembro como se fôra hoje. Uma imensa multidão envolvia o candidato à Presidência da República, Epitácio Luzardo Pinheiro, em plena avenida Rio Branco, discursando, perguntava, e, ao mesmo tempo, respondia (tão certo estava ele da consagração que esperava o eminente Chefe da Revolução de 30):

— Quem vem lá? Getúlio Vargas!

— Para onde vai? Para o Cate!

Naquela época, nenhum vaticínio previra, que, com a instauração do Estado Nacional, se inauguraria uma ordem inteiramente nova para as atividades em todos os setores da produção e, principalmente, na transformação do Brasil, no campo de sua máxima ampliação econômica e desenvolvimento industrial.

Inevavelmente, houve uma transformação radical. O governo movimentou uma inteligente e patriótica política financeiro-constitutiva, e o povo arregimentou-se em uma nova política de produção econômica, aumentando as nossas possibilidades e, com estas, a riqueza da nossa gente.

Nem se poderia conceber uma reforma completa na estrutura econômica do país, sem que a produção, no seu maior sentido, viesse a ser compelida a incorporar-se ao movimento reformador, anunciado na histórica jornada da Esplanada do Castelo e coroada de êxito a 10 de novembro de 1937.

Aí, em fins de 1928, ao ler a plataforma com que se apresentava ao povo brasileiro, o Presidente Getúlio Vargas, então candidato, estrategicamente naquela importantíssimo documento, o que haveria de ser o desenvolvimento da economia produtora, não apenas do ponto de vista da agricultura, até então pedra angular, mas em todos os ramos da atividade nacional.

A eliminação das barreiras alfan-



NA hora angustiosa que o mundo vive, um governo como o do Presidente Getúlio Vargas, que procura atender com medidas sábias todas as necessidades de seu povo, amparando o proletariado, defendendo a família e resalvando os supremos interesses da Nação — governo de ordem, de disciplina e de trabalho — constitui uma felicidade para qualquer país.

Sílvia Nogueira Prado Guimarães



Como moça militante no comércio de S. Paulo, tenho apreciado com muito orgulho para mim, como mulher brasileira que sou, a atuação do Sr. Dr. Getúlio Vargas na presidência da República.

Terezinha Braga Canto

O PRESIDENTE VARGAS JULGADO PELA MULHER PAULISTA



O Presidente Getúlio Vargas é, pelo seu impecável caráter, não somente o homem providencial para a realidade brasileira, como também aquele que sabe, com um raro senso de oportunidade, realizar o embasamento necessário para que a máquina administrativa caminhe livremente.

Como consequência de sua ação à frente dos destinos da nossa Pátria, seja-nos lícito afirmar que se tivemos em José Bonifácio o fundador da nossa Independência, em Deodoro o fundador da República, temos no Presidente Getúlio Vargas a mais alta expressão política da História do Brasil.

Odette de Sanctis

PAULISTA de nascimento e brasileira de coração, aprecio porque foram e são verdadeiramente notáveis para o bem da nação, as diretrizes traçadas pelo eminente estadista Dr. Getúlio Dornelles Vargas.

Adelaide Pacheco





Fernando Bittencourt 5.^o anista de Direito.

Deixo aqui consignando, como quintanista de Direito de São Paulo, a minha homenagem ao Presidente Getúlio Vargas, nesta hora em que a Nação ao lado de outras democracias, luta para que a Justiça e a Liberdade não desapareçam do patrimônio humana".

Fernando Bittencourt

O PRESIDENTE VARGAS, Na Opinião da Juventude Paulista



Mary Apocalypse da Faculdade de Sociologia e Política de S. Paulo.



Derneval da Cunha Brito Filho; do Eternato França Junior.

Como menino tenho aprendido amar a Deus e admirar o Sr. Dr. Getúlio Vargas, por ser um grande brasileiro e um grande Presidente.

Derneval Cunha Brito Filho

Batemos palmas ao Presidente Getúlio Vargas porque ele é o defensor da União dos Brasileiros, e o defensor da Igreja, da Família e grande amigo das crianças.

Therезinha Paes de Barros

A mulher brasileira, sobretudo a que estuda, compreende a obra magnífica do Presidente Vargas e, demonstrando essa percepção, empresta todo o apoio ao grande estadista, procurando colaborar, quando possível, nas suas realizações, que visam transformar o país numa das maiores potências do mundo.

Graças à conjugação de esforços de todas as forças úteis da Nação, orientadas por salutar e inteligente política, nossa Pátria, sob o governo de Getúlio Vargas, experimenta um ritmo acelerado de progresso, que a levará a ocupar, dentre em breve, um lugar proeminente no concerto dos povos civilizados".

Mary Apocalypse



Therезinha Paes de Barros do Colegio Assunção



...A moda levada aos lavandeiros, nos mangiferos, nos alinos e calçadões, é prejudicial ao clima da república. A palavra de ordem é que diversos cabeleiros e produtores sejam desfraldados, tornando assim os dias."

Selma Vargas
Do discurso pronunciado a P. da mesa de 1942.

A "DIMA" S.A. e a "HELO" S.A. cumprem a PALAVRA DE ORDEM do Senhor Presidente da República apresentando a máquina de costura "DIMA", indústria brasileira, de fabricação 100% nacional.

★

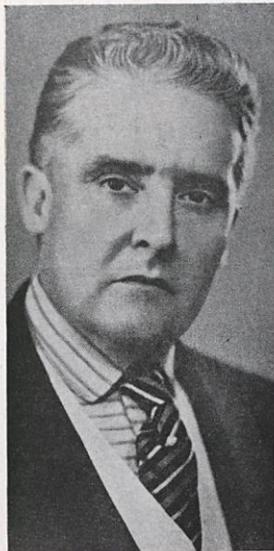
Apresentando as Máquinas de Costura "DIMA", de fabricação 100% Brasileira, é mais uma vitória para o Brasil, pois trata-se de uma máquina de alta qualidade e que nada deixa a desejar das demais congêneres estrangeiras.

DIMA S/A - Distribuidora de Máquinas Brasileira
Rua Senador Feijó, 176 - 9º andar - Telefone 2-1331
S. Paulo, Brasil.

DIMA S/A - é a única distribuidora, no Brasil, das máquinas de Costura DIMA.

★

CAIXA ECONÔMICA



Dr. Samuel Ribeiro, Presidente da Caixa Econômica Federal de São Paulo.

DIRETORIA DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DE SÃO PAULO

Presidente:

Dr. Samuel Ribeiro

Diretores:

Dr. Arthur Antunes Maciel, atual presidente interino.

Dr. Alfredo Egídio de Souza Aranha.

Dr. Alcides de Castro Vidigal

O MALHO

O GOVÊRNO GETÚLIO VARGAS E AS CAIXAS ECONÔMICAS

O ilustre presidente da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, Sr. Dr. Carlos Coimbra da Luz, abrindo o seu último relatório, teve as seguintes expressões:

— “O Governo Getúlio Vargas aparece, no quadro da administração brasileira, como divisor do desenvolvimento das Caixas Econômicas, em duas fases distintas.

Antes, mesmo as que já haviam adquirido relativa autonomia, nos moldes do regulamento de 1915, se mantinham emperradas e ineficientes, dedicadas exclusivamente à função passiva de arrecadar depósitos para o Tesouro Nacional, à feição de velhas repartições públicas. Pouco haviam avançado do regime da velha arca de 1861, que conservamos como reliquia e de que frequentemente nos utilizamos em cartazes de propaganda.

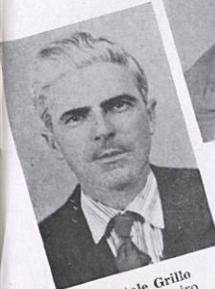
Durante o Governo Vargas, a transformação foi radical. Desapareceu a arca e o dinheiro arrecadado passou a circular através dos empréstimos de garantias diversas, garantias hipotecárias, cauções de títulos, penhores ou consignações de vencimentos. Surgiu, assim, novo e poderoso aparelho de crédito, fomentando a economia nacional, criando riqueza, impondo-se desde logo à confiança pública, que desta forma eloquentemente correspondia à expectativa do Governo.

Os resultados obtidos apontam o Presidente como grande benemérito das Caixas Econômicas no Brasil. Nenhum outro o ultrapassou, nem mesmo o igualou na vitoriosa iniciativa”.

O Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal de São Paulo nada mais tem a fazer do que corroborar, com seu testemunho, as expressões do ilustre presidente da Caixa Econômica do Rio de Janeiro.

— 154 —

I V — 1 9 4 3



Natale Grillo
2.º Tesoureiro



João Grillo
Secretário



Fernando Zantonelli
Presidente



Paschoal Nalone Defacio
Tesoureiro



Eugenio Canalonga
Membro do Conselho Fiscal

O PRESIDENTE VARGAS

VISTO PELA DIRECTORIA DO SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDUSTRIA DE CALÇADOS DE SÃO PAULO

SÃO PAULO, o maior centro industrial da América do Sul, foi, por isso, o Estado que mais de perto sentiu os benefícios das leis de proteção ao trabalhador, emanadas do governo proficuo do Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas. — **Fernando Zantonelli.**

•

O grande Chefe de Estado, Dr. Getúlio Vargas, interessando-se pelas nossas condições de trabalho, tudo tem feito para atender às necessidades do operário, promovendo o bem estar e a felicidade de cada um e de suas famílias. — **Natale Grillo.**

•

EU e minha família pedimos a Deus pela saúde do nosso Presidente, por ter sido o amigo e o protetor do operariado. — **João Grillo.**

•

GETULIO VARGAS está no coração de todos os trabalhadores, porque sempre procurou ampará-los na luta pelo pão de cada dia, suavizando as suas dificuldades. — **Eugenio Canalonga.**

ENTRE todas as mais eloquentes manifestações de simpatia, de carinho e amizade, dirigidas pelas altas autoridades civis e militares, pela mais fina sociedade desta grande Pátria, mais uma vez surge também, a saudação sincera e amiga do trabalhador, que jamais faltou e não faltará ao Eminente Chefe da Nação, Exmo. Sr. Dr. Getúlio Dornelles Vargas.

Não ha necessidade do calendário marcar 19 de Abril, para nós recordarmos de S. Excelencia, pois os trabalhadores — da forja, das máquinas, da terra, do campo, etc. — sentem-se estimulados porque preve em o seu futuro e de suas famílias, nas sábias leis emanadas do timoneiro de braço de ferro, quer quanto à Legislação Social, quer quanto aos Institutos de Previdência, quer quanto ao sindicalismo organizado nos moldes de uma grande lei.

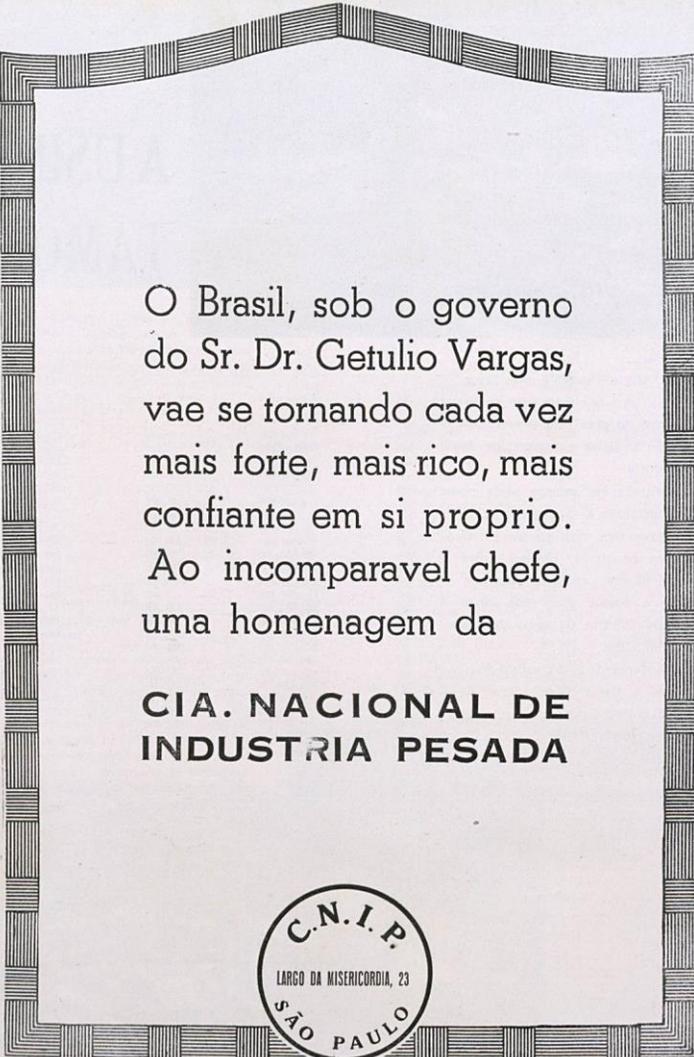
Pois não é de duvidar que um só brasileiro deste quadrante abençoado de 8.000.000 de quilômetros quadrados, não tenha gravado em seu cérebro e dentro de seu coração: **GETULIO DORNELLES VARGAS.**

Paschoal Nalone Defacio

IV — 1943

— 167 —

O MALHO



O Brasil, sob o governo
do Sr. Dr. Getulio Vargas,
vae se tornando cada vez
mais forte, mais rico, mais
confiante em si proprio.
Ao incomparavel chefe,
uma homenagem da

**CIA. NACIONAL DE
INDUSTRIA PESADA**



O MALHO — 170 — Abril — 1943 59



A O GRANDE BENFEITOR DOS OBRZEIROS NACIONAIS O PRESIDENTE DOUTOR GETÚLIO DORNELLES VARGAS

A DATA NATALICIA DO PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS É DATA QUE PROVOCA EM TODOS OS RECANTOS DO BRASIL UM SENTIMENTO DE INTENSO JÚBILLO, DE PROFUNDA E JUSTIFICADA ALEGRIA. ELA TRAZ A CONCIENCIA NACIONAL COMO QUE A EVOCAÇÃO DE UM FATO HISTÓRICO, POIS QUE RELEMBRA O NASCIMENTO DE UMA PERSONALIDADE QUE NO DECURSO DE SUA VIDA IRIA TER U'A MARCANTE PROJEÇÃO EM TODOS OS CONTINENTES E, COM ISSO, CONSEGUIR ELEVAR AINDA MAIS O CONCEITO QUE A PATRIA BRASILEIRA DESFRUTA.

NA BREVIDADE DESTAS LINHAS, QUE EMOLDURAM A HOMENAGEM AO CHEFE DA NAÇÃO PELA PASSAGEM DO SEU ANIVERSÁRIO NATALICIO, NAO É POSSIVEL ESBOÇAR SIQUER O QUE TEM SIDO A AÇÃO DO PRECLARO PRESIDENTE. ALIAS, OS SEUS ATOS

NAO INCITAM ANALISES; ELES REFULGEM COM BRILHO INCOMUM NO SEU ELEVADO PATRIOTISMO; NO SERENO JULGAMENTO DOS HOMENS E DAS COUSAS; NO JUSTO SENSO DA ATUALIDADE; NA CLARIVIDENCIA COM QUE ENFRENTA E RESOLVE OS MAGNOS PROBLEMAS DA ÉPOCA, E, SOBRETUDO, NA NOBRE CONCEPÇÃO QUE TEM DOS COMPLEXOS ASSUNTOS SOCIAIS E HUMANITARIOS QUE NAO HA MUITO ERAM CONSIDERADOS IMERECEDORES DE ATENÇÃO.

A POLITICA SOCIAL BRASILEIRA, OBRA DE SUA PRODIGIOSA PREVISAO E DEMONSTRAÇÃO POSITIVA DE SUA MAGNANIMA FORMAÇÃO ESPIRITUAL, É A MAIS SOBERBA APOTEOSE A SUA INCONFUNDIVEL PERSONALIDADE. ELA ASSINALA O EVENTO DE UMA NOVA ERA: DE UMA COMPREENSAO SALITAR ENTRE OS QUE OFERECEM TRABALHO E OS

QUE NO TRABALHO BUSCAM OS MEIOS DE SUA SUBSISTÊNCIA; ELA ASSEGURA A TRANQUILIDADE AOS MENOS AFORTUNADOS, ACENANDO-LHES COM UM FUTURO QUE OUTRORA ERA UMA INCOGNITA; ELA AMPARA OS DESPROTEGIDOS, OS DOENTES, OS FISICAMENTE INCAPACITADOS; ELA E, ENFIM, O NÚMERO TUTELAR QUE DA AO TRABALHADOR BRASILEIRO A CONFIANÇA DE MELHORES DIAS E A CERTEZA DE QUE O SEU TRABALHO TERÁ MERECEDA RECOMPENSA. E TUDO ISSO, TODA ESSA SOBERBA E RADICAL TRANSFORMAÇÃO ATINGINDO A MILHÕES DE PESSOAS E INTERESSANDO A DIVERSAS CAMADAS SOCIAIS, REALIZADO COM UMA SEGURANÇA ADMIRÁVEL, SEM PERTURBAÇÕES, SEM COMOÇÕES, SEM DIVERGÊNCIAS, SEM DISSOCIAÇÕES. AO CONTRÁRIO, TODAS AS CLASSES SE HARMONIZARAM NUM MAGNÍFICO EXEMPLO DE CONCORDIA E DE SOLIDARIEDADE MOSTRANDO AO MUNDO QUE NUM AMBIENTE SADIO E HUMANO HÁ LUGAR PARA AS MAIS PROFUNDAS TRANSFORMAÇÕES DENTRO DOS PRINCÍPIOS DA PAZ, DA COMPREENSAO E DO RESPEITO MÚTUO.

O QUE O DOUTOR GETÚLIO VARGAS REALIZOU NO BRASIL JÁ TRANSPÓS AS FRONTEIRAS PATRIAS, TORNANDO-O CONHECIDO E APONTADO NO MUNDO INTEIRO COMO UM ESTADISTA DE LARGA VISÃO, COMO O PREDESTINADO A UM LUGAR DE HONRA

NA HISTÓRIA, PELOS PRINCÍPIOS QUE DEPENDE DA SOLIDARIEDADE HUMANA SOB A ÉGIDE DOS SAGRADOS POSTULADOS DE PAZ, AMOR E LIBERDADE.

DIRETORES, OPERÁRIOS E EMPREGADOS DAS COMPANHIAS ANTARCTICA PAULISTA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE BEBIDAS E CONEXOS, PROGRESSO NACIONAL INDÚSTRIA BRASILEIRA DE BEBIDAS E CONEXOS E CAFEEIRA DE SÃO PAULO E BENEFICIÁRIOS DA BENEMÉRITA INSTITUIÇÃO NACIONAL DE BENEFICÊNCIA — FUNDAÇÃO ANTONIO E HELENA ZERRENNER — VEEM, NA DATA FESTIVA DE 19 DE ABRIL, REAFIRMAR A SUA EXCELENÇA O SENHOR DOUTOR GETÚLIO DORNELLES VARGAS A SUA DECIDIDA SOLIDARIEDADE, DE PAR COM OS CALOROSOS VOTOS QUE FAZEM PELA SUA SAÚDE E PELA SUA FELICIDADE.

ESTES VOTOS SÃO UMA PARTE DA INTENSA VIBRAÇÃO QUE FREMIRA POR TODOS OS RINGOES DO BRASIL — VIBRAÇÃO QUE CONSTITUE O MAIOR E O MAIS ENTUSIASTICO RECONHECIMENTO DE UMA COLETIVIDADE AO SEU INSIGNE ORIENTADOR E BENEFITOR, E CONSTITUE, TAMBÉM, O ÉCO DA MEMORÁVEL VISITA COM QUE SUA EXCELENÇA HONROU A COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE BEBIDAS E CONEXOS, EM 26 DE NOVEMBRO DE 1941, DA QUAL FICOU UMA IMORREDOURA LEMBRANÇA.

FELICITAR O DOUTOR GETULIO DORNELLES VARGAS E FELICITAR O BRASIL, PORQUE SUA EXCELENCIA ENCARNA OS ANSEIOS DA NOSSA PATRIA, OU MELHOR, A NOSSA PROPRIA PATRIA.

<p style="text-align: center;">DIRETORIA DA COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA INDUSTRIA BRASILEIRA DE BEBIDAS E CONEXOS,</p> <p style="text-align: center;"><i>[Signature]</i> Luis Ferreira Pires - Diretor Presidente em exercicio</p> <p style="text-align: center;"><i>[Signature]</i> Dr. Hamilton Prado - Diretor Vice-Presidente em exercicio</p> <p style="text-align: center;"><i>[Signature]</i> Dr. Walter Bellan - Diretor Superintendente</p> <p style="text-align: center;"><i>[Signature]</i> Dr. Mauro Monteiro - Diretor Adjunto Social</p> <p style="text-align: center;"><i>[Signature]</i> Dr. Luis de Margen Snell - Diretor Adjunto Tecnico</p> <p style="text-align: center;"><i>[Signature]</i> Hans von Haeischler - Diretor Adjunto de Filiais</p>	<p style="text-align: center;">DELEGAÇÃO REPRESENTATIVA DOS OPERÁRIOS E EMPREGADOS DA COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA INDUSTRIA BRASILEIRA DE BEBIDAS E CONEXOS.</p> <p style="text-align: center;"><i>[Signature]</i> Ido Messias</p> <p style="text-align: center;"><i>[Signature]</i> Sr. Arual Antonio dos Santos</p> <p style="text-align: center;"><i>[Signature]</i> Maura Bartolo de Napoli Maura Bartolo de Napoli</p> <p style="text-align: center;"><i>[Signature]</i> Frederico Villalpando Gomes</p> <p style="text-align: center;"><i>[Signature]</i> Jose Venancio Jose Venancio</p> <p style="text-align: center;"><i>[Signature]</i> Jose Neme</p> <p style="text-align: center;"><i>[Signature]</i> Antonio Pereira dos Santos Antonio Pereira dos Santos</p> <p style="text-align: center;"><i>[Signature]</i> Bedecliano Holanda Cav- canti</p> <p style="text-align: center;"><i>[Signature]</i> Antonio Albano Antonio Albano</p>
--	---



Dr. CARLOS PIMENTA DE CAMPOS - Da Faculdade de Medicina de São Paulo e da Santa Casa, Chefe da clinica do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Calçado em São Paulo.

UMA REALIDADE A ASSISTÊNCIA SOCIAL DO TRABALHADOR

Graças ao Chefe da Nação, Dr. Getulio Vargas, a assistência social do trabalhador é hoje uma realidade; os beneficios que milhares de familias recebem diariamente, estão a atestar a obra grandiosa do Estado Novo.

Carlos Pimenta de Campos

Ao Exmo. Sr. Dr. Getulio Vargas, honrado Presidente da Republica, homenagem de

BELTRAMO & CIA.

Cotonificio de Osasco, S. Paulo



Cotonificio de Osasco - S. Paulo

IV - 1943

- 173 -

O MALHO

184

PROYECCIÓN MORAL DE UN PRESIDENTE EN EL CONTINENTE AMERICANO

EN toda nuestra América latina, será de muy difícil procura un presidente tan popular y tan asequible al verdadero sentimiento democrático americano, como el doctor Getulio Vargas. Difícil también, una popularidad tan persistente y tan de corazón, como la que este gobernante goza, dentro de los límites de su nación; como fuera de ella. Es ya más que un nombre nacional, el patrimonio de una época, que posiblemente definirá sus aspiraciones, en dos figuras cumbres: Franklin Delano Roosevelt, Getulio Vargas. Este último, mucho más, por que su idiosincracia racial está más en consonancia con nuestro "Nuevo Mundo", con las aspiracio-

nes y los sueños de "nuestra latinidad"; es por tal causa, que su nombre se apresta más, para los deseos plenos de ansiedad, de esperanza, de una vida mejor, talvez idealizando en este hombre, el supremo estadista que comprenden nuestros sueños...

Por este motivo, todos los que estamos formados en tales sentimientos de latinidad, confiamos en este estadista, que sabrá conducirnos a nuestras aspiraciones, como el piloto más avezado, en las ansiedades populares.

Braulio Sanchez-Saez
(Da Universidade de S. Paulo)

Nelson de Oliveira Lemos

Corretor oficial do Sindicato dos Corretores de Imóveis do Estado de São Paulo e do Preção Imobiliário.



Em homenagem ao Exmo. Sr.
PRESIDENTE DA REPÚBLICA.

Lanço a idéia do fracionamento financeiro e hipotecário da

Propriedade Imobiliária no Brasil

SÃO PAULO — Rua Libero Badaró n.º 346 —
8.º andar — Telefone 8637.



O NONO ANIVERSARIO DE "A FAMA"

Um dos modernos recantos da "A Fama", agência controladora de publicidade, à Praça da Sé, 23, 3.º andar, em São Paulo, e que completou 9 anos de existência a 15 de Março deste ano.

S. A. Moinho Santista - Indústrias Gerais

Séde: LARGO DO CAFÉ - SÃO PAULO



O novo prédio da nossa séde central

Homenagem da S. A. MOINHO SANTISTA — INDÚSTRIAS GERAIS
ao

Exmo. Sr. Dr. GETULIO VARGAS,
Presidente dos Estados Unidos do Brasil



Ernesto Alves Bagdóximo, advogado e jornalista, autor do livro "Em homenagem ao Presidente Getúlio Vargas, e em defesa da nova política do Brasil".

QUANDO me volto para a personalidade desse egregio estadista — o presidente Getúlio Vargas — o faço sempre com um sincero e profundo sentimento de veneração, pelo que vem produzindo como estêio de nossa formação política, conservando-nos o patrimônio comum, que lhes herdaram os seus heróicos antecessores da Independência e da República, estabelecendo e firmando na Pátria os alicerces da sua estrutura.

Porque a austeridade da atuação de Getúlio Vargas na atual política Brasileira e a lealdade dos seus conselhos, fazem-lhe do vulto o foco de retitude e de justiça, em que se refletem os incitamentos que lhe legou o passado, porquanto sopesa, de ânimo forte e conciente, o onus que se lhe delega, na responsabilidade de acrescer e melhorar o patrimônio moral da nação, mantendo-a una e grande, com o patrimônio antigo intacto, que passou por José Bonifácio, o patriarca, e por seus conterrâneos da Independência, por Diogo Feijó, o patriota ingente, e pelos homens da Regência, e pelo pugilo de patriotas republicanos, cujo centro foi Benjamin Constant.

Junto desse benéfico dominador, junto desse clarividente espírito, cerremos fileiras todos quantos nos batemos pelo mesmo supremo e límpido programa de equilíbrio moral, para renovar a alma de nossa terra, dar-lhe novos influxos, oferecer-lhe novos homens, capazes e concientes, movidos do bem público e não do próprio, democratas verídicos, que a saibam servir, que se compenbrem das exigências máximas que se prendem à própria vida do país, como um dos mais belos, mais ricos, mais vastos e mais dignos Estados do planeta.

O MALHO

— 178 —

HOMENAGEAR GETULIO VARGAS E' HOMENAGEAR A PATRIA BRASILEIRA

Homenagear, pois, Getúlio Vargas, é homenagear a Pátria Brasileira, que ele encarna com o destemor e a glória de um verdadeiro varão de Plutarco, como o depositário das conquistas do passado e órgão das aspirações do futuro, sobrepujando já talvez as glórias dos vultos de maior relevo da nossa História, tão farta de grandes e nobres caracteres, de impávidos e gloriosos heróis.

De feito, o grande estadista está sendo mero intérprete do crescimento volitivo do Brasil, de cujas aspirações se impregnou, com cujas esperanças se identificou, por cujo bem se bate, solucionando com acerto, com a firmeza e a clarividência que lhe são peculiares, os verdadeiros e legítimos interesses da coletividade.

Necessidade, prioridade, autoridade, são os atributos do Estado Novo, concebido e criado pelo seu gênio político, que o vai realizando, na antevisão do Brasil futuro, dentro do povo e para o povo, no teor do govêrno forte e democrático, conservando sempre a mesma diretriz serena e grave, com que, sob o incitamento das mesmas aspirações, manuseando as mesmas armas, divisando os mesmos horizontes, entoando os mesmos hinos, enaltecendo as mesmas glórias, com o nosso sangue e a nossa alma, com a nossa fé na sua grandeza e a nossa devoção à sua glória, fará o nosso Brasil respeitado, querido e grande, em marcha para os seus gloriosos destinos.

Deus o mantenha assim, formoso na alma e firme no labor; dê-lhe amplitude às energias e viço às forças poderosas, com que se retempera o egregio Brasileiro, vulto de titan em meio às tempestades, "montade dura de rocha sob veludo de mansidão", erigindo-se, nos nossos fastos, como seu mais avançado estadista, aureolado de excelências cívicas e vitórias morais, numa relevante afirmação de vida e trabalho, de lutas e triunfos, de consagrações e sacrifícios, de martírios e glórias.

Deus lhe encaminhe os passos ao futuro, honesto e justo sempre, amparado das duas expressões mais altas e divinas da alma humana: — A Cultura, que é força e refulgência, e o Amor, que é brilho e emanação do Céu.

ERNESTO ALVES BAGDÓCIMO

IV — 1943

GETULIO VARGAS

RENATO PAES DE BARROS

A bandeira da Unidade defendida pelos estadistas lusos, preservada pelos dois Braganças, I e II, e pelos patriotas da monarquia e da república, vai cobrir de novo todo o Brasil. Quem a empunha é um brasileiro nascido no remoto Sul, a poucos metros da fronteira. Naqueles confins, ele se ergue e de lá, da polegada extrema, fita o Brasil inteiro. O seu olhar percorre os pagos nativos, transmonta as cordilheiras do centro e, abrangendo o vale amazônico, vai até as alturas do extremo norte. Possui ele a visão panorâmica do Brasil. É um estadista federal, na expressão lapidada de Marcondes Filho. Há uma região — a Baía — no Brasil, que é o resumo geográfico de todo o país. Possui portos e muitas lagoas de Itorai; tem o solo adusto e a caatinga do Nordeste; nela correm as águas do S. Francisco que recordam as grandes águas da Amazônia; contempla-se em seu território a soberda tela das montanhas de Minas e os seus produtos são um mostruário do Brasil: o café de S. Paulo, o ouro e as pedrarias mineiras; a pecuária do Sul e do centro, a borracha amazônica.

Getúlio Vargas é também uma síntese: tem, nas horas decisivas, o arremesso dos entevéros, a argúcia, aquela "penetração mineira" de que falava Joaquim Nabuco, referindo-se ao Conselheiro La-

fayette; o censo da realidade dos paulistas, as vibrações do homem do norte... Dai, os seus atributos federais. É um estadista "ecumênico". Sem a sua ação serena, oportuna e energética, o Brasil teria desaparecido no vortice das ambições pessoais ou dos grupos. Para os seus altos destinos marcha o Brasil sob a sua firme direção. Problemas de vida ou de morte, 4 vezes seculares, estão, com efeito, em vias de completa resolução: a siderurgia e a ligação ferroviária — que será a espinha dorsal da nação — entre o Norte e o Sul.

O Estado Nacional tem as suas raízes na realidade brasileira. Há mais de uma década governa Getúlio Vargas com os aplausos da nação e a Ciência Política ensina que o consentimento dos governados é também uma fonte de legitimação dos governos. O Estado Nacional assinala, com efeito, o maior período governamental da nossa História. Tomé de Souza, o 1.º governador geral do Brasil, esteve à frente da direção da colônia 4 anos (1549-1553); o seu sucessor Duarte da Costa, governou durante cinco anos (1553-1558) e Mem de Sá, que se lhe seguiu quatorze. Em 1617, sobreveiu, de novo, a divisão em dois governos. A administração de Maurício de Nassau durou sete anos (1637-1644). D. João VI reinou durante doze anos (1808-1820) e D. Pedro I, onze (1820-1831). A regência durou nove anos (1831-1840). O reinado do Sr. D. Pedro II estendeu-se, é certo por quasi meio século (1840-1889), mas, nas monarquias parlamentares "o rei reina e não governa". O governo estava a cargo dos gabinetes e os que mais duraram não foram além de quatro anos. Foram eles o de 11 de maio de 1852 e o de 25 de junho de 1875, presidido, o primeiro por Joaquim José Rodrigues Torres, Visconde de Itaboraí, do qual faziam parte Paulino e Zacharias, e presidido o segundo pelo duque de Caxias, com Cotegipe na pasta dos Estrangeiros e Franco na da Marinha. Houve um ministério que durou apenas seis dias: o de 24 de maio de 1862,

presidido por Zacharias, do qual faziam parte José Bonifácio, na pasta da Marinha e Carneiro de Campos, Visconde de Caravelas, na dos Estrangeiros. Este gabinete pouco mais vivera que as rosas de Malherbe, apesar dos grandes nomes — dos maiores estadistas do Império — que o compunham. Foi substituído pelo de 30 de maio do mesmo mês, chefiado pelo Marquês de Olinda e do qual fazia parte o Marquês de Abrantes, na pasta dos Estrangeiros. Em regra, não tinham duração maior que a de um ano, duração que não tivera, v. g., o gabinete de 22 de maio de 1847, chefiado por Alves Branco e de que faziam parte homens de pro, como Paula Souza, na pasta do Império, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, na da Justiça e Pimenta Bueno, Marquês de S. Vicente, sucessivamente, na Justiça, e, a frente da Marinha, Candido de Oliveira.

Houve, nos 67 anos do Império, 59 gabinetes e, pois, em média, pouco mais de um ano foi a duração de cada um.

Ora, Getúlio Vargas preside o Brasil há cerca de 13 anos. É, pois, o seu governo o de maior duração em nossa História. Não conta, é claro, o de Mem de Sá, de 14 anos, simples delegado do rei e mero executor das ordens emanadas da Metrópole.

E porque se prolonga o governo de Getúlio Vargas, além dos precedentes históricos?

Porque a nação compreendeu que só mediante a continuidade de governo e o fortalecimento da autoridade central poderá o Brasil salvar-se. Unidade, Autoridade e Continuidade — eis a Trilogia salvadora.

Só a continuidade do Estado Nacional poderá permitir que o Brasil complete o ciclo do seu desenvolvimento, preenchendo os claros do seu imenso espaço vital. Só mediante a segurança externa e a ordem interna por ele garantidas poderá completar-se a estrutura do Estado Brasileiro, problema de vida ou de morte, cuja resolução dentro dos quadros antigos seria impossível e que tantos receios inspirara a Euclides da Cunha.

Bem haja, pois, Getúlio Vargas pela obra de salvamento a que, corajosamente, se consagra.

Tudo o Brasil o saúda na data do seu natalício.



Prof. Dr. Renato Paes de Barros.

I V — 1943

— 179 —

O M A L H O

AO GRANDE PRESIDENTE
GETULIO VARGAS

Com admiração
e respeito,

HOMENAGEM DA

TECELAGEM ELISA

Rua Direita, 66-78

São Paulo

AO EXMO. SR.

Dr. Getulio Vargas

com admiração,
sincera homenagem
da firma

Antonio Nogueira & Cia.

Rua Xavier de Toledo, 60

SÃO PAULO

1930 - 1943



Um cafeeiro típico de 4 anos

Foi quasi coincidindo com a Revolução de 1930 que os primeiros colonos tomaram posse dos primeiros lotes agricolas abertos nas cercanias de LONDRINA, em plena mata virgem.

Desde então e até hoje, a COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ tem colonisado cerca de 100.000 alqueires em pouco mais de 3.000 lotes. Os magestosos matos desta linda região estão sendo rapidamente substituidos pelas mais belas culturas do Brasil, produzindo em grande escala as suas safras de café, algodão, cereais e frutas, para a prosperidade geral do País.

Paralelamente com o desenvolvimento agricola, surgem as cidades novas, a mais importante e das quais é ainda LONDRINA, com os seus 15.000 habitantes, operosos e progressistas.

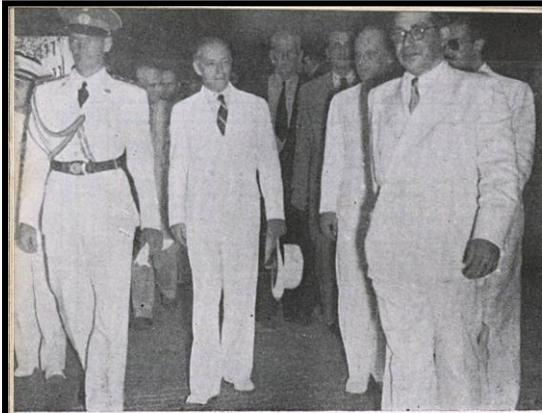
Si for necessário citar mais fatos para demonstrar o desenvolvimento do Norte do Paraná nestes treze anos, podemos lembrar que a COMPANHIA FERROVIARIA SÃO PAULO-PARANÁ que tão bem serve a zona, construiu 240 quilometros de linha, achando-se agora com tráfego até Apucarana, no quilometro 270 do seu caminho para Oeste. Nos mesmos anos a receita bruta da estrada subiu de Cr \$ 517.223,10 em 1930 até Cr \$ 10.581.123,00 alias TRINTA E DUAS VEZES!

Nada mais expressivo! — Ali ha oportunidade para todos — o grande ou o pequeno agricultor, o criador de gado e suínos, o industrial em madeiras, o comerciante e para o capitalista que quizer ver o seu patrimonio render e multiplicar.

Solicite informações detalhadas da

Companhia de Terras Norte do Paraná

Rua S. Bento, 329-8.º andar — Caixa Postal 2771 — SÃO PAULO



Flagrante tomado quando o representante do Presidente da República, o Ministro da Viação, o prefeito do Distrito Federal e outras autoridades chegaram ao hall da Estação D. Pedro II para a inauguração da suíte na Exposição da Central do Brasil.

empresendedor do Major Napoleão Alencastro Guimarães.

Pode-se dizer que até 29 de Maio de 1941 defluiu uma etapa da história da Central — e que, após essa data começou para a Estrada um novo período na sua história de lutas. Convertida nesse dia, pelo sr. Presidente da República, em instituição autárquica, a empresa ia encontrar, nessa forma de organização e sob a administração do Major Napoleão Alencastro Guimarães, a melhor situação para os seus destinos de ferrovia-chave da economia nacional.

A 29 de Março, a Estrada de Ferro Central do Brasil comemorou o seu octogésimo quinto aniversário.

Quando a Central do Brasil começou a rodar os seus comboios, a história ferroviária tinha apenas seis décadas. Fora um sonho de José Clemente Pereira, em 1828, com a celebre "Carta de Lei". Depois, sob a regência de Diogo Feijó, em 1835, tomara um novo impulso com a "carta de privilégio" atribuída à companhia que ligasse o Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Bahia, com uma estrada de ferro. Em Mauá, esses sonhos se converteriam em realidade, quando rompeu, em 1854, a linha que ligou Porto de Mauá a Ratz da Serra.

A célula inicial da Central do Brasil foi a Companhia da Estrada de Ferro D. Pedro II, fundada em 1855, e as cujas iniciativas se devem, no mesmo ano, o fato de haver sido batida, no campo de Santana, a pedra fundamental da estação D. Pedro II.

Do Império à República, vencendo vicissitudes de toda a sorte, a Estrada de Ferro Central do Brasil comemorou oitenta e cinco anos de serviços inestimáveis prestados à economia nacional. E a Estrada assiste nessa data a um espetáculo de dinamismo em todas as suas oficinas de trabalho, graças aos impulsos que lhe foram comunicados há cerca de dois anos por uma administração que tem à sua frente o espírito

Mobília que pertenceu ao Barão de Vassouras e relógio que marcou a hora em que se movimentou a primeira locomotiva da Central.



A CENTRAL DO BRASIL NO GOVERNO



Quando o Major Napoleão Alencastro Guimarães, Diretor da Central, inaugurava o novo trecho eletrificado, entre Nova Iguaçu e Morro Agudo.

O general Mendonça Lima e o Prefeito Henrique Dodsworth, quando conversavam, no recinto da Exposição, diante dos motores a gásogênio construídos nas oficinas da Central.

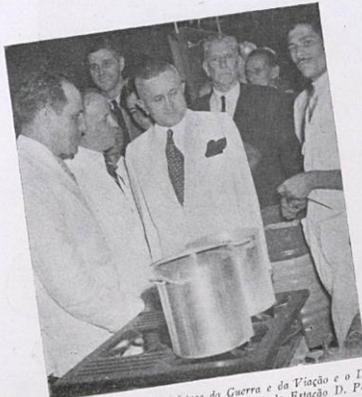


Altas autoridades na grande Exposição comemorativa do 85.º aniversário da Central do Brasil, sendo-se os Ministros da Guerra, da Viação, o Prefeito Henrique Dodsworth, o Cel. Costa Netto e o Dr. Astolfo Serra, chefe do Serviço de Turismo e Publicidade da Estrada.

A situação da Central do Brasil, até esse instante, não era animadora. Como repartição dependente e vivendo num regime burocrático, constringida em seus movimentos novos pelas peças de rotina administrativas e incapaz de projetar-se em surtos mais arrojados — a Central do Brasil acusava-se continuamente como uma indústria deficitária, impossível de cobrir, com a soma de seus resenios, o vulto de suas despesas. A autarquia transformou subitamente esse panorama.

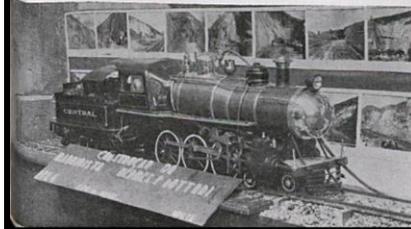


DO PRESIDENTE GETULIO VARGAS



Os Ministros da Guerra e da Viação e o Diretor da Central, no hall da Estação D. Pedro II.

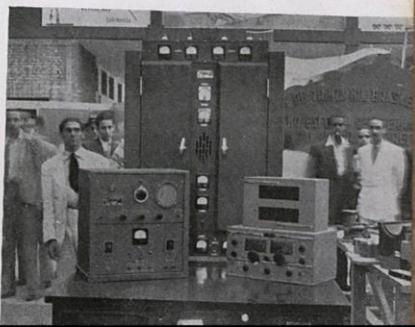
Uma locomotiva em miniatura construída nas oficinas da Central pelo operário Hernes Dottori.



A Estrada atravessa ainda a primeira fase de seu novo destino — e os empreendimentos postos em termos de realizações evidentes são de natureza a demonstrar a eficiência da providência determinada pelo presidente da República naquela sua decisão de 29 de Maio de 1941. A empresa deficitária pode converter-se em empresa lucrativa, sem que fossem perturbados os seus trabalhos por uma exagerada compressão das despesas. A receita ultrapassou às expectativas mais otimistas, cobrindo todas as despesas previstas. E muitos melhoramentos foram realizados, sem que se ultrapassasse a quantia recolhida pelos cofres da Estrada no desenrolar de suas operações normais. Onde situa-se a origem da mudança radical, sendo na forma nova de organização e na capacidade de direção do grande administrador que levou a ombros a tarefa de apresentar aos brasileiros uma ferrovia consentânea com a grandeza da era getuliana? Realmente, a forma organizacional da estrada e os ritmos da nova administração realizaram a mutação substancial, num período em que, por força dos acontecimentos internacionais, tudo levava a crer que a Central iria viver um instante de lutas ardidas como nunca atravessara em toda a sua longa história.

Comemorando o oitogésimo quinto aniversário da Estrada, a sua direção marcou a data com dois empreendimentos de vulto: a inauguração de um novo trecho eletrificado, entre Nova Iguaçu e Morro Agudo, e de uma exposição no hall do Edifício da Central do Brasil. A data teve, para comemorá-la, a presença das figuras mais representativas do mundo oficial brasileiro naquelas solenidades. *O MALHO* apresenta, nesta edição comemorativa do aniversário do Presidente Getúlio Vargas, alguns dos aspectos das cerimônias da Central no seu 85.º aniversário: e isto se justifica porquanto, nas realizações da Estrada que o Major Alencastro Guimarães superiormente dirige, há bem uma revelação da nova política do Brasil, na sua oportunidade e na sua eficiência.

Motores construídos por técnicos da Central e exibidos na grande Exposição do 85.º aniversário da Empresa.





O PARÁ DE HOJE

OS fastos da história do Pará contemporâneo, 18 de fevereiro de 1943 é uma data de alta significação social e política. Por entre as mais intensas manifestações de entusiasmo de uma população inteira, o coronel Magalhães Barata, nomeado pela segunda vez interventor de seu Estado, era recebido triunfalmente pelo povo paraense. A recepção ao Ilustre militar, disse "O ESTADO DO PARÁ" em sua edição do dia seguinte: "Foi a maior apoteose até hoje tributada a um homem público pelo povo paraense". É que o nome do grande soldado da Revolução de Outubro não se apagará da memória de sua gente e nem poderia se apagar, tal a obra de vulto e projeção que Magalhães Barata realizou nos cinco anos de seu primeiro e fecundo governo.

Sentindo, pois, quanto estava vivo e presente desse período na consciência de seu povo, ele mesmo acentuou no memorável discurso com que falou à multidão estacionada em frente ao palacete da residência governamental: "Eu não havia sido proscrito de vós, que sois os verdadeiros donos desta terra". Realmente, enchendo a rua, enchendo o jardim e as próprias dependências do palacete, ali estava o povo na sua genuína expressão, o povo representado em todas as suas classes.

Testemunha ocular desse fato, o sr. general Zenóbio Costa, em entrevista a dois órgãos da imprensa desta capital — "O Globo" e o "Correio da Noite" — assim prestou o seu depoimento sobre as manifestações de simpatia do povo paraense ao novo interventor: "... o sr. coronel Magalhães Barata, que está novamente à frente dos destinos do seu Estado natal, o vem dirigindo de acordo com a orientação patriótica do Estado Novo. Deve fazer um ótimo governo, porque é idolatrado pelos seus coestadanos. Recebeu por ocasião de seu desembarque verdadeira consagração".

Foi sob essa onda de vibração e de entusiasmo que o coronel Magalhães Barata pisou novamente a terra paraense para governá-la com a mesma operosidade, o mesmo senso prático e o mesmo sentido objetivo que o sagrara e consagrara um dos grandes administradores do Brasil

republicano. Assim, o passo inicial de s. excia. agora foi restabelecer as audiências públicas para ouvir da própria massa anônima a crônica de seus desejos e de suas aspirações, o eco de suas queixas e de suas necessidades.

Mas, só esse contato individual em Palácio não satisfaz o coronel Magalhães Barata, e é-lo novamente a visitar, como dantes, os suburbios da cidade, vendo e resolvendo de perto e de pronto os pequenos e os grandes problemas de uma população que ansiava por sua volta.

O resultado dessas inspeções matinais de todos os dias, desse contato de 24 em 24 horas, não se fez esperar: já se observa uma radical metamorfose no padrão de vida paraense. São assuntos vários que vão tendo uma solução imediata. Transportes, indústrias, comércio, saúde, agricultura... Os exploradores



Flagrante da chegada do Coronel Magalhães Barata à capital do Pará



da economia popular, os aproveitadores da guerra, os "profiteurs" da desgraça e da miséria, todos esses cortejadores das horas sinistras sentiram a mudança de clima e tiveram obstados os seus planos tentaculares.

Para chegar, porém, a esse objetivo, o Interventor é um dinamo. Não conhece descanso, não experimenta fadiga. Trabalha, trabalha, trabalha. É esse lema de trabalhar denodadamente o coronel Magalhães Barata não impoz apenas a si mesmo, mas a todo seu corpo de auxiliares e, numa palavra, a todo o funcionalismo do Estado. Seus colaboradores imediatos são homens de ação e de boa vontade, desejosos de ver a sua produção crescer e aparecer, o que permite ao governo pôr em prática um largo programa de realizações positivas.

Essa é a atmosfera que se observa nesses poucos dias da Interventoria Magalhães Barata: atmosfera de trabalho intenso, de recomposição inteligente, de dinamismo construtor.

Já agora o Pará entra, resolutivo e conciente dos seus destinos, nos quadrantes do Estado Nacional.



O Sr. Getúlio Vargas, em companhia do Interventor Alvaro Maia, ao chegar a Manaus, para estudar pessoalmente os problemas capitais da Planície.

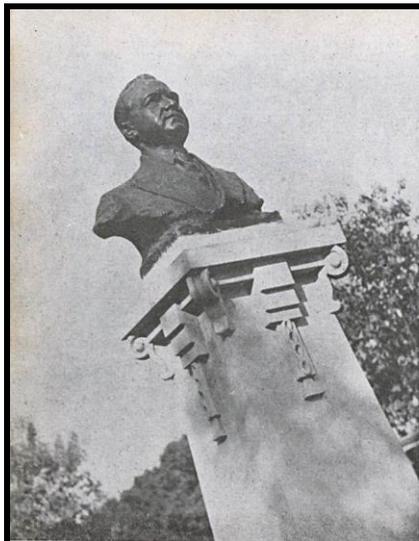
RESSURGIMENTO DA PLANÍCIE AMAZONICA, NO GOVERNO DO PRESIDENTE VARGAS

A Amazônia, ainda nos começos deste século, foi a região da opulência econômica. As riquezas mais fabulosas, a serviço do comércio e da indústria, percorriam as ruas de Belém e de Manaus nas transações mais vultosas e jamais ocorridas, em todo o curso anterior da nossa história, naquela imensa planície do norte brasileiro.

A vasta rede hidráulica do Amazonas começara a ser subitamente transitada pelos navios de todos os calados e de todas as procedências. E diariamente entranhavam-se nas florestas fechadas as levas dos imigrantes que haviam sido tangidos para a selva pela miragem da riqueza fácil. Das seringueiras esguias rolava

lentamente, a golpes leves de machados sobre a casca do tronco, o leite que iria transformar-se nos mais diversos utensílios industriais e mecânicos exigidos pela civilização do mundo inteiro. A prosperidade do vale, ao contrário do que se poderia supor, não abrangia aqueles homens que se isolavam na selva para a árdua faina de recolher nos seringais a borracha bruta. Concentrava-se, ao contrário, na mão dos magnatas e dos poderosos, em suma: dos aproveitadores que saciavam a sua fome de capitais com a espoliação das recompensas pelo trabalho dos seringueiros que, indiferentes à segregação da sociedade, se haviam recolhido aos barracões paludosos e realizavam, tiritando de febre e

frio, as colheitas periódicas. Um dia, bruscamente, esse mundo desmoronou. A borracha brasileira, que vivera um instante de esplendor, passava instantaneamente para as mais baixas cotações. Outras regiões disputaram à Amazônia os privilégios da produção da *hevea* fabulosa — e de um instante para outro cessou a caravana dos navios que subiam e desciam o Rio Mar. Às grandes construções, iniciadas na fase do esplendor do ouro negro, ficaram paralisadas — e não se ouviu mais aquele rumor de dinamismo das ruas comerciais de Belém e Manaus. A Amazônia começou a viver nesse instante o seu período de decadência. A região das riquezas fantásticas transformou-se logo na vasta região de-



Busto do Presidente Getúlio Vargas, na "Avenida Presidente Getúlio Vargas", em Teresina — Piauí —.

O Piauí pode orgulhar-se de ser uma das unidades federativas que mais fecundamente se beneficiaram com o clima do Estado Novo. A Revolução iniciou, ali, uma completa reforma nos costumes administrativos, os quais, sob o governo Landry Salles, alcançaram índice superior de moralidade e eficácia. O Dr. Leônidas de Castro Mello, sucessor do major Landry Salles, deu novo impulso à tarefa ingente da restauração do Estado nordestino, que é, hoje, um beneficiário das normas advindas com o triunfo do movimento nacional de 1930.

A renda do Estado, que ia pouco além de 4.000 contos em 1930, passou, já em 1935 (primeiro ano da administração Leônidas Mello), a 10.000 contos e tem vindo num crescendo prodigioso até alcançar cerca de 33.000 contos em 1941. Infelizmente, os óbices opostos pela Guerra à exportação dessa e de outras unidades federativas fez interromper-se a marcha incomparável da riqueza piauiense, sob a administração leal e proba de Leônidas de Castro Mello, um dos mais eficientes delegados do Governo Federal nos Estados. A estimativa da renda estadual para 1943 vai pouco além de 24.000.000 de cruzeiros, estando a despesa fixada em quantia inferior à receita.

Não obstante o decréscimo imprevisto da renda pública, a atual administração piauiense mantém em dia seus compromissos, quer para com os fornecedores do Estado, quer para com o seu funcionalismo. O governo não tem medido sacrifícios na obra de neutralizar os efeitos da grave crise econômica provocada pela suspensão, quase total, dos embarques de cera de carnaúba e outros produtos nativos para o exterior. Foram suprimidas todas as obras consideradas adláveis; comprimi-

O PIAUÍ E GETULIO VARGAS

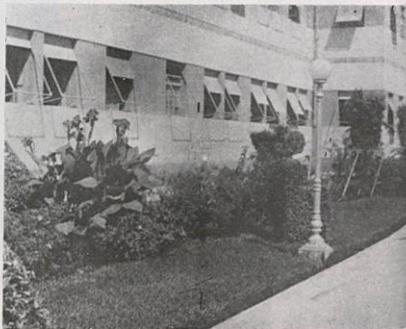
O governo Leônidas Mello e o influxo benéfico do Estado Novo

ram-se todas as despesas públicas, quer do Estado quer dos municípios; acomodou-se o programa estadual de obras às condições novas impostas pela dificuldade do tráfego marítimo.

Permaneceram as obras das quais depende, diretamente, a vida produtiva do Estado. Prosseguiu-se no plano de trabalhos necessários à melhoria dos transportes, ao estímulo da produção e ao desenvolvimento das fontes naturais da riqueza piauiense. Grupos escolares, maternidades e hospitais, estradas de rodagem, edifícios públicos, marcam uma das faces beneméritas do governo Leônidas Mello, cujos serviços ao Piauí valem por toda uma quadra de prosperidade, trabalho, justiça e equilíbrio administrativo.

Uma das mais portentosas realizações do governo Leônidas Mello constitui justa homenagem ao espírito humanitário e caráter social da obra do sr. Getúlio Vargas no Brasil é o hospital que tomou por nome o do eminente Chefe da Nação. O Hospital "Getúlio Vargas" é um conjunto de edifícios onde se condensam todos os recursos e todos os melhoramentos da cirurgia e clínica hospitalar moderna. É uma realização gigantesca, em que o Estado dispendeu alguns milhares de contos, mas que dá, por si mesmo, o índice da capacidade construtiva do governo Leônidas Mello. O Piauí não

Vista parcial dos jardins do Hospital Getúlio Vargas, uma das recentes realizações do governo do Piauí.



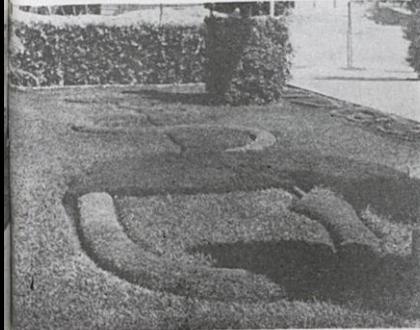
possua um hospital à altura das suas necessidades e do espírito progressista de seus filhos. Quando se conheceram os lineamentos gerais dessa iniciativa gigantesca, não faltou quem a considerasse irrealizável pelo vulto do projeto e magnitude do conjunto. Durante anos o sr. Leônidas Mello — que é um dos médicos mais competentes e queridos de todo o Norte — meteu mãos à obra, cerrando os ouvidos ao murmúrio pessimista dos incapazes. E hoje, o Piauí pode orgulhar-se de possuir o mais completo e modelar hospital do Norte e um dos mais modernos de todo o Brasil.

Dezenas de médicos, que fizeram no Rio cursos de especialização, e competentes enfermeiras trabalham, dia e noite, para atender às numerosíssimas pessoas que procuram os recursos científicos acumulados nesse grandioso complexo de construções que o Hospital "Getúlio Vargas" representa. "Ao penetrar o Hospital "Getúlio Vargas" — disse o dr. Barros Barreto, Diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública e notável sanitariaista patrio — tive a impressão de me haver transportado aos Estados Unidos. É um primor de construção e de instalação, a mais perfeita realização no gênero existente no Brasil".

Tal é o majestoso hospital que o sr. Leônidas Mello doou, com pertinácia incomparável e superior espírito administrativo, à terra piauiense.

A Avenida "Getúlio Vargas" é outra expressão homenagem do governo e povo do Piauí ao eminente homem de Estado que, hoje, dirige os destinos da Pátria. É, sem dúvida, uma das mais belas e suntuosas avenidas existentes no nosso país e representa, igualmente, mais uma realização notável do governo Leônidas Mello.

Outro aspecto dos jardins do Hospital Getúlio Vargas



Fachada do edifício do Hospital Getúlio Vargas

O atual Interventor Federal no Piauí, homem modesto e patriota, não faz alarde de seus gigantescos serviços ao Estado de que é filho. Todavia, sob todos os aspectos, a sua obra administrativa é das mais fecundas que se tem levado a efeito, entre nós, em qualquer unidade da Federação.

O plano de melhoramentos de Teresina, realizado com a colaboração inteligente do Prefeito Lindolfo do Rego Monteiro, é exemplar — e vem sendo cumprido à risca, não obstante as alternativas do presente momento internacional. Teresina é uma das cidades mais encantadoras do Bra-



Um dos apartamentos do Hospital Getúlio Vargas

sil e constitui justo motivo de orgulho para todos os piauienses.

A "Avenida Getúlio Vargas" fala por si mesma: basta contemplar as fotografias que ornaram esta página para compreender o plano moderno e inteligente que a fez nascer. Ela perpetuará, nas suas linhas sóbrias e eternas, a gratidão do Piauí ao homem eminente a quem deve a fase mais próspera de sua história através de uma administração estadual que, em tudo e por tudo, segue as linhas mestras traçadas pelo grande brasileiro no estatuto do Estado Novo. O nome do sr. Getúlio Vargas viverá para sempre nessas construções memoráveis — e na gratidão do povo piauiense.



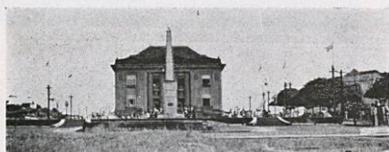
Construções moderníssimas embelleçam os bairros residenciais de Rio Branco.

“CIDADE MENINA”

Engastada em pleno coração de exuberante floresta Amazônica, no mais longínquo recanto do Brasil, Rio Branco é a afirmação mais eloquente da vitória do homem sobre os ingentes obstáculos que se apresentam à marcha para o progresso.

Acostumado com os centros populares do sul do país, onde, na complexidade dos estilos arquitetônicos, arranha-céus se erguem envoltos na eterna agitação das multidões tangidas pela vertigem da luta pela vida, o forasteiro, sobrevoando o deserto verde, selvagem, do extremo-norte, que se desenrola a perder de vista, matis-

Vista da praça Getúlio Vargas, sendo-se no primeiro plano o monumento aos heróis da revolução acreana. Ao fundo o Palácio do Governo.



zado como por magia dos mais encantadores tons, na policromia de um cenário das “mil e uma noites”, o forasteiro para quem o Acre ainda é o fantasma lendário que enche de assombro o Brasil civilizado, sente-se deslumbrado ao contemplar a “cidade menina” que surge do âmago da selva, pedra preciosa encravada no anel da mata verde, com um sorriso encantador de criança esperançosa.

Rio Branco excede todas as expectativas.

O modelar Quartel da Polícia Militar do Território do Acre.



O MALHO

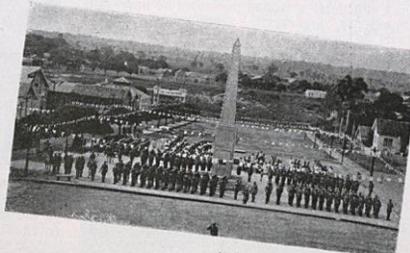
E’ o atestado palpitante do valor do nosso homem em luta tremenda contra a selva e o meio infesto, para levar cada vez mais para a frente, a Civilização.

Na barbaria do interior selvagem, Rio Branco é o sorriso da civilização que penetra vitoriosa, transformando tudo, assegurando ao Brasil a transfiguração da Amazônia, hoje empenhada na formidável batalha da produção que, garantindo a vitória das nossas armas, prepara a grandeza do nosso patrimônio imorredouro.

Como as cidades progressistas mudam de fisionomia, Rio Branco está mudando a sua roupagem original de menina, deixando transparecer a graça singela de moça.

Com os seus jardins floridos e as suas praças alegres, dá-nos a impressão de uma vida feliz, cheta de mística e beleza, capaz de conquistar o mais despreocupado dos visitantes.

E o responsável por esses novos adornos, que tão bem lhe assentam, é o seu dinâmico e operoso “tutor” Major Manoel Fontenele de Castro.



Uma festa cívica em Rio Branco

A profícua orientação que vem sendo dada à administração do principal Município do Acre, coloca Rio Branco na vanguarda do progresso das cidades da Amazônia.

— 190 —

I V — 1 9 4 3

Aspecto da chegada do Governador Silvestre Coelho, de regresso da Conferência das Intercorrientes.

RUMO AO PROGRESSO



O Território do Acre, situado no extremo noroeste do Brasil, surge como um verdadeiro repositório de riquezas naturais, circundado pela fertilidade do seu solo exuberante.

Terra de uma história gloriosa, pontilhada de abnegação e heroísmo, onde o sentimento de brasilidade sempre foi o apanágio de seu povo, e o amor à ordem e ao trabalho a suprema conquista de seus filhos. Tais características são dignas de distinção na história brasileira.

Nesse momento grave da nacionalidade, em que a Pátria está empenhada na mais feroz das guerras já travadas entre as nações civilizadas do mundo, todas as suas energias se voltam ao esforço de guerra brasileiro, numa contribuição objetiva e eficiente para a vitória das nossas armas e dos nossos aliados. A nova orientação que vem sofrendo a indústria extrativa do látex, com o plantio de novos seringais por métodos racionais e científicos, o desenvolvimento da agricultura e da pecuária, o aproveitamento das nossas reservas econômicas e o labor fecundo do trabalho do homem nessas paragens, representa mais do que as palavras, os sadios princípios em que se fundamenta o seu governo.

A administração do Sr. Cel. Luís Silvestre Gomes Coelho, trouxe novas energias e rason no cenário político-econômico da região a densa nuvem que ameaçava o seu futuro, mostrando novos e promissores horizontes. Criou a "Escola Acreana de Comércio", a grande aspiração da juventude do Acre. Aparelhou o "Ginásio Acreano". Amparou o pequeno agricultor integrando-o

Palácio Rio Branco, residência oficial do Governador do Território do Acre.



I V — 1 9 4 3

— 191 —

O M A L H O

na economia brasileira. Deu o apoio do seu governo às instituições sociais. Não havendo nenhum setor do serviço público que não sofresse a influência benéfica da sua super-visão de administrador, caracterizada pela organização e pelo trabalho intensivo.

O governo do Acre recomenda-se pelas grandes realizações públicas, que visam, sobretudo, o desenvolvimento da terra e o amparo da futura economia da região.

O programa agrícola que vem sendo posto em prática pelo sr. Governador Silvestre Coelho, destacado pela sua importância, dadas as contingências do momento, encontrou a melhor das acolhidas no meio dos agricultores. E assim, adaptando os planos de ação às condições especialíssimas de cada região, e criando, por intermédio do Departamento da Produção, campos de cooperação entre o Território e os agricultores, os resultados não se fizeram esperar com o aumento das terras cultivadas.

Na reforma da máquina administrativa do Território, operada no atual Governo, ressaltamos, como das mais relevantes, duas iniciativas, pela sua significação altamente patriótica: — a aparelhagem do Departamento de Saúde e o desenvolvimento da instrução pública.

As inovações introduzidas neste campo de atividades públicas, vale por um programa de governo. Os serviços criados ou ampliados, visam, por excelência, o desenvolvimento das atividades altamente humanitárias do Departamento de Saúde e a defesa contra o analfabetismo da geração que surge, proporcionando aos habitantes do Território segura e imediata assistência sanitária, além de uma educação aprimorada.

O povo acreano sente-se feliz. Feliz porque estão sendo concretizadas as suas aspirações que há anos eram alimentadas por uma esperança longínqua, já quasi apagada, dos corações dos mais otimistas.

Para colocar o sr. Governador Silvestre Coelho entre os elementos de maior destaque no cenário político-econômico nacional, basta o que até agora tem realizado neste pedaço do Brasil, onde a falta de recursos elimina a ação do homem. Graças a sua inteligência privilegiada, a sua longa visão de administrador e do seu grande amor ao trabalho, o Território do Acre, perfeitamente integrado nas diretrizes do Estado Nacional, marcha, fiel aos princípios da nacionalidade, aplaudindo a imorredoura obra do preclaro Presidente Getúlio Vargas, pela grandeza do Brasil.



Aspecto do Campo Ipiranga, onde foram inauguradas as casas operárias

bilitaram já a construção de trinta casas operárias, no Campo do Ipiranga, cuja inauguração foi agora realizada.

Urgia, porém, fosse criada uma instituição que abrangesse todos os aspectos da proteção ao trabalhador pobre. E o interventor Amaral Peixoto baixou um decreto-lei criando a Fundação Lar do Operário Fluminense, destinada a promover ação social contra as favelas, construindo casas higiénicas e confortáveis para serem locadas, mediante pequeno aluguel. A Fundação prestará ainda assistência moral e espiritual aos habitantes dos morros e casebres circunvizinhos, preparando-os para um melhor nível de vida, dan-

CASAS POPULARES EM NITERÓI

COMO O PROBLEMA ESTÁ SENDO RESOLVIDO PELO INTERVENTOR AMARAL PEIXOTO

O governo do interventor Amaral Peixoto está realizando uma obra de elevado alcance social, cujos resultados, que começam a aparecer, colocam o Estado do Rio em um dos mais destacados lugares entre as unidades nacionais que se dedicam à solução dos problemas de assistência às classes pobres.

Fazendo um ligeiro retrospecto das medidas tomadas pelo comandante Ernani do Amaral Peixoto, verificamos que um esforço inteligente e produtivo vem sendo realizado com o fim de proporcionar casas decentes e higiénicas para as classes menos favorecidas da fortuna.

Não há muito, o governo fluminense determinou que as prefeituras das cidades populosas isentassem dos impostos prediais e de obras as casas para operários, e a Diretoria de Engenharia fornecesse, gratuitamente, as plantas e instruções necessárias à construção do lar do trabalhador pobre.

Em junho do ano findo, o interventor Amaral Peixoto assinou um decreto criando uma comissão destinada a organizar um plano para a construção de casas populares, nesta capital, e a receber os donativos que, para o mencionado fim, fossem concedidos pelo Estado, municípios e particulares. A comissão recebeu ainda a incumbência de baixar o regulamento para o uso das moradias populares, que serão locadas mediante módico aluguel, destinado à conservação das mesmas e manutenção de atividades de assistência social.

Demnstrando o propósito de dar um andamento rápido e objetivo à humanitária iniciativa, o interventor federal abriu um crédito especial de Cr \$ 300.000,00, destinado, como donativo, à construção das referidas casas. Também a senhora Alzira Vargas do Amaral Peixoto entregou à comissão a apreciável importância de . . . Cr 100.000,00, oriunda de donativos recebidos. Convem ainda destacar a contribuição da Prefeitura de Niterói, que concorreu com a quantia de Cr \$ 150.000,00. As importâncias recebidas possi-

do-les estímulo para o trabalho, a economia e a sociedade, assim como incutindo-lhes a exata noção das responsabilidades de família. Essa instituição tem também a finalidade de proporcionar ao operário alimentação racional, socorros médicos, farmacêuticos e hospitalares e assistência judiciária, levando conjuntamente à infância e juventude pobre, a educação e instrução tão necessárias à sua formação.

Várias dessas atribuições estavam anteriormente a cargo do Centro Social, criado pela Senhora Alzira Vargas do Amaral Peixoto, cujas instalações fazem parte agora do patrimônio da Fundação Lar do Operário Fluminense. Das casas já construídas no campo do Ipiranga, nove serão dadas em usufruto às famílias dos marítimos residentes no território fluminense, que pereceram quando os navios mercantes brasileiros foram covardemente torpedeados. O pequeno funcionário também vem recebendo os benefícios das casas populares. Na vila Ipiranga, à rua Alzira Vargas do Amaral Peixoto, o governo mandou construir prédios confortáveis, em centro de terreno, com jardim e quintal. Essas moradias, que já estão habitadas, foram adquiridas, pelos servidores públicos, por preços módicos, sendo pagas em pequenas prestações mensais.

Um grupo de casas operárias, no Campo do Ipiranga



REGIME DE ORDEM E DE TRABALHO

NO GOVÉRNO DE ALAGÓAS

O Estado de Alagóas passa, atualmente, por uma completa transformação. Inaugurou-se, com o advento do governo do Major Ismar de Góes Monteiro, um regime de ordem e trabalho. Entrou, assim, o Estado num período de incessantes atividades, em que todos os problemas concernentes à sua vida política, social e econômica tem sido corajosamente atacados. Abriam-se, pois, para Alagóas, novas e melhores perspectivas.

Ciente das enormes responsabilidades que assumira, quais sejam as de governar um Estado pobre, cuja única fonte de riqueza, por uma tradição secular e errônea, repousa, ainda, na monocultura, a administração Góes Monteiro procurou, aliás muito sensatamente, fugir dos programas vistosos e irrealizáveis, tão ao sabor dos antigos figurões políticos.

Tomando contacto com a situação financeira do Estado, verificou, logo, que a mesma não era boa. Um orçamento apertado, restringido a pequenas cifras, não dava margem a nenhum empreendimento de vulto. Era preciso, pois, muito sacrifício, e, sobretudo, muita visão.

Acerrou-se de auxiliares capazes e honestos, e arrostou as dificuldades. Compreendeu, desde logo, que era necessário estimular ou mesmo crear outras fontes de renda.

Lançando um olhar sobre a agricultura viú, com tristeza, que a base da economia do Estado, a célula mater do seu engrandecimento, estava relegada a um segundo plano. Não contando com assistência técnica nem financeira, por parte do governo, o esforço titânico, o trabalho árduo e honesto do agricultor estiolava-se ante os insuperáveis obstáculos oriundos da falta de financiamento.

Visando reparar essa situação deplorável, e desejando dentro de um plano racional, prestar auxílios diretos e eficientes ao trabalhador rural, o governo importou técnicos. Creou o Conselho de Expansão Económica, onde são discutidos todos os assuntos relacionados à economia do Estado. E o resultado é o que se está vendo. Apesar de nos encontrarmos numa época anormal em que a guerra cria os maiores obstáculos à circulação de nossa riqueza, a produção e renda do Estado oferecem aspectos apreciáveis. Os armazéns das Cooperativas, no interior, creadas, em boa hora, para controlar a produção, estão abarrotados de gêneros.

Paralelamente, foram organizados os serviços fiscaes que, diga-se de passagem, eram deficientes. A máquina fiscalizadora era perra, cheia de vícios e falhas. Não tinha um plano de ação. Movimentava-se desarticuladamente, sem harmonia no conjunto, obedecendo a métodos anti-

quados, que muito prejudicavam a renda do Estado. As leis fiscaes, disseminadas numa infinidade de decretos, davam margem às mais descontraídas interpretações.

Observando tudo isso, sentindo a urgente necessidade de dotar o Estado de um sistema fiscal racional e prático, convidou o Governo, em 1941, um técnico de São Paulo, o qual foi incumbido de proceder a uma reforma radical no aparelho fiscalizador de Alagóas. O referido técnico, assim que chegou ao Estado, entrou logo em atividade, assistido, de perto, por funcionários conhecedores de suas leis tributárias.

Processada a reforma, foi organizado o Código de Impostos e Taxas, composto de 17 livros, em que estão condensadas todas as leis fiscaes do Estado. E' ele a cartilha por onde os funcionários do fisco se guiam, com segurança, resolvendo, sem grande esforço, todos os casos pertinentes à fiscalização.

Decretos de importância foram, então, baixados, creando novos departamentos ou serviços julgados necessários. Estão nesse caso a Diretoria da Receita e o Conselho Julgador, que veem funcionando com a maior eficiência.

A Diretoria da Receita, diretamente subordinada à Secretaria da Fazenda, tem, sob o seu imediato controle, 6 Inspetorias Regionais, 26 Postos de Fiscalização e 33 Coletorias. E' o órgão diretamente responsável pela arrecadação do Estado.

O Conselho Julgador, que é composto de 7 membros, sendo 3 por parte do Estado e 4 escolhidos entre representantes de diversas classes, tem por finalidade resolver as pendências entre o contribuinte e o fisco. Os melhores resultados já se fizeram sentir, visto como as suas decisões são tomadas dentro da maior independência de ação, sem influências internas ou externas de quem quer que seja.

E' de justiça salientar, aqui, os efeitos surpreendentes obtidos com a criação da Diretoria da Receita. Este órgão muito tem contribuído para o aumento das rendas públicas. Apesar de diversos fatores desfavoráveis à reabilitação económica do Estado, proveniente da situação complexa que atravessamos, imposta pela actual guerra, que tem transtornado os mais inteligentes planos, o exercício financeiro de 1942 encerrou-se com u'a maior arrecadação, bem apreciável, superior a do exercício de 1941.

O quadro na página seguinte demonstra de maneira eloquente, a maior arrecadação de rendas nos dois últimos exercícios, em relação à estimativa orçamentária:



Major Ismar Góes Monteiro. Interventor em Alagóas.

E' importante ressaltar que a diferença, aqui demonstrada, para mais, seria muito mais elevada se não fosse a redução, gradativa, do imposto de exportação, que corresponde, em média, à quarta parte da receita orçamentária.

Na formação da receita arrecadada, contribuíram com maior parcela, em 1941: em 1.º lugar, o imposto sobre vendas e consignações, com 29,83%; em 2.º lugar, o imposto de exportação com 24,52%; e em 3.º lugar, o imposto sobre indústrias e Profissões, com 10,73%; em 1942: em 1.º lugar, o imposto sobre vendas e consignações, com 34,62%; em 2.º lugar, o imposto sobre indústrias e profissões com 13,33%; e em 3.º lugar o imposto de exportação com 12,96%.

A despesa fixada para o exercício de 1941, na importância de Cr\$ 17.600.000,00, atingiu a Cr\$ 17.658.256,90, tendo sido despendidos: Cr\$ 3.528.820,60, com os Serviços de Educação Pública, correspondentes a 21,68%; Cr\$ 3.529.065, com os Serviços de Segurança Pública e Assistência Social, correspondentes a 19,98%; Cr\$ 2.499.193,20, com a Administração Geral, correspondentes a 14,12%; Cr\$ 1.957.829,60, com os Serviços de Saúde, correspondentes a 11,09%; Cr\$ 1.570.366,20, com os Serviços de Utilidade Pública, correspondentes a 8,89%; e outros em menor proporção.

Para o exercício de 1942 a fixação da despesa, em Cr\$ 19.120.000,00, elevou-se, por assim permitir a maior arrecadação, a Cr\$ 22.183.970,40, cuja aplicação foi dada pela maneira que se segue: Cr\$ 4.102.369,30, com os Serviços de Educação Pública, correspondentes a 18,49%; Cr\$ 3.733.954,30, com os Serviços de Segurança Pública e Assistência Social, correspondentes a 16,83%; Cr\$ 3.181.124,00, com a Administração Geral, correspondentes a 14,33%; Cr\$ 2.279.802,30, com os Ser-

ALAGÔAS SE INTEGRA NO MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO BRASILEIRA

O início da administração Ismar de Góes Monteiro marcou, para o Estado de Alagôas, a inauguração de um regime caracterizado, antes de mais nada, por duas características essenciais: ordem e trabalho.

O próprio Delegado do Governo Nacional fazia notar, na primeira oportunidade que se lhe ofereceu para uma prestação de contas do que fora feito sob sua orientação, que, "dentro dos diversos problemas com que teve de entrar em contacto o governo do Estado, nenhum apresentava, pelas circunstâncias que o cercavam, mais triste fama que o da segurança pública. De um lado, o banditismo, como produto do meio social nordestino, espalhando-se pelos sertões, e de outro lado a impunidade ostensiva que cobria os criminosos, constituíam elementos que davam ao problema da segurança pública caráter de quase inatingibilidade."

Tão bem se houve, entretanto, o atual Chefe do Executivo alagoano na escolha de seus auxiliares diretos que a situação naquela unidade da Federação se transformou completamente.

A reforma do aparelho fiscal trouxe ao Estado, por um lado, um sistema produtivo e modelar, dentro de rigoroso critério, moralizado e vigilante. Como resultado dessa política fiscal, em que todos contribuem obedecendo a normas justas e equitativas, foram alcançados os mais elevados índices da vida financeira do Estado.

Outra notável atividade do governo Ismar de Góes Monteiro tem sido o combate sistemático ao crime, assegurando um regime de absoluta garantia à vida e à propriedade. Através do órgão competente, soube até construir um ambiente de ordem



Dr. Ari Pitombo, Secretário do Interior, Educação e Saúde do Estado de Alagoas

e respeito. Já o povo, plenamente confiante na ação preventiva e repressiva das autoridades, pode, sem sobressaltos, trabalhar em comum pelo progresso do Estado.

Para que essa situação pudesse ser alcançada influiu, de maneira inequívoca e notável, a acertada escolha do atual Secretário do Interior, Educação e Saúde, Dr. Ari Pitombo, que graças ao seu idealismo, cultura e operosidade tem logrado prestar à administração alagoana os mais relevantes serviços.

Alagôas, como foi dito, gosava de péssimo renome pela abundância de crimes que ali se verificavam. Na última exposição de Estado Novo, realizada nesta Capital, figurou um mapa estatístico referente ao estado nordestino que acusava um total de 240 mortes por homicídio no 1.º semestre de 1939, contra apenas 21 no mesmo período de 1942. Como se vê, um decréscimo notável.

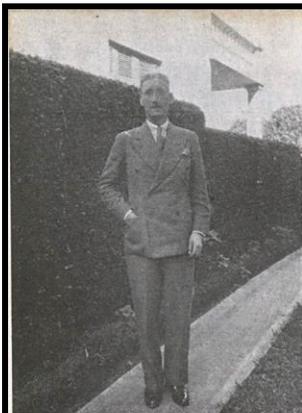
Nada menos de 18.587 armas foram apreendidas pela campanha determinada pelo Dr. Ari Pitombo, para repressão ao crime.

Os serviços policiais passaram por completa reforma: foram criadas Delegacias Regionais e todas confiadas, de preferências, a bacharéis em Direito.

O combate aos elementos indesejáveis do quinta-colunismo, e espionagem, não tem sido descuidado. Antes, Alagôas se pode orgulhar de ter sido quem primeiro empregou os métodos de países do eixo, considerados mercedores de detenção, nos trabalhos de aberturas de estradas. O Dr. Ari Pitombo, que é experientado jornalista e estudioso das questões sociais, levou para Alagôas todo um plano de renovação e dinamismo, que vai executando no alto posto a que o chama o Interventor Ismar de Góes Monteiro.

Inteiramente prestigiado por este jovem mas fecundo administrador que a acuidade do Presidente Getúlio Vargas, por sua vez, descobriu para colocar à frente do governo alagoano, vem realizando obra apreciável, destacando-se ainda o problema da assistência a menores abandonados e delinquentes.

As atividades referentes à educação se veem processando, no Estado, num sentido amplo e objetivo, em todos os graus e categorias de ensino, desde a escola primária aos núcleos de preparação técnica e profissional. Dessa forma, à frente da secretaria de mais responsabilidade, o Dr. Ari Pitombo vem auxiliando eficazmente o Interventor Ismar de Góes Monteiro a integrar definitivamente Alagôas no movimento de renovação da vida brasileira.



ARTHUR H. M. THOMAS, Director da Companhia de Terras Norte Paraná e da Estrada de Ferro Norte Paraná

A colonização e o desenvolvimento dos vastos espaços do interior do Brasil estão se procedendo, lento mas seguramente. A "marcha para o oeste", idealizada e orientada pelo Presidente Getúlio Vargas, está em vias de realização, e cada ano verifica-se a instalação de mais e mais núcleos coloniais, a construção de mais estradas de ferro e de rodagem para ligar os sertões aos centros de civilização; e novas grandes áreas de culturas se abrem onde existia somente o mato virgem e o campo inhabitado. Para o encorajamento deste movimento tão significativo os fatores principais não faltam — a terra boa, o clima ameno, as águas abundantes, e os meios de comunicação.

Mas há um fator mais, e talvez o mais importante, que o moderno desbravador procurar e achar — nas condições que ele tem que encontrar antes de arriscar o seu bem-estar e o seu pequeno capital em empreendimentos tão corajosos. É a segurança de propriedade, a garantia de proteção que só a lei sã e forte poderá fornecer-lo, o socego de vida que procede da convicção que há, acima de tudo e de todos, um

O M A L H O

O PRESIDENTE NAS ZONAS NOVAS

governo forte, paternal e consistente.

Nos últimos treze anos, de 1930 para cá, temos assistido a um dos mais notáveis movimentos colonizadores na história do Brasil, e isto no Norte do Paraná. Calcula-se que pelo menos trezentos mil habitantes novos têm se radicado nesta fértil zona, e o influxo continuará em progressão crescente. Que tem acontecido isto em anos de crise econômica, sentida não só pelo Brasil mas pelo mundo inteiro, é um fato deveras surpreendente; mas a razão reside justamente na existência dos fatores que aludimos acima — e principalmente os fatores psicológicos já mencionados — a segurança e o sossego.

Mantendo rigorosamente as leis básicas velhas, e reforçando-as com benévolas leis novas, o Governo do

Presidente Vargas tem assegurado aos colônos e fazendeiros, ricos e pobres, estes elementos de estímulo, para que empreendam novas aventuras e trabalhos. Sentem-se garantidos nos seus esforços, sem ter que preocupar-se com questões de política partidária, e sem dúvidas sobre o gozo que terão dos frutos dos seus trabalhos. O Governo habilita para eles o crédito bancário em condições suaves, apoia os mercados em que vendem os seus produtos, e facilita em tudo que é possível o movimento de suas safras.

Não é de estranhar por isso que o nome do Presidente Getúlio Vargas seja pronunciado com grande respeito e afeição nas zonas novas do Brasil.

ARTHUR THOMAS

O ESTADISTA QUE O BRASIL ESPERAVA

Pelo General Amaro de Azambuja Villa Nova

O Presidente Getúlio Vargas ocupa, incontestavelmente, um lugar de excepcional destaque entre os governantes que o Brasil tem tido. A comparação do Brasil anterior a 1930 com o Brasil de hoje não deixa a mais ligeira sombra de dúvida a tal respeito.

Levado ao Catete pela vontade unânime da Nação, ele se mostrou bem à altura das aspirações brasileiras, não hesitando mesmo em dar um último e decisivo golpe, a 10 de Novembro de 1937, "assumindo, perante a sua consciência e a consciência dos seus concidadãos, as responsabilidades inerentes à alta função que lhe foi delegada pela confiança nacional."

Hoje, a nossa situação econômica e financeira é a melhor possível, todos os que trabalham estão amparados por uma legislação modelar, a grande siderurgia é um sonho quase realizado, o petróleo jorra do nosso sólo fecundo.

Eis alguns dos principais serviços que o Presidente Getúlio Vargas prestou ao Brasil.

Sentimos hoje como nunca, que do norte ao sul somos todos irmãos! Trabalhamos sob uma só bandeira, a nossa gloriosa bandeira, o "auriverde pendão que a brisa do Brasil beija e balança".

Que Deus proteja, pois, o nosso grande Presidente, simples, corajoso e bom!



General Amaro de Azambuja Villa Nova

I V — 1 9 4 3

— 200 —

GETULIO VARGAS,

Bandeirante pela ação e pelo sangue

Por BUENO AZEVEDO FILHO

CADA vez mais os mortos governam os vivos. O preceito comiteano se reveste de maior verossimilhança si estudarmos as ações dos homens à luz de sua genealogia.

Quando Getúlio Vargas, o homem fadado pelo destino a dar glórias ao governo do Brasil desde a extinção da Monarquia, determinou a "marcha para o oeste", preferiu o "discurso do Amazonas" e pessoalmente foi levar o calor da sua inteligência e elevada visão política aos mais recônditos recantos da nossa interiorlândia, seja ao norte, ao sul ou ao centro, uma voz interior, à qual ele não podia deixar de obedecer, ditava as novas normas de proceder por parte do mais alto Mandatário da Nação. Era a voz do sangue...

Bandeirante, na mais lídima acepção do vocábulo, Getúlio Vargas se embrenha pela mata virgem com a facilidade com que decepa a "selva selvagem" das desmedidas ambições da política indígena.

Desde Dom Pedro II não tem tido o Brasil tão crescente progresso, devido à mão segura do timoneiro da nau do Estado e à estabilidade governamental.

Prove ao Céu que alguém, consciente dos seus deveres, magistrado tradicionalmente ligado aos fastos da nossa História, tivesse o onus de administração nacional no momento preciso em que o Brasil se empenha em guerra de morte contra o totalitarismo sanguinário, luta da qual surgirá num mundo melhor, um Brasil maior, do qual todos nós ainda mais teremos do que vangloriar-nos.

Bandeirante, sim, o Presidente Getúlio Vargas. Bandeirante pela ação, como é inegável, porque bandeirante pelo sangue.

O venerando pai do Presidente da República, lembrança viva dos príncipes das nossas armas invencíveis, que honradamente ostenta os bordões de general do Exército brasileiro, está, segundo tudo leva a crer, ligado aos primitivos troncos povoadores de São Vicente e de Piratininga.

Dadas as dificuldades imensas das pesquisas genealógicas, muitas vezes quicã intransponíveis, ainda não acordaram os genealogistas qual a verdadeira ligação dos Vargas com os primeiros povoadores da extensa capitania de Martin Afonso de Souza.

Mas parece longe de discussão que é essa velha Família ligada a ou-



Dr. Bueno de Azevedo Filho, Vice-presidente do "Instituto Heraldico-Genéalogico" e membro honorário do "Instituto de Estudos Genealógicos do Rio Grande do Sul".

tra, das mais em evidência na era colonial, Família que contou entre os seus membros proeminentes nada mais nada menos que um... Rei!

É da casa de Amador Bueno de Ribeira, Rei de São Paulo em 1611 — que com a sua modestia e perfeita percepção do futuro limitou o gesto de Godofredo ao recusar um Tro-no e assim evitou a fragmentação deste "gigante pela própria natureza" que é a nossa Pátria — que deve descender o General Manuel do Nascimento Vargas.

Paulista, portanto, e com grande orgulho para São Paulo, paulista pelo sangue, o preclaro Chefe da Nação.

Na ocasião em que o autor do presente artigo esteve no Rio Grande do Sul assistindo ao Terceiro Congresso Sul Riograndense de História e Geografia (que teve a honra de ser encerrado com sessão soleníssima presidida pelo próprio Doutor Getúlio Vargas), procurou esclarecer devidamente o assunto mas a premência do tempo o impediu de continuar as suas pesquisas que antevia frutuosas.

Aliás, já tem despertado o interesse dos estudiosos a questão. O Doutor Manuel Mariano da Rocha já escreveu sobre isso no "Correio do Povo", de Porto Alegre, de 17 de novembro de 1940. Os insignes historia-

dores Coronel Aurélio Pôrto e General Souza Doca já afirmaram, com a precisão do seu saber, que o Presidente descende dos Buenos paulistas, o primeiro, num artigo em *A Manhã*, do Rio de Janeiro, de 4 de novembro do ano transato, e o segundo, no discurso que pronunciou em São Paulo nas comemorações de 10 de novembro.

Simão, vejamos: O General Manuel do Nascimento Vargas é um dos 14 filhos do legítimo consórcio de Eva-risto José de Vargas com Dona Luiza Maria Tereza Rodrigues de Vargas e neto pela parte paterna do Professor Francisco de Paula Bueno e Dona Ana Joaquina de Vargas, a quem o Doutor Manuel Duarte, notável historiador gaúcho, chama de Dona Ana Maria do Nascimento.

Francisco de Paula Bueno aparece em alguns documentos como nascido na vila de Curitiba (batistério de seus filhos Jesuino e Zefrino, 1814) ou em São Paulo (termo de batismo do filho Teodoro, 1897).

A contradição é apenas aparente, si considerarmos que a vila de Curitiba pertencia então à capitania de São Paulo. Francisco de Paula Bueno era filho de Pedro da Costa de Moraes e de Dona Rita Bueno, naturais da cidade de São Paulo.

Além disso, anedejos como eram os antigos paulistas, não é estranhável que um, como era comissário, fosse casar-se no Rio Grande.

Aoresce que uma irmã de Dona Ana Joaquina de Vargas, Dona Mariana Joaquina do Espírito Santo, também contraiu matrimônio com paulista de nobre estirpe, Inácio Leite do Canto, filho de Domingos Francisco Leite do Canto e de Dona Ana Maria de Arruda Leme, neto paterno de André da Rocha do Canto e Dona Maria Leite de Barros e materno de Antônio de Melo Régio e Dona Gertrudes Pedrosa Leme.

Entrelaçados como estão os Vargas com Famílias de São Paulo, justifica, assim, também a voz do sangue, o carinho que o Presidente demonstra por esse Estado.

Dona Ana Joaquina de Vargas era bisneta de Dona Grácia Portes de El Rei, cujo apelido também trai, in-ludivelmente, a vetusta origem paulista.

Pode-se dizer, pois, sem que a verdade esteja afastada, que o Presidente Getúlio Vargas é tão bandeirante quanto qualquer filho de antiga gente paulistana.



Palácio do Governo em Goiânia.

A OBRA FECUNDA E RENOVADORA DO GOVÊRO GOIANO

E SSE movimento de progresso, de reconstrução econômica, que se observa em todo o país, de 1930 a esta parte, tem se caracterizado, principalmente, no Estado de Goiás, onde o seu Interventor vem se mostrando incansável em beneficiar a coletividade, cujos destinos lhe foram entregues pelo Presidente da República, para orientar e dirigir.

Estado até há pouco esquecido, sem expressão no cenário nacional, tornou-se Goiás, de um momento para outro, uma sugestiva realidade, graças à ação concretizadora do Interventor Pedro Ludovico, que com eficiência e notório senso prático, vem acelerando o aproveitamento das inensas riquezas naturais daquela importante região do Oeste Brasileiro.

Os problemas goianos têm sido olhados com particular interesse, procurando o Governo dar-lhes, com os recursos com que conta, as medidas de solução que estão a pedir.

Em 1930, o Estado de Goiás apresentava uma renda que não ia além de cinco milhões de cruzeiros, e hoje o seu orçamento já se eleva para mais de trinta e um milhões de cruzeiros.

O aumento da receita goiana vem se tornando, de ano para ano, mais elevado. Se considerarmos a sua surpreendente progressão, motivada pelo



Vista parcial de uma rodovia, ligando a capital de Goiás aos centros de produção do interior.

impulsioneamento que o Governo vem dando às fontes vitalizadoras da economia, tudo faz acreditar que dentro de poucos anos Goiás, Estado de extraordinários recursos naturais, estará colocado entre as unidades da Fe-



Cine-Teatro em Goiânia, magestoso edifício construído pelo Governo do Estado.

deração que apresentam maior renda pública, em todo o país.

Reconhecendo o Governo que o Estado de Goiás, dada a sua situação geográfica, tem no transporte um dos seus problemas mais momentosos, voltou as suas vistas para a construção de estradas, havendo nesses últimos anos, rasgado no território goiano, mais de seis mil quilômetros de rodovias.

As principais fontes de riquezas do Estado Central são: a pecuária e a agricultura, sendo que ultimamente, a exploração de minério vem tendo ali grande incremento.

Goiás que já conta com um rebanho bovino que se eleva para mais de cinco milhões de cabeças, possuindo campos vastíssimos, oferece à pecuária nacional não há negar, enormes e auspiciosas possibilidades de desenvolvimento.

Na agricultura, o produto de maior

exportação é o arroz, cuja próxima safra, a começar este mês, está calculada em mais de três milhões de sacas.

A indústria vem tomando ali desenvolvimento considerável, notadamente a salateril, conforme se constata pelas grandes Xarqueadas localizadas à margem da Estrada de Ferro Goiás. É difícil fazermos no pequeno espaço com que contamos,

n e s t a página, um estudo perfeito das atividades re-



Dr. Pedro Ludovico Teixeira, Interventor Federal no Estado de Goiás.

lizadoras do Interventor Pedro Ludovico.

O fato é que, contando com pequenos recursos financeiros, o seu extraordinário programa de trabalho tem feito se sentir, notavelmente, em todos os recantos da terra goiana, através de soberbas realizações.

Ampliando o sistema rodoviário, difundindo o ensino, instalando estabelecimentos de Assistência Social, impulsionando a economia, modernizando o aparelhamento administrativo do seu Estado, construindo, enfim, uma grande e moderna cidade, como é Goiânia, o Interventor Pedro Ludovico pode ser considerado, sem vislumbre de exagero, um dos maiores administradores do Estado Novo.

A sua obra administrativa, realizada com elevado espírito de sacrifício, em face das dificuldades ainda apresentadas pelo meio ambiente, é disso testemunho expressivo e probante.

Aspecto de mais um bairro que surge na futura metrópole goiana.





AO PRECLARO PRESIDENTE GETULIO VARGAS, QUE TÃO ALTO
DESCORTINIO E ESPÍRITO PATRIÓTICO VEM CONDUZINDO O
BRASIL PARA OS SEUS GLORIOSOS DESTINOS,

HOMENAGEM
das
Grandes Fabricas "PEIXE"
de
CARLOS DE BRITTO & CIA.

MIGUEL H.

PESQUEIRA · BEZERRAS · AREIAS · RECIFE · S. PAULO · R. de JANEIRO

O MALHO — 206 — IV — 1943



Almirante Americo Ferraz e Castro, aclamado presidente da Comp. Siderurgica do Brasil.

A GRANDE VITÓRIA DO BRASIL PELA INDUSTRIALIZAÇÃO DO FERRO EM GRANDE ESCALA

Oportunas declarações do Dr. Israel Jacob Averbach, Diretor-gerente da Companhia Siderurgica do Brasil

POSSUIDOR das mais ricas reservas de ferro existentes no mundo, o Brasil tem garantido seu auspicioso futuro, no campo da exploração e industrialização do utilíssimo metal. Ao assumir a suprema gestão dos negócios do país, o presidente Getúlio Vargas via no ferro a importância que deve desempenhar na economia e no progresso nacional. Organizou vasto programa de ação. E, através medidas e sugestões, procurou lançar as bases da grande siderurgia entre nós. Um grupo de brasileiros resolveu enquadrar suas atividades no plano reconhecido pelo chefe do governo. E dentro das palavras do primeiro magistrado — o governo está disposto a resolver o problema e pronto a receber quaisquer propostas, idôneas, dentro das condições indicadas —, foi fundada a Companhia Siderurgica do Brasil. A novel empresa surgiu em ocasião das mais oportunas, quando outra guerra mundial coloca a produção de aço entre as mais importantes das chamadas batalhas da retaguarda. São pois, de grande atualidade as palavras que a reportagem desta revista ouviu do dr. Israel Jacob Averbach, diretor-gerente e um dos fundadores da Companhia. Aquele conhecido elemento dos meios sociais e financeiros recebeu a nossa visita nos bem montados escritórios da Companhia, instalados à Praça Floriano, 19, como andar, nesta capital. Disse-nos, inicialmente, que a exploração do ferro é um imperativo da hora que passa. Este deve ser a principal preocupação do administrador moderno e do patriota. Felizmente, o Brasil era dirigido por um condutor à altura da obra a ser realizada. E acrescentou:

— Foram as claras e precisas palavras do Presidente Getúlio Vargas, proferidas, em São Lourenço, na entrevista concedida à imprensa carioca, a 24 de abril de 1928, concretizando a nossa futura política de emancipação econômica, na base da siderurgia, que levaram o grupo de fundadores da Companhia Siderurgica do Brasil a torná-la um fato realizável e realizado. Prova mais cabal dessa realidade é a aceitação que tem merecido o acolhimento de colocação de nossas ações, que estão sendo subscritas por todo o povo brasileiro.

Formulamos uma pergunta indiscreta e jornalística:

— E já é muito elevado o capital com que conta a Companhia?

— O capital da Companhia Siderurgica do Brasil, — vem a resposta — para enfrentar a fase preparatória de suas instalações, foi estimado em trinta milhões de cruzeiros. Como garantia e aplicação desse capital possuímos no município de Santa Barbara, Estado de Minas Gerais, as jazidas de minério de ferro situadas nas fazendas: do Machado, Rosa da Costa, Varzea do Sapé, Itajurú e outras, cuja con-

cessão foi outorgada pelo governo federal ao Sr. Leon Averbach, seu incorporador ao patrimônio da Companhia. O levantamento topográfico e os estudos de prospecções dessas jazidas, já estão sendo executados por uma pleiade de técnicos de reconhecida competência. Objetivamos nesse rîncio a instalação de mais uma usina siderurgica para produzir o ferro gusa e futuramente a laminação.

— E a sua direção? indagamos.

O nosso entrevistado reargue:

— A direção compõe-se de homens experientizados no comércio e na indústria e na administração, técnicos e elementos capazes de levar, a bom termo a empresa patriótica, brasileiroamente organizada. Assim é que foi aclamado presidente o sr. almirante Americo Ferraz e Castro, especialista nos problemas da siderurgia, cuja reputação, eficiência e vida passada são padrões de garantia para o nosso futuro industrial.

Os demais fundadores são nomes assis conhecidos: o dr. Rubem Mariano da Rocha, coronel dr. Elpidio Martins, dr. Israel Jacob Averbach, dr. Marcio de Assis Brasil, General Octaviano José da Silva, Lauro de Assis Brasil e o incorporador das jazidas, sr. Leon Averbach.

São esses os elementos que impulsionam as atividades da Companhia. Graças aos esforços empregados, estamos em franco desenvolvimento. Tanto nos Estados do norte como do sul e do centro do país, as ações da Companhia Siderurgica do Brasil, tem obtido franca aceitação do público. Também estão ao alcance de todos, pois custam apenas Cr\$ 100,00, pagáveis em dez quotas de mensalidades. Assim, após os doze primeiros meses de suas atividades, possui a organização somas de vulto, depositadas em grandes estabelecimentos bancários, como sejam: no Banco da Provincia do Rio Grande do Sul, Banco do Distrito Federal, Banco Brasileiro do Comércio, Casa Brasileira Nova América, Banco Nacional de Descontos, Banco do Brasil, e outros Bancos de São Paulo e de Curitiba; depósitos que montam hoje a mais de oito milhões de cruzeiros.

A seguir, o dr. Israel Jacob Averbach passa a falar sobre a aparelhagem da Companhia:

— Embora na primeira fase de existência da empresa, já estamos em contacto com reputados técnicos brasileiros para a construção de nossos altos fornos a fim de produzirmos ferro gusa. Futuramente deveremos mandar aos Estados Unidos uma comissão de diretores para a conclusão do plano de instalação das nossas indústrias, cujos projetos já estão em estudos.

O critério que preside nossa iniciativa tem inspirado aplausos que muito nos desvanecem. Ainda agora, o grande jurista e renomado comentarista das leis brasileiras Aquiles Resilacqua, cuja cultura jurídica é admirada em todo o Brasil, no seu último trabalho, "Sociedade Anônima e em comandita por ações", à página 176, dá o seguinte: "Formulamos Prospecto" para subscrição pública — pode servir de modelo aquele com que se apresentou ao público a Companhia Siderurgica do Brasil". E transcreveu, da primeira à última página, o prospecto da Siderurgica do Brasil, que, assim, é apontado como autêntico padrão. Distinção significativa, que avulta de importância, porque aquele grande jurista não mantém relações pessoais com nenhum dos fundadores da Companhia Siderurgica do Brasil. Estes somente o conhecem através da merecida fama que ele pessoalmente e pelos trabalhos impressos desfrutou nos círculos cultos da sociedade brasileira.

A elevação de nossos propósitos tem-nos valido o apoio das classes sociais. Tudo o que a Companhia Siderurgica do Brasil já realizou e puder realizar, visando sempre o interesse do Brasil, é feito claramente, sem segredos. Qualquer acionista pode examinar os nossos contratos, os nossos estatutos, as bases de nossa formação. Qualquer acionista pode visitar os nossos trabalhos, nas jazidas. O minério, no Brasil, é tão abundante e seus produtos nos são tão necessários, que há possibilidades para o trabalho de diversas usinas em locais escolhidos do país. Todas elas terão pleno sucesso em sua exploração comercial, não havendo, razão alguma nem para os monopólios, nem tampouco para os riscos da competição de mercados. O Brasil precisa manufaturar o seu ferro, para com ele poder produzir os seus tratores agrícolas para a industrialização da lavoura; fabricar a maquinaria, tão reclamada pelo desenvolvimento da energia elétrica, no aproveitamento do seu potencial hidráulico e carbonífero. Precisamos produzir trilhos em quantidade, para cobrirmos o território do país de estradas de ferro, para o intercâmbio comercial do Norte, do Centro e do Sul, acabando com a insuficiência do tráfego, já patente para o crescimento de nossa população e da troca necessária de mercadorias. Da indústria da grande siderurgia obtemos todos os elementos de base para futura construção dos navios mercantes que tanto necessitamos e conseguiremos, enfim, elevar a nossa esquadra ao potencial bé-

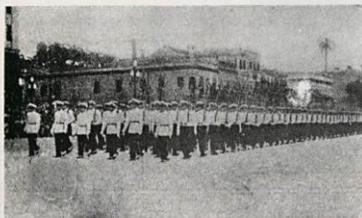
(Conclui na pag. 215)



DOIS FATOS MARCANTES NUMA DATA GLORIOSA

A nota de sensação do grande desfile d'“O Dia da Pátria”, em 1942, foi a primeira apresentação, em magnífico conjunto, dos jovens Cadetes do Ar, futuros “ases” da Força Aérea Brasileira que as multidões aplaudiram em verdadeiro frenesi.

E a nota de interesse dessa primeira apresentação foi a de que os uniformes dos oficiais, cadetes e banda marcial foram confeccionados pela



O MALHO

— 214 —

CASA PASSARELLO
FERREIRA PASSARELLO & CIA. LTDA.

TRAVESSA DO OUVIDOR, 15

TELEFONES 23-3234
43-1220

RIO DE JANEIRO

IV—1943



Gosto
INCONFUNDIVEL

**MOVEIS
DECORAÇÕES
TAPEÇARIAS**

Casa **ANGLO BRASILEIRA** SUCESSORA DE **MAPPIN STORES**

PRAIA de BOTAFOGO 360 • FONE 26-4015 • RIO

O MALHO

MENSÁRIO ILUSTRADO

Edição da S. A. O MALHO

Diretores: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA
OSWALDO DE SOUZA E SILVA

ANO XLI — NÚMERO, 39
ABRIL — 1943

PREÇO DAS ASSINATURAS

Um ano	Cr \$35,00
Seis meses	Cr \$18,00
Número avulso	Cr \$3,00
Número atrasado	Cr \$4,00

EM TODO O BRASIL

Redação e Administração

RUA SENADOR DANTAS, 15 — 5.º andar

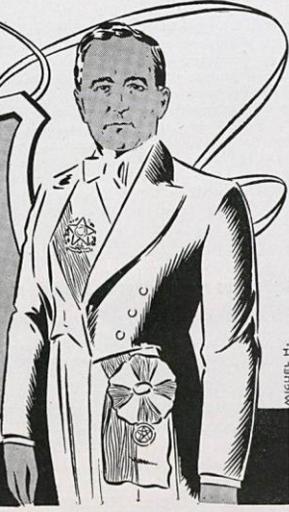
Caixa Postal, 880 — Tels. 22-9875 e 22-0745

Officinas

RUA VISCONDE DE ITAUNA, 419

End. Teleg.: O MALHO

ESTE NÚMERO CONTEM 250 PAGINAS



Homenagem da
VIDRARIA
CARIOCA
ao presidente
GETULIO
VARGAS

RUA EUCLIDES DA CUNHA, 281 — SÃO CRISTOVÃO — RIO



**Estamos
Protegidos!**

Para se defender... para vencer uma guerra imposta, a Pátria conta com defesas legítimas, prontas para lutar em terra, mar e ar! E o inimigo pode estar certo de que estamos preparados e que não nos surpreenderá!

Nos dias incertos há, porém, um problema que só o Sr. pode resolver... só o Sr. pode decidir! É o preparo do futuro para que a família não seja surpreendida pela fatalidade. Se o Sr. desaparecer inesperadamente, sua esposa e filhos ficarão protegidos ou ficarão sós? sem amparo e sem defesa?

Para se defender... para vencer em face de tal ocorrência, que o Sr. não pode prever, comece agora a preparar o futuro de sua família. Lembre-se de que o seguro de vida na Sul America é o melhor meio que uma senhora tem — na eventualidade de ficar viúva — para garantir a subsistência do lar e a boa educação dos filhos. Entretinha uma palestra com um Agente da Sul America ou consulte a diretamente, com o "coupon" abaixo, para conhecer o tipo de seguro que mais convém à sua família. Decida-se, hoje mesmo!

Sul America
Companhia Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895

À SUL AMERICA
CAIXA POSTAL 351-810
Queiram enviar um folheto sobre Seguro de Vida.
S. W. W. W.

Nome

Rua

Cidade

Estado

A SUL AMERICA JÁ PAGOU MAIS DE QUINHENTOS MILHÕES DE CRUZEIROS A SEGURADOS, E BENEFICIÁRIOS

O NUMERO 9

Foi Fontenelle quem descobriu as curiosas propriedades do algarismo 9. Foi ele quem primeiro deu por isto: os múltiplos de 9 são sempre 9 quando se somam os algarismos que os compõem. Assim 2 vezes 9 fazem 18 e em 18 os algarismos 1 e 8 fazem 9; 6 vezes 9 são 54 e 4 mais 5 dão 9. Até os múltiplos intermináveis se enquadram na regra. Tomemos, por exemplo, o número 123.456.789, formado pelos nove algarismos significativos. O seu total dá 45 (4 mais 5 igual a 9). Multiplicado por 9, o produto é..... 1.111.111.101, em que a soma dos algarismos é 9 igualmente.

Outra constatação curiosa sobre o número 9, foi feita por Mai-rande, em 1770. Forma-se qualquer número e inverte-se esse número. A diferença dá constantemente um 9 ou um múltiplo de 9. Assim por exemplo, com o número 321 que invertido dá 123. Subtraindo 123 de 321, acha-se 198, que é múltiplo de 9.

Temos ainda outra constatação curiosa sobre o número 9, feita por H. Dick, que formulou a seguinte regra: "subtraindo-se de um número qualquer o produto dos seus algarismos e, somando-se os algarismos do resultado, obtém-se, sempre, um múltiplo de 9 ou mesmo 9". Para exemplo, temos o número 2.478. Somando-se 2 mais 4, mais 7, mais 8 encontra-se 21. Subtraindo-se 21 de 2.478, acha-se 2.457, cujos algarismos, somados, dão 18 que é múltiplo de 9. Outro exemplo: temos o número 2.222 cujos algarismos, somados, dão 8. Subtraindo-se 8 de 2.222 acha-se 2.214 cujos algarismos, somados, dão 9.

"A CERVEJARIA RIO CLARO, LTDA."

fabricante da cerveja

C A R A C U

se associa às justas e merecidas homenagens à Sua Excelência o Sr. Presidente da República, Doutor Getúlio Vargas, na grata efeméride de seu aniversário natalício

EXORTAÇÃO

Ao Eminentê Chefe da Nação.
Por ocasião do seu aniversário natalício.

Alma grande e poderosa, que busca a todo instante, um lenitivo para o seu semelhante!...

Coração que palpita sem cessar...
Coração gentil! — que procura o bem estar do Brasil!...

Pensamento que nasce como um fruto de Nobreza, analisando todas as questões da pobreza, da riqueza, as quais se relacionam com a vida da humanidade... pensamento cheio de bondade!...

Pensamento que sabe analisar os Prós e os Contras do Brasil inteiro!... Pensamento que se diz: — Brasileiro!

Idéia luminosa que percorre todos os Setores do País, na conquista de um Povo feliz!...

Homem pequenino, que busca um destino deslumbrante para este Brasil Gigante!...

Grande Homem!...
Gentilhomem!...

Fraternidade!...
Luminosidade que parte de sua alma sempre calma!...

Fraternidade!...
Nada absolutamente agasalha tanto a humanidade!... E essa Luz que engrandecê tanto um coração, encontramos-na no do Chefe da Nação!...

E o Brasil caminha socegado, confiado nos ditames do coração bondoso de seu Chefe mais que Generoso!...

E tudo se multiplica!...
Vivifica!...
Tudo recrudescê!...
Porque de nada Ele se esquece!!...

Nabor Fernandes.

CASA DO BASTOS

A casa que calça a elite carioca



• RUA URUGUAYANA - 19 - RIO DE JANEIRO •
Tels. 43-5557
43-5547

Garanta o futuro da sua família com um seguro na

A Equitativa

SOCIEDADE MÚTUA DE SEGUROS SOBRE A VIDA. — FUNDADA HÁ QUASE MEIO SÉCULO (1896).

Mais de DUZENTOS MILHÕES DE CRUZEIROS (Cr. \$ 200.000.000,00

PAGOS ATÉ HOJE A BENEFICIÁRIOS DE SUAS APOLICES E AOS SEUS PRÓPRIOS SEGURADOS EM VIDA.

Os mais modernos e os mais liberais PLANOS DE SEGURO DE VIDA.

Agências em todos os Estados do Brasil

Sede: Avenida Rio Branco, 125 - Edif. Próprio

RIO DE JANEIRO

PRESIDENTE — DR. FRANKLIN SAMPAIO

A edição referente ao aniversário de Getúlio Vargas no ano de 1944 foi bem mais singela em relação ao caderno especial publicado anteriormente. Ainda assim, não deixou de ser publicada uma “página de honra”, trazendo a efígie do Presidente, acompanhada de um texto laudatório que não poupou adjetivações qualitativas em relação às ações presidenciais. No mesmo número, não poderia faltar a presença da Juventude Brasileira, com a fotografia de um pequeno menino carregando com as duas mãos uma bandeira nacional, com a epígrafe: “Dois símbolos: o Brasil de amanhã e o Brasil eterno”, em clara evocação cívica e patriótica, bem ao gosto do aparelho ideológico-propagandístico do Estado Novo⁶⁰.

#####

A data aniversária do Presidente Getúlio Vargas impôs-se à celebração de todo o Brasil, como uma homenagem reverente ao homem que tem transformado, com o descortino de sua visão de estadista e o seu tato de político sagacíssimo, a estrutura do país, levando a Pátria, a pouco e pouco, para os altiplanos de um destino melhor. Quem coteja a situação atual do país com o seu estado de épocas anteriores, chega, inevitavelmente, à conclusão dos benefícios inestimáveis que tem sido para o Brasil a presença do Sr. Getúlio Vargas no poder, como a força centralizadora de nossa existência política e como o dínamo

⁶⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, abr. 1944.

propulsor das transformações profundas operadas tanto nas nossas condições econômicas como em algumas diretrizes de nossa vida social.

O mês de abril, dessa forma, tem, ao lado de datas já incorporadas à memória das gerações, como a da descoberta do Brasil e a do sacrifício de Tiradentes, mais um dia que representa, na consciência coletiva da raça, um instante de júbilo cívico. A 19 de abril nasceu o Sr. Getúlio Vargas, e o instante de seu nascimento deve ter sido marcado pela presença de uma estrela, tal como se diz haver acontecido com a hora inaugural do destino de Liszt: uma jornada de glórias e de esplendores tem sido a existência ilustre do grande brasileiro. A Pátria inteira celebra essa data como o começo de uma etapa humana que tem sido uma caminhada de heroísmo e dignidade a serviço dos interesses da coletividade brasileira.

O Sr. Getúlio Vargas pode sentir, assim, um reflexo da gratidão da alma coletiva à retidão de seu caráter e ao tino com que tem sabido administrar o país. Vivemos, hoje, num clima de tranquilidade e de trabalho. Não assistimos a lutas e dissensões partidárias. Vemos o país emergir de um período rotineiro de vida agrícola para uma fase de industrialização que fará do Brasil uma das grandes forças econômicas do mundo de após guerra. E tudo isso resulta da nova política do Brasil.

Celebrando, a 19 de abril, uma data do nosso calendário histórico, estamos rendendo a homenagem merecida ao maior dos brasileiros, na hora mais dramática que o mundo atravessa.



MALHO

A data aniversária do Presidente Getúlio Vargas impôs-se à celebração de todo o Brasil, como uma homenagem reverente ao homem que tem transformado, com o descortínio de sua visão de estadista e o seu tato de político sagacíssimo, a estrutura do país, levando a Pátria, a pouco e pouco, para os altiplanos de um destino melhor. Quem coteja a situação atual do país com o seu estado de épocas anteriores, chega, inevitavelmente, à conclusão dos benefícios inestimáveis que tem sido para o Brasil a presença do Sr. Getúlio Vargas no poder, como a força centralizadora de nossa existência política e como o dinamismo propulsor das transformações profundas operadas tanto nas nossas condições econômicas como em algumas diretrizes de nossa vida social.

O mês de Abril, dessa forma, tem, ao lado de datas já incorporadas à memória das gerações, como a da descoberta do Brasil e a do sacrifício de Tiradentes, mais um dia que representa, na consciência coletiva da raça, um instante de júbilo cívico. A 19 de Abril nasceu o Sr. Getúlio Vargas, e o instante de seu nascimento deve ter sido marcado pela presença de uma estrela, tal como se diz haver acontecido com a hora inaugural do destino de Liszt: uma jornada de glórias e de esplendores tem sido a existência ilustre do grande brasileiro. A Pátria inteira celebra essa data como o começo de uma etapa humana que tem sido uma caminhada de heroísmo e dignidade a serviço dos interesses da coletividade brasileira.

O Sr. Getúlio Vargas pode sentir, assim, um reflexo da gratidão da alma coletiva à retidão de seu caráter e ao tino com que tem sabido administrar o país. Vivemos, hoje, num clima de tranquilidade e de trabalho. Não assistimos a lutas e dissensões partidárias. Vemos o país emergir de um período rotineiro de vida agrícola para uma fase de industrialização que fará do Brasil uma das grandes forças econômicas do mundo de após guerra. E tudo isso resulta da nova política do Brasil.

Celebrando, a 19 de Abril, uma data do nosso calendário histórico, estamos rendendo a homenagem merecida ao maior dos brasileiros, na hora mais dramática que o mundo atravessa.



Já nos estertores do Estado Novo, no último aniversário de Getúlio Vargas durante o regime ditatorial, a homenagem de *O Malho* ao Presidente foi bem mais sucinta, embora não deixasse de ter algum destaque. Ao invés de editoriais, matérias especiais, amplos conjuntos de registros fotográficos ou textos panegíricos e de exortação patriótica, como aqueles realizados nas edições anteriores, a revista ilustrada parecia tentar retornar às suas origens, apresentando em sua capa uma caricatura na qual se fazia presente a figura de Getúlio Vargas. Sob o título “Um match sensacional”, o desenho retratava uma partida de futebol e mostrava um adversário conduzido a bola em direção à meta adversária, a qual era identificada pela inscrição Catete, em referência ao palácio governamental que simbolizava o poder presidencial. Na defesa da meta estava o próprio Vargas, sorridente, com as mãos às costas, aparentando tranquilidade. Na proporção entre os dois protagonistas da gravura, havia uma diferença acentuada no tamanho de ambos, com grande vantagem para o Chefe da Nação, revelando que, mesmo no fim do regime, ainda havia, mesmo que tênue, alguma forma de predileção para com o Presidente. No conteúdo da edição também havia destaque para um almoço oferecido pelos jornalistas em homenagem a Getúlio Vargas⁶¹.

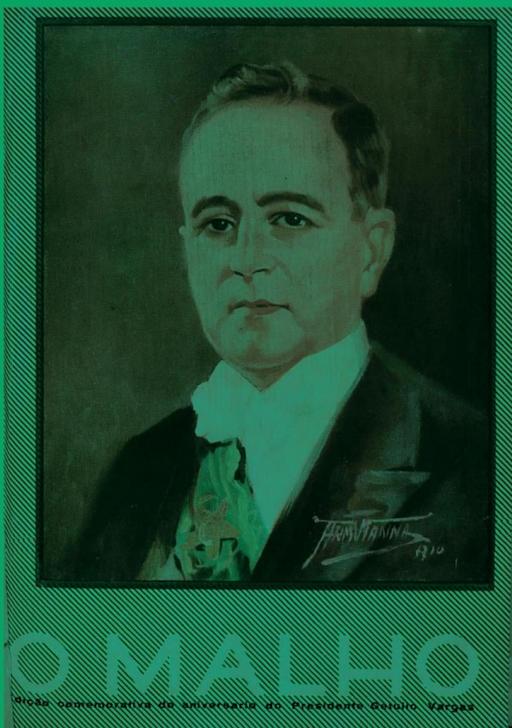
⁶¹ O MALHO. Rio de Janeiro, abr. 1945.







A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.




**Coleção
 Documentos**
58

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

CENTRO DE
 LITERATURAS
 E CULTURAS
 LUSÓFONAS
 E EUROPEIAS
CLEPUL
 Faculdade de Letras da
 Universidade de Lisboa



FCT
 Fundação
 para a Ciência
 e a Tecnologia



**BIBLIOTECA
 RIO-GRANDENSE**



edicoesbibliotecariograndense.com



ISBN: 978-65-89557-30-2